

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

**O PROTAGONISMO FEMININO NAS OBRAS LITERÁRIAS
INFANTIS BOLIVIANAS**

Campo Grande, MS

2024

TARISSA MARQUES RODRIGUES DOS SANTOS

**O PROTAGONISMO FEMININO NAS OBRAS LITERÁRIAS
INFANTIS BOLIVIANAS**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Educação.

Área de concentração: Educação

Linha de pesquisa 3: Processos Formativos, Práticas Educativas, Diferenças. Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE).

Orientadora: Doutora Josiane Peres Gonçalves

Campo Grande, MS

2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Tarissa Marques Rodrigues dos
O protagonismo feminino nas obras literárias
infantis bolivianas / Tarissa Marques Rodrigues dos
Santos ; orientadora Josiane Peres Gonçalves. --
1. ed. -- Campo Grande, MS : Ed. da Autora, 2024.

Bibliografia.
ISBN 978-65-01-26924-5

1. Análise literária 2. Cultura boliviana
3. Crítica literária 4. Feminilidade 5. Literatura
infantil - História e crítica 6. Mulheres na
literatura I. Gonçalves, Josiane Peres. II. Título.

24-244248

CDD-809.89282

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres na literatura infantil : História e
crítica 809.89282

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Tarissa Marques Rodrigues dos Santos

O PROTAGONISMO FEMININO NAS OBRAS LITERÁRIAS INFANTIS BOLIVIANAS

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul – Faculdade de Educação como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação

Área de concentração: Educação

Campo Grande, MS, 06 de dezembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Dra. Josiane Peres Gonçalves (Presidente)
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu-FAED)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Dra. Jorgelina Ivana Tallei (Membro titular)
Programa de Pós-Graduação em Literatura Comparada (PPGLC)
Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA)

Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro (Membro titular)
Programa de Pós-Graduação em Educação (PGEDU)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Dra. Constantina Xavier Filha (Membro titular)
Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu-FAED)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Dra. Marcia Regina do Nascimento Sambugari (Membro titular)
Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal (PPGE-CPAN)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)

Dr. Fabiano Quadros Rückert (Suplente)
Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus do Pantanal (PPGE-CPAN)
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)



Dedico esta tese às **mulheres bolivianas** que representam a força, a coragem e a diversidade de um povo. Em cada passo que dão, carregam consigo a riqueza da cultura, a história de lutas e conquistas, e a esperança de um futuro mais igualitário.

AGRADECIMENTOS

No processo de construção da tese, tive a oportunidade de refletir que a escrita, embora seja um processo solitário a que qualquer investigador /a está destinado/a, reúne contributos de várias pessoas. Volto a reiterar tal afirmação, com a certeza de que nunca foi tão verdadeira quanto agora. Desde o início do doutoramento, contei com a confiança e o apoio de inúmeras pessoas e instituições. Sem aqueles contributos, esta investigação não teria sido possível.

Quando reflito na palavra gratidão, vejo-me nos contos de Lewis Carroll, que assim como Alice, ao se aventurar pelo País das Maravilhas, encontrou apoio e companheirismo em personagens inusitados e momentos inesperados, minha jornada académica foi marcada por pessoas e instituições que me guiaram, apoiaram e inspiraram ao longo do caminho. Agradecer é reconhecer que, como Alice, não fazemos essa jornada sozinhos /as e que cada gesto de apoio, orientação e carinho nos ajuda a navegar por nossas próprias maravilhas e desafios.

Sou imensamente agradecida à minha orientadora, Doutora Josiane Peres Gonçalves, por suas orientações, pela paciência, atenção e, sobretudo, pela inestimável colaboração com a escrita deste trabalho. Seu compromisso com a excelência académica e suas críticas construtivas foram fundamentais para o desenvolvimento e refinamento desta pesquisa.

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), por oferecerem um ambiente académico estimulante e os recursos necessários para a realização desta pesquisa. A constituição e a manutenção das universidades públicas são fundamentais para o desenvolvimento científico e social do país, proporcionando acesso ao conhecimento e formação de qualidade a todas as pessoas.

Sou também grata aos professores e professoras do PPGEdu e aos Seminários realizados pelo programa, que ofereceram suporte teórico e metodológico, ampliando a minha visão crítica sobre a pesquisa. Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE), e a todas as pessoas participantes, minha gratidão por acrescentar tantos ensinamentos. Esse grupo foi fundamental durante a minha trajetória no doutoramento.

Aos meus companheiros e companheiras de percurso, que são parte dessas redes que se formaram em torno da balbúrdia das universidades para discutir, argumentar,

compartilhar e produzir conhecimento, minha profunda gratidão. Estudar fora da minha cidade trouxe muitas dificuldades, incluindo dormir no ônibus e fazer o bate-volta, mas a amizade de vocês tornou esse caminho mais leve. Em especial, agradeço à Jucilene Ruiz, uma amiga de longa data, pelos cafezinhos pós-aula, que faziam o tempo passar mais depressa até minha volta a Corumbá. Ao Daniel Mendes, agradeço pela amizade, pela troca de conhecimentos que enriqueceu minha formação.

Um agradecimento especial a Bolívia, por suas fronteiras abertas e pela riqueza cultural que contribuiu significativamente para a profundidade desta pesquisa. Aos profissionais e bibliotecários /as da Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil, em *Santa Cruz de la Sierra*, pelo acesso às obras que formaram a base da minha análise. Suas contribuições foram inestimáveis para a profundidade e riqueza deste estudo. Às escolas brasileiras e bolivianas na fronteira Brasil-Bolívia, cuja abertura para as visitas informais possibilitou uma visão detalhada do contexto educacional e das leituras consumidas pelas crianças dessas regiões, meu agradecimento. Estas experiências foram importantes para contextualizar minha pesquisa e enriquecer a análise crítica das obras.

À minha família, que compreendeu minhas ausências e ofereceu apoio: minha mãe Andrea Marques, meu pai Milton Sérgio, minha irmã, Maria Carolina Marques, e minhas sobrinhas, Isabella, Manuella e Serena.

À minha avó Neide Marques, por ser presença constante desde os meus primeiros passos na vida e pela delicadeza de sua preocupação quando eu já não encontrava mais esse altruísmo entre os meus.

Um agradecimento especial ao meu companheiro de vida, Júnior Rodrigues, cuja paciência, amor e encorajamento foram fundamentais durante todo este percurso. Além de cuidar de nosso filho e filha, Vinicius Junior e Cibely Talita, me deu o suporte necessário, preparando meus cafés especiais e, mesmo sendo feminista, fornecendo o apoio financeiro para as participação em congressos nacionais e internacionais. A maternidade na minha vida foi uma escolha consciente, e, embora eu não romantize essa experiência, reconheço que é um trabalho árduo que exige dedicação e amor. Vinicius e Cibely são minha fonte constante de inspiração e motivação.

À minha filhotinha de quatro patas, Fridah Marques, a melhor filhotinha canina que alguém pode ter! Agradeço por todas as lambidas, brincadeiras, por me fazer rir, por estar sempre perto de mim, pela alegria por me ver chegar em casa. Sem você, filhotinha, tenho certeza de que eu não teria forças para suportar esses últimos anos. Sua companhia foi um conforto inestimável.

À minha amiga Mariana Conde, pelo compartilhamento e apoio constantes, minha sincera gratidão. Obrigada por ser responsável pelos momentos coloridos dos meus dias e por dividir comigo tanto carinho e alegrias. Esses agradecimentos vão muito além dos anos de doutorado, pois falam de momentos especiais cotidianos, que você compartilha comigo cada uma a seu modo. Com certeza a vida é mais leve com você ao meu lado.

Durante o percurso, enfrentei momentos de grande dificuldade, incluindo períodos de depressão e ansiedade que quase me fizeram desistir. Agradeço profundamente à minha psicanalista, Laureane Garcia, pelas terapias que me ajudaram a vencer a ansiedade e os momentos nublados. Sua orientação foi necessária para meu bem-estar durante este período desafiador. Agradeço também à minha psiquiatra, Saryane Kelen, cuja atenção e medicação necessária foram vitais para minha recuperação.

Agradeço à banca de qualificação e defesa, composta pelas professoras: Dra. Jorgelina Ivana Tallei, da UNILA, pesquisadora de literatura na fronteira e autora de obras para crianças, cuja identidade é marcada pelo portunhol; Dra. Maria José de Jesus Alves Cordeiro, da UEMS, cujas pesquisas em Educação, Gênero, Raça e Etnia foram de grande contribuição neste percurso; Dra. Constantina Xavier Filha, da UFMS, uma referência querida nos estudos de gênero e sexualidades na literatura para a infância na escola; Dra. Marcia Regina do Nascimento Sambugari, da UFMS, a quem tenho a honra de chamar de amiga, foi minha professora na licenciatura e grande incentivadora das minhas pesquisas contínuas; ao Professor Dr. Tiago Duque, da UFMS, cujas pesquisas envolvem uma diversidade de elementos, como a materialidade do corpo e performances contemporâneas de feminilidades e masculinidades, revelando normas e convenções constitutivas de um regime de visibilidade/conhecimento. Suas contribuições foram fundamentais para o aprimoramento desta pesquisa na qualificação; ao Professor Dr. Fabiano Quadros Rückert, por aceitar participar da banca de defesa, mesmo como suplente. Sua trajetória como pesquisador de fronteiras, histórias e memórias é grandioso.

Inspirado pelas palavras de Jorge Larrosa em *“Estudiar: Entre leer y escribir”*, percebo que estudar é *“perderse en una biblioteca en llamas, ejercitarse en el silencio, habitar labirintos”*. A minha trajetória foi repleta de desafios e descobertas, em que aprendi a *“defender la libertad, la soledad, el deseo que permanece deseo”*. Agradeço a todos que fizeram parte desta jornada, ajudando-me a *“recordar o futuro e caminhar hacia la infancia”*, e a manter viva *“a intensidade das perguntas”* que me guiaram até aqui.

[...] Queremos una civilización inclusiva e igualitaria, sin discriminación de género, raza, clase, edad o cualquier otra clasificación que nos separe. Queremos un mundo amable, donde imperen la paz, la empatía, la decencia, la verdad y la compasión. Y, sobre todo, queremos un mundo alegre. A eso aspiran las brujas buenas. Lo que deseamos no es una fantasía, es un proyecto; entre todas, podemos lograrlo.

Trecho do livro “*Mujeres del alma mía*”
(Isabel Allende, 2021).

RESUMO

A tese se insere na linha de pesquisa “Processos Formativos, Práticas Educativas, Diferenças” ligada ao Grupo de Pesquisa Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE), do Programa de Pós-Graduação em Educação, na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. A pesquisa tem por objetivo geral analisar como as feminilidades são construídas e produzidas nos livros para a infância na literatura boliviana, e por específicos, identificar a constituição de feminilidades em personagens mulheres nos livros para a infância oriundos dos acervos literários infantis bolivianos, bem como coletar e agrupar os livros para a infância de acordo com as concepções de gênero que são construídas e produzidas. Assim, selecionamos e analisamos os livros para a infância a partir do embasamento teórico dos estudos de gênero e das discussões feitas no desenvolvimento da pesquisa. Para fundamentar as análises dos discursos, utilizamos o aporte teórico de autores que promovem discussões sobre Gênero, Estudos Feministas e Estudos de Gênero, na abordagem pós-estruturalista (Foucault, Deleuze, Butler, Louro, Xavier Filha, entre outros), com relação ao Feminismo na Bolívia e identidades (Paredes, Cândia, Galindo, Arroyo, Bhabha, Mignolo, entre outros); sobre a Literatura (Cândido, Colomer, Cosson, Coelho, Zilberman, Gisbert, Montoya, Reyes, Andruetto, Lajolo, entre outros), de modo a refletir sobre os conceitos e aspectos gerados durante a realização desta tese. A metodologia utilizada adotou procedimentos da pesquisa qualitativa, cujos instrumentos de investigação direcionam-se para o delineamento de uma análise aprofundada das discursividades presentes nos livros para a infância bolivianos. Foram analisadas 10 obras, todas parte da coleção da Academia Boliviana de Literatura Infantil y juvenil, selecionadas com base na representatividade e recorrência dos temas de gênero e feminilidades em personagens mulheres, buscando identificar e categorizar as diferentes formas de representação das identidades femininas. Realizamos uma análise documental e bibliográfica dos textos literários, utilizando técnicas de análise com conceitos foucaultianos conforme as abordagens propostas por Foucault, categorizando-os em quatro conceitos foucaultianos dos discursos: Poder, Biopolítica, Genealogia e Arqueologia para explorar como esses textos não apenas comunicam histórias, mas também produzem formas de conhecimento e poder que moldam identidades, comportamentos e valores sociais desde a infância. Os resultados evidenciam que a literatura para a infância boliviana é um potente artefato cultural que contribui significativamente para a desmistificação dos preconceitos de gênero historicamente enraizados no meio social e nas escolas. Os artefatos culturais analisados apresentam diferentes tipos de feminilidades, desafiando estereótipos e permitindo que as crianças explorem identidades de gênero de maneira mais ampla e crítica. Essas feminilidades diversas, ao serem trazidas para o debate no espaço escolar, podem fomentar uma compreensão mais inclusiva e questionadora sobre os papéis de gênero na sociedade.

Palavras-chave: Feminilidades, Literatura para a infância boliviana, Análise discursiva foucaultiana.

ABSTRACT

The thesis is part of the research line "Formative Processes, Educational Practices, and Differences", associated with the Research Group Studies and Research in Development, Gender, and Education (GEPDGE), under the Graduate Program in Education at the Faculty of Education, Federal University of Mato Grosso do Sul. The general objective of the research is to analyze how femininities are constructed and produced in children's books within Bolivian literature. The specific objectives are: to identify the constitution of femininities in female characters in children's books from Bolivian literary collections and to collect and group children's books according to the gender conceptions they construct and produce. Thus, the children's books were selected and analyzed based on the theoretical framework of gender studies and the discussions developed throughout the research. To underpin the analysis of discourses, the study employs the theoretical contributions of authors who discuss Gender, Feminist Studies, and Gender Studies from a post-structuralist perspective (Foucault, Deleuze, Butler, Louro, Xavier Filha, among others), as well as Feminism in Bolivia and identities (Paredes, Cândia, Galindo, Arroyo, Bhabha, Mignolo, among others). Furthermore, it draws on Literature Studies (Cândido, Colomer, Cosson, Coelho, Zilberman, Gisbert, Montoya, Reyes, Andruetto, Lajolo, among others) to reflect on the concepts and aspects generated during the development of the thesis. The methodology adopted qualitative research procedures, employing investigative instruments to conduct an in-depth analysis of the discursivities present in Bolivian children's books. A total of 10 works were analyzed, all from the collection of the Bolivian Academy of Children's and Youth Literature, selected based on their representativeness and recurrence of gender and femininity themes in female characters. The study aimed to identify and categorize the different forms of representation of feminine identities. A documentary and bibliographic analysis of the literary texts was conducted, employing analytical techniques using Foucauldian concepts, in accordance with approaches proposed by Foucault. These texts were categorized into four Foucauldian concepts of discourse: Power, Biopolitics, Genealogy, and Archeology, to explore how these texts not only tell stories but also produce forms of knowledge and power that shape identities, behaviors, and social values from childhood. The results highlight that Bolivian children's literature is a powerful cultural artifact that significantly contributes to demystifying the gender prejudices historically rooted in society and schools. The analyzed cultural artifacts present diverse types of femininities, challenging stereotypes and allowing children to explore gender identities in a broader and more critical manner. By bringing these diverse femininities into the school space for debate, the study suggests they can foster a more inclusive and questioning understanding of gender roles in society.

Keywords: Femininities, Bolivian Children's Literature, Foucaultian Discourse Analysis.

RESUMEN

La tesis se enmarca en la línea de investigación “Procesos Formativos, Prácticas Educativas, Diferencias” vinculada al Grupo de Estudios y Pesquisa en Desarrollo, Género y Educación (GEPDGE) del Programa de Posgrado en Educación, en la Facultad de Educación de la Universidad Federal de Mato Grosso do Sul. La investigación tiene como objetivo general analizar cómo las feminidades son construidas y producidas en los libros infantiles de la literatura boliviana y, como objetivos específicos, identificar la constitución de feminidades en personajes femeninos en los libros infantiles provenientes de los acervos literarios bolivianos, así como recopilar y agrupar los libros infantiles de acuerdo con las concepciones de género que estos construyen y producen. De esta manera, seleccionamos y analizamos los libros infantiles desde el marco teórico de los estudios de género y las discusiones desarrolladas a lo largo de la investigación. Para fundamentar los análisis de los discursos, recurrimos al marco teórico de autores que promueven discusiones sobre Género, Estudios Feministas y Estudios de Género desde el enfoque posestructuralista (Foucault, Deleuze, Butler, Louro, Xavier Filha, entre otros), en relación con el Feminismo en Bolivia e identidades (Paredes, Cândia, Galindo, Arroyo, Bhabha, Mignolo, entre otros); y sobre la Literatura (Cândido, Colomer, Cosson, Coelho, Zilberman, Gisbert, Montoya, Reyes, Andruetto, Lajolo, entre otros), con el fin de reflexionar sobre los conceptos y aspectos generados durante la realización de esta tesis. La metodología utilizada adoptó procedimientos de investigación cualitativa, cuyos instrumentos de investigación se orientan hacia un análisis profundo de las discursividades presentes en los libros infantiles bolivianos. Se analizaron 10 obras, todas pertenecientes a la colección de la Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil, seleccionadas en función de la representatividad y recurrencia de los temas de género y feminidades en los personajes femeninos, buscando identificar y categorizar las diferentes formas de representación de las identidades femeninas. Se realizó un análisis documental y bibliográfico de los textos literarios, utilizando técnicas de análisis basadas en conceptos foucaultianos conforme a las aproximaciones propuestas por Foucault, categorizándolos en cuatro conceptos foucaultianos de los discursos: Poder, Biopolítica, Genealogía y Arqueología, para explorar cómo estos textos no solo comunican historias, sino también producen formas de conocimiento y poder que moldean identidades, comportamientos y valores sociales desde la infancia. Los resultados evidencian que la literatura infantil boliviana es un potente artefacto cultural que contribuye significativamente a la desmitificación de los prejuicios de género históricamente arraigados en el entorno social y escolar. Los artefactos culturales analizados presentan diferentes tipos de feminidades, desafiando estereotipos y permitiendo que los niños exploren identidades de género de manera más amplia y crítica. Estas diversas feminidades, al ser llevadas al debate en el espacio escolar, pueden fomentar una comprensión más inclusiva y cuestionadora sobre los roles de género en la sociedad.

Palabras clave: Feminidades, Literatura infantil boliviana, Análisis discursivo foucaultiano.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fronteira entre Corumbá - BR e <i>Puerto Quijarro</i> - BO.....	40
Figura 2 – Mapa da Bolívia dividido em nove departamentos.....	62
Figura 3 – Fronteira entre os países Brasil e Bolívia.....	63
Figura 4 – Linha do Tempo do Feminismo na Bolívia	89
Figura 5 – Linha do Tempo do Feminismo na Bolívia.....	89
Figura 6 – Atuação das Bartolinas na luta contra o domínio espanhol.	100
Figura 7 – Marcha das Mulheres da Confederação Nacional de Mulheres Camponesas Indígenas Originárias de Bolívia - Bartolina Sisa (CNMCIQB-BS)	101
Figura 8 – Versão boliviana da história- " <i>El oso y la mujer</i> "	150
Figura 9 – Análise foucaultiana de Discursos.....	154
Figura 10 – <i>Arturo</i> insultando <i>Clementina</i> na obra " <i>Arturo y Clementina</i> "	159
Figura 11 – Ilustração estereótipo de beleza eurocêntrica na obra " <i>La niña de los cabellos muy muy largos</i> "	166
Figura 12 – Ilustração menina usa rosa e gosta de ursinhos na obra " <i>La niña de los cabellos muy muy largos</i> "	167
Figura 13 – Ilustração Julieta em suas crises subjetivas na obra " <i>Julieta Rabieta</i> "	174
Figura 14 – Ilustração relação mãe e filha em uma crise de <i>rabieta</i> na obra " <i>Julieta Rabieta</i> "	176
Figura 15 – Ilustração o suposto papel da figura mãe na obra " <i>Julieta Rabieta</i> "	176
Figura 16 – Ilustração da chola Adriana na obra " <i>Adriana imprudente y las polleras doradas</i> "	182
Figura 17 – Chola boliviana na década de 1930.....	183
Figura 18 – Ilustração Mãe da <i>Adriana</i> disciplinando-a sobre suas escolhas na obra " <i>Adriana imprudente y las polleras doradas</i> "	186
Figura 19 – Ilustração de Adriana imprudente como lutadora na obra " <i>Adriana imprudente y las polleras doradas</i> "	188
Figura 20 – Ilustração de Adriana com sua mãe na obra " <i>Adriana imprudente y las polleras doradas</i> "	190
Figura 21 – Ilustração da posição hierárquica da família de <i>Verdiflor</i> na obra " <i>Verdiflor y los cinco</i> "	197

Figura 22 – Ilustração da <i>Gracia</i> em frente ao espelho na obra “ <i>La alegría de Gracia</i> ”.....	203
Figura 23 – Ilustração da <i>Gracia</i> com o seu pai no jardim na obra “ <i>La alegría de Gracia</i> ”.....	204
Figura 24 – Ilustração da <i>Gracia</i> com as flores na obra “ <i>La alegría de Gracia</i> ”.....	206
Figura 25 – Ilustração da neta <i>cholita</i> de <i>Patrocínia</i> na obra “ <i>Wakjina manchay wakjina awicha</i> ”.....	211
Figura 26 – Ilustração da neta <i>cholita</i> de <i>Patrocínia</i> na obra “ <i>Wakjina manchay wakjina awicha</i> ”.....	212
Figura 27 – Ilustração da neta <i>cholita</i> de <i>Patrocínia</i> na obra “ <i>Wakjina manchay wakjina awicha</i> ”.....	213
Figura 28 – Ilustração da <i>Rita</i> no movimento da <i>Saya</i> na obra “ <i>El color de la saya</i> ”.....	217
Figura 29 – Ilustração da <i>Rita</i> jogando futebol com trajes típicos na obra “ <i>El color de la saya</i> ”.....	219
Figura 30 – Ilustração da <i>Rita</i> comemorando a vitória no futebol na obra “ <i>El color de la saya</i> ”.....	220
Figura 31 – Ilustração de <i>Maria de la Paloma</i> ignorando seus pretendentes na obra “ <i>El diablo El velador Y El difunto</i> ”.....	224
Figura 32 – Ilustração de <i>Maria de la Paloma</i> fazendo os pedidos na obra “ <i>El diablo El velador Y El difunto</i> ”.....	225
Figura 33 – Ilustração dos pretendentes de <i>Maria de la Paloma</i> na obra “ <i>El diablo El velador Y El difunto</i> ”.....	226
Figura 34 – Ilustração de <i>Claudina</i> com sua <i>llama</i> na obra “ <i>Claudina</i> ”.....	231
Figura 35 – Ilustração de <i>Claudina</i> nas cordilheiras dos andes na obra “ <i>Claudina</i> ”.....	232
Figura 36 – Ilustração de <i>Claudina</i> arrumando seu cabelo na obra “ <i>Claudina</i> ”.....	233
Figura 37 – Ilustração da <i>awicha</i> na obra “ <i>Claudina</i> ”.....	234

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Produções acadêmicas sobre conceitos de Foucault e o gênero na perspectiva da literatura para a infância	44
Quadro 2 – Obras sobre representação da mulher na literatura para a infância boliviana, papel da mulher e construção de identidades femininas na Bolívia	51
Quadro 3 – Análise do Discurso no livro “ <i>Arturo y Clementina</i> ”	155
Quadro 4 – Análise do Discurso no livro “ <i>La niña de los cabellos muy muy largos</i> ”	161
Quadro 5 – Análise do Discurso no livro “ <i>Julieta Rabieta</i> ”	169
Quadro 6 – Análise do Discurso no livro “ <i>Adriana imprudente y las polleras doradas</i> ”	178
Quadro 7 – Análise do Discurso no livro “ <i>Verdiflor y los cinco</i> ”	191
Quadro 8 – Análise do Discurso no livro “ <i>La alegría de Gracia</i> ”	198
Quadro 9 – Análise do Discurso no livro “ <i>Wakjina manchay wakjina awicha</i> ”	207
Quadro 10 – Análise do Discurso no livro “ <i>El color de la saya</i> ”	214
Quadro 11 – Análise do Discurso no livro “ <i>El diablo El velador Y El difunto</i> ”	221
Quadro 12 – Análise do Discurso no livro “ <i>Claudina</i> ”	227
Quadro 13 – Roteiro para a realização da Análise do Discurso de literatura para a infância	259
Quadro 14 – Acervo de obras de literatura para a infância boliviana e autores/as	261

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ACOBOL** - Associação de Concejales e Alcaldesas de Bolívia
- APG** - Assembleia do Povo Guarani
- AVP** - Assédio e Violência Política
- BNCC** - Base Nacional Comum Curricular
- BDTD** - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
- CNMCIQB-BS**- Confederação Nacional de Mulheres Camponesas Indígenas Originárias de Bolívia - Bartolina Sisa
- COMAIRA**- Comitê de Atenção aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas
- CPE** - Constituição Política do Estado
- CPIB** - Confederação dos Povos Indígenas da Bolívia
- DCNs** - Diretrizes Curriculares Nacionais
- FECAMTROP** - Federação Campesina de Mulheres do Trópico
- FELCV** - Força Especial de Combate à Violência
- FOL** - Federação Obreira Feminina
- FSTMB** - Federação Sindical dos Mineiros da Bolívia
- GEPDGE** - Grupo de Pesquisa Estudos e Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação
- IDIS** - *Instituto de Investigaciones Sociológicas*
- INE** - Instituto Nacional de Estatísticas
- ISTs** - Infecções Sexualmente Transmissíveis
- IBICT** - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia
- INE** - Instituto Nacional de Estadística
- LGBTQIAP+** - Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais, Travestis, *Queer*, Intersexuais, Assexuais, Arromânticas, Pansexuais, Pôlissexuais e mais.
- LIFROS** - Literatura, Fronteira e Sociedade
- MAS-IPSP** - Movimento ao Socialismo - Instrumento Político pela Soberania dos Povos
- MCTI** - Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações
- MEC** - Ministério da Educação
- NATs** - *Movimientos de Niños y Adolescentes Trabajadores*
- OEP** - Órgão do Estado Plurinacional
- ONGs** - Organizações Não Governamentais

PCNs - Parâmetros Curriculares Nacional

PNAIC - Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa

PNBE - Programa Nacional Biblioteca da Escola

PNLD - Programa Nacional do Livro Didático

PPGEdu - Programa de Pós-Graduação em Educação

RED - Repositórios Latinoamericanos

SciELO - *Scientific Electronic Library On-line*

SEA - Serviço Estatal de autonomias

SISIB - Serviços de Informação e Biblioteconomia

TOD - Transtorno Opositivo-Desafiador

UFPE - Universidade Federal de Pernambuco

UNILA - Universidade Federal da Integração Latino-Americana

WSPU - *Women's Social and Political Union*

SUMÁRIO

NOTAS INTRODUTÓRIAS: entre livros, ali me encontro	21
1 INTRODUÇÃO	34
1.1 A construção da pesquisa: delimitação sobre o tema, a justificativa, a formulação do problema e a hipótese	37
1.2 Por que a Bolívia? Travessias na literatura	40
1.3 O percurso da pesquisa no estado de conhecimento da abordagem de análise da literatura na perspectiva da teoria foucaultiana	44
1.3.1 Obras consultadas sobre conceitos de Foucault	44
1.3.2 Obras consultadas sobre representação da mulher na literatura para a infância boliviana, papel da mulher e construção de identidades femininas na Bolívia	51
1.4 Estrutura da Tese	59
2 O CAMINHO INVESTIGATIVO PERCORRIDO	61
2.1 <i>Locus</i> da pesquisa: Artefatos Culturais na Bolívia.....	62
2.2 Natureza da pesquisa	64
2.3 Instrumentos para o levantamento de dados.....	65
2.4 Recorte temporal e espacial.....	66
2.5 Os procedimentos da investigação	67
2.5.1 Revisão bibliográfica.....	68
2.5.2 Análise do discurso e das discursividades.....	68
3 FOUCAULT, GÊNERO E O FEMINISMO	72
3.1 Michel Foucault e as relações de gênero	73
3.2 A arqueologia e a genealogia de gênero.....	74
3.3 Discurso e identidade de gênero	74
3.4 Interseções entre o pensamento de Foucault e o Feminismo.....	75
3.5 Do berço do Feminismo à opressão colonial: as metáforas das ondas.....	77
3.5.1 Primeira Onda: sufrágio e direitos civis	78
3.5.2 Segunda Onda: feminismo radical e a revolução sexual	80

3.5.3 Feminismo contemporâneo.....	82
3.5.4 Quarta Onda: tipicamente latino-americana	83

4 MULHERES BOLIVIANAS: PROTAGONISMO HISTÓRICO E

FEMINISMOS EM ABYA YALA.....	88
4.1 Feminismo Decolonial na América Latina	91
4.2 Mulheres no período colonial	95
4.3 Mulheres nas guerras de independência	97
4.3.1 Bartolina Sisa.....	98
4.3.2 Juana Azurduy de Padilla	102
4.3.3 Manuela Gandarillas.....	103
4.4 Mulheres no período republicano	105
4.5 Mulheres no Estado Plurinacional.....	112
4.6 Feminismo Comunitário de “ <i>Abya Yala</i> ”	115

5 A LITERATURA PARA A INFÂNCIA COMO DISPOSITIVO NA FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

126	
5.1 A evolução da representação da mulher na literatura para a infância ao longo do tempo	127
5.2 A representação da infância na Bolívia	133
5.3 Construção social da literatura para a infância boliviana	147

6 A CONSTRUÇÃO DAS FEMINILIDADES NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA BOLIVIANA

152	
6.1 Análise das representações de gênero presentes na literatura para a infância boliviana	153
6.2 Análise do Discurso dos dez livros selecionados para a pesquisa.....	155
6.2.1 Análise do livro “ <i>Arturo y Clementina</i> ”	155
6.2.2 Análise do livro “ <i>La niña de los cabellos muy muy largos</i> ”	161
6.2.3 Análise do livro “ <i>Julieta Rabieta</i> ”	169
6.2.4 Análise do livro “ <i>Adriana imprudente y las polleras doradas</i> ”	178
6.2.5 Análise do livro “ <i>Verdiflor y los cinco</i> ”	191

6.2.6 Análise do livro “ <i>La alegría de Gracia</i> ”	198
6.2.7 Análise do livro “ <i>Wakjina manchay wakjina awicha</i> ”	207
6.2.8 Análise do livro “ <i>El color de la saya</i> ”	214
6.2.9 Análise do livro “ <i>El diablo El velador Y El difunto</i> ”	221
6.2.10 Análise do livro “ <i>Claudina</i> ”	227
6.3 Contribuição dos artefatos culturais para a Construção de Gênero e Sexualidade no contexto escolar boliviano	236
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	249
REFERÊNCIAS	252
APÊNDICE I - Instrumento de Análise do Discurso de literatura para a infância	259
APÊNDICE II - Acervo de obras literárias para a infância bolivianas identificadas na Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil.....	261

NOTAS INTRODUTÓRIAS: entre livros, ali me encontro

Ao escrever não penso nem no leitor nem em mim: nessa hora sou – só de mim – as palavras propriamente ditas. (Lispector, 1999, p. 95).

Desde tempos imemoriais, os seres humanos têm utilizado a escrita como uma forma de registrar histórias, compartilhar sabedoria e expressar a profundidade de suas almas. Os livros são como amigos silenciosos que nos acompanham ao longo da vida, oferecendo-nos *insights*, entretenimento e, acima de tudo, uma oportunidade de ampliar nossos horizontes.

Nestas notas, exploraremos a importância da leitura e dos livros em nossa sociedade, examinando como eles influenciam nossas mentes, enriquecem nossas vidas e desempenham um papel fundamental em nossa busca pelo conhecimento e pela compreensão. Em um processo construtivo, a partir da aquisição do conhecimento no campo intelectual, um passeio pela minha infância¹, adolescência, minha vida profissional enquanto docente no magistério e minha formação acadêmica, discutindo a trajetória de escolarização em formação por meio das narrativas e memórias. É um instrumento de reflexão e incursões sobre a minha vida pessoal, escolar e profissional em que seja possível perceber os vínculos entre esses caminhos vividos. As narrativas e memórias, centradas na reconstrução de histórias, têm propiciado a reflexão sobre as histórias de vida, de formação, de profissão e profissionalização, bem como sobre as histórias e culturas dos lugares, tendo em vista que tempo, memória, espaço e história caminham juntos. Falar sobre minha infância, minha vida escolar e minha vida acadêmica, é mergulhar em minha memória, em um tempo distante e trazer para perto e despertar o que estava adormecido/a.

A oportunidade de apresentar minha trajetória acadêmica permite-me trazer uma reflexão sobre todas as atividades realizadas nas áreas que atuei na educação, bem como sobre os produtos resultantes delas, para tanto, assinalo, que, no transcurso da escrita, procuro situações que penso como mais significativas e relevantes, a partir da minha compreensão de vida atual, ou, como bem disse Magda Soares (2001):

Procuro-me no passado e outrem me vejo, não encontro a que fui, encontro alguém que a que foi vai reconstruindo com a marca do

¹ Nas Notas Introdutórias, é utilizada a primeira pessoa do singular, por apresentar aspectos pessoais da doutoranda autora da tese.

presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e agora. (Soares, 2001, p.37).

Comecei a frequentar a escola com sete anos de idade, ingressando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o gosto pela leitura colocou-me à frente do mundo dos livros para a infância. Com isso também houve a escolha da profissão, articulando o meu desejo de ensinar e a vontade da família em ter uma filha na carreira do magistério.

Ingressei na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, no curso de pedagogia no ano de 2005, iniciando assim minha vida profissional na área de Educação. Tive a oportunidade de ingressar no concurso público pela Prefeitura de Corumbá e Prefeitura de Ladário e, com isso, garantir minha estabilidade estatutária. As experiências foram muitas, lecionando nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no papel de professora, sempre procurei colocar em prática aquilo que acredito ser fundamental para uma professora: ser entusiasmada com o que ensina e saber transmitir este entusiasmo; e, acima de tudo, despertar a curiosidade e motivação para que o aluno adquira autonomia e responsabilidade pela sua aprendizagem.

Sempre tive grande prazer em ministrar as aulas e creio que obtive êxito nesse caminhar, sobretudo em transformar entusiasmos em realizações, permeados pelo diálogo e por interações respeitadas. Depois fui convidada a fazer parte da equipe técnica pedagógica da Secretaria Municipal de Educação de Corumbá. Primeiro atuei no Núcleo de Gestão de Sistemas, diretamente com formações continuadas, logo após, no Núcleo do Ensino Fundamental I, responsável pela alfabetização da rede municipal, colaborando diretamente com os /as professores /as dos anos iniciais, e com o fomento da leitura na rede.

Nesse perpasso pelo mundo da leitura, o desejo de criança misturado com a maturidade acadêmica, resultou com o ingresso no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, onde desenvolvi um processo investigativo e reflexivo sobre a literatura para a infância na fronteira Brasil/ Bolívia como um espaço além de limites e território, identificando e discutindo as relações étnicas culturais através dos acervos literários infantis, trabalhados em sala de aula, como meio de promoção de uma educação pluricultural e a consolidação da função social das escolas situadas em região de fronteira. A pesquisa teve como cenário discussões acerca da literatura como aproximação de culturas em uma área de fronteira, abordada a partir das Ciências Humanas, com o aporte da Teoria Literária em diálogo com autores das ciências sociais, antropologia, enfatizando o caráter interdisciplinar,

proposto pelo Programa de Mestrado em Estudos Fronteiriços. (Santos, 2021).

Esse interesse originou-se a partir da tentativa de compreender como a literatura era ensinada nas escolas de fronteira, mais precisamente a fronteira oeste, na qual estamos situados, haja vista que existe um grande fluxo de alunos/as bolivianos/as, denominados também como imigrantes pendulares, que atravessam diariamente para estudar em escolas brasileiras.

E, diante dessa realidade pluricultural e multilíngue da região de fronteira entre Brasil e Bolívia, devido a sua formação étnico-linguística resultante de fluxos migratórios, as relações culturais e linguísticas são vivenciadas por diversos/as alunos/as nas escolas desta região, e como proposta de ação da pesquisa realizada, foi produzido um catálogo como uma possibilidade de integração, uma fonte de análise para que os educadores repensem a sua prática pedagógica. (Santos; Arf, 2021).

Assim, acreditando no papel formador da literatura na vida das crianças, o catálogo sugestivo teve o interesse em aproximar algumas obras literárias dos/as pequenos/as leitores/as pertencentes ao espaço fronteiriço Brasil/Bolívia, de modo a ativar o imaginário infantil para a descoberta, por meio da palavra escrita, das ferramentas de humanização. Outro elemento importante na construção da minha trajetória acadêmica e profissional tem sido a participação em uma variedade de eventos de prestígio, tanto nacionais quanto internacionais. Nessas ocasiões, tive a honra de apresentar trabalhos, conduzir minicursos e oficinas, realizar intervenções literárias, além de ter artigos publicados em renomadas revistas acadêmicas. Essas experiências têm proporcionado não apenas uma plataforma para a disseminação do meu trabalho e ideias, mas também oportunidades inestimáveis de colaboração e intercâmbio intelectual com outros profissionais da área.

Atualmente, participo de projetos de pesquisa que têm enriquecido minha trajetória acadêmica e pessoal. Sou membra do Projeto de Pesquisa “Literatura, Fronteira e Sociedade” (LIFROS), em que realizamos estudos sistemáticos sobre o papel da literatura nas correspondências de escritores/as, moradores/as locais ou viajantes que escreveram a partir do espaço fronteiriço Corumbá/Bolívia. Este projeto visa preservar a memória literária e expandir o conhecimento sobre as obras dos autores, contribuindo para a manutenção de suas imagens e para o entendimento de suas produções literárias em um contexto de mobilidade. Além disso, sou ativa no Circuito dos Imigrantes, representando o segmento da educação, e membro do Comitê de Atenção aos Imigrantes, Refugiados e Apátridas (COMAIRA). Também faço parte do Grupo de Estudos e

Pesquisa em Desenvolvimento, Gênero e Educação (GEPDGE), em que nossas investigações estão enquadradas na linha de pesquisa “Processos Formativos, Práticas Educativas e Diferenças”. No campo da literatura infantil, sou autora do livro bilíngue “Elenita e os Segredos da Colina”, publicado em 2022. Esta obra narra a história de Elenita, uma menina fronteiriça curiosa e corajosa que embarca em uma grande aventura para desvendar os mistérios das montanhas que cercam sua casa. A experiência de escrever livros para a infância tem sido importante para a delimitação dos meus objetivos em pesquisar a literatura para a infância em diversos contextos e para o enriquecimento da minha carreira como pesquisadora.

E almejando dar continuidade aos olhares cruzados iniciados no mestrado, como uma possibilidade de prosseguir as investigação despertou-me o interesse em pesquisar as feminilidades nos livros para a infância bolivianos, pelo fato de se pensar em como a figura da mulher é vista na Bolívia e levar para as crianças sul-mato-grossenses essas narrativas, haja vista que já iniciamos esse fomento da literatura para a infância boliviana nas escolas brasileiras com o uso do catálogo de sugestões literárias, pensando a leitura como um hábito, uma fonte de conhecimento, valores e identidades na vida dos/as “Pequenos/as Leitores/as Fronteiriços/as”, ajudá-los a descobrir nas páginas de um livro, um contexto pluricultural, imaginativo, e, acima de tudo, um novo jeito de ver o mundo.

Durante esse mergulho na literatura para a infância boliviana, uma observação tornou-se inquietantemente evidente: a imagem da mulher frequentemente relegada ao segundo plano, raramente como protagonista. Essa representação limitada despertou uma série de questionamentos sobre como as mulheres são percebidas e retratadas em seu próprio país. A literatura, especialmente a voltada para crianças, é um reflexo poderoso dos valores e das normas culturais de uma sociedade. Ao perceber que nas histórias bolivianas as figuras femininas eram muitas vezes secundárias ou marginalizadas, comecei a investigar mais a fundo as raízes dessa dinâmica. Era importante entender não apenas o que era transmitido às novas gerações através desses livros, mas também como essas narrativas influenciavam a identidade e o papel da mulher na Bolívia contemporânea. Desde pequena, sempre estive cercada por mulheres fortes e inspiradoras. Minha mãe, avós e tias não apenas compartilhavam suas histórias, mas também viviam de maneira que cada dia era uma lição sobre resistência e dignidade. Inspirada por essas figuras maternas, percebi que precisava explorar mais profundamente as questões de gênero que constituíram nossas vidas.

Minha avó foi a grande arquiteta da minha formação. Criada por ela, aprendi desde

cedo sobre a força e a sabedoria que uma mulher pode carregar. Seus contos e conselhos, entrelaçados com a história de sua própria vida, formaram a base do meu entendimento sobre resistência, dignidade e a complexidade do ser mulher. Na nossa casa, cada objeto, cada receita de cozinha, tinha uma história, um legado de gerações de mulheres fortes que minha avó fazia questão de preservar. Inspirada por ela, segui para o mundo acadêmico com um propósito claro: aprofundar meu entendimento sobre gênero e usar esse conhecimento para provocar mudanças. A literatura se tornou minha ferramenta de escolha, não apenas como objeto de estudo, mas como meio de expressão e investigação das narrativas que moldam nossa percepção sobre o feminino.

Realizando-se uma breve retrospectiva das narrativas tradicionais que foram e permanecem sendo importantes aos/as leitores/as em formação, notamos que grande parte das obras delega às personagens mulheres um espaço determinado pelo estereótipo: ora o de uma donzela que espera pelo seu amado, ora o de uma dona de casa cuja vida se resume a cuidar do bem-estar da família e da ordem do lar. Em meio a essa prescrição, em que homens e mulheres ocupam na sociedade papéis distintos e, de certa forma, impermeáveis, meninos e meninas cresceram e ainda crescem concebendo o mundo sob uma visão afastada da razoabilidade que deve orientar a relação entre os gêneros.

Como vimos ao longo da história da literatura infantil, parte dos clássicos reforça estereótipos atribuídos à figura feminina. Nas obras da Literatura para a infância esses estereótipos estão bem reforçados. Há obras literárias que definem o comportamento meigo, as cores claras e ações delicadas como atributos femininos. Já o lado masculino é fortemente representado pelos príncipes e heróis, responsáveis pelos atos de bravura e coragem.

A maioria das mulheres da literatura para a infância com as quais temos contato é princesa branca, loira, indefesa e trancada em castelos, esperando ser resgatada por um príncipe, aquele por quem se apaixonariam e com quem se casariam para, assim, viverem "felizes para sempre". Esses contos, embora também reafirmem valores como bondade, humildade, retidão e tolerância, muitas vezes preconizam a submissão como valor feminino. As mulheres retratadas, em sua maioria, não têm autonomia; ao contrário, toda a narrativa delas é construída para culminar em um casamento, o maior símbolo de um final feliz.

Além das princesas passivas, a literatura para a infância muitas vezes apresenta a mulher em outro papel: o da bruxa. A bruxa é representada como uma figura perigosa e transgressora, que desafia a ordem social e, por isso, deve ser combatida e derrotada. Essa

representação reforça o medo das mulheres que se desviam dos padrões de submissão e obediência, consolidando uma imagem negativa das mulheres que ousam ter poder ou agir por conta própria. Assim, a figura da bruxa, ao lado da princesa, contribui para limitar as possibilidades de se imaginar uma mulher autônoma e diversa.

Quando falamos da figura feminina na América Latina, também é importante lembrar das mulheres guerreiras que resistiram à colonização. Quando os portugueses chegaram ao Brasil e os espanhóis chegaram à Bolívia, encontraram povos que resistiram à invasão e à dominação, e as mulheres tiveram um papel fundamental nessas resistências. Muitas mulheres indígenas lutaram contra os colonizadores, mas, assim como a figura da bruxa, elas são esquecidas e raramente retratadas nas histórias infantis.

Essa invisibilidade reforça a ideia de que a mulher só é digna de destaque quando segue o caminho da submissão ou do papel de vilã, ignorando o papel ativo e corajoso que muitas tiveram na história. Dessa forma, a literatura para a infância tradicional acaba reforçando uma visão limitada e estereotipada da mulher, seja como princesa passiva ou como bruxa perigosa, negando a complexidade e a diversidade da experiência feminina.

A motivação para dar continuidade aos olhares cruzados iniciados no mestrado surgiu da reflexão sobre a representação das mulheres nas obras literárias infantis bolivianas. Muitas personagens femininas ainda são pensadas a partir de um modelo criada e ditada pelo paradigma do patriarcado, e a literatura para a infância produzida dentro dessa perspectiva “reforça os padrões da repressão sexual vigente, uma vez que orientam a criança para desejos apresentados como permitidos ou lícitos [...] Reforçam, dessa maneira, inúmeros estereótipos da feminilidade e da masculinidade” (Chauí, 1984, p. 32).

O que é importante pensar nesse contexto é que quando o/a leitor/a, durante a sua infância, entra em contato com várias obras que colocam a mulher como inferior ao homem, principalmente aquelas que a fazem de forma sutil e apresentam a mulher como portadora natural de inferioridade ele/ela vai internalizando aos poucos essas hierarquias. Como normalmente uma obra lida ou disponibilizada para a criança é mediada por um adulto – lembrando que o adulto também passou por esse processo –, os/as leitores/as serão afetados pelas hierarquias. “A literatura infantil, a mitologia, contos, narrativas refletem os mitos criados pelo orgulho e os desejos dos homens: é através de olhos masculinos que a menina explora o mundo e nele decifra seu destino” (Beauvoir, 2016, p. 34),

Louro (2000, p. 24) discorre a respeito da naturalização do estereótipo feminino

que se encontra presente: “a naturalização dessas concepções a respeito da subjetividade feminina impunha à mulher a perpetuação desse comportamento, como forma de angariar reconhecimento social”. Dessa forma, é preciso reconhecer que ambos os gêneros precisam de uma ação pedagógica que desconstrua os estereótipos, principalmente no que diz respeito às imposições ao sexo feminino. As crianças tendem a reproduzir os modelos de comportamento das personagens da literatura, por exemplo, os clássicos da Literatura para a infância que geralmente atribuem padrões submissos às personagens femininas. Faz-se necessário, portanto, uma avaliação dos conteúdos presentes nos contos de fada, que induzem as crianças a seguirem determinados comportamentos socialmente estabelecidos de maneira preconceituosa e colocam a figura feminina em evidente desvantagem.

Continuando nessa linha de pensamento, de que a literatura destinada à criança também produz memória e repete discursos, algumas obras infantis, apesar de problematizar determinadas ações de personagens consideradas discriminatórias, podem, paralelamente, reforçar posturas e comportamentos que repetem e regularizam sem perceber outros discursos com status de verdade construídos a partir de ideias que marginalizam outros corpos, como a ideia de que a felicidade da mulher depende de um casamento heteronormativo, ou que elas necessitam da aprovação dos homens em relação a sua imagem física, seu comportamento ou postura.

Por conseguinte, analisando as obras infantis bolivianas, poderemos observar de que forma são reforçados os estereótipos sobre gênero. Botton (2010, p. 1206) explicita que é preciso estar atento aos discursos dos livros para a infância, pois eles estão longe de serem inocentes e que seus conteúdos não são independentes, nem neutros, influenciando diretamente a constituição subjetiva das crianças. Esses discursos, aparentemente inofensivos, carregam consigo as ideologias daqueles que detêm o poder e, ao se enraizarem nas práticas culturais, tornam-se instrumentos de perpetuação dessas relações.

Essas ideologias, sutis e veladas, operam sob o disfarce de histórias lúdicas e imaginativas, mas, na verdade, legitimam valores que reforçam hierarquias de gênero e marginalizam aqueles que se desviam dos padrões normativos. Ao se repetirem, tais discursos são assimilados pelas crianças, configurando uma visão de mundo que sustenta os processos culturais hegemônicos. Barbosa (2009) caracteriza ainda como essas práticas são ameaçadoras para a figura feminina. Esses padrões estão por toda a parte e tornam-se tradicionais na vida de toda garota, limitando suas possibilidades de existência

e reforçando a ideia de que certas características e comportamentos são inatas ao gênero feminino. Assim, os livros para a infância funcionam como dispositivos culturais que cristalizam e reproduzem normas sociais, contribuindo para a manutenção de um status que privilegia aqueles que já ocupam posições de poder.

Os livros que compõem a literatura para a infância boliviana apesar de terem como propósito auxiliar no trabalho pedagógico de letramento e alfabetização das crianças, extrapolam esse objetivo, ensinam vários outros aspectos porque são artefatos culturais que veiculam e produzem significados principalmente relacionados ao artefato cultural:

Os artefatos culturais produzem significados, ensinam determinadas condutas às meninas e aos meninos e instituem a forma adequada e ‘normal’ para a vivência da sexualidade e da feminilidade e masculinidade (Xavier Filha, 2009, p. 72).

Neste sentido, o conceito de gênero considera que as identidades sexuais são construídas social e culturalmente, em uma determinada época, negando qualquer explicação naturalista baseada em conceitos biológicos dos comportamentos das mulheres e dos homens; e nesta construção as esferas sociais como a família e a escola têm um papel importante.

Na infância, a sexualidade pode manifestar-se através das brincadeiras, nos momentos de descontração da criança, seja em casa com sua família, seja na escola. Neste sentido, acredita-se que a sexualidade da criança, no seu contexto infantil, é revelada a partir da experiência de prazeres com registros profundos de sensações que a memória do corpo não esquece, daí a importância de inserir essa temática no ambiente escolar, com muito cuidado ao se trabalhar com as crianças a temática, uma vez que irá gerar experiências muito significativas, experiências estas que a criança irá carregar para toda a vida, e a literatura é um aporte nessa construção.

Em consonância com o pensamento de Louro (2011, p. 15), infere-se que “treinamos nossos sentidos para perceber e decodificar essas marcas e aprendemos a classificar os sujeitos pelas formas de como eles se apresentam corporalmente, pelos comportamentos e gestos que empregam e pelas várias formas com que se expressam”.

Louro (2000, p. 34) sugere em seu estudo que não se pode negar que a sexualidade e o gênero estão relacionados à natureza, porém não é possível analisar tais questões apenas por este prisma, uma vez “que a própria natureza é, também, uma construção histórica e social”. Assim, é preciso compreender os gêneros como algo que se constrói continuamente dentro da sociedade e que, portanto, depende da história e das

circunstâncias.

Pensando nessa discriminação enraizada na sociedade em uma forma de pensamento social que valoriza diferencialmente os modelos masculinos e femininos, que Lígia Amâncio (1998) oferece uma perspectiva crítica e detalhada sobre a construção social de gênero e a perpetuação de estereótipos. Para a autora, o gênero não é apenas uma simples diferenciação binária entre homens e mulheres, mas uma estrutura assimétrica que atribui competências e valores de forma desigual. Homens são frequentemente vistos como o “referente universal”, enquanto as mulheres são categorizadas de forma específica, refletindo uma hierarquia subjacente (Amâncio, 1998, p. 15).

É essa epistemologia do senso comum que define e perpetua a ideologia de gênero, influenciando as relações intergrupos e as funções sociais atribuídas a cada sexo (Amâncio, 1998). A autora destaca que os estereótipos sexuais têm funções diferentes para homens e mulheres. Para os homens, os estereótipos masculinos reforçam comportamentos e promovem a autonomia, enquanto para as mulheres, os estereótipos tendem a normatizar e restringir comportamentos, servindo como mecanismos de identificação que limitam sua especificidade e liberdade (Amâncio, 1998).

Amâncio (1998) aponta que esses estereótipos são instrumentos de dominação masculina, prejudicando as mulheres ao tornar a masculinidade a norma e a feminilidade a exceção. Mulheres que desejam ser dominantes muitas vezes sentem a necessidade de adotar características consideradas masculinas, comprometendo assim suas feminilidades e enfrentando consequências negativas em suas vidas pessoais e profissionais.

No contexto da literatura infantil, os estereótipos de gênero frequentemente se manifestam de maneiras que reforçam papéis tradicionais e desiguais entre meninos e meninas. Esses estereótipos podem ser observados na forma como os personagens são retratados, nas atividades que desempenham e nas qualidades que são valorizadas em cada gênero.

Para Zilberman e Magalhães (1987), a literatura infantil é utilizada pela pedagogia como instrumento para atingir seus objetivos. Porém, não se pode esquecer que os livros para a infância, além de impor algumas normas ao/a leitor, /a a fim de reproduzir o modelo autoritário da sociedade, também atendem ao interesse das crianças, quando estas utilizam-no como um meio de acesso ao real. Nesta busca pelo real, “a aprendizagem e o reconhecimento [dos] lugares sociais pelos indivíduos é feita [...] através de estratégias tão sutis que se torna extremamente difícil percebê-las.” (Louro 2000, p. 35) Porém,

alguns aspectos podem ser observados no que se refere à linguagem, que “institui e demarca os lugares dos gêneros não apenas pelo ocultamento do feminino, e sim, também, pelas diferenciadas adjetivações que são atribuídas aos sujeitos” (Louro 2011, p. 67).

Outro aspecto observado por Louro (2000) é a distância entre a realidade vivida pelas crianças e os discursos dos livros, os quais não traduzem, por exemplo, o grande número de famílias mantidas apenas por mulheres. Estes discursos correspondem à representação acionada pela mídia, consagrada pela igreja e pela lei. Não por acaso essa representação hegemônica carrega os traços da classe média branca urbana e, nela, pai e mãe, bem como seus filhos e filhas reafirmam as formas tradicionais de masculinidade e feminilidade” (Louro, 2000, p. 41).

Nesse sentido Louro (2011, p. 85) versa que “a sexualidade está na escola porque ela faz parte dos sujeitos, ela não é algo que possa ser desligado ou algo do qual alguém possa se ‘despir’”. Diferente do que muito ainda hoje se considera como normal e natural, a sexualidade não é dada pela natureza e, assim como o saber, também é construída socialmente e culturalmente.

Além do fato de a literatura tratar com sensibilidade os elementos da realidade de um espaço, contribui para o enriquecimento intelectual e cultural de povos, desenvolvendo senso crítico e os despertando para novas experiências e compreensão da sociedade, a qual estão inseridos. Para Cândido (1995), o diálogo entre a literatura e a sociedade permite perceber que a expressão da diversidade ocorre porque:

Cada sociedade cria as suas manifestações ficcionais, poéticas e dramáticas de acordo com os seus impulsos, as suas crenças, os seus sentimentos, as suas normas, a fim de fortalecer em cada um a presença e atuação deles. (Cândido, 1995, p. 1).

O autor ressalta que “a leitura literária permite reflexão sobre o mundo em nossa volta, abrindo horizontes, ampliando conhecimentos” (Cândido, 1995, p. 37) tornando a criança, compreensiva, crítica e aberta para novos olhares acerca das diversidades encontradas nesse espaço de sentimentos: o lugar, o que inclui raça, gênero, classe social, padrões culturais estabelecidos e linguísticos possibilitando novas perspectivas e acesso aos diferentes saberes. Reflete ainda que a literatura se apresenta como manifestação universal de todos os homens. “Não há povo e não há homem que pode viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrarem contato com alguma fabulação” (Cândido, 1995, p. 174). Nesse sentido, a literatura abre espaço para a alteridade e constituição da subjetividade, possibilitando a troca cultural entre quem habita nesse território fronteiriço.

Para Todorov (2009, p. 77), a realidade que a literatura aspira compreender é “simplesmente [...] a experiência humana” e a função primordial da literatura seria permitir que cada “um responda melhor sua vocação de ser humano” (p. 24).

Os livros para a infância podem e devem ser vistos como poderosos instrumentos transmissores de estereótipos em relação ao gênero, independentemente da idade em que se encontra a criança. Argüello (2005, p. 163) aponta que a literatura pode ser “um importante artefato para problematizar as relações de poder entre homens e mulheres” e principalmente para “desconstruir aqueles mecanismos sutis que a cultura usa na produção e legitimação das masculinidades e das feminilidades”.

Nessa perspectiva da importância da literatura para a infância na construção da identidade da criança, propomos a conhecer os elementos que compõem as narrativas infantis bolivianas.

A história da literatura para a infância boliviana, segundo Gisbert (2019), perpassa desde a época pré-colombiana refletida nos mitos e lendas da tradição oral que surgiram nas comunidades indígenas bem como ao sincretismo de duas culturas, a dos espanhóis (colonizadores) e a indígena durante a colônia, que passou-se a chamar contos populares.

A literatura para a infância boliviana, também chamada literatura indígena antes da independência do país, é o berço do imaginário, pertencente nos livros para a infância bolivianos, as figuras culturais pertencentes aos andes, ao altiplano, também tem suas relações diretas ao período pré-colombiano. Dessa forma, entendemos que as raízes da literatura para a infância atual têm passado comum nessas regiões que compartilham culturas pré-colombianas e cujos estudos não podem ser divididos porque são “histórias de todos”. (Gisbert, 2019, p. 25).

O processo de formação da literatura para a infância na Bolívia, embora tardio em relação a outros países da América do Sul, apresenta particularidades semelhantes ao processo europeu no que se refere à utilização do texto literário infantil como um instrumento de propagação ideológica e educativa, que formava o ser (criança), logo em seus primeiros anos, com conceitos religiosos, políticos, ético e cultural válidos em cada período.

A literatura para a infância aparece tardiamente na Bolívia, se comparada a outros países latino-americanos que publicaram suas obras na metade do século XIX. Os fatores que incentivaram as publicações para as crianças vieram dos/as professores/as como estratégias para ensinar os pequenos. A autora Gisbert, em seu livro “Pioneiros de la

literatura infantil boliviana” (2013), traz um panorama do desenvolvimento e dos autores que iniciaram os primeiros escritos para as crianças na Bolívia e conta que no ano de 1964, alguns /as professores/as e poetas amigos se reuniram na casa de um deles para discutir sobre a importância e necessidade de se ter um texto literário próprio para as crianças em idade escolar e nesse dia formaram um grupo chamado “União de Poetas para Crianças”.

O percurso histórico da literatura para a infância boliviana percorreu grandes momentos até chegar em seu êxito atual, graças a esse grupo de /a professores /as, poetas e poetisas que pensaram no direito das crianças, no acesso à literatura de qualidade e própria para sua idade, garantindo e respeitando os contextos sociais e culturais próprios do seu país. Os livros para a infância bolivianos que serão analisados nesta pesquisa são de grande relevância para as discussões de gênero, temática esta que, na maioria das vezes, está ausente do contexto escolar. Enfim, a Literatura para a infância vem, desde então, abordando a questão feminina de acordo com a sua representação na sociedade. Considerando as crescentes evoluções da mulher e as mudanças de paradigmas sociais desde o século XVIII, é indagador o papel desta no contexto social atual e seus reflexos na Literatura para a infância contemporânea. Já dizia Foucault:

É que as margens de um livro jamais são nítidas nem rigorosamente determinadas: além do título, das primeiras linhas e do ponto final, além da configuração interna e da forma que lhe dá autonomia, ele está preso em um sistema de remissões a outros livros, outros textos, outras frases: nó em uma rede. (Foucault, 1997, p. 26).

O ato de ler equivale a resistir, buscar reflexão na contramão de um mundo que nos oferece quase sempre o mesmo e que condena a repetição. Pensando nessas provocações que Foucault traz sobre o objeto livro, buscaremos ressignificar as obras literárias infantis bolivianas para que de fato, elas, possam estar presente no cotidiano das crianças brasileiras e bolivianas que frequentam as escolas dos sistemas públicos de ensino, em cujas páginas, elas se encontrem nas narrativas enquanto construtos culturais que ensinam a meninos e meninas brasileiros e/ou migrantes internacionais o modos de ser homem e mulher, negro e branco na contemporaneidade.

Nessas nuances, na vida real, como também na literatura, os papéis sociais e a condição geral das mulheres têm sido construídos a partir de um conjunto de pressupostos, de valores e de uma moralidade ética determinada previamente por uma perspectiva de dominação patriarcal. Seu resultado em termos ficcionais, como nas

sociedades reais e concretas, tem sido limitar a ação social autônoma das mulheres; criar mitos justificadores; enraizar uma ideologia dominante e, finalmente, atribuir um lugar coadjuvante, secundário e menor, quase sempre irrelevante, às mulheres no desenvolvimento social.

Considerando a importância da pesquisa e os campos pelos quais a investigação transita, a tese que se defende é: a literatura para a infância boliviana, embora frequentemente percebida como entretenimento ou uma ferramenta educacional, emerge não somente como reflexo das normas sociais, mas também como um espaço potencial para o protagonismo feminino, desafiando as dinâmicas de poder e identidade de gênero de maneiras que ressoam com perspectivas decoloniais.

Este estudo adota uma abordagem pós-estruturalista nos conceitos foucautianos, e no campo de análise perpassa a questão decolonial para dialogar com as discursividades no texto e ilustrações dos artefatos, sendo que as personagens femininas mulheres apresentam elementos culturais da nossa realidade sul global que também desafiam e remodelam as estruturas de poder de gênero estabelecidas. Enquanto alguns textos perpetuam estereótipos tradicionais de feminilidades, outros criam espaços de resistência e diálogo, propondo novas formas de entender o gênero na infância.

1. INTRODUÇÃO

Esta tese é resultado da pesquisa de doutoramento que resulta da confluência de três áreas de interesse: a arte, mais especificamente a literatura infantil, a cultura, particularmente sobre as questões de gênero, e a educação, pretendendo contribuir para uma eficaz interação entre esses campos.

Como a escola é um espaço de formação, sendo a responsável pela construção do conhecimento adquirido no seu entorno e tem a missão de desconstruir estereótipos de gênero e sexualidades, mesmo quando estes estão muito presentes em si, ressaltamos a importância da análise dos estereótipos de gênero que estão presentes em vários contextos da literatura para a infância boliviana, neste espaço fronteiriço, haja vista a visível a persistência de personagens femininas e masculinas estereotipadas, o uso do masculino universal como linguagem preferencial e mesmo o reforço de diferentes interesses e capacidades atribuídos a uns e outras.

Assim, Louro (2011) corrobora quando explana que as instituições escolares, reproduzem, produzem e fabricam estereótipos de gêneros a partir da divisão sexual que se faz entre o sexo masculino e feminino. Mas, não é somente as práticas rotineiras que remetem essas distinções: “A linguagem, as táticas de organização e de classificação, os distintos procedimentos das disciplinas escolares [...] Currículos, regulamentos, instrumentos de avaliação e ordenamento dividem, hierarquizam, subordinam, legitimam ou desqualificam os sujeitos.” (Louro, 2011, p. 84-85).

Nessa perspectiva, a temática de gênero e sexualidade quando aparece dentro da escola se apresenta de forma “transversalizado”, podemos perceber isso quando a temática foi declaradamente reduzida na versão final da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) ao ensino de ciências mais necessariamente figurando ao lado de conceitos relacionados na reprodução e as doenças sexualmente transmissíveis e ainda somente nos anos finais do Ensino Fundamental. Pensando essa escola, na qualidade de espaço social com interações que integra as diversas dimensões do ser humano e que ensina os corpos desde pequeno a se situarem em seus lugares e a como se portar nele em uma relação entre saber e poder que explicitamente fica nítido no ambiente escolar que percebemos o quanto é negado o direito a construção de identidades, e sutilmente colabora com o processo de “fabricação” dos sujeitos. (Foucault, 1987).

A educação sexual encontra-se dentro das instituições escolares desde a década de 1920, sempre pautada em uma abordagem higienista, controladora e repressora da

sexualidade, marcada por valores morais e religiosos, que perduraram fortemente até a década de 80, que novamente entrou nas discussões devido à preocupação com o grande crescimento da gravidez entre as adolescentes e com o risco da contaminação por Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST). E, no final da década de 1990, foram construídos os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) proposto pelo Ministério da Educação (MEC) com o objetivo de ser uma referência e orientações pedagógicas para os profissionais da área educacional do Ensino Fundamental em todas as escolas do país, incluindo o tema transversal da Orientação Sexual².

Segundo a abordagem dos PCNs (Brasil, 1997), acreditava-se que mesmo com as famílias apresentando uma grande resistência à inserção dessas discussões no âmbito escolar, ainda havia uma enorme necessidade para se introduzir o tema nas escolas. Quase três décadas depois, a realidade não é muito diferente, pois encontramos mais dificuldades e menos apoio dos familiares para discutir esse tema no espaço escolar. Nesse contexto, a literatura para a infância pode servir como um dispositivo eficaz para abordar essas temáticas de maneira lúdica e acessível, contribuindo para a formação integral dos/as alunos/as e promovendo discussões significativas nas escolas.

Em contrapartida, a situação da educação sexual nas escolas bolivianas reflete desafios similares e, em alguns aspectos, características próprias da sociedade e cultura do país. A Bolívia enfrenta complexidades em relação à educação sexual, especialmente no que diz respeito à questão de gênero. Historicamente, a educação sexual tem sido alvo de controvérsias e resistências, muitas vezes fundamentadas em valores culturais e religiosos. A discussão sobre gênero na educação tem sido particularmente sensível, com debates acalorados e polarizados entre diferentes grupos sociais e políticos. A incorporação de temas relacionados à diversidade de gênero, identidade e orientação sexual nas escolas enfrenta oposição de setores conservadores, que veem tais abordagens como uma ameaça aos valores tradicionais e à família.

Apesar dos desafios, houve avanços na legislação boliviana em relação à educação sexual e de gênero. Em 2010, a Lei de Educação “Avelino Siñani - Elizardo Pérez” estabeleceu a obrigatoriedade da educação sexual integral nas escolas, com enfoque na prevenção de gravidez na adolescência, saúde sexual e reprodutiva, e respeito à diversidade de gênero. No entanto, a implementação efetiva dessas políticas enfrenta obstáculos significativos, incluindo a falta de capacitação adequada para os /as

² O Parâmetro Curricular Nacional (PCN) utilize o termo “orientação sexual” para retratar o trabalho de educação sexual que deve ser realizado na escola, de forma transversal com todas as disciplinas curriculares.

professores /as, resistência por parte de alguns setores da sociedade e ausência de materiais educativos adequados e culturalmente sensíveis.

Assim, a presente pesquisa está pautada em uma investigação sobre como os discursos presentes na literatura para a infância boliviana influenciam a percepção das mulheres nos livros destinados à infância, tanto em escolas brasileiras quanto bolivianas, neste contexto fronteiriço.

A multiculturalidade da fronteira oeste Brasil-Bolívia, também está presente no espaço escolar. Em Corumbá as práticas migratórias fomentaram uma progressiva multiculturalidade da sociedade, a escola passou a confrontar-se com uma realidade dos currículos etnocêntricos e monoculturais que a caracterizavam, surgindo a necessidade de se repensar o currículo escolar oferecido aos/as diferentes alunos/as que passaram a fazer parte da escola, a diversidade cultural presente nas escolas em Corumbá é intensa.

Para Cool (2002), as culturas podem ser consideradas como um conjunto de crenças, conhecimentos instituições e práticas pelas quais cada coletividade afirmar sua presença no mundo, garantindo sua continuidade e permanência no tempo. No espaço escolar da fronteira, as relações multiculturais resultantes dos processos migratórios estão presentes na língua, na religião, nos costumes e nas práticas de cada grupo que demarcam as fronteiras culturais constituídas de valores simbólicos e de identidades.

As crianças brasileiras e bolivianas são vistas nesta pesquisa como sujeitos de direitos, que transitam nessas fronteiras geográficas e simbólicas da indiferença, confrontadas com uma dupla identidade que pode dificultar sua integração. Por outro lado, são leitores/as, e estão inseridos em um espaço comum: a escola. É nessa perspectiva que a nomenclatura “Pequenos/as Leitores/as Fronteiriços/as” surge como uma possibilidade de caracterizar essas crianças e propor discussões e debates em busca do fomento da literatura para a infância no campo das subjetividades.

Desse modo, a pesquisa tenta preencher uma lacuna sobre os meandros da literatura para a infância boliviana ao voltar o foco para a representação de feminilidades nesses artefatos, destacando práticas que geram disposições de gênero. Além disso, a pesquisa privilegia uma discussão sobre o papel da mulher na sociedade, o que entendemos como uma lacuna na literatura para a infância e na formação de identidades de gênero, especialmente no contexto boliviano.

1.1 A construção da pesquisa: delimitação sobre o tema, a justificativa, a formulação do problema e a hipótese

O objetivo geral desta tese é analisar como as feminilidades são construídas e produzidas nos livros para a infância na literatura boliviana. Os objetivos específicos são: identificar a constituição de feminilidades em personagens mulheres nos livros para a infância oriundos dos acervos literários infantis; coletar e agrupar os livros para a infância de acordo com as concepções de gênero que são construídas e produzidas; selecionar e analisar os livros para a infância a partir do embasamento teórico da pesquisa e das discussões que serão feitas na pesquisa.

A hipótese que direciona esta pesquisa é de que a Literatura para a infâncias e constitui como um importante dispositivo no sentido de educar para a diferença e propor problematizações mediante as desigualdades de gênero, etnia, raça, credo religioso, sexualidade, entre outros elementos constitutivos de identidades dos sujeitos sociais. Assim, que essa temática seja apresentada cotidianamente, além da leitura pura e simples, pois cabe aos/as professores /as, como mediadores/as de conhecimentos, a escolha de livros que fomentem as reflexões e a criticidade de seus discentes no tocante as relações de gênero, com a intenção de desconstruir estereótipos de masculinidades e feminilidades que geram desigualdades.

Ao se pensar nas questões de gênero e de sexualidade dentro das escolas, é preciso compreender que a natureza desses questionamentos dentro da sociedade ainda não é vista com bons olhos. Trabalhar com uma temática problemática requer uma atenção e sutileza que a literatura pode contribuir de modo expressivo para a formação de leitores/as críticos/as na sociedade contemporânea, que sejam capazes de compreender que a diferença é constitutiva de nossas identidades. Por meio da Literatura para a infância temos a oportunidade de problematizar e ampliar os repertórios sobre as relações de gênero e sexualidade e, com isso, inferir que muitas histórias ainda contextualizam a normatização da sociedade, heterossexualidade e não trazem para o contexto da diversidade nas relações de gênero e sexualidade que encontramos. A literatura é uma forma de pensar no amanhã, refletir em um futuro de responsabilidade para construir uma sociedade sem espaço para o preconceito e discriminação.

Assim, ler livros que apresentem diferentes formas de pertencimento pode ser muito útil para expandir as diferentes possibilidades relacionadas a gênero. Por tratar-se de uma linguagem, a literatura constitui-se como um importante artifício pedagógico para

problematizar a naturalização ou de desconstrução das relações de gênero as quais legitimam conceitos de masculinidade ou feminilidades entre as crianças.

A realização do trabalho com a literatura e as identidades de gênero, pode oferecer às crianças a releitura dos/as personagens e das suas ações, problematizando os papéis de gênero, a realidade e a desigualdade nas relações, considerando as vivências ou experiências literárias que esses/as alunos/as carregam em sua jornada escolar, nesse sentido a literatura ajudaria as crianças a pensarem e enfrentarem seus dilemas identitários e culturais, como disse Andruetto (2017, p. 51): “A riqueza está precisamente em nossa diversidade, as crianças latino-americanas necessitam ler e ouvir diversidades de vozes, e nós, adultos”.

Portanto, a necessidade de inserção de obras com temáticas redimensionadoras de valores se dá por entendermos que é desde criança que podemos produzir memórias que rompam com a ordem estabelecida pelo poder dominante. Esta possibilidade de ruptura pode nos afetar ao ponto de favorecer um aumento na potência de pensar, agir e de existir, de si e do outro. Isso é possível porque a literatura viabiliza a (re)construção de um conhecimento sobre nós mesmos e do outro com potência para proporcionar uma aproximação mais humana entre os sujeitos.

Por meio de um livro, a criança tem a possibilidade de contar várias histórias, por meio da leitura de imagens, ou seja, de realizar práticas de letramento literário. Nas palavras da autora Yolanda Reyes (2012), essa experiência com o objeto livro permanece no/a leitor/a, além do momento em que se realiza, assim desempenhando um importante papel na formação humana, pois lemos literatura para conversar com o mundo, para estranhá-lo ou reconhecê-lo.

A relevância deste estudo também está presente no espaço fronteiriço que é o recorte metodológico que possibilita essas interações, uma vez que o fluxo frequente dos sujeitos dos países aproxima as culturas ao ponto de fazerem contatos fortes e, conseqüentemente, se misturarem. Mesmo para essa interação, a linguagem reflete a mistura que ocorre entre as culturas e, ao mesmo tempo, é compartilhada pelos falantes das duas nacionalidades, e nesse contexto multicultural, a literatura vem a contribuir, com as escolas na fronteira, ou mesmo nas cidades onde abrigam um grande número de crianças imigrantes bolivianas como é o caso dos municípios fronteiriços do nosso estado, pois as crianças em contacto com um texto literário de qualidade conseguem desenvolver o sentido crítico e reflexivo, adquirindo prática para indagar, opinar, escutar, estruturar seu pensamento, como caminhos de superação de afastamento entre as culturas e

entendimento do protagonismo feminino nas histórias infantis.

Esta tese teve como cenário discussões acerca da literatura como aproximação de culturas em uma área de fronteira, abordada a partir das Ciências Humanas, com o aporte da Teoria Literária em diálogo com autores dos Estudos de Gênero e Sexualidade, utilizando a perspectiva foucaultiana para analisar as complexas relações de poder, presentes nos discursos nas obras literárias.

O objeto deste estudo são as discursividades entre o texto e as ilustrações presentes nos livros para a infância bolivianos indicados pela Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil, pensando na representatividade dada ao feminino, nas análises observaremos os conceitos foucaultianos imbricados como o poder disciplinar no controle do corpo feminino: As personagens femininas são disciplinadas para se conformar com ideais de feminilidades? Como as normas de aparência afetam sua subjetividade e comportamento? A Biopolítica e a regulação da aparência física: Como a biopolítica molda as representações do corpo feminino? As meninas são ensinadas, direta ou indiretamente, que precisam controlar e disciplinar seus corpos para se encaixar em normas sociais?

As personagens femininas são muitas vezes associadas a papéis maternos ou cuidadores. Isso faz parte da biopolítica, que regula o papel das mulheres na reprodução e no cuidado, educando as meninas para serem futuras mães ou cuidadoras. As feminilidades, então, são vinculadas à função biológica e social de reprodução.

Genealogia dos padrões de feminilidades: De onde vem a insistência nos ideais do que ser feminilidades socialmente desejada? Esses padrões têm raízes em uma história colonial que persiste no discurso sobre o que significa ser feminina? Arqueologia dos discursos ausentes: Quais são as representações de feminilidades que os textos deixam de fora?

A metodologia utilizada incluiu uma revisão bibliográfica para erigir conceitos possíveis de serem imbricados nos diálogos com a literatura para a infância, a pesquisa bibliográfica foi utilizada como ferramenta metodológica para compreensão das discursividades entre o texto e as ilustrações presentes nos livros para a infância bolivianos indicados pela Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil enquanto objeto da pesquisa.

Para fundamentar as análises dos discursos, utilizamos o aporte teórico de autores que promovem discussões sobre Gênero, Estudos Feministas, Estudos de Gênero, na abordagem pós-estruturalista (Foucault, Deleuze, Butler, Louro, Xavier Filha), com

relação ao Feminismo na Bolívia e identidades (Paredes, Cândia, Galindo, Arroyo, Bhabha, Mignolo, entre outros); sobre a Literatura (Cândido, Colomer, Cosson, Coelho, Zilberman, Gisbert, Montoya, Lajolo, Andruetto, Reyes, entre outros,) de modo a refletir sobre os conceitos e aspectos gerados durante a realização desta tese.

1.2 Por que a Bolívia? Travessias na literatura

A literatura não existe nem nunca existiu no vácuo. Ela é viva, moldada pelos contextos culturais em que se insere, absorvendo influências que lhe dão forma e significado. Sua essência transcende o mero ato de escrever, impregnando-se de subjetividades, mas também de geografias e relações humanas. Nada melhor do que a fronteira para materializar essa realidade.

Corumbá é um município com aproximadamente 70 mil km², e com 96.268 habitantes, de acordo com o Censo de 2022. É o maior município em extensão territorial de Mato Grosso do Sul e o terceiro mais importante do estado em termos econômicos e populacionais. Localizada a 410 km de Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul. E, cerca de 5 km de Corumbá, no território boliviano que pertence ao Departamento de Santa Cruz, estão situados *Puerto Quijarro*, pequeno município da Província de Germán Bush, formado por dois distritos – *Puerto Quijarro* e *Arroyo Concepción*.

Figura 1 – Mapa da fronteira entre Corumbá - BR e Puerto Quijarro - BO



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Esse espaço fronteiriço se configura como ponto estratégico do principal contato entre bolivianos e brasileiros e, nessa dinâmica fronteiriça marcada por intensas relações de trocas e fluidez das mobilidades humanas que estão as instituições escolares. O número de alunos/as de origem e nacionalidade boliviana nas escolas de Corumbá é significativa, evidenciando a forte integração cultural e educacional entre Brasil e Bolívia. Muitos desses estudantes vivem em uma situação de pendularidade, residindo em território boliviano, mas cruzando a fronteira diariamente para estudar em instituições educacionais brasileiras.

Essa realidade reflete a proximidade geográfica e a interdependência cultural entre as duas nações, e a literatura perpassa esse espaço fronteiriço, obras literárias de ambos os países coexistem, a literatura brasileira, com sua vasta gama de autores, estilos e temas, encontra um espaço vibrante ao lado da literatura boliviana, criando uma mescla de narrativas que enriquece e amplia o repertório cultural dos estudantes, a literatura boliviana, cujas narrativas marcadas por histórias de resistência, ancestralidade e lutas sociais, é um elemento fundamental para entender a identidade desses estudantes migrantes nas escolas brasileiras. Essa convivência literária nas salas de aula de Corumbá cria uma ponte entre os dois países, permitindo que os estudantes explorem as diferenças e semelhanças entre as obras, aprofundando sua compreensão tanto do contexto brasileiro quanto do boliviano.

Nesta tese, utilizamos o termo “livros para a infância”, emprestado da pesquisadora Xavier Filha, a qual considera que:

Os livros para a infância representaram fontes de pesquisa e sempre foram uma paixão de minha parte. Constituem um artefato cultural importante para se pensar como há elementos adultocêntricos presentes na escrita e, como consequência, em sua escolha do público das crianças. Essa questão me intrigou a tal ponto que me impus levar essa problemática para ser pensada com as crianças, apresentar-lhes alguns dos livros coletados, discutir com elas sobre seus textos e ilustrações, pensar como poderia ser um material que pudesse dialogar com seus cotidianos, seus sentimentos, e provocar nelas novas formas de pensar" (Xavier Filha, 2022, p. 101).

Nas salas de aula, a literatura ganha espaço e corpo, proporcionando aos estudantes uma ponte entre as narrativas, através da qual eles podem analisar diferentes perspectivas de mundo. No entanto, é importante estar atento quanto a escolha dessas obras literárias para evitar a perpetuação de estereótipos prejudiciais. Livros e textos que reforçam estereótipos de gênero, promovem falas machistas ou retratam mulheres em

posições subalternas podem configurar negativamente a percepção das crianças sobre a igualdade de gênero e as relações sociais.

Como artefato cultural, o livro atua em várias camadas: ele reflete as normas e discursos dominantes de uma sociedade, ao mesmo tempo em que pode contestá-los ou subvertê-los. No contexto dos “livros para a infância”, essas publicações são moldadas por expectativas adultas sobre o que as crianças devem aprender e internalizar. Isso significa que os conteúdos podem muitas vezes projetar visões de mundo de adultos sobre as crianças, ditando valores como papéis de gênero, hierarquias sociais, e normas de comportamento.

Nessa tese, que tem um espaço fronteiriço que serve como pano de fundo para a análise das discursividades entre o texto e as ilustrações presentes nos livros para a infância bolivianos indicados pela Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil enquanto objeto da pesquisa, que durante a trajetória da pesquisa, foi necessário atravessar a ponte que separa e une esses dois países para ter acesso ao meu objeto de estudo. Essa travessia física simboliza também uma travessia cultural, na qual foi possível explorar as experiências de vida dessas mulheres e compreender como a fronteira molda suas identidades e vivências, revelando como ela são apresentadas nessas narrativas discursivas.

A partir da delimitação do objeto, procurou-se estabelecer o estado do conhecimento³ por meio da realização de busca de informações nas bases de dados: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)⁴, o *Scientific Electronic Library On-line (SciELO)*⁵ Brasil e Bolívia, o Repositórios Latinoamericanos (Red)⁶ e no Instituto de Investigaciones Sociológicas (IDIS)⁷ para verificar os autores utilizados

³ Estado do Conhecimento é identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. (Morosini; Kohls-Santos; Bittencourt, 2021, p. 23).

⁴ A Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações é uma plataforma online que integra os sistemas de informação existentes nas instituições de ensino superior e pesquisa do Brasil. É coordenada pelo Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (Ibict), vinculado ao Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação do governo brasileiro (Brasil, 2023).

⁵ O nome *SciELO* é uma sigla de *Scientific Electronic Library Online*. Trata-se de um portal eletrônico cooperativo de periódicos científicos. Ou seja: através da SciELO permite-se o acesso eletrônico aos artigos completos de revistas da Argentina, do Brasil, do Chile, da Colômbia, de Cuba, da Costa Rica, da Venezuela, da Bolívia, do Peru e do Uruguai. Por esse motivo, considera-se como a principal biblioteca digital da América Latina.

⁶ O portal da Red de Repositorios Latinoamericanos foi criado em 2006 pela Universidade do Chile por meio de sua Diretoria de Serviços de Informação e Biblioteconomia (SISIB), ele fornece uma ferramenta de fácil acesso a publicações eletrônicas de Teses, Dissertações e Artigos dos países da América Latina.

⁷ O IDIS Instituto de Investigaciones Sociológicas é um Repositório de acesso aberto a publicações científicas e pesquisas da Universidad Mayor de San Andrés na Bolívia.

nas pesquisas já realizadas e as contribuições alcançadas pelas teses e dissertações defendidas, e pelos artigos publicados. Essa busca foi importante para fornecer um panorama abrangente, haja vista a internacionalização da pesquisa em contexto sul-americano, reconhecendo as especificidades e contribuições desses estudos. No entanto, durante a investigação, foi constatada a escassez de pesquisas científicas que abordassem diretamente o tema, principalmente levando-se em consideração a realidade fronteiriça, confirmando a relevância desta pesquisa, que vai ao encontro das temáticas atuais no campo da Sociologia da Educação.

E, para preencher essa lacuna e obter uma visão mais ampla, foi necessário recorrer a uma variedade de repositórios e bases de dados. O primeiro passo para a realização da busca foi a delimitação de descritores, o qual foram divididos em dois eixos principais de modo que, as palavras de cada eixo foram combinadas entre si para possibilitar resultados mais abrangentes. Os descritores que utilizamos para a busca foram: “análise foucaultiana da literatura infantil”, “estereótipos de gênero na literatura para a infância boliviana”, “representação da mulher na literatura para a infância boliviana”, “papel da mulher na sociedade boliviana”, “construção de identidades femininas na Bolívia”, “discursos de gênero na literatura boliviana”, “decolonialidade na literatura para a infância boliviana”, a escolha dos referidos descritores se deve ao fato de que eles fazem parte do conjunto de elementos investigados, considerando sua interligação com o tema central, que são as feminilidades nos livros para a infância bolivianos.

Devido à escassez de publicações específicas sobre o protagonismo feminino nas obras literárias infantis bolivianas, não foram estabelecidos critérios específicos de busca relacionados à temporalidade dos materiais. A decisão de não delimitar um período específico tem o objetivo de abranger o máximo possível de fontes, considerando o número limitado de estudos disponíveis que abordam diretamente essa temática. Após uma análise inicial, durante a qual excluímos trabalhos que apresentavam ambiguidades semânticas nos termos de busca e uma relação limitada com o tema proposto selecionamos 01 tese, 09 dissertações 01, trabalho de conclusão de curso e 03 artigos científicos, uma vez que apresentaram maior pertinência em relação ao tema.

1.3 O percurso da pesquisa realizada em base de dados na perspectiva foucaultiana

Para melhor estruturar os dados levantados na revisão do estado do conhecimento,

as fontes mais relevantes para os objetivos desta pesquisa foram agrupadas conforme suas temáticas principais. Especialmente, aquelas que exploram conceitos foucaultianos, estereótipos de gênero e as representações e construções de identidade da mulher boliviana na literatura para a infância foram selecionadas. Na análise desses trabalhos, definimos como objetivos principais examinar as bases teórico-metodológicas das pesquisas e também construir um resumo que destaque seus objetivos e os resultados obtidos. Para uma organização sistemática, decidimos apresentar inicialmente as teses, seguidas pelas dissertações e, por último, os artigos científicos, arranjando cada seção em sequência cronológica.

A partir da análise dos títulos e resumos, uma síntese dos trabalhos escolhidos foi elaborada, para facilitar a visualização dos resultados, as pesquisas foram organizadas nos quadros a seguir:

1.3.1 Obras consultadas sobre conceitos de Foucault

Por meio do Quadro 1, são apresentadas as pesquisas que discutem, mais detalhadamente, questões relacionadas aos conceitos de Foucault, gênero e o feminismo na literatura para a infância.

Quadro 1 – Produções acadêmicas sobre conceitos de Foucault e o gênero na perspectiva da literatura para a infância.

Base de Dados	Ano	Tipo	Título	País de publicação
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2022	Tese	Mulheres que voam: permanências e rupturas na representação da bruxa na literatura infantil brasileira Autora: Duarte, Edilane de Abreu	Brasil
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2005	Dissertação	Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil Autora: Argüello, Zandra Elisa Argüello	Brasil
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2015	Dissertação	As feminilidades nos livros para a infância do acervo das obras complementares do programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa Autora: Francisca Alves da Silva Stefanelli.	Brasil
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2015	Dissertação	Com a delicadeza necessária: o discurso de gênero e sexualidade em livros de literatura infantil	Brasil

			Autor: Amaury Veras Neto	
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2018	Dissertação	Literatura infantil: o procedimento arqueogenealógico nas miragens femininas e feministas Autora: Santos, Aline Rodrigues	Brasil
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2020	Dissertação	Princesas, guerreiras e revolucionárias: Repensando padrões de gênero e discutindo identidades por meio da literatura infantojuvenil Autora: Carvalho, Aline Cesar	Brasil
SciELO Brasil	2009	Artigo científico	Amor romântico na literatura infantil: uma questão de gênero Autora: Susyan Maria Ferreira	Brasil

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A primeira tese a ser aqui elencada é de autoria da Edilane Abreu Duarte (2022) e denomina-se “Mulheres que Voam: Permanências e Rupturas na Representação da Bruxa na Literatura Infantil Brasileira” de Edilane Abreu Duarte (2022) que abordou a evolução da representação da figura da bruxa na literatura infantil brasileira. O estudo investigou como essas representações simbólicas refletem e influenciam as narrativas sobre a mulher na sociedade, com especial atenção às mudanças nas percepções de gênero, utilizando uma abordagem pós-estruturalista embasada em teorias dos Estudos Culturais e Feministas, analisando a intersecção entre gênero e representação nas narrativas infantis, tanto em contos tradicionais quanto contemporâneos. A tese foi estruturada em três seções principais, onde a primeira delas examinou as origens históricas e sociais da imagem da bruxa desde a Idade Média e como esta figura é representada na literatura infantil, recorrendo a teóricos como Michel Foucault e Silvia Federici. A segunda seção focou na análise das representações da bruxa em obras selecionadas da literatura infantil brasileira, destacando como 'bruxas boas' são apresentadas e quais implicações essas representações possuem para as construções de gênero dentro dessa narrativa. Finalmente, a terceira seção avalia se as representações mais recentes na literatura infantil refletem uma mudança genuína na perspectiva sobre a bruxa, usando análises baseadas nas teorias de Guacira Lopes Louro e Silvia Federici.

Os teóricos citados ao longo da tese proporcionaram uma base robusta para a análise, combinando perspectivas dos Estudos Culturais e Feministas para questionar e desvendar as complexidades envolvidas na representação de gênero através da figura da bruxa. A tese de Duarte (2022) revelou como, ao longo dos tempos, os livros para a

infância no Brasil refletiram e, em alguns casos, questionaram os discursos dominantes sobre gênero e poder, com as 'bruxas boas' emergindo como figuras complexas que desafiam as normas de gênero e a representação feminina na cultura popular.

A primeira dissertação aqui assinalada é intitulada “Dialogando com Crianças sobre Gênero através da Literatura Infantil”, de autoria de Zandra Elisa Argüello. Apresentou como objetivo “compreender quais os significados de gênero que crianças de 4 a 6 anos de uma escola particular de educação infantil atribuíram a 11 histórias infantis não sexistas, que nos seus textos problematizavam questões de gênero” (ARGÜELLO, 2005, p. 6). Para atingir esse objetivo, a pesquisa se baseou nos Estudos Culturais e nos Estudos Feministas. No campo dos Estudos de Gênero, Argüello se apoiou nos trabalhos de Judith Butler, Guacira Lopes Louro, Jane Felipe, Michel Foucault e Dagmar Meyer. Em relação aos Estudos Culturais, utilizou principalmente os teóricos Stuart Hall e Tomaz Tadeu Silva. Para abordar a literatura infantil, a autora se baseou em Regina Zilbermann. Metodologicamente, a pesquisa foi estruturada a partir de pressupostos etnográficos. Argüello ressalta a importância de trabalhos como este para educadores e educadoras infantis, e esclarece que os resultados indicam que a literatura pode ser uma forte aliada para trabalhar questões de gênero com crianças no ambiente escolar. A autora também verificou o papel significativo das brincadeiras no desenvolvimento infantil, permeado pela construção de masculinidades e feminilidades que desafiam as normas de gênero e a representação feminina.

A segunda dissertação intitulada, *As Feminilidades nos Livros para a Infância do Acervo das Obras Complementares do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa*, de Francisca Alves da Silva Stefanelli, analisou a construção e representação das feminilidades em livros infantis que integraram o acervo complementar do Programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Programa este que distribui materiais pedagógicos diversificados para professores e professoras, alunos e alunas de escolas públicas brasileiras, com o objetivo de apoiar o processo de alfabetização.

A pesquisa foi embasada em referenciais teóricos dos Estudos Culturais, Estudos de Gênero, Estudos Feministas e na abordagem foucaultiana, utilizando conceitos como gênero, feminilidades, pedagogias culturais, identidade e heteronormatividade. Stefanelli (2015) analisou um total de 180 livros infantis do acervo do PNAIC, buscando identificar como as feminilidades são construídas e representadas nesses materiais. A análise abrange tanto os textos verbais quanto os elementos imagéticos das obras.

Stefanelli (2015) concluiu que, as feminilidades representadas nesses livros podiam ser divididas em duas principais categorias: uma que se conforma aos ideais sociais convencionais e outra que oferece a abertura para novas construções de feminilidades. A pesquisa ressaltou que a literatura infantil é uma ferramenta cultural poderosa, capaz de moldar normas sociais e expectativas de gênero, destacando a importância de uma abordagem crítica no uso desses materiais nas escolas.

A dissertação ofereceu uma contribuição importante para as discussões sobre representações de gênero em materiais educativos, incentivando os/as educadores/as a repensarem as mensagens de gênero presentes nos livros utilizados em sala de aula. Além disso, aponta para a necessidade de representações mais inclusivas, que permitam às crianças explorar uma variedade maior de identidades de gênero.

A terceira dissertação analisada é intitulada “Com a delicadeza necessária: o discurso de gênero e sexualidade em livros de literatura infantil”, de autoria de Amaury Veras Neto (2015). Realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Núcleo de Formação de Professores /as e Prática Pedagógica, a dissertação teve como foco o discurso de gênero e sexualidade na literatura infantil. Seu objetivo foi de analisar o discurso de gênero e sexualidade nos livros para a infância sugeridos pela coleção “Explorando o Ensino” no contexto das mudanças curriculares dos anos 1990 com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), problematizar as representações de gênero e sexualidade nesses discursos, com foco nas posições de sujeito.

A análise teórica e metodológica é orientada pelos estudos de Michel Foucault sobre poder, discurso, sexualidade e governo dos corpos. Além disso, a análise se apoiou nos conceitos de Judith Butler e Guacira Louro nos Estudos Feministas, bem como na conceitualização de Stuart Hall e Tomaz Tadeu da Silva sobre a relação entre pedagogia escolar e cultural. Estudos sobre literatura infantil também são incorporados, analisando os livros como artefatos culturais que produzem identidades e subjetividades multidimensionais. O corpus do estudo foi composto por seis livros de literatura infantil da Coleção “Explorando o Ensino: Literatura”, organizada para apoiar a formação de professores/as no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e no Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE). A análise revelou que o discurso de gênero e sexualidade nesses livros transmite valores sobre família, maternidade e posições de sujeito masculino e feminino. Há uma representação evidente da mulher no contexto de uma sociedade patriarcal, ligada à delicadeza, maternidade e cuidados com a família. A posição de sujeito

masculino está associada ao provedor da subsistência e segurança da família. A análise destacou ainda a força da família nuclear, uma tradição da modernidade.

A terceira dissertação analisada é intitulada “Literatura infantil: o procedimento arqueogenealógico nas miragens femininas e feministas”, de Aline Rodrigues dos Santos (2018). A pesquisa foi fundamentada no tripé metodológico de procedimento arqueogenealógico na Análise do Discurso (a partir de Michel Foucault), nos estudos feministas pós-modernos e nos estudos da literatura infantil, investiga como o discurso literário infantil, ao construir miragens femininas e feministas, produz processos de subjetivação. O *corpus* do estudo incluiu as obras “O Cabelo de Lelê”, de Valéria Belém (2007), “Procurando Firme” de Ruth Rocha (1984) e “Eugênia e os Robôs”, de Janaina Tokitaka (2014). A dissertação foi estruturada em capítulos que seguem uma linha metodológica clara: no primeiro capítulo, a autora explora a natureza da literatura, baseando-se nos conceitos foucaultianos de transgressão/limite e simulacro, e nos conceitos de Deleuze e Guattari sobre linha de fuga e máquina de guerra. Para compreender a literatura infantil, Santos também se baseou nos estudos de Coito, Zilberman e Cademartori. No segundo capítulo, a autora procedeu arqueogenealógicamente, descrevendo a formação discursiva e as condições históricas de seu surgimento. Este capítulo foi embasado por teorias feministas articuladas nos trabalhos de Scott, Rago, Lauretis, Carneiro, Gilliam e Flax. O terceiro capítulo explorou os conceitos de sujeito e subjetivação, discutindo suas relações com o governo de si e dos outros.

Santos (2018) também empregou conceitos da arqueogenealogia foucaultiana para analisar as redes de saberes e poderes que moldam as personagens. O último capítulo discutiu os processos de subjetividade e sua relação com ética e arte, articulando-os com o conceito de autointerpretação para compreender as miragens femininas e feministas a partir das técnicas de si. A autora retomou discussões anteriores sobre o discurso literário infantil, ancorando-se nos estudos de Gama-Khalil. A análise revelou que a literatura infantil integra uma questão política de reorganização dos corpos através das relações de gênero ao representar as personagens como governadas e se autogovernando. Identificase a resistência desses corpos contra as relações de poder, resolvendo conflitos a partir do cuidado de si.

O estudo também refletiu sobre a subversão da verdade, do sujeito e do gênero, e o impacto dessas mudanças na linguagem literária. A dissertação denunciou a consciência

e a essência ilusórias, especialmente no que diz respeito ao feminino, ao infantil e à sua literatura como algo "menor."

A última dissertação analisada nessa perspectiva, sobre os conceitos de Michel Foucault e gênero na literatura infantil, é intitulada “Princesas, guerreiras e revolucionárias: repensando padrões de gênero e discutindo identidades por meio da literatura infantojuvenil”, de Aline Cesar Carvalho (2020). Partiu de uma leitura crítica de obras infantojuvenis contemporâneas publicadas no Brasil, a dissertação discutiu a reprodução dos padrões de gênero na infância e suas implicações na manutenção de estruturas opressoras que delimitam o papel social do feminino, assim traçando uma genealogia do conceito de infância para entender como a construção social das feminilidades ideais orientou a fundação da literatura infantojuvenil como ferramenta didático-moralizante. Nesse contexto, a dissertação também revisitou a história das mulheres para compreender como as opressões de gênero, raça e classe as impulsionaram a se unirem e criarem um movimento organizado pela libertação feminina. As demandas e questionamentos desse movimento fundamentaram reflexões sobre o impacto das representações literárias na formação de gerações de mulheres que cresceram lendo essas histórias.

Com base na teoria feminista e usando o gênero como ferramenta de análise literária, a pesquisa examina como a literatura infantojuvenil brasileira contemporânea propõe espaços de protagonismo feminino que rompem com os estereótipos tradicionais do gênero. Seis obras infantojuvenis de autoras femininas foram escolhidas para compor o corpus da pesquisa: *A Pior Princesa do Mundo* (Anna Kemp), *Por que só as Princesas se dão Bem?* (Thalita Rebouças), os dois volumes de *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes* (Elena Favilli e Francesca Cavallo), *Meu Crespo é de Rainha* (bell hooks), e *Rainhas* (Ladjane Alves Souza). Ao analisar essas obras como representativas de um segmento literário contemporâneo, a dissertação reforça a importância da literatura infantojuvenil na construção do imaginário, destacando a necessidade de uma educação feminista e antirracista para a formação de uma consciência crítica desde a infância.

Por fim, foi encontrado na base de dados da *Scielo* e é uma produção que merece destaque, o artigo científico “Amor romântico na literatura infantil: uma questão de gênero”, escrito por Susyan Maria Ferreira (2009), que discutiu como a literatura infantil aborda os temas do amor e do casamento, considerando que esses conceitos estão sendo desafiados em nossa sociedade devido ao surgimento de novas configurações familiares e outras formas de vivenciar o amor. A pesquisa se concentra em questões como: Como

o amor romântico e sua materialização, por meio das relações estabelecidas, têm sido representados nos livros de literatura infantil? De que forma as relações de gênero são retratadas nessas obras? E como o casamento é visto em conexão com as relações amorosas? Os resultados indicaram que a maioria das obras literárias infantis ainda associa o amor à ideia de casamento, atribuindo à mulher a responsabilidade pela criação dos filhos. Além disso, algumas histórias mostraram o amor romântico como algo ligado à dor e à dificuldade de conquista. Há também características recorrentes, como o amor à primeira vista e a transformação do outro por meio do poder desse sentimento. O artigo forneceu importantes reflexões sobre como o amor romântico é veiculado na literatura infantil, mostrando que ainda há muito a ser feito para representar de forma mais inclusiva e realista as relações de gênero e as diferentes configurações amorosas nos livros para a infância.

As produções analisadas neste tópico compartilham abordagens entrelaçadas sobre os temas de gênero e sexualidade na literatura infantil, baseando-se fortemente nas teorias de Michel Foucault, Judith Butler e outros pensadores feministas. As pesquisas de Aline Rodrigues dos Santos (2018), Amaury Veras Neto (2015) e Aline Cesar Carvalho (2020) focam no conceito foucaultiano de poder, discurso e subjetivação, aplicado à representação de gênero. O artigo de Susyan Maria Ferreira (2009), embora mais centrado no amor romântico e nas relações conjugais, também se alinha com esses estudos ao evidenciar como a literatura infantil perpetua normas culturais e padrões tradicionais de gênero. Todas as pesquisas recorrem à teoria feminista para examinar como os discursos presentes na literatura infantil moldam percepções e produzem processos de subjetivação em relação ao feminino e ao masculino.

No nível da análise dos discursos, as pesquisas investigam livros para a infância que retratam personagens femininas, destacando padrões e representações recorrentes. Veras Neto (2015) examina os processos de subjetivação através da literatura infantil selecionada, identificando como os discursos narrativos reforçam papéis patriarcais ao associar o feminino à maternidade e ao cuidado da família. Carvalho (2020), ao abordar obras como *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*, revela uma tendência contemporânea de livros que rompem com estereótipos e apresentam protagonistas femininas que desafiam as convenções. Santos (2018) complementa esses pontos ao utilizar uma perspectiva arqueogenalógica para traçar as mudanças históricas e os impactos dos discursos literários na formação das personagens. Ferreira (2009) concentra-se no conceito de amor romântico, mostrando como ele é retratado nos livros

para a infância e como suas características permanecem atreladas a normas tradicionais de gênero.

Juntas, essas análises sugerem que, apesar das variações de foco e corpus, as pesquisas convergem ao mostrar a influência dos discursos nas narrativas infantojuvenis na perpetuação de ideais tradicionais de gênero. No entanto, também indicam uma tendência contemporânea que visa desafiar esses padrões ao trazer personagens que questionam os papéis tradicionais e oferecem novas visões sobre identidades femininas. O uso de teorias críticas permite que os autores problematizem esses discursos, sugerindo que a literatura para a infância pode ser um espaço tanto para reforçar quanto para subverter normas culturais.

1.3.2 Obras consultadas sobre representação da mulher na literatura para a infância boliviana, papel da mulher e construção de identidades femininas na Bolívia

O Quadro 2 apresenta obras que abordam a representação da mulher na literatura para a infância boliviana, explorando o papel da mulher na sociedade boliviana e a construção de identidades femininas na Bolívia. Para capturar a amplitude das representações femininas, os descritores foram pesquisados tanto em português quanto em espanhol, devido à presença de repositórios internacionais. Os descritores utilizados incluem “Mujeres bolivianas”, “Movimiento feminista” e “Despatriarcalización”, que foram associados e pesquisados juntos para obter uma visão mais completa da literatura disponível.

Quadro 2 - Obras sobre representação da mulher na literatura para a infância boliviana, papel da mulher e construção de identidades femininas na Bolívia.

Base de Dados	Ano	Tipo	Título	País de publicação
Instituto de Investigaciones Sociológicas- IDIS	2007	Dissertação	<i>Género y discursos de Integración y Segregación en la formación social boliviana</i> ⁸ Autor: Ari Chachaki, Waskar	Bolívia
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2021	Dissertação	<i>Perspectivas Descolonizadoras e Despatriarcalizadoras à Plurinacionalidade e ao "Vivir Bien" na Bolívia: uma Análise Feminista</i>	Brasil

⁸ “Gênero e discursos de integração e segregação na formação social boliviana” (tradução nossa).

			<i>Contra-Hegemônica</i> ⁹ Autora: Malheiros, Mariana Rocha	
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2022	Dissertação	Domitilia Barrios de Chungara: um olhar decolonial para o testemunho feminino latino-americano Autora: Silva, Yasmin Justo da	Brasil
Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações-BDTD	2023	Dissertação	<i>¿É Possível viver bem com a herança ideológica da Bartolina Sisa, guerreira, comandante e mártir Aymara do século XVIII?</i> ¹⁰ Autor: Yanguas Marco Antonio Candia	Brasil
Repositórios Latinoamericanos-Red	2015	Trabalho de Conclusão de Curso	<i>Queremos todos el paraíso": la experiencia de despatriarcalización de mujeres creando en Bolivia</i> ¹¹ . Autor: Molina, Valentina Paz Bascur	Brasil
SciELO Bolívia	2010	Artigo científico	<i>Descolonizando el género a través de la profundización de la condición sullka y mayt'ata</i> ¹² . Autoras: Choque Quispe, María Eugenia e Mendizabal Rodriguez, Mónica	Bolívia
Repositórios Latinoamericanos-Red	2010	Artigo científico	<i>Género, mestizaje y estereotipos culturales: el caso de las cholas bolivianas</i> ¹³ Autor: Rodríguez García, Huascar	Colômbia

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

A primeira dissertação analisada é do autor boliviano Ari Chachaki Waskar, intitulada “*Género y discursos de integración y segregación en la formación social boliviana*”, defendida em 2007. O autor explora as políticas de segregação moldadas pelas ideias da modernidade e implementadas nas práticas coloniais de “*Las dos Repúblicas*¹⁴” (uma europeia e outra indígena). Ele mostra como essas políticas se desenvolveram após a perda do acesso ao mar pela Bolívia, quando a ideia de modernidade se tornou fortemente associada ao exterior e ao internacional. Assim, a modernidade passou a contrastar rigidamente com as culturas nativas. A dissertação investigou os discursos que sustentam essas políticas de segregação, destacando como a construção de gênero foi fundamental para reforçar essa divisão entre o “europeu” e o “indígena”. O autor examinou como os discursos de gênero desempenharam um papel na construção da

⁹ “Perspectivas descolonizadoras e despatriarcalizantes para a plurinacionalidade e o 'viver bem' na Bolívia: uma análise feminista contra-hegemônica” (tradução nossa).

¹⁰ “É possível conviver bem com o Patrimônio Ideológico de Bartolina Sisa, Guerreiro, Comandante e Mártir Aymara do Século XVIII?” (tradução nossa).

¹¹ “Todos Queremos o Paraíso: A Experiência de Despatriarcalização de Mulheres Criando na Bolívia” (tradução nossa).

¹² “Descolonizando o gênero através do aprofundamento da condição Sullka e Mayt'ata” (tradução nossa).

¹³ “Gênero, miscigenação e estereótipos culturais: o caso dos Cholas bolivianos” (tradução nossa).

¹⁴ “As duas repúblicas” (tradução nossa).

identidade nacional boliviana e na exclusão das mulheres indígenas de espaços políticos e sociais. Ele argumentou que esses discursos ajudaram a perpetuar estereótipos de gênero e a marginalizar os grupos indígenas, integrando-se profundamente às estruturas sociais da Bolívia, elaborando uma abordagem crítica sobre como os discursos coloniais continuam influenciando as relações de gênero e a formação social na Bolívia, mostrando a importância de compreender a história colonial na busca por uma sociedade mais inclusiva. Esta dissertação forneceu uma perspectiva valiosa sobre como os estereótipos de gênero e os preconceitos étnicos foram institucionalizados na sociedade boliviana, moldando as experiências das mulheres indígenas.

A segunda dissertação analisada, intitula-se “*Perspectivas descolonizadoras e despatriarcalizadoras à plurinacionalidade e ao 'vivir bien' na Bolívia: uma análise feminista contra-hegemônica*”, de Mariana Rocha Malheiros (2021), é uma pesquisa brasileira realizada no contexto de fronteira de Foz do Iguaçu, na Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Ela explora como a Constituição boliviana de 2009 estabeleceu o Estado Plurinacional e o “*Vivir Bien*” como princípios fundamentais. A pesquisa se concentrou em analisar a recepção do Estado boliviano às reivindicações das mulheres em relação à Plurinacionalidade e ao “*Vivir Bien*”, com foco especial nas perspectivas feministas contra-hegemônicas dos movimentos “*Mujeres Creando*¹⁵” e Feminismo Comunitário de “*Abya Yala*¹⁶”.

O conceito de Abya Yala reflete uma reivindicação histórica e epistemológica dos povos originários da América Latina, sendo utilizado para substituir o nome colonial “América” por um termo que remonta às cosmologias indígenas. Ao reivindicar “Abya Yala”, busca-se não apenas resgatar a memória ancestral do território, mas também denunciar as imposições coloniais e afirmar a centralidade dos saberes e práticas dos povos originários na construção das sociedades latino-americanas.

A autora utilizou uma abordagem qualitativa baseada no método indutivo e na interculturalidade crítica, incluindo análise documental de legislações, planos de governo e dados de pesquisa, além de uma análise crítica de textos e manifestos dos movimentos. A dissertação foi dividida em três partes para cumprir seus objetivos: caracterizar os movimentos “*Mujeres Creando*” e o Feminismo Comunitário de “*Abya Yala*” como

¹⁵ “Mulheres Criando” (tradução nossa).

¹⁶ O termo é usado por muitos povos originários para se referir ao continente americano antes da chegada dos colonizadores europeus, em oposição à denominação “América”, que homenageia o explorador europeu Américo Vesúcio.

feminismos contra-hegemônicos; estabelecer relações entre esses movimentos e o processo histórico que levou ao Estado Plurinacional, destacando as construções sobre descolonização e despatriarcalização; e, finalmente, elaborar as perspectivas sobre o “*Vivir Bien*” no Feminismo Comunitário, apontando os desafios para sua implementação e as visões das militantes sobre questões de racismo, colonialismo, capitalismo e patriarcado.

A pesquisa revelou que, embora tenham ocorrido avanços importantes para as mulheres na Bolívia, elas entendem que a Plurinacionalidade e o “*Vivir Bien*” devem ser estratégias para a descolonização e despatriarcalização do Estado. As mulheres enfatizam a necessidade de igualdade na diferença e de uma reinvenção contínua de suas histórias. A dissertação destaca como os movimentos “*Mujeres Creando*” e o Feminismo Comunitário de “*Abya Yala*” desempenham papéis fundamentais na articulação de estratégias de resistência e na luta contra as estruturas de poder que impactam a vida das mulheres indígenas na Bolívia.

A terceira produção analisada é a dissertação “Domitila Barrios de Chungara: um olhar decolonial para o testemunho feminino latino-americano” de Yasmin Justo da Silva (2022), que analisou a trajetória de Domitila Barrios de Chungara (1937-2012), líder boliviana que se destacou pelo uso do gênero testemunho para conscientizar e representar àqueles que viviam em situações precárias na América Latina. Parte da sua intensa trajetória política e de vida foi registrada no livro “*Si me permiten hablar... Testimonio de Domitila, una mujer de las minas de Bolivia*¹⁷” (1977). A dissertação explorou como Domitila utilizou essa vertente latino-americana do testemunho, também chamada de *testimonio*, para ser ouvida pelas autoridades e mobilizar pessoas que viviam em condições semelhantes.

Para entender melhor o gênero testemunho, a autora recorreu aos estudos de Elzbieta Sklodowska, Luisa Campuzano e Livia Reis. A dissertação se afasta do olhar exótico dos estudos culturais norte-americanos ao analisar a coautoria entre mediadora e testemunha na construção do livro, aplicando um viés decolonial por meio dos trabalhos de Aníbal Quijano (2005), Walter D. Mignolo (2011), Catherine Walsh (2013) e Maria Lugones (2009). Além disso, a análise dos paratextos do livro é fundamentada pela obra de Gérard Genette.

A dissertação também abordou o documentário argentino *Mujeres de la Mina*

¹⁷ “Se me permite falar... Testemunho de Domitila, uma mulher das minas da Bolívia” (tradução nossa).

(2014), a partir dos estudos de Bill Nichols, mostrando como Domitila usou vários formatos, incluindo o cinematográfico, para testemunhar sobre sua condição e a de seus vizinhos do acampamento mineiro século XX. A análise apresentou reflexões sobre a importância dos discursos de Domitila para desafiar as estruturas coloniais e patriarcais, ampliando a conscientização sobre as condições precárias das mulheres nas comunidades mineiras, como ferramenta de resistência e de construção de identidades, permitindo que as mulheres de grupos marginalizados compartilhem suas histórias e lutem por mudanças sociais.

A última dissertação analisada, intitulada “*¿É Possível Viver Bem com a Herança Ideológica da Bartolina Sisa, Guerreiro, Comandante e Mártir Aymara do Século XVIII?*” de Marco Antonio Candia Yanguas (2023), explorou o legado ideológico deixado por Bartolina Sisa Vargas (1753-1782), líder indígena aymara e símbolo de resistência contra a colonização espanhola. A pesquisa abordou como Sisa se destacou como uma mulher guerreira, comandante e comerciante que, ao lado de seu marido Tupac Katari, liderou a resistência indígena durante o primeiro cerco à cidade de La Paz em 1781. A dissertação destaca como a experiência de Sisa como mercadora, ao viajar pelas cidades de Potosí, Oruro e La Paz, a fez perceber as crueldades e injustiças sofridas por seu povo às mãos dos colonizadores. Sua compreensão da exploração violenta e injusta inspirou sua luta contra os invasores europeus, resultando em um movimento que reivindicava práticas ancestrais como paridade, complementaridade, reciprocidade, equilíbrio, harmonia e despatriarcalização. Essas práticas foram fundamentais para a descolonização e a libertação dos povos indígenas.

O estudo de Yanguas (2023) utiliza história oral, uma abordagem qualitativa e a hermenêutica para revelar a influência e conquistas de Bartolina Sisa nos movimentos sociais atuais da Bolívia. Através de um questionário com sete perguntas, os resultados fortalecem a visão ideológica SISA-KATARI¹⁸, destacando o valor e a coragem da mulher aymara. A pesquisa ressalta como as mulheres podem liderar suas vidas, suas famílias e até mesmo exércitos, como Bartolina Sisa, que comandou mais de oitenta mil soldados aimarás usando táticas e estratégias que colocaram os invasores monoteístas em fuga. O seu texto também enfatiza que a revolução SISA-KATARI inspirou muitas

¹⁸ Sisa Katari é uma figura importante na história e na cultura boliviana, especialmente associada ao movimento indígena e à resistência contra a opressão colonial. Sisa Katari, cujo nome real era Gregoria Apaza, irmã de Túpac Katari, líder indígena que liderou um dos maiores levantes contra os colonizadores espanhóis no século XVIII. Após a captura e execução de Túpac Katari, Sisa assumiu um papel de liderança, continuando a luta pela liberdade indígena. (Rivera, 2010).

outras, incluindo a Revolução Francesa. A análise mostra que a herança de Bartolina Sisa serve como um exemplo poderoso de como a identidade, a autoestima e a liderança feminina podem impactar a organização de movimentos sociais que desafiam a tirania colonial e patriarcal.

O trabalho de conclusão de curso “*Queremos Todos el Paraíso: La Experiencia de Despatriarcalización de Mujeres Creando en Bolivia*” de Valentina Paz Bascur Molina (2015), buscou recuperar as experiências de mulheres bolivianas que transformaram suas trajetórias pessoais a partir do vínculo com o movimento feminista autônomo *Mujeres Creando*. Essas experiências fizeram parte de um processo denominado pelo próprio grupo como “Despatriarcalização”, que reúne histórias de diversas mulheres que, em instâncias individuais e coletivas, desafiam as ordens patriarcais. A autora procurou entender como essas transformações vivenciadas pelas mulheres contribuem para a despatriarcalização da sociedade boliviana. A investigação foi guiada pela pergunta: “Como as práticas políticas do *Mujeres Creando* entram em conflito com a matriz do poder patriarcal?” O estudo é abordado a partir da busca de referências históricas presentes na memória popular de mulheres que trilharam um caminho de desobediência ao patriarcado, representando momentos significativos chamados de “A História das Avós”. Essas referências inspiram as lutas do grupo, que propõe uma abordagem inovadora.

Bascur Molina (2015) analisou as práticas político-artísticas do grupo *Mujeres Creando* com base em conceitos que esclarecem o processo de despatriarcalização. O segundo capítulo da pesquisa explorou conceitos de gênero e a relação entre o público e o privado, fundamentais para compreender as críticas e propostas políticas/artísticas do movimento. Também analisou a relação do *Mujeres Creando* com o Estado, a partir do feminismo autônomo. A autora concluiu que a prática política do movimento estabelece novas formas de luta contra a opressão patriarcal, utilizando criatividade, autonomia e relações horizontais. Além disso, o trabalho apresentou uma primeira aproximação empírica ao caso estudado, permitindo compreender as experiências das mulheres que integram o grupo. A autora caracteriza o processo de despatriarcalização proposto pelo movimento, com categorias que emergem das experiências no campo. A análise revelou como o movimento utiliza práticas cotidianas e experiências femininas para criticar o patriarcado. Este trabalho reforçou sobre a importância das práticas criativas e autônomas no feminismo boliviano, demonstrando como o movimento *Mujeres Creando* oferece estratégias inovadoras para resistir ao patriarcado, desafiando a opressão através de redes

horizontais que enfatizam a solidariedade e a igualdade entre as mulheres.

Para finalizar as análises neste tópico, apresentamos dois artigos científicos de grande relevância. O primeiro, encontrado na base de dados *SciELO* - Bolívia, intitulado “*Descolonizando el Género a Través de la Profundización de la Condición Sullka y Mayt'ata*” (2010), de autoria das bolivianas María Eugenia Choque Quispe e Mónica Mendizábal Rodríguez. Neste artigo, as autoras discutem como a consciência de dominação das mulheres indígenas, originárias, camponesas e afro-bolivianas foi abordada através de instrumentos que o conceito de gênero reivindicou como próprios, mas que acabaram esquecendo o reconhecimento da “condição de empréstimo” dessas mulheres. Elas propõem trabalhar essa condição como um espelho para transgredir as normas, recuperar a história, construir identidades e reforçar a autoestima dessas mulheres, reconhecendo-as como sujeitos racionais com vontade própria. O artigo conclui que a libertação passa pela descolonização do gênero, recuperando seu papel político vital e as próprias vozes e histórias das mulheres indígenas, facilitando um verdadeiro diálogo intercultural.

O segundo artigo, intitulado “*Género, Mestizaje y Estereotipos Culturales: el Caso de las Cholas Bolivianas*” (2010), do autor colombiano Huascar Rodríguez García, foi encontrado nos Repositórios Latinoamericanos - Red. Este artigo abordou as origens do mestizaje andino-espanhol, enfatizando o papel das mulheres e o surgimento da figura da chola andina. Ele investiga como, de diversas formas, foram construídos estereótipos culturais que apresentam as cholas como objetos de desejo sexual, mas também como símbolos de trabalho, belicosidade e abnegação maternal.

Esses estereótipos foram desenvolvidos em grande parte por políticos e uma elite intelectual para incutir sentimentos nacionalistas através de uma ideologia de mestizaje que procurava manter uma situação de dominação patriarcal encoberta. O artigo explora questões como a origem das cholas, como os estigmas de agressividade, abnegação maternal e qualidades sedutoras foram atribuídos a elas, e o lugar que ocupam em uma sociedade em constante transformação. Baseado em revisão bibliográfica que combina dados de pesquisas históricas e antropológicas com fragmentos de narrativas literárias, Rodríguez García (2010) constrói uma abordagem sugestiva ao universo feminino das cholas, destacando como suas representações refletem um imaginário que perpetua estereótipos e hierarquias de gênero.

As análises dos artigos e trabalhos discutidos no Quadro 2 abordam sobre a representação das mulheres bolivianas e a influência de conceitos como gênero e

despatriarcalização. Em “*Descolonizando el género a través de la profundización de la condición Sullka y Mayt’ata*”, de Quispe (2010) e Rodríguez (2010) destacam o caráter político do conceito de gênero, mostrando como ele deve ser ressignificado pelas mulheres indígenas, camponesas e afro-bolivianas para recuperar suas vozes e histórias. Rodríguez García (2010), em “*Género, mestizaje y estereotipos culturales: el caso de las cholitas bolivianas*” examina os estereótipos culturais atribuídos às cholitas como objetos de desejo sexual e símbolos de abnegação e agressividade. Ele mostra como essas características foram construídas para incutir sentimentos nacionalistas e manter uma dominação patriarcal encoberta. Em “*Queremos todos el paraíso*¹⁹”, de Bascur Molina (2015), explora-se a despatriarcalização no movimento *Mujeres Creando*, enfatizando a importância de práticas políticas e artísticas para desafiar as normas patriarcais e ressaltar a criatividade, autonomia e solidariedade entre mulheres.

Esses trabalhos estão relacionados ao adotar abordagens críticas e teóricas que destacam a importância de se entender as experiências das mulheres bolivianas através de lentes descoloniais e feministas. Quispe (2010) e Rodríguez (2010), bem como Rodríguez García (2010), enfatizam a necessidade de se questionar as estruturas de poder que moldam a percepção das mulheres bolivianas, seja nos estereótipos culturais das cholitas ou na condição de minoria que enfrentam. Bascur Molina (2015) faz eco a esses temas ao ressaltar como o movimento *Mujeres Creando* busca romper com essas estruturas através de uma prática política criativa e autônoma.

Em todos os casos, o foco nas mulheres bolivianas é central, sendo elas retratadas como figuras transformadoras que desafiam as normas sociais e culturais através de suas práticas cotidianas e engajamento político. As análises indicam que, apesar de diferentes enfoques, há uma convergência entre essas pesquisas no reconhecimento da necessidade de se desconstruir estereótipos e desafiar estruturas patriarcais para promover a descolonização e fortalecer a identidade feminina. O suporte teórico baseado em abordagens feministas, decoloniais e culturais fornece uma base sólida para examinar essas questões de forma crítica, destacando a importância de espaços de resistência, criatividade e solidariedade entre as mulheres bolivianas.

Apesar de não haver uma vasta produção acadêmica sobre as mulheres bolivianas, a literatura para a infância boliviana, a abrangência das discussões analisadas em todos os textos contribuiu significativamente para esta tese. As diferentes perspectivas

¹⁹ “Todos nós queremos o paraíso” (tradução nossa).

da tese, dissertações, artigos científicos e trabalhos de conclusão de curso forneceram uma visão mais profunda sobre a representação das mulheres bolivianas. Essas análises destacaram as mulheres como sujeitas transformadoras que, por meio de práticas criativas, políticas e cotidianas, desafiam as normas patriarcais e estruturas coloniais, lutando por autonomia e igualdade.

Embora tenhamos utilizado diferentes bases de dados para capturar uma visão ampla do tema, demos preferência as pesquisas de qualidade para facilitar as categorizações e inferências no texto. A seleção cuidadosa permitiu identificar padrões e divergências importantes entre os trabalhos, ajudando a categorizar as experiências das mulheres bolivianas de maneira mais precisa. Esse levantamento de produções foi importante para construir uma tese fundamentada, que ofereça uma análise crítica dos desafios e das estratégias de resistência das mulheres, fornecendo uma contribuição significativa ao campo acadêmico.

1.4 Estrutura da Tese

O desenvolvimento da tese está organizado em seis seções, tais como:

Inicialmente, na **primeira seção**, apresentamos uma reflexão pessoal sobre a conexão com os livros, situando a si mesmo no contexto acadêmico e pessoal da pesquisa. Em seguida, detalha a introdução formal da tese, que inclui a delimitação do tema, justificativa, formulação do problema e hipótese. A seção aborda, inclusive, o contexto da pesquisa, situado na região fronteira de Corumbá, e discute a relevância de aplicar a teoria foucaultiana na análise dos discursos nos livros para a infância.

Já na **segunda seção** é apresentado o caminho investigativo percorrido que descreve a metodologia da pesquisa. Detalha o local da pesquisa (Bolívia), a natureza qualitativa do estudo, e os instrumentos utilizados para o levantamento de dados, como análise dos discursos em livros para a infância. Também discute o recorte temporal e espacial da pesquisa, os procedimentos investigativos adotados.

Na **terceira seção** é investigado profundamente as conexões entre as teorias de Michel Foucault e os estudos de gênero. Iniciando com uma discussão sobre como Foucault entende as relações de gênero, seguido de uma exploração de seus conceitos que podem ser aplicados ao gênero. A seção também discute a relação entre discurso, identidade de gênero e a construção social do gênero através de discursos e práticas. Além disso, examina as interseções entre o pensamento de Foucault e o feminismo, detalhando

a evolução histórica do feminismo desde suas origens até sua manifestação contemporânea, encerrando com um foco particular na América Latina.

A **quarta seção** foca nas experiências das mulheres bolivianas através da história. Inicia com um olhar sobre o feminismo decolonial na América Latina e segue discutindo o papel e a representação das mulheres bolivianas durante o período colonial, nas guerras de independência, no período republicano e no atual Estado Plurinacional, a necessidade de apresentar ao/a leitor/a esse percurso das peculiaridades da mulher boliviana se faz evidente, sobretudo considerando o viés de internacionalização desta pesquisa.

Na **quinta seção** a literatura para a infância como dispositivo na formação das identidades de gênero, a tese apresenta um recorte da evolução da representação da mulher na literatura infantil, analisa como a literatura para a infância boliviana serve como um veículo para a construção social das identidades de gênero. Explora diferentes tipos de literatura para a infância e como estes influenciam a representação da infância na Bolívia, bem como o papel da escolarização da leitura literária nas salas de aula bolivianas.

Por fim, na **sexta seção**, sobre a construção das feminilidades nos livros para a infância bolivianos, analisando como as identidades nacionais das mulheres são construídas e como as representações de gênero tradicionais são apresentadas aos /as leitores/as. Além disso, discute o papel do poder e do saber na formação do/a Pequeno/a Leito/a Fonteiriço/a e como as concepções sociais de gênero e sexualidade se manifestam nos ambientes educativos.

2. O CAMINHO INVESTIGATIVO PERCORRIDO

Nesta seção, apresentamos o percurso metodológico utilizado ao longo desta tese, permitindo alcançar os objetivos propostos. Nos estudos científicos voltados à educação, o método é tão importante quanto os resultados, sendo indispensável traçar um caminho claro para chegar ao objeto de pesquisa. É necessária uma aproximação com o objeto de estudo e com as abordagens já sistematizadas para alcançar os objetivos pretendidos, escolhendo os caminhos mais produtivos. A escrita como veículo de descoberta é uma particularidade das ciências humanas e será tanto mais potente quanto se aproximar de objetos artísticos, como os artefatos culturais (livros), que têm uma riqueza verbal. Assim, procurou-se identificar, a partir de uma perspectiva pós-estruturalista, que tratar obras literárias apenas como meio de produção de conhecimento implica ignorar outras dimensões da experiência estética, como o prazer e a construção de vínculos subjetivos.

Para isso, tomando como referência a produção teórica de Foucault, foi conceituada a análise de discursos e enunciados. Além disso, foram apresentados os campos discursivos desta tese e os critérios metodológicos para cada campo discursivo. Esta pesquisa se configura como uma análise de discursos. Para entender melhor como tal metodologia é conduzida, recorreremos a Foucault (1979), que aponta conceitos para a análise dos discursos. Os enunciados foram analisados nos seguintes campos discursivos: livros para a infância recomendados pela Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil da Bolívia.

Nesta tese, a pesquisa bibliográfica foi utilizada como ferramenta metodológica para compreensão das feminilidades enquanto objeto da pesquisa. Conforme Marconi e Lakatos (2021) em “Fundamentos de Metodologia Científica”, a pesquisa bibliográfica é fundamental para fornecer um entendimento crítico sobre o estado atual do conhecimento, identificando lacunas, contradições e áreas de convergência. Ela estabelece uma base teórica sólida que orienta a análise e a interpretação dos dados, revelando padrões, conceitos-chave e abordagens críticas. Além disso, a pesquisa bibliográfica no campo da literatura cria diálogos entre diferentes correntes de pensamento e perspectivas, enriquecendo a discussão e tornando-a mais interdisciplinar, enfatizam que essa metodologia contribui para enquadrar o objeto de estudo e a identificar os meios de investigação adequados para a condução desta pesquisa.

2.1 Locus da pesquisa: Artefatos Culturais na Bolívia

O campo de pesquisa desta tese é a Bolívia, um país localizado na região central da América do Sul, conhecido por sua história marcada pela diversidade cultural e geográfica. Com uma população de cerca de 12 milhões de habitantes, segundo estimativas do Instituto Nacional de Estadística (INE), a Bolívia é composta majoritariamente por povos indígenas, com destaque para os Quéchuas e Aymaras, cuja presença remonta a civilizações pré-colombianas, como Tiwanaku e o Império Inca. A colonização espanhola transformou radicalmente a economia e a sociedade locais, centrando-se na mineração de prata e na exploração do trabalho forçado dos povos indígenas (Klein, 2003).

Atualmente, a Bolívia está dividida em nove departamentos, que são equivalentes aos estados no Brasil: La Paz, Oruro, Potosí, Cochabamba, Chuquisaca, Tarija, Santa Cruz, Beni e Pando, conforme a Figura 2.

Figura 2 – Mapa da Bolívia dividido em nove departamentos



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A capital oficial é Sucre, mas a sede do governo e principal centro financeiro estão em La Paz, que também é a capital do departamento homônimo (INE). A geografia da Bolívia é marcada por três regiões distintas: o altiplano ou região andina, os vales

subandinos e as planícies tropicais. O altiplano, que representa cerca de 16% do território nacional, é o lar de metade da população boliviana e abriga o Lago Titicaca, que foi o centro da antiga civilização Tiwanaku (García Linera, 2008). Os vales subandinos, que representam cerca de 14% do território e abrigam 30% da população, são conhecidos por seus cultivos de milho, coca, frutas tropicais, uvas e vinhos. A região inclui os vales úmidos denominados Yungas, onde o clima quente e úmido é favorável à agricultura (Geografia de Bolívia, 2017). A região das planícies tropicais ocupa quase 70% da área total da Bolívia, mas abriga apenas 20% da população. Ela é subdividida em duas zonas: ao norte, a planície de Mojos ou Del Beni, e ao sul, a planície seca do Chaco, que se estende até as fronteiras com o Brasil, Paraguai e Argentina (Klein, 2003).

A diversidade étnica e cultural da Bolívia é um elemento de sua identidade. Aproximadamente 74% da população é indígena, sendo a maioria Quéchua e Aymara, enquanto os mestiços, brancos e negros representam minorias (Albó, 1990). Essa complexa tapeçaria cultural e étnica é ao mesmo tempo um desafio e uma fonte de riqueza para o país, moldando sua sociedade e sua interação com os países vizinhos. Neste espaço territorial, a Bolívia encontra-se diretamente conectada ao Brasil por meio de uma extensa fronteira, como pode ser observado na Figura 3.

Figura 3 – Fronteira entre os países Brasil e Bolívia.



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nesta pesquisa de doutorado a ênfase é para a fronteira entre as cidades de *Puerto Quijarro*, na Bolívia, e Corumbá, no Brasil, e possui relevância para esta tese devido ao modo como a literatura boliviana atravessa a fronteira. Portanto, a escolha da Bolívia como campo investigativo para a compreensão do objeto de pesquisa que são as discursividades entre o texto e as ilustrações presentes nos artefatos culturais boliviano, reconhece a relevância da fronteira como ponto de contato, mas também explora a riqueza da literatura como uma janela para compreender as realidades culturais e sociais que transcendem as barreiras nacionais.

2.2 Natureza da pesquisa

Esta pesquisa é de natureza qualitativa e se encontra na interseção de duas sensibilidades teóricas complementares. Por um lado, baseia-se na tradição foucaultiana, que entende o discurso como estruturado pelo poder, ao mesmo tempo que reconhece a literatura, enquanto arte, como um espaço de resistência e emancipação contra esse mesmo poder. Foucault (1972) explora como as estruturas de controle moldam a percepção dos discursos e como, dentro dessas estruturas, surgem oportunidades de subversão e redefinição. Por outro lado, a pesquisa também se alinha com a tradição dos estudos feministas e como campo de análise utilizar de autores/as da teoria decolonial que a perspectiva europeia ainda não da conta.

A pesquisa qualitativa desempenha um papel importante na área das ciências humanas, especialmente nos campos da educação e dos estudos de gênero, pois possibilita a compreensão profunda dos contextos socioculturais e das experiências individuais que moldam as ações e comportamentos humanos. Aplicada aos estudos de gênero, a pesquisa qualitativa examina como as identidades e as relações de gênero são construídas e negociadas em diferentes contextos culturais e históricos. Ela explora os processos de socialização, as normas culturais e as estruturas de poder que influenciam a percepção do gênero e as desigualdades associadas. Por meio da análise de narrativas, práticas culturais e políticas, a pesquisa qualitativa pode expor as sutilezas das relações de poder, bem como destacar os mecanismos de resistência e transformação.

Nas ciências humanas, a pesquisa qualitativa procura revelar os significados subjetivos e as nuances que fundamentam os fenômenos sociais, como na análise de discursos em artefatos culturais (livros). Minayo (1994) ressalta que a pesquisa

qualitativa revela os significados atribuídos pelos indivíduos aos fenômenos sociais, fornecendo uma visão mais abrangente e profunda do comportamento humano.

2.3 Os instrumentos para o levantamento de dados

Os instrumentos utilizados para o processo de levantamento de dados, nas diferentes fases da investigação foram os seguintes:

- a) **Revisão bibliográfica:** A revisão bibliográfica não apenas identificou a literatura existente sobre o tema, mas também contribuiu a estabelecer um quadro teórico consistente. A busca nos repositórios como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *SciELO* Brasil e Bolívia, Repositório Latinoamericano (Red) e Instituto de Investigaciones Sociológicas (IDIS) forneceu um mapeamento abrangente das pesquisas já realizadas sobre literatura infantil, gênero e as questões socioculturais pertinentes à Bolívia e à América Latina. Essa etapa permitiu identificar lacunas no conhecimento e guiar a formulação dos objetivos e hipóteses e direcionar o caminho a percorrer.
- b) **Fichário bibliográfico:** A construção do fichário bibliográfico foi necessária para organizar as referências e conceitos que fundamentam a análise. Este instrumento permitiu categorizar as fontes consultadas de acordo com temas relevantes para a pesquisa, como representações de gênero, literatura infantil, cultura boliviana, e análise de discurso. Assim, facilitou a estruturação de uma visão coerente sobre a temática.
- c) **Levantamento das obras literárias infantis:** As visitas à Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil em Santa Cruz de La Sierra foram fundamentais para acessar o acervo de obras que forma a base da análise. Durante várias viagens ao departamento de Santa Cruz, o contato com bibliotecários e especialistas locais permitiu um entendimento mais profundo das características e particularidades da literatura para a infância boliviana. Essas visitas também permitiram o acesso a livros que não estão disponíveis em repositórios ou bibliotecas brasileiras. Além das bibliotecas institucionais, houve a oportunidade de consultar acervos particulares em editoras e adquirir exemplares que foram integrados ao acervo, fornecendo materiais para a análise crítica.
- d) **Definição do *corpus* da pesquisa:** As visitas às escolas brasileiras e bolivianas localizadas na fronteira Brasil-Bolívia foram importantes para identificar quais

tipos de leitura estão presentes e são consumidos pelas crianças. Esse passo foi fundamental para determinar se as obras selecionadas para análise estavam disponíveis nas instituições fronteiriças.

- e) **Elaboração das fichas de análise do discurso:** As fichas de análise do discurso foram desenvolvidas com categorias cuidadosamente pensadas para capturar os padrões de representação de gênero nos livros para a infância. Cada categoria foi concebida para refletir os elementos visuais e textuais que influenciam a percepção das crianças sobre identidade, papel social e relações de poder na figura da mulher. A análise visual complementa a análise textual, destacando como as ilustrações reforçam ou desafiam o que é apresentado no texto.

Cada instrumento escolhido atendeu a objetivos específicos da investigação. A revisão bibliográfica forneceu uma base teórica e conceitual sólida para a pesquisa, delineando o estado atual do conhecimento sobre literatura para a infância e questões de gênero. A construção do fichário bibliográfico organizou as principais referências de forma sistemática, facilitando a consulta durante o desenvolvimento da tese. As visitas in loco na Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil, em Santa Cruz de La Sierra, permitiram um acesso direto a um acervo vasto e exclusivo de obras que não estavam disponíveis em outras fontes, além de proporcionar a oportunidade de observar o sujeito da pesquisa, a mulher boliviana, em seus contextos socioculturais. Os dados que foram selecionados, no seu conjunto, permitiram compreender como as feminilidades são construídas nos livros para a infância bolivianos.

2.4 Recorte temporal e espacial

Quanto ao recorte temporal e espacial, não foi estabelecido um período fixo para a abrangência da investigação, pois as publicações das obras infantis ocorrem em diferentes contextos. Isso proporciona a possibilidade de examinar a dimensão da mulher boliviana ao longo de vários períodos históricos. A ausência de um recorte temporal rígido permite identificar como as construções de feminilidades são tratadas ao longo do tempo, marcando tendências e mudanças nas abordagens literárias. O recorte espacial

concentra-se na região fronteira entre Brasil e Bolívia, com circulação dessa literatura nas instituições escolares.

2.5 Os procedimentos da investigação

Os procedimentos de investigação foram cuidadosamente planejados para a realização do levantamento e da análise dos dados de forma sistemática, com o objetivo de compreender as discursividades presentes nos livros para a infância bolivianos. Essa abordagem forneceu uma compreensão crítica e abrangente sobre como a literatura para a infância pode promover ou subverter os estereótipos de gênero.

Para detalhar os procedimentos de investigação na tese, o processo de seleção dos livros analisados foi organizado de forma cronológica, abrangendo os anos de 2022, 2023 e 2024. Estes procedimentos foram necessários para a formação do acervo listado na pesquisa. Lembrando que esses anos citados se referem à seleção dos livros para a infância, e não à data de publicação das obras, que podem pertencer a diferentes períodos históricos. Essa escolha visou garantir a representatividade e a relevância dos livros no cenário contemporâneo boliviano, permitindo uma análise mais coerente com as questões culturais e sociais atuais que envolvem as construções de gênero na infância.

Inicialmente, em 2022, foram realizadas duas visitas ao departamento de Santa Cruz, Bolívia, mas precisamente na Academia Boliviana de Literatura Infantil y Juvenil em Santa Cruz de La Sierra - BO, que permitiu o acesso a um vasto acervo de obras literárias infantis. Muitas dessas obras não estão disponíveis em bibliotecas ou repositórios brasileiros, e a interação com bibliotecários e especialistas locais proporcionou um entendimento mais profundo das características da literatura para a infância boliviana.

No primeiro semestre de 2023, foram realizadas visitas informais as escolas situadas na fronteira entre o Brasil e a Bolívia. No Brasil, foram delimitadas escolas que possuem o maior número de alunos/as de origem boliviana e, do lado boliviano, foram visitadas cinco unidades educacionais. Essas visitas foram importantes para identificar quais tipos de leitura estavam presentes e sendo consumidos pelas crianças, garantindo que as obras selecionadas para análise refletissem as leituras reais disponíveis nas instituições educacionais deste espaço fronteiro.

No segundo semestre de 2023, a participação na Feira Internacional do Livro Infantil em Santa Cruz de La Sierra-BO, possibilitou uma busca mais aprofundada das

recentes produções editoriais e culturais na área da literatura infantil. Este evento fortaleceu o contato com editoras e autores, além de facilitar a aquisição de novos títulos para análise. Além disso, durante o período de investigação, foram realizadas visitas a acervos particulares em diversas editoras, onde foram adquiridos exemplares para o desenvolvimento de uma análise crítica e aprofundada.

Estes materiais complementaram os obtidos nas instituições públicas, formando uma base robusta para o estudo. Este conjunto de estratégias metodológicas, organizadas cronologicamente, assegurou uma seleção criteriosa e representativa de obras, permitindo que a análise refletisse de maneira abrangente os discursos de gênero presentes na literatura para a infância boliviana, e como esses discursos influenciam na formação de identidades de gênero durante a infância. Este foi o processo minucioso para chegar ao acervo listado na pesquisa.

2.5.1 Revisão bibliográfica

A revisão bibliográfica foi conduzida para estabelecer a base teórica e conceitual que fundamentou a pesquisa, identificando e sistematizando os estudos existentes sobre literatura infantil, questões de gênero e feminilidades na América Latina. Foram consultados repositórios como a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), *Scientific Electronic Library On-line (SciELO)* Brasil e Bolívia, Repositório Latinoamericano (Red) e Instituto de Investigaciones Sociológicas (IDIS). Além disso, obras teóricas sobre essas temáticas, adquiridas diretamente na Bolívia, foram incluídas na pesquisa para ampliar a compreensão dos contextos culturais locais. Essa etapa forneceu uma visão abrangente das teorias e conceitos relevantes que direcionam a análise das obras, permitindo que a investigação se beneficie do conhecimento já produzido sobre o tema e evidencie lacunas na literatura.

2.5.2 Análise do discurso e das discursividades

A análise do discurso segue os modos de investigação de Michel Foucault, que explora como os discursos moldam as estruturas de poder e as relações sociais. Pesquisar com Foucault pode ser compreendido em identificar como a linguagem, os personagens, os temas centrais e as ilustrações nos livros para a infância bolivianos refletem ou desafiam as estruturas culturais de gênero. Courtine e Maingueneau (2013, p. 30)

ressaltam que o discurso “não é o texto. É bem mais que o texto. O discurso é um fragmento da história. É as palavras do texto, atravessadas pela história, deixam de ser simplesmente unidades linguísticas”. A análise busca compreender como certas narrativas reforçam ou contestam as concepções tradicionais de feminilidades e como os livros para a infância funcionam como veículos culturais que podem promover ou subverter os papéis sociais atribuídos às mulheres.

As discursividades, no campo teórico inspirado por Foucault, são compreendidas como os sistemas de saberes e práticas que tornam possível a existência de discursos em um determinado contexto histórico. Elas englobam as regras, convenções e regularidades que delimitam o que pode ser dito, pensado ou produzido em uma sociedade, configurando os limites da enunciação e da produção de sentido. Nesse sentido, as discursividades são anteriores e mais amplas que os discursos em si, pois estruturam e condicionam os regimes de verdade que orientam os processos de significação e de subjetivação.

No contexto da pesquisa, as discursividades presentes nos livros para a infância da literatura boliviana permitem identificar como essas obras articulam saberes e práticas culturais que contribuem para a formação de subjetividades e identidades de gênero. Por meio de personagens, narrativas e representações simbólicas, esses textos não apenas refletem valores sociais, mas também reproduzem ou desafiam normas estabelecidas sobre feminilidades. Ao examinar as discursividades, é possível compreender os mecanismos pelos quais essas narrativas dialogam com práticas de poder, reforçam estereótipos ou criam espaços de ruptura, oferecendo às crianças a oportunidade de explorar e questionar as identidades de gênero de maneira crítica.

Além disso, a análise do discurso e discursividades foi enriquecida pela perspectiva dos estudos decoloniais, que examinam como as narrativas e os discursos perpetuam ou desafiam as heranças coloniais. Edward Said (1990) demonstra como o discurso ocidental construiu o Oriente como o "Outro", um processo que não apenas descreve, mas também prescreve uma relação de poder desigual. Esta análise pode ser aplicada para entender como os discursos coloniais influenciam as representações de gênero em contextos específicos, como na literatura para a infância boliviana.

É importante ressaltar que utilizamos nestes discursos os conceitos de hibridismo e ambivalência que Bhabha (1998) apresenta como os discursos pós-coloniais são locais de negociação cultural intensa, argumentando que esses espaços intersticiais permitem emergir formas de resistência e redefinição das identidades impostas. Ao aplicar essa

teoria, pode-se analisar como os livros para a infância bolivianos tanto reproduzem quanto subvertem as normas de gênero coloniais e pós-coloniais. Por meio dessa abordagem, a pesquisa desvenda os mecanismos pelos quais os discursos literários criam, mantêm ou transformam os estereótipos de gênero, fornecendo considerações valiosas sobre as representações de feminilidades.

Quanto ao número de livros analisados nesta tese, foram selecionados 10 livros para a infância, todos provenientes da coleção da Academia Boliviana de Literatura Infantil y juvenil. A escolha desses livros foi baseada na representatividade e na recorrência dos temas de gênero e feminilidades, com o objetivo de identificar e analisar as diferentes formas de representação das feminilidades nas personagens femininas. Por isso, ao pensar em escolher um livro para a infância é importante entender que a literatura não pretende explicar valores, letras do alfabeto, regras de polidez ou mensagens ambientais. De acordo com Yolanda Reyes (2020), assim como o/a leitor/a adulto/a não se limita a buscar ensinamentos explícitos ao ler um romance, a criança também procura na literatura algo além de uma lição moral. A literatura opera no campo simbólico e dialoga com as experiências mais profundas do ser humano.

Para a escolha dessas dez obras elencamos alguns critérios tais como:

- a) Presença de Personagens Femininas: Todas as obras selecionadas deviam apresentar mulheres ou meninas como personagens centrais ou significativas, possibilitando a análise das representações de feminilidades.
- b) Temática de Gênero e Feminilidades: As obras devem abordar, direta ou indiretamente, questões relacionadas à construção de gênero e às feminilidades, seja através das interações entre personagens femininas, seja nas narrativas sobre suas experiências de vida, papéis sociais ou questões de identidade.
- c) Literariedade: A qualidade literária das obras é fundamental. Devem ser livros que promovem uma experiência literária rica, com narrativas complexas, linguagem criativa e potencial para análises profundas no campo da literatura infantil.
- d) Representatividade Cultural: As obras devem refletir a diversidade cultural da Bolívia, abordando aspectos históricos, sociais ou culturais do país. Isso inclui representações de personagens que vivenciam contextos bolivianos ou que dialogam com identidades culturais locais.
- e) Recorrência dos Temas: Os livros selecionados devem mostrar uma recorrência nos temas que envolvem questões de gênero, feminilidades e poder nas suas narrativas, sendo relevantes para o corpus da pesquisa.

- f) Disponibilidade e Acesso: As obras escolhidas devem fazer parte da coleção da Academia Boliviana de Literatura Infantil y juvenil, e ter sido acessíveis nas visitas. Essa questão prática garantiu que as obras fazem parte do repertório consumido na região, o que fortaleceu a análise.
- g) Data de Publicação e Relevância Contemporânea: Pensando em ser interessante incluímos livros que tenham sido publicados em diferentes períodos, pois permitiu a análise de como as representações de gênero e feminilidades mudaram ao longo do tempo.

Vale destacar que, para a análise dos textos literários, foram utilizados os conceitos de análise do discurso conforme as abordagens propostas por Foucault, categorizando os discursos segundo os quatro princípios foucaultianos: Poder, Biopolítica, Genealogia e Arqueologia.

3. FOUCAULT, GÊNERO E O FEMINISMO

Esta seção tem como objetivo relacionar o questionamento levantado na subseção anterior com os métodos de investigação da pesquisa e as noções teóricas de Michel Foucault. Para a análise dos discursos presentes nos livros para a infância, quatro conceitos fundamentais de Foucault são utilizados: poder, genealogia, arqueologia e biopolítica. Primeiramente, a análise do discurso é central para entender como a linguagem utilizada nas obras para a infância contribui para reforçar ou questionar estereótipos de gênero. Esse conceito foucaultiano permite identificar de que maneira a literatura para a infância pode reproduzir ou desafiar os papéis tradicionais de gênero, revelando como esses discursos influenciam a construção de subjetividades.

O conceito de poder é aplicado para compreender como os livros para a infância funcionam como veículos de disseminação de normas sociais. Foucault vê o poder não como algo centralizado, mas presente em diversas práticas cotidianas, e a literatura para a infância pode ser vista como um dispositivo que molda a percepção das crianças sobre o que é considerado "normal" em termos de gênero e comportamento.

A genealogia se revela um conceito importante para investigar a evolução histórica dos discursos de gênero nos livros para a infância. Ao utilizar esse meio de investigação, é possível traçar as transformações nas representações de feminilidades ao longo do tempo, mostrando como essas mudanças refletem o contexto social e cultural de cada período.

A arqueologia, por sua vez, permite examinar os discursos em sua profundidade histórica, buscando entender as condições que possibilitaram o surgimento de certas formas de pensar e falar sobre gênero nas obras para a infância. Através da arqueologia, é possível revelar as estruturas subjacentes e invisíveis que sustentam as representações de meninas e mulheres, identificando como essas narrativas foram formadas e naturalizadas ao longo do tempo.

Por fim, a biopolítica é útil para entender como as práticas literárias e educacionais influenciam e regulam os comportamentos e identidades das crianças. Este conceito foucaultiano aborda as formas como os governos e instituições, incluindo a escola e a literatura, controlam e intervêm na vida dos indivíduos, moldando suas subjetividades desde a infância. Esses conceitos, juntos, proporcionam uma estrutura teórica sólida para analisar de forma crítica os discursos presentes nas obras para a infância e suas implicações na formação das identidades de gênero.

3.1 Michel Foucault e as relações de gênero

Michel Foucault, um dos mais influentes teóricos do século XX, não abordou diretamente as questões de gênero em seus escritos. No entanto, seus conceitos de poder, discurso e biopolítica tornaram-se fundamentais para a análise das relações de gênero. Ao aplicar suas ideias a esse campo, estudiosos como Judith Butler e Joan Scott expandiram nossa compreensão sobre como as normas sociais e as estruturas de poder moldam identidades e subjetividades. O conceito de poder foucaultiano é central para entender as relações de gênero. Para Foucault, o poder não é simplesmente uma força centralizada, mas sim “algo que circula” e que “nunca está localizado aqui ou ali, jamais nas mãos de alguns” (Foucault, 1979, p. 92). Ele permeia todas as interações sociais, moldando comportamentos e subjetividades.

Quando aplicado ao gênero, o conceito revela como o poder opera por meio de práticas cotidianas para reforçar estereótipos e normatizar identidades. As relações de poder, dessa forma, manifestam-se através de mecanismos disciplinares que moldam corpos e subjetividades de acordo com as expectativas de gênero. O conceito de discurso, segundo Foucault, é “um conjunto de práticas que formam os objetos de que falam” (Foucault, 1972, p. 49), determinando os limites do que é legitimado socialmente. No contexto das relações de gênero, os discursos sobre masculinidade e feminilidades têm sido historicamente utilizados para construir identidades e manter normas que definem os comportamentos e os papéis considerados adequados para cada gênero. Judith Butler (2003) aplica essas ideias ao propor que o gênero é performativo, sustentado por práticas repetitivas e discursos que reforçam estereótipos. A biopolítica, outro conceito fundamental, refere-se ao controle exercido sobre populações inteiras, moldando saúde, reprodução e comportamentos das pessoas.

Segundo Foucault (1976, p. 241), a biopolítica visa “fazer viver e deixar morrer”, intervindo para regular os corpos e as populações. No campo das relações de gênero, a biopolítica ajuda a compreender como as políticas públicas e normas sociais buscam regular o corpo feminino, controlando aspectos como a reprodução, saúde e sexualidade. Portanto, os conceitos foucaultianos de poder, discurso e biopolítica contribuem significativamente para a análise das relações de gênero, permitindo uma compreensão mais complexa das estruturas que moldam identidades e práticas sociais.

3.2 A arqueologia e a genealogia de gênero

A arqueologia e a genealogia, conceitos desenvolvidos por Michel Foucault, oferecem abordagens distintas, porém complementares, para analisar as construções históricas e as transformações nas concepções de gênero. Ambos desvendam como os discursos sobre gênero são formados e reformados ao longo do tempo, destacando a interação entre poder e conhecimento nas questões de gênero. A arqueologia foucaultiana foca em revelar como os sistemas de pensamento e conhecimento moldam os discursos em diferentes períodos históricos, especialmente como eles codificam noções de feminilidades e masculinidades.

Foucault argumenta que “as regras do discurso são processos institucionais que devem ser analisados à parte das leis do pensamento, porque eles governam a produção do conhecimento” (Foucault, 2014, p. 58). Este enfoque permite examinar a codificação de gênero em discursos médicos, legais e educacionais, identificando como estas noções são institucionalizadas e perpetuadas. Por outro lado, a genealogia investiga as origens e as evoluções dos discursos e práticas, concentrando-se nas relações de poder que influenciam essas mudanças. Foucault descreve a genealogia como “uma forma de história que se opõe ao meta-histórico e se foca em estratégias de poder que formam os conceitos ao longo do tempo” (Foucault, 2014, p. 142).

Este dispositivo revela como as normas e práticas de gênero são afetadas por lutas de poder e adaptações às mudanças sociais, demonstrando que as normas de gênero são tanto repressivas quanto produtivas, moldando ativamente as identidades e as experiências.

3.3 Discurso e identidade de gênero

Michel Foucault apresenta uma reflexão na perspectiva de como os discursos moldam não apenas as práticas sociais, mas também as identidades individuais. Em sua abordagem, o discurso é uma ferramenta central através da qual o poder é exercido e as realidades são construídas. E, esse discurso não é meramente um meio de expressão, mas uma forma de ação que tem efeitos concretos sobre as pessoas e a sociedade. Em “A Ordem do Discurso”, ele destaca que:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo

controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (Foucault, 2014, p. 10-11).

Isso implica que os discursos de gênero, ao serem produzidos e circulados, participam na definição e redefinição das normas e expectativas relacionadas ao gênero dentro de uma construção discursiva onde as identidades de gênero são formadas e transformadas através de repetições e práticas discursivas. Em “História da Sexualidade”, Foucault analisa como os discursos sobre sexualidade são usados para formar sujeitos e suas identidades, afirmando que: “a ‘alma’ é a prisão do corpo” (Foucault, 1979, p. 30). Similarmente, os discursos de gênero não só descrevem mas constituem o que significa ser homem ou mulher, influenciando como as pessoas se veem e são vistas pelos outros.

Além disso, Foucault sugere que as práticas discursivas estabelecem limites e possibilidades para a identidade. Ele observa que: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (Foucault, 2014, p. 118).

No contexto de gênero, isso significa que as lutas para definir ou redesenhar as normas de gênero são frequentemente lutas pelo controle do discurso. A identidade de gênero, portanto, é influenciada e moldada por essas práticas discursivas, que podem tanto reforçar quanto desafiar as normas existentes. Ao explorar a relação entre discurso e identidade de gênero, Foucault nos aproxima de um pensamento para examinar como as normas de gênero são perpetuadas e como podem ser subvertidas. A identidade de gênero não é uma essência fixa, mas um conjunto de possibilidades que são continuamente negociadas através do discurso. Essa perspectiva abre caminho para uma compreensão mais dinâmica e fluida de gênero, permitindo uma análise crítica das formas pelas quais os discursos de gênero afetam a vida das pessoas e moldam a sociedade.

3.4 Interseções entre o pensamento de Foucault e o Feminismo

Michel Foucault, em sua análise do poder e das estruturas sociais, oferece um quadro teórico para o feminismo contemporâneo, particularmente na desconstrução das normas de gênero e das práticas discursivas que perpetuam desigualdades. Foucault desafia a concepção tradicional do poder como algo que é apenas repressivo, propondo uma visão onde o poder é produtivo e está presente em todas as relações sociais (Foucault,

1979). Essa perspectiva de pensamento é interessante para abordagem ao feminismo, pois permite entender como as normas de gênero são internalizadas e naturalizadas através de práticas discursivas e institucionais, contribuindo para a perpetuação das desigualdades de gênero (Sawicki, 1991). Foucault e os teóricos feministas compartilham o interesse em como os corpos são regulados e disciplinados. Foucault descreve o corpo como um alvo das tecnologias de poder que visam configurar o comportamento e a identidade dos indivíduos (Foucault, 1987). Teóricas feministas, como Judith Butler, expandem essa ideia ao explorar como os corpos de mulheres e pessoas LGBTQIAP+²⁰ são especificamente disciplinados através de normas de gênero e sexualidade (Butler, 2003). A performatividade de gênero, conceito central em Butler, pode ser vista como uma extensão da ideia foucaultiana de que a identidade é constituída através de práticas repetitivas e discursivas, que reforçam ou desafiam as normas sociais (Butler, 2003).

Outro ponto de interseção significativo é a crítica de Foucault à noção de sujeito autônomo e racional, que é uma crítica compartilhada pelo feminismo pós-estruturalista. Foucault argumenta que o sujeito é uma construção produzida pelas relações de poder e pelas práticas discursivas, desafiando a ideia de um “eu” (Foucault, 1982). Feministas, especialmente aquelas influenciadas pelo pós-estruturalismo, utilizam essa crítica para questionar as narrativas universais sobre a experiência feminina, promovendo uma compreensão mais complexa e diversificada das identidades de gênero (Butler, 2003; Flax, 1991). O conceito de biopoder, introduzido por Foucault, também tem sido instrumental para o feminismo. O biopoder refere-se às técnicas de governança que regulam a vida das populações através de intervenções sobre os corpos individuais e coletivos (Foucault, 1979). Feministas utilizam essa noção para examinar como políticas de saúde, reprodução e sexualidade são usadas para controlar e normatizar os corpos das mulheres, bem como para resistir a essas formas de controle, propondo alternativas que promovem a autonomia e a autodeterminação (Hartmann, 1996).

Além disso, Foucault oferece uma análise detalhada das instituições e suas práticas, que é fundamental para o feminismo crítico das estruturas de poder, como a família, a escola, e o sistema jurídico. Ele mostra como essas instituições não são apenas passivas na reprodução das normas sociais, mas ativamente engajadas em constituir os

²⁰ A sigla LGBTQIAP+ utilizada neste texto segue a nomenclatura empregada pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) em seus estudos. Reconhecemos que a nomenclatura atualmente mais abrangente inclui a letra “N” (LGBTQIAPN+), representando “Não-binário”, visando uma maior inclusão e representatividade de identidades de gênero não binárias. No entanto, por respeito ao contexto em que esta sigla foi utilizada pelo Ipea, optamos por mantê-la neste contexto específico.

sujeitos de acordo com ideais normativos (Foucault, 1987). Feministas utilizam essa análise para revelar e contestar as formas sutis e explícitas de opressão que são perpetuadas por essas instituições, propondo reformas que visam a equidade de gênero (Smart, 2000).

3.5 Do berço do Feminismo à opressão colonial: as metáforas das ondas

É perceptível que grande parte da história foi feita por homens, e, por conseguinte, as mulheres foram deixadas às margens da historiografia, sendo na maioria das vezes, invisibilizadas, pois não eram valorizadas pelos seus feitos. Nessa perspectiva, a luta feminista começou a se dar com o objetivo de reivindicar igualdade de direitos civis, sociais e políticos e garantir que as mulheres, que por tanto tempo estiveram caladas, fossem ouvidas.

Dessa forma, essa situação começa a mudar a partir do momento em que se dão as lutas libertárias na década de 1960, por meio de movimentos sociais, que se destacaram pela greve de estudantes em Paris, a primavera de Praga na Tchecoslováquia, o movimento hippie contra a guerra do Vietnã nos Estados Unidos, a luta contra as ditaduras militares na América Latina, entre outros eventos que foram importantes para problematizar a importância da mulher e se questionar o porquê ela não consegue alcançar outras condições que não estejam ligadas à vida doméstica e à maternidade.

A segunda metade do século XX, entre as décadas de 1960 e 1970, foi um importante período na história, pois caracterizou-se por grandes mobilizações sociais que surtiram efeito no âmbito da política no campo ocidental. Por esse motivo, as problemáticas sociais, envolvidas no contexto hegemônico de produção nos países centrais, contribuíram para o surgimento de novos movimentos sociais que propunham outras formas de exercer o poder e, assim, se posicionar no sistema capitalista. Com isso, as manifestações começaram a se espalhar por diversos países ao redor do mundo e trouxeram uma nova configuração para as subjetividades e para as estratégias de organizações políticas e sociais. Então, justamente neste cerne que se deu o marco para o movimento feminista, protagonizado por mulheres que reivindicam pela equiparidade de seus direitos.

Neste período, a luta das mulheres já estava acontecendo. Desde o final do século XIX, a partir das revoltas do movimento operário, da greve geral de 1917, da revolução burguesa e do movimento sufragista, os princípios relacionados à liberdade e igualdade

começaram a ser priorizados com o objetivo de lutar por aquilo que lhes era de direito e poder expressar as suas ideias, os seus desejos, sem ter medo de serem julgadas ou sofrerem punição por este motivo.

Nesse sentido, as revoluções teriam deixado um grande legado, contribuindo para a reflexão acerca da reivindicação dos direitos das mulheres, que se materializou por meio de uma ação política e social com finalidades e um discurso direcionado à materialização desta luta. Sendo assim, temos as primeiras pautas dos movimentos feministas que pertencem à primeira onda do feminismo, com o intuito de reivindicar por melhores condições de trabalho tais como: salário, redução da jornada, ambiente salubre e, por fim, a conquista do direito ao voto, que além das mulheres votarem, também lhes confere a possibilidade de se posicionar e atuar, representando interesses em diversos lugares e instituições políticas.

É importante destacar que, para situar a respeito do movimento político e de suas implicações, decorrentes do feminismo do período denominado como primeira onda, temos que lembrar da presença das suffragettes na Inglaterra, uma organização criada para reivindicar o voto das mulheres, que ocasionou grandes manifestações, assim como greves para lutar pela igualdade de direitos entre homens e mulheres, principalmente na esfera da política.

Esta organização intitulada *Women's Social and Political Union*²¹ (WSPU), faziam seus encontros desde 1903 e, mais tarde, vieram a conquistar seus direitos políticos com a aprovação do *Representation of the People Act*²² em 1918, por meio do qual, estabeleceu o voto feminino no Reino Unido, a partir do momento em que todas as mulheres com mais de 30 anos tinham a possibilidade de votar.

3.5.1 Primeira Onda: sufrágio e direitos civis

O movimento sufragista é o período histórico que ficou conhecido como Primeira Onda do feminismo, ocorrendo no final do século XIX até meados do século XX. Este surgiu, inicialmente, no Reino Unido e nos Estados Unidos, caracterizado pela luta e pela reivindicação por direitos civis, políticos e direitos que estão relacionados no âmbito público, os quais os homens já tinham garantidos. Além disso, também lutavam pelo direito de participar ativamente na vida pública, exercendo a cidadania, com a

²¹ União Social e Política das Mulheres (tradução nossa).

²² Lei de Representação do Povo (tradução nossa).

possibilidade de votar e serem votadas e, principalmente, à legitimidade para administrar bens, além de fortunas.

Nesse sentido, as reivindicações que mais tiveram destaque neste período da primeira onda, foram no âmbito político, no qual as mulheres teriam direitos de participar da vida política na sociedade, administrando finanças econômicas e outras questões, não restringindo esta função única e exclusivamente ao homem, que já era considerada básica desde a Revolução Francesa. Sabe-se que, estes direitos eram negados às mulheres porque elas precisavam cumprir um ideal social, ou seja, de ser uma boa mulher dentro de casa, tomando conta dos afazeres domésticos, assim como do marido e dos filhos. Por essa razão era, muitas vezes, considerada o “anjo do lar”, a que se refere a escritora Virginia Woolf, no seu discurso intitulado Profissões para mulheres (2013), publicado em 1931.

Assim, as feministas pertencentes à primeira onda buscavam problematizar a atribuição de papéis que lhes eram impostos, diretamente relacionados às condições de submissão e de passividade das mulheres, além de ficarem restritas à vida privada, para apenas desempenhar as tarefas de casa. O ideal que deu subsídio, fornecendo base para as reivindicações deste movimento, foi o liberalismo, um conjunto de ideais morais e políticos, baseados no conceito de liberdade.

Com base nesta corrente, era defendido que homens e mulheres eram iguais tanto nos aspectos morais, quanto políticos e intelectuais, então não haveria motivos para separá-los e colocar diferentes funções para cada um. Por essa razão, eles deveriam ter a mesma oportunidade para estudar, para participar e atuar na política, além de poder se desenvolverem profissionalmente.

No Brasil, a primeira onda do feminismo sofre influência do modelo da Europa, no aspecto de as mulheres reivindicarem por direitos políticos, civis e sociais na primeira década do século XX. As suffragettes brasileiras, lideradas por um grupo de mulheres, conquistaram o direito ao voto no ano de 1932. Tendo em vista este contexto, todas elas se organizaram de forma a ampliar os seus direitos e de poder atuar diretamente nas fábricas e indústrias têxteis, assim como em outros setores de trabalho. Por essa razão, elas buscavam lutar pela equidade de direitos entre homens e mulheres e, principalmente, pela visibilidade na esfera pública, podendo deter o poder de criação e acesso à cultura.

Portanto, o movimento da primeira onda ocorreu até a metade do século XX, ou seja, no período da Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Apesar disso, nos meios de comunicação, também estavam sendo noticiados fatos sobre a Guerra e, principalmente no quesito de cumprir seu papel de servir à pátria, com o objetivo de lutar em prol de seu

país. Entretanto, esta mensagem também foi direcionada às mulheres, já que também contribuíram para salvar a vida das pessoas, trabalhando como enfermeiras para cuidar daqueles que foram feridos e, de alguma forma, atingidos, próximos aos campos de batalha. Foi assim que elas começaram a exercer suas funções e a se inserir na vida privada, distanciando-se do âmbito doméstico.

3.5.2 Segunda Onda: Feminismo Radical e a Revolução Sexual

A partir dos anos de 1950, os primórdios da segunda onda do feminismo começam a se manifestar, logo após a publicação do livro *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir, em 1949. Esta foi escritora, filósofa, intelectual e ativista política na luta pelo direito das mulheres que exerce uma reflexão sobre o papel das mulheres e o sistema de opressão que as cercava, a partir de um feminismo com uma perspectiva contemporânea. Nesse sentido, esta fase se inicia a discriminação entre sexo e gênero, no qual este passa a ser considerado como uma característica biológica, enquanto o último como uma construção social, ou seja, constituído por um conjunto de funções que eram impostos à uma pessoa, independentemente de seu sexo. Nessa perspectiva, a autora traz este fundamento num trecho bastante conhecido, ao afirmar que:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado, que qualificam de feminino. (Beauvoir, 2016, p. 9).

A citação da autora é considerada um marco da segunda onda do feminismo, pois aborda ideias relacionadas à mulher, ao gênero e ao sexo como qualificadores do ser humano. Em sua obra, ela procurou trazer um panorama mais amplo e ir além dos tabus rígidos do meio social e, por este motivo, ela se tornou alvo de muitas críticas. Após o lançamento da obra, foi recebido com muitas afrontas e colocações temperamentais, principalmente porque a ideia de a mulher ser inferior ao homem, sendo mais vulnerável do que este, foi discutida.

Assim, a autora demonstrou que as mulheres foram colocadas nessas condições, por meio de concepções socialmente construídas e não necessariamente pela natureza destas ser ou não frágil. Este livro gerou grandes impactos na época, que foram vendidos mais de 22 mil exemplares, após uma semana quando foram colocados à venda. Nisto,

não há dúvidas que a obra foi um grande marco para o movimento e, por conseguinte, contribuiu para a libertação das mulheres das décadas posteriores.

Dessa maneira, durante o movimento da segunda onda, as feministas buscaram pela compreensão da origem acerca da condição feminina, pois elas queriam entender mais sobre as razões pelas quais elas sofriam com opressão e com o silenciamento de suas vozes. Além dessas questões, também era considerado importante que todas as mulheres estivessem sob a mesma condição, ou seja, os aspectos elas têm em comum que possam justificar a situação na qual se encontram. Nisso, temos a seguinte resposta: o sexo seria a justificativa para engravidar e gerar uma vida (Silva, 2019).

Então, foi a partir dessa constatação que era considerada um fator comum a todas as mulheres que também faziam parte do movimento feminista para lutar pelos seus direitos e ganhar maior notoriedade, provocando alterações no meio social. Sendo assim, a grande tática das feministas na época era conscientizar as demais por meio de atividades e movimentos coletivos, de maneira a possibilitar e ampliar o feminino, além de estarem juntas nessa empreitada.

Neste contexto, originou-se o feminino radical, que faz referência à raiz do movimento, ou seja, da opressão sofrida pelas mulheres com o machismo. Esta raiz seria considerada biológica, no sentido de haver uma fêmea com a capacidade de reprodução. Sob esta ótica, a mulher é colocada na condição da exploração e do sexo, ambos relacionados, aos órgãos reprodutivos. O patriarcado é o sistema que reitera os valores responsáveis pela opressão e pela existência do machismo, valendo-se do gênero para justificar seus fundamentos.

Silva (2019) discorre que até então, as mulheres eram ligadas à sua função reprodutiva, no sentido de desempenhar o papel de mãe de esposa, reforçado assim, pelo capitalismo. Por esse motivo, muitas vezes, a ideia de procriação coloca a mulher numa condição limitada, pois estaria ligada à sua própria natureza, a qual seria de difícil controle. Com o surgimento da pílula, no ano de 1962, essa perspectiva acaba sofrendo alterações significativas, pois este foi um marco na história do feminismo e do gênero, considerando as mulheres pessoas autênticas, plenamente capazes de se conhecerem, de se relacionar com o seu corpo e, por conseguinte, realizar as suas escolhas sobre a prática sexual.

Em decorrência dessa mudança, percebe-se que a segunda onda se distingue da primeira, pois anteriormente, as coisas eram restritas à esfera particular, no aspecto de as discussões não serem trazidas à tona para os meios sociais. Entretanto, nesta nova fase,

elas foram trazidas para o âmbito público, ampliando a perspectiva da liberdade sexual da mulher e colocando em debate os seus direitos reprodutivos, pois todas teriam a possibilidade de escolher ou não ser mãe.

Portanto, as feministas pertencentes à segunda onda tinham seus critérios, assim como suas concepções relacionadas à ideia do corpo feminino. Por isso, seus protestos eram direcionados às questões de exploração sobre o corpo das mulheres com o objetivo de denunciar essas práticas misóginas e mostrar que a vaidade é importante na beleza feminina, ou seja, elas podem usar maquiagens, cílios postiços, espartilhos e outros objetos que valorizem sua silhueta.

3.5.3 Terceira Onda: Feminismo Contemporâneo

Na década de 1980 e 1990 do século XX, ocorreram diversos eventos históricos que provocaram mudanças importantes na história do mundo ocidental, tais como a queda do Muro de Berlim (1991), a dissolução da União Soviética (1991), assim como das ditaduras militares na América Latina, como a da Argentina (1981), a do Brasil (1985) e, por fim, a do Chile (1990). Com isso, vivia-se um período de transformações sócio-culturais, a partir de novas perspectivas que foram surgindo para reinventar refletir sobre as concepções anteriores e iniciar um novo ciclo.

Por outro lado, havia o crescimento do Imperialismo cultural nos Estados Unidos, ganhando cada vez mais força pelo mundo afora e, principalmente, pelos meios de comunicação na época. E então, é nesse contexto global que surge a terceira onda do feminismo. Nessa perspectiva, a terceira onda surgiu com o propósito de trazer uma concepção pós-estruturalista, contestando as definições pré-estabelecidas sobre a mulher, no aspecto de terem como base as experiências vividas por mulheres brancas, que fazem parte de uma classe privilegiada da sociedade, pois só teria-se uma ideia genérica sobre a construção social, tendo por base o sexo e o gênero como fatores de desigualdade entre homens e mulheres.

Assim, este movimento buscou responder às inquietações femininas, assim como, às questões que não foram devidamente respondidas na segunda onda, além de definir novas estratégias para analisar o comportamento, os discursos utilizados e as noções de mulher universal e indiscriminada, sendo definida apenas pelo seu sexo. Por esse motivo, nesta fase, o movimento se propôs a aprofundar todas essas discussões com o intuito de compreender os papéis atribuídos às mulheres na sociedade, levando em consideração as

suas condições sociais. (Silva, 2019).

Sendo assim, as mulheres seriam reconhecidas a partir da presença de diversas identidades femininas que compreendem os fatores sociais, mesmo que considerando o gênero sob uma nova ótica, pois existem as opressões que se dão de diferentes maneiras, podendo também estar em diferentes condições relacionadas aos fatos. Por esse motivo, as abordagens deste movimento estão preocupadas em responder, com base nas escolhas de cada mulher, pois o que pode ser melhor para uma, pode não ser para a outra.

Portanto, a principal ideia se concentra na diversidade de experiências, assim como de identidades de mulheres que são distintas. Nesse sentido, temos a ideia de interseccionalidade que ganhou força dentro do próprio movimento feminista. A obra *Mulheres, Raça e Classe* (2016), de Angela Davis, é um grande exemplo do debate sobre essas ideias, porque trouxe o gênero relacionado às categorias de raça e classe, de forma a valorizar as particularidades de cada conceito e não considerá-los universais. Em decorrência deste cenário, há por conseguinte, o fortalecimento do feminismo negro e cresce outras vertentes feministas.

3.5.4 Quarta Onda: tipicamente latino-americana

O surgimento da internet e das redes sociais provocou uma grande mudança nos meios de comunicação e, o feminismo não demorou muito para também começar a se propagar fortemente no digital. A comunicação global foi a grande responsável pela propagação e divulgação desses movimentos, trazendo as particularidades do feminismo nesse contexto relacionado às mídias digitais.

Dessa forma, a quarta onda do feminismo é caracterizada pelo uso das plataformas digitais com o objetivo de organizar, articular e disseminar ideias sobre igualdade, direitos femininos e também que ainda há discussões pendentes sobre o tema, já que esta não foi ainda conquistada em sua totalidade. Por esse motivo, este movimento traz o surgimento do interesse no feminismo que se iniciou lá por volta de 2012, no *Facebook*, no *Twitter*, no *Instagram*, no *Youtube*, entre outros. (Silva, 2019)

Diante dos avanços da tecnologia de informação e comunicação, muitos temas começaram a ser discutidos, tais como: o sexismo, a desigualdade, a violência de gênero e, inclusive, a LGBTfobia e várias outras temáticas, mostrando o quão o feminismo se apropriou e se disseminou no ambiente virtual, de maneira que a internet foi uma importante ferramenta para que este fenômeno acontecesse.

Entretanto, é importante destacar que a popularização da internet está relacionada à influência do novo feminismo, porque possibilitou conhecer outros grupos e permitir que outras mulheres também compartilhassem suas vozes e experiências, enfrentando situações particulares e vivendo sob as condições de países que apresentam baixo índice de desenvolvimento socioeconômico e humano.

Por outro lado, temos as demandas das mulheres das regiões periféricas do ocidente, que nunca tiveram espaço e oportunidade para serem ouvidas e manifestarem suas opiniões. Assim, é o caso das mulheres dos países da América Latina, pois foi justamente no espaço da internet que elas conseguiram articular suas principais ideias e manifestar as diversas experiências pelas quais passavam, principalmente a violência de gênero.

Temos, assim, um exemplo de manifestação, assim como articulação das mulheres no bordão “Ni Una Menos” que, em português, poderia ser traduzido por: “Nenhuma a menos”. Este surgiu, após uma tragédia ocorrida na Argentina, em 2015, quando a adolescente Chiara Paez, que tinha 14 anos, foi assassinada pelo namorado de 16 anos. Na situação, ela estava grávida, esperando um filho do rapaz e, por conseguinte, foi enterrada no quintal da casa dos avós com a ajuda dos familiares.

Este ocorrido gerou uma grande repercussão nas mídias, além de comover muitas pessoas ao redor do mundo. Por esse motivo, um grupo de jornalistas e escritoras nomearam sob esta expressão, colocando os casos de feminicídios em evidência na agenda política do país com o objetivo de divulgar as estatísticas e dar maior atenção a este tipo de violência, que ocorre no dia-a-dia, afetando diversas mulheres.

Além disso, é importante observar que o feminismo latino vai além das fronteiras e de momentos históricos particulares, ao propagar-se nos meios de comunicação, tornam-se assim, mais difusos nas mídias digitais. A popularização dos computadores e da internet, na década de 90, propiciou a divulgação desses movimentos, assim como a globalização que também acontecia concomitante em outros países fora da América Latina.

Dessa forma, as manifestações do movimento feminista que ocorreram na América Latina entre os anos 2015- 2019 foram responsáveis pela propagação dos casos de violência contra a mulher e, mais precisamente, de feminicídio, se propondo a articular e a intensificar as mobilizações diante das atrocidades ocorridas e dar espaço aos debates nas redes sociais, na qual as mulheres podem compartilhar suas vivências com outras de diversos lugares do mundo. Nesse sentido, Rita Laura Segato (2016) afirma:

Toda a violência contra a mulher é isolada e confinada pela imaginação coletiva no compartimento do doméstico, privado e particular. Por um lado, agregar todos os assassinatos de mulheres por razões de gênero sob a denominação de feminicídio ou femicídio é interessante porque mostra o grande volume numérico dessas mortes violentas em seu conjunto; por outro, ao enfatizar que existe um tipo de assassinato de mulheres perpetrado, com frequência crescente, em contextos marcados pela impessoalidade, introduziremos retoricamente no senso comum patriarcal o caráter público da experiência feminina e validaremos sua vitimização como problema de interesse geral.²³ (Segato, 2016, p. 151, tradução nossa).

Este conceito nos mostra que toda a mulher sofre com a violência em decorrência de um padrão coletivo, pois concebe-a apenas no ambiente doméstico, sendo este privado e particular, reforçando as concepções do patriarcado, pautado nas relações de poder subordinadas pelo homem, ou seja, favorece a figura masculina em prol dos privilégios sociais, da autoridade, dos direitos políticos. Por outro lado, temos, por conseguinte, o feminicídio enquanto prática realizada contra a mulher em decorrência de seu gênero, no qual há a morte de muitas mulheres, que são torturadas até seu último instante de vida.

Por essa razão, este crime, de caráter repetitivo, resultante da vitimização das mulheres, no contexto da relação de gênero interpessoal e impessoal, que considera o papel de domesticidade relacionado à mulher e ao feminino nas relações de poder, se torne público e seja considerado um problema de espectro geral, pois ao notificar e dar visibilidade para as ocorrências de agressão e extermínio, impede que outros atos aconteçam ou até mesmo, fiquem impunes, pressionando o coletivo a se posicionar em relação às ocorrências e, principalmente, mostrar que todas elas têm grande impacto social.

Por outro lado, temos a colonialidade de poder. Aníbal Quijano concebe a intersecção da raça e do gênero em termos de estruturas mais amplas. Para entender este conceito, é preciso considerar a análise do cenário capitalista, eurocêntrico e global. Dessa forma, ele afirma:

Tanto ‘raça’ como gênero adquirem significado nesse padrão. O poder

²³ No original: “*Toda la violencia contra la mujer es arrinconada y confinada por la imaginación colectiva en el compartimento de lo doméstico, privado y particular. Por un lado, agregar todos los asesinatos de mujeres por razones de género bajo la denominación de femicidio o feminicidio es interesante porque muestra el gran volumen numérico de estas muertes violentas en su conjunto; por otro, al enfatizar que existe un tipo de asesinatos de mujeres perpetrado, con frecuencia creciente, en contextos marcados por la impersonalidad, introduciremos retóricamente en el sentido común patriarcal el carácter público de la experiencia femenina y validaremos su victimización como problema de interés general*”. (Segato, 2016, p. 151).

está estruturado em relações de dominação, exploração e conflito entre atores sociais que disputam o controle dos quatro âmbitos básicos da existência humana: sexo, trabalho, autoridade coletiva e subjetividade/intersubjetividade, seus recursos e produtos²⁴. (Lugones, 2009, p. 16, tradução nossa).

Nesse sentido, o poder capitalista, eurocêntrico e global se configura distintivamente, pois está organizado na perspectiva das relações na modernidade. Por essa razão, as disputas ocorrem pela necessidade de controlar e dominar cada uma das áreas da existência humana e, mais precisamente, o âmbito de sexo/gênero ou até mesmo raça, são considerados a partir dos elos da colonialidade de poder e da modernidade, pois pressupõe uma compreensão do modelo patriarcal que regem todo este embate. Além disso, também concebe o caráter patriarcal das relações sociais como opressivo ao trazer o capitalismo global, os processos e as lutas de longa duração que aconteceram em decorrência do desejo pelo poder.

Portanto, ao se pensar na América Latina e ao constituir essa classificação social, a colonialidade permeia todos os aspectos da existência humana, permitindo o surgimento de novas identidades geográficas e culturais. Então, esta se manifesta por meio da dominação social e subjetiva e, no caso das mulheres, permeia o controle do acesso sexual, da autoridade coletiva, do trabalho e da produção do conhecimento no interior das relações intersubjetivas. Por essa razão, a colonialidade se encontra com o colonialismo, no sentido das relações de poder que permeiam as mulheres, acometendo questões de gênero e raça e, se dá no cerne da mulher que sempre teve seu papel no âmbito privado.

Sendo assim, é notável que o feminicídio deixou marcas muito fortes na América Latina, pois embora seja uma das regiões que mais teve avanços na criação de legislações relacionadas ao combate da violência contra a mulher, ainda existem muitos casos de violência extrema, além de diversos crimes e diferenças em se tratando do gênero. Então, grupos na internet começaram a se mobilizar para debater e conscientizar as pessoas sobre a gravidade da situação, por meio de campanhas online para encorajar as mulheres e evitar que casos assim se repitam. (Lugones, 2009).

Neste contexto, as mulheres bolivianas emergem como figuras centrais na luta pela descolonização e despatriarcalização. A Bolívia, um país marcado por uma rica

²⁴ No original: “Tanto ‘raza’ como género adquieren significado en este patrón. El poder esta estructurado en relaciones de dominación, explotación y conflicto entre actores sociales que disputan el control de los cuatro ámbitos básicos de la existencia humana: sexo, trabajo, autoridad colectiva y subjetividad/intersubjetividad, sus recursos y productos. (Lugones, 2009, p. 16).

diversidade cultural e por um histórico de colonização, apresenta desafios únicos e complexos em relação à questão de gênero. A luta das mulheres bolivianas não se limita apenas ao combate à violência física e simbólica, mas também à busca pela recuperação e valorização de suas identidades culturais e históricas, muitas vezes marginalizadas ou invisibilizadas pelo colonialismo e pelo patriarcado.

Essas práticas de despatriarcalização nas comunidades indígenas e afrobolivianas²⁵ ilustram uma tentativa de desmontar as estruturas de poder que foram impostas durante e após a colonização, pois é importante reconhecer que os feminismos eurocêntricos muitas vezes não abrangem as complexidades e diversidades das experiências das mulheres na Bolívia. Neste país, o feminismo não pode ser desvinculado das lutas contra o colonialismo e o patriarcado, que estão profundamente entrelaçados na história e na cultura local.

Muitas mulheres indígenas bolivianas têm sido protagonistas em movimentos sociais que reivindicam não apenas direitos de gênero, mas também direitos culturais e territoriais, ressaltando a inseparabilidade das lutas contra a opressão de gênero e a opressão colonial.

²⁵ O termo "afroboliviana" refere-se à identidade e à cultura das comunidades afrodescendentes na Bolívia. Este grupo é reconhecido como uma das nações indígenas originárias do país, embora sua presença e contribuições muitas vezes tenham sido invisibilizadas na narrativa histórica predominante. (Albó, 2009).

4. MULHERES BOLIVIANAS: ENTRE O DESCOLONIZAR E DESPATRIARCALIZAR

*La colonialidad de género implica la imposición de una estructura de género que marginaliza y desvaloriza los saberes y prácticas de las mujeres indígenas y afrodescendientes, perpetuando una lógica de control que aún persiste en nuestras sociedades.*²⁶ (Lugones, 2008, p.22).

Nesta seção vamos nos aprofundar no percurso vivido pelas mulheres bolivianas ao longo da história, destacando como elas têm resistido e se destacado em diferentes contextos históricos. Começaremos explorando o feminismo decolonial na América Latina, como uma perspectiva crítica que desafia as narrativas dominantes eurocêntricas e coloca em foco a interseccionalidade entre gênero, raça, classe e colonialidade. Essa abordagem nos ajudará a entender como as mulheres bolivianas têm navegado e resistido às múltiplas formas de opressão que enfrentam. Na Bolívia, a historiografia tradicional geralmente lembra apenas algumas mulheres notáveis através de suas biografias. No entanto, o avanço dos estudos de gênero e da etnohistória permite lançar luz sobre este tema, embora um dos principais desafios nesse campo seja o acesso às fontes e sua posterior interpretação.

Em seguida, veremos como as mulheres bolivianas foram representadas e participaram durante o período colonial. Vamos explorar como as estruturas coloniais impuseram normas de gênero que marginalizaram e subordinaram as mulheres indígenas e afrodescendentes, mas também como essas mulheres resistiram, criando espaços de agência dentro dessas estruturas opressivas. Passaremos então para o papel das mulheres nas guerras de independência. Muitas se destacaram como combatentes, estrategistas e apoiadoras, desafiando as expectativas tradicionais de gênero e contribuindo de forma significativa para os movimentos de libertação. Ao abordar o período republicano, discutiremos as lutas das mulheres bolivianas pela inclusão e pelos direitos, enfrentando um novo conjunto de desafios e desigualdades em uma sociedade que estava em transformação, mas ainda profundamente marcada pelas heranças coloniais e patriarcais.

Por fim, analisaremos o contexto atual do Estado Plurinacional da Bolívia, um momento de redefinição nacional que busca reconhecer e valorizar a diversidade cultural

²⁶ “A colonialidade de género implica a imposição de uma estrutura de género que marginaliza e desvaloriza os conhecimentos e práticas das mulheres indígenas e afrodescendentes, perpetuando uma lógica de controlo que ainda persiste nas nossas sociedades”. (Lugones, 2008, p. 22, tradução nossa).

e étnica do país. Neste cenário, veremos como as mulheres bolivianas continuam a lutar pela descolonização e despatriarcalização, promovendo mudanças significativas em direção à igualdade de gênero e ao respeito pelos direitos das mulheres.

Figura 4 – Linha do Tempo do Feminismo na Bolívia



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Figura 5 – Linha do Tempo do Feminismo na Bolívia



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Nas figuras acima, a linha do tempo foi criada para proporcionar um entendimento mais explícito e visual da evolução do movimento feminista na Bolívia. Destaca marcos históricos importantes e figuras femininas influentes ao longo dos anos, respondendo a contextos históricos, sociais e políticos específicos do país. Pensada para facilitar a compreensão do progresso e das conquistas feministas, a linha do tempo oferece uma visão abrangente e acessível das lutas e realizações das mulheres bolivianas. Ao avançarmos as discussões, exploraremos o feminismo decolonial na Bolívia, para pensar em como as mulheres bolivianas têm reconfigurado a luta feminista a partir de uma perspectiva que desafia as narrativas eurocêntricas e valoriza as raízes indígenas.

O uso da teoria decolonial em uma pesquisa pós-estruturalista se justifica pela necessidade de questionar as estruturas históricas e epistêmicas impostas pelos processos coloniais, especialmente em relação à produção de conhecimento. A teoria decolonial, ao desconstruir a hegemonia do pensamento eurocêntrico, permite analisar como as relações de poder são mantidas e naturalizadas através de práticas coloniais e pós-coloniais. Nesse sentido, o pensamento de Michel Foucault, com seu caráter de transversalidade, oferece uma importante ferramenta para compreender como os discursos constroem e sustentam regimes de verdade e poder, exigindo que ultrapassemos as análises superficiais para acessar as camadas mais profundas de dominação e resistência.

O pensamento foucaultiano, ao se mover no devir²⁷ e no deslocamento, se alinha com a proposta decolonial ao propor um pensamento em constante movimento, que desestabiliza verdades fixas e promove a análise crítica das estruturas de poder. O devir, portanto, é um movimento contínuo que se desloca pelas fronteiras do que é possível, sempre desafiando normas e estruturas. Ele é fundamental para pensar em novas formas de existência e resistência, especialmente em contextos de análise crítica, como os estudos de gênero, decoloniais ou pós-estruturalistas, onde o questionamento de identidades e categorias fixas é central.

²⁷ “Devir” é certamente e em primeiro lugar mudar: não mais se comportar ou sentir as coisas da mesma maneira; não mais fazer as mesmas avaliações. Sem dúvida, não mudamos a nossa identidade: a memória permanece, carregada de tudo o que vivemos; o corpo envelhece sem metamorfose. Mas “devir” significa que os dados mais familiares da vida mudaram de sentido, ou que nós não entretemos mais as mesmas relações com os elementos costumeiros de nossa existência: o todo é repetido de outro modo. ((Deleuze; Guattari, 1980).

4.1 Feminismo Decolonial na América Latina

O feminismo decolonial surge como uma resposta crítica às limitações e exclusões do feminismo eurocêntrico, propondo uma abordagem que considera as especificidades históricas, culturais e sociais das mulheres na América Latina. Este movimento teórico e político visa dismantelar as estruturas de poder colonial que persistem nas sociedades latino-americanas, enfatizando a interseccionalidade entre gênero, raça, classe e colonialidade. O feminismo decolonial é fundamentado nas obras de influentes teóricas como María Lugones, Aníbal Quijano e Silvia Rivera Cusicanqui, cujas contribuições têm sido importantes para entender as complexas intersecções entre colonialidade, gênero e poder na América Latina. María Lugones (2008) introduz o conceito de “colonialidade de gênero”, como uma perspectiva que revela como a colonização impôs uma estrutura de gênero eurocêntrica, marginalizando e desvalorizando os saberes e práticas das mulheres indígenas e afrodescendentes.

Segundo Lugones (2008), a colonização não apenas impôs uma hierarquia racial, mas também reconfigurou as relações de gênero, impondo uma lógica patriarcal e heteronormativa que continua a afetar as sociedades latino-americanas. Essa colonialidade de gênero é visível nas múltiplas formas de discriminação e violência que as mulheres indígenas e afrodescendentes enfrentam, desde a marginalização econômica até a exclusão dos espaços de poder e decisão.

Essa colonialidade de gênero se manifesta em várias formas de discriminação e violência que ainda afetam essas mulheres. Primeiramente, há uma marginalização econômica significativa, onde as mulheres indígenas e afrodescendentes são frequentemente relegadas a trabalhos mal remunerados e precarizados, muitas vezes na economia informal ou em setores de baixa remuneração. Esta marginalização é uma continuidade da exploração econômica colonial, onde a mão de obra dessas mulheres era desvalorizada e explorada. Além disso, a colonialidade de gênero também é evidente na exclusão sistemática das mulheres indígenas e afrodescendentes dos espaços de poder e decisão. Historicamente, essas mulheres foram excluídas dos processos políticos e de tomada de decisão, tanto durante o período colonial quanto nas estruturas pós-coloniais. Essa exclusão perpetua a falta de representação e a invisibilização das suas necessidades e perspectivas nas políticas públicas.

María Lugones destaca que a lógica heteronormativa imposta pela colonização marginalizou práticas e identidades de gênero não conformistas, ao mesmo tempo que

reforçou uma estrutura de família nuclear patriarcal como norma. Isso desvalorizou as formas de organização familiar e comunitária das culturas indígenas e afrodescendentes e contribuiu para a tentativa de erradicação das diversidades sexuais e de gênero existentes nas sociedades pré-coloniais. Essa imposição heteronormativa e a valorização da família nuclear patriarcal têm um impacto profundo na temática das feminilidades presente nos livros para a infância bolivianos. Os textos literários para crianças muitas vezes refletem e reforçam as normas sociais dominantes, e no caso da Bolívia, eles tendem a perpetuar as construções coloniais de gênero e família.

Nessa perspectiva de descentralização, Aníbal Quijano (2005), em suas produções, introduz o conceito de “colonialidade do poder”, oferecendo uma compreensão profunda de como as hierarquias coloniais estabelecidas durante a colonização continuam a inferir nas relações sociais contemporâneas. Ele argumenta que a colonialidade do poder transcende o período colonial e permanece presente nas estruturas econômicas, políticas e sociais atuais, perpetuando desigualdades raciais e de gênero. Quijano (2005) afirma que:

A colonialidade do poder constitui um eixo central para a formação do padrão mundial de poder, caracterizado pela articulação entre o capital, o trabalho, os recursos naturais, a distribuição da população em classes e a hierarquização social baseada na ideia de raça (Quijano, 2005, p. 534).

Para Quijano (2000), a colonialidade do poder é uma matriz que organiza as sociedades latino-americanas de maneira hierárquica, onde a raça e o gênero são categorias fundamentais de discriminação e subordinação. As mulheres, especialmente as de origem indígena e afrodescendente, são duplamente oprimidas por essa estrutura, enfrentando tanto o racismo quanto o sexismo. Esta matriz de poder colonial perpetua uma divisão social que não apenas discrimina com base na cor da pele, mas também na conformidade com as normas de gênero eurocêntricas, que foram impostas e normalizadas durante e após o período colonial. Na análise de Quijano (2000), essas hierarquias coloniais são visíveis em diversos aspectos da sociedade contemporânea, incluindo os sistemas educacionais, econômicos e políticos, onde as mulheres indígenas e afrodescendentes continuam a ser marginalizadas e sub-representadas. Esta marginalização se reflete na limitada representação dessas mulheres em posições de poder e influência, bem como em sua desproporcional presença em setores econômicos de baixa remuneração e alta informalidade.

Essa perspectiva teórica pode ser aplicada ao estudo da literatura para a infância boliviana, onde as representações das mulheres e meninas muitas vezes refletem e perpetuam as hierarquias coloniais de poder descritas por Quijano (2000). Nos livros para a infância, as personagens femininas de origem indígena e afrodescendente são frequentemente retratadas em papéis subservientes ou marginalizados, reforçando estereótipos coloniais e limitando as possibilidades de identificação para as pequenas leitoras fronteiriças.

Esse *locus* fraturado, tem contribuições importantes da Silvia Rivera Cusicanqui (2010), uma socióloga, historiadora e teórica boliviana, conhecida por seu trabalho em descolonização, movimentos sociais e epistemologias indígenas. Ela tem sido uma figura importante na crítica da colonialidade do saber, argumentando pela valorização dos conhecimentos e práticas locais e indígenas que foram historicamente subjugados pela epistemologia ocidental. Rivera Cusicanqui (2010) é uma proeminente defensora da teoria "ch'ixi," que busca integrar e respeitar a coexistência de múltiplas identidades e formas de conhecimento sem que uma prevaleça sobre a outra. Sua obra enfatiza a importância de reconhecer e dialogar com as epistemologias subalternas, promovendo uma descolonização que não apenas desafia as estruturas coloniais de poder, mas também valoriza a diversidade e a riqueza das culturas locais.

A contribuição de Silvia Rivera Cusicanqui (2010) complementa as teorias de Lugones e Quijano ao criticar a "colonialidade do saber". Rivera Cusicanqui enfatiza a necessidade de reconhecer e valorizar os conhecimentos e práticas locais, historicamente subjugados pela epistemologia ocidental. Ela propõe uma abordagem que integra essas epistemologias subalternas, promovendo um diálogo entre diferentes formas de conhecimento como caminho para uma verdadeira descolonização. No contexto boliviano, isso se traduz na valorização dos saberes tradicionais das mulheres indígenas e afrodescendentes, promovendo a inclusão de suas vozes e perspectivas nas práticas políticas e sociais.

Ao entender a colonialidade de gênero e do poder, podemos identificar como as práticas e estruturas coloniais ainda influenciam a vida das mulheres hoje, perpetuando desigualdades e opressões. A compreensão da colonialidade de gênero e do poder tem impactos significativos nas políticas públicas e nos movimentos sociais. Movimentos feministas descoloniais na Bolívia, por exemplo, têm usado essas teorias para articular demandas por justiça social que reconheçam as intersecções de raça, gênero e classe. Isso inclui a promoção de políticas que não apenas combatam a violência de gênero, mas

também abordem questões de desigualdade racial e exclusão econômica.

Mulheres bolivianas têm demonstrado resistência e agência²⁸ ao desafiar essas estruturas coloniais. Movimentos como o feminismo comunitário, defendido por Julieta Paredes, exemplificam como as mulheres estão criando espaços de poder e redefinindo suas identidades e práticas em oposição às normas coloniais e patriarcais. Julieta Paredes (2010) propõe um feminismo comunitário que integra a luta contra o patriarcado e a colonialidade, enfatizando a importância da comunidade e da solidariedade entre as mulheres indígenas. Este feminismo comunitário é particularmente relevante na Bolívia, onde as mulheres indígenas têm um papel central na preservação e promoção de suas culturas e tradições. Ochy Curiel (2014) argumenta pela necessidade de descolonizar o feminismo, integrando as vozes e perspectivas das mulheres racializadas e marginalizadas. Na Bolívia, isso significa reconhecer e valorizar as experiências e conhecimentos das mulheres indígenas e afrodescendentes, promovendo uma luta feminista que seja verdadeiramente inclusiva e representativa.

O feminismo decolonial oferece uma abordagem crítica e inclusiva, para entender e enfrentar as complexas formas de opressão que as mulheres bolivianas enfrentam. Ao valorizar as especificidades culturais e históricas e promover um diálogo entre diferentes saberes, este movimento contribui para uma compreensão mais profunda e uma prática mais eficaz na luta pela desconstrução de um pensamento histórico e de uma epistemologia feminista de gênero e social na Bolívia.

O uso do termo "decolonial" em vez de "descolonial" na pesquisa da tese se justifica pela especificidade teórica e política que o conceito carrega no contexto latino-americano. Enquanto "descolonial" pode ser interpretado de forma mais genérica, referindo-se a processos de rompimento com a colonização, o termo "decolonial" emerge das epistemologias do Sul e é amplamente utilizado por teóricos como Aníbal Quijano (2005), Walter Dignolo (2011) e Catherine Walsh (2013) para enfatizar a necessidade de desestabilizar as estruturas coloniais de poder, conhecimento e ser, que persistem nas sociedades contemporâneas.

O "decolonial" não trata apenas de desconstruir, mas de construir alternativas epistêmicas e práticas sociais enraizadas nas histórias e resistências locais, especialmente

²⁸ Em Foucault, o conceito de "agência" está relacionado à capacidade de ação dos indivíduos, mas sempre no contexto das redes de poder e dos discursos que os constituem. A agência, portanto, é uma forma de ação que surge dentro dos limites impostos por estruturas de poder e saber. Foucault vê os indivíduos não como agentes livres em um vácuo, mas como sujeitos formados por sistemas de poder e conhecimento que regulam o que podem pensar e fazer (Foucault, 2013).

das populações indígenas e afrodescendentes. Assim, na tese, o termo reflete um compromisso com essa perspectiva crítica e situada, alinhando-se às lutas e contextos da realidade boliviana e latino-americana.

Não se pode tratar “a mulher” boliviana como um grupo homogêneo, pois, embora as mulheres tenham compartilhado – e continuem compartilhando – situações comuns, as diferenças de classe e etnia eram – e são – bastante marcantes. Portanto, distinguir os problemas e as demandas das mulheres urbanas e rurais, de elite e de pollera, mestiças e indígenas, além de considerar as variações geográficas e regionais em cada contexto. O panorama que apresentamos a seguir é apenas isso: um panorama, uma visão geral que tenta evidenciar o papel das mulheres ao longo de nossa história. Inicia-se a partir do período colonial, pois as informações disponíveis sobre o período pré-hispânico são ainda muito limitadas. Além disso, procurou-se mostrar a diversidade de situações e comportamentos em diferentes regiões do país, uma vez que a Bolívia não é exclusivamente andina.

4.2 Mulheres no período colonial

Durante a época colonial na Bolívia, que se estendeu do século XVI aos primeiros anos do século XIX, as normas que regiam os direitos, comportamentos e obrigações das mulheres foram estabelecidas com base nos códigos medievais europeus. Nas famílias espanholas ou crioulas, a figura do pai era equivalente à do rei, enquanto as mulheres eram vistas como menores de idade, mesmo quando adultas, necessitando da autorização paterna ou marital para realizar transações financeiras, como a venda de bens. Essa visão, no entanto, contrasta com estudos que revelam a diversidade de atividades exercidas pelas mulheres, dependendo de suas condições sociais (Lema; Choque; Jiménez, 2006). As mulheres espanholas e crioulas desempenharam papéis estratégicos na sociedade colonial. Muitas acompanharam os conquistadores para a América, instalando-se nas novas terras. Embora em número reduzido, essas mulheres ocupavam posições de destaque como esposas de funcionários da Coroa ou líderes de conventos. As encomendas eram concedidas apenas aos espanhóis casados, e na ausência dos maridos, as viúvas assumiam temporariamente a direção das encomendas e o recolhimento de tributos até que encontrassem um novo cônjuge.

O auge da mineração em Potosí²⁹ teve um impacto significativo na vida das mulheres espanholas, algumas das quais se beneficiaram das riquezas produzidas, como evidenciado por testamentos e dotes da época. Essas mulheres também desempenharam um papel importante na consolidação de redes de poder e econômicas através de laços matrimoniais e foram fundamentais na transmissão da cultura hispânica, incluindo o idioma, vestuário, alimentação, educação e valores (Lema; Choque; Jiménez, 2006).

Para as mulheres indígenas, a conquista significou uma experiência extremamente violenta, incluindo agressões físicas e simbólicas. Além das violações e concubinatos impostos pelos conquistadores, as mulheres indígenas desenvolveram estratégias de resistência, como a manutenção de rituais e tradições religiosas, consideradas idolatrias pelos colonizadores, o que levou à sua perseguição (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 12). Durante a Colônia, o trabalho das mulheres indígenas estava intimamente ligado ao de seus companheiros, especialmente na mineração em Potosí, onde contribuía significativamente para a economia local, apesar das condições adversas e dos baixos salários (p.13). O fenômeno do mestizaje, ou mestiçagem, foi tanto biológico quanto cultural, envolvendo a união geralmente ilícita entre espanhóis e indígenas.

As mulheres tiveram um papel preponderante na construção do mestizaje, especialmente através da alimentação, combinando ingredientes de várias culturas. Além disso, ao frequentar instituições como a Igreja e a Justiça, homens e mulheres indígenas adotaram usos, códigos e normas que facilitaram sua mobilidade entre os mundos indígena e espanhol (Lema; Choque; Jiménez, 2006).

Outro fato importante a destacar das mulheres bolivianas na época colonial foi a sua associação às missões jesuíticas. Os conventos, estabelecimentos religiosos femininos, desempenharam importantes funções sociais e econômicas durante a época colonial na Bolívia. Esses conventos serviam como uma saída respeitável e de prestígio para mulheres sem assistência masculina, oferecendo-lhes um espaço onde podiam viver de forma digna e segura. Além disso, os conventos acumulavam grandes quantidades de dinheiro através de doações, empréstimos e investimentos em propriedades, tornando-se “centros econômicos significativos” (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 14). Além dos

²⁹ Potosí foi uma das cidades mais ricas e importantes do império espanhol devido às suas vastas minas de prata. Durante o auge da mineração, tornou-se um dos principais centros econômicos da colônia, atraindo trabalhadores de diversas partes e contribuindo significativamente para a economia colonial. As condições de trabalho nas minas eram extremamente duras, e a mão-de-obra incluía muitos indígenas que eram forçados a trabalhar sob o sistema da mita. (Lema; Choque; Jiménez, 2006, p. 13).

conventos, as missões jesuíticas atuaram em regiões como Chiquitos, localizada na parte oriental da Bolívia. A colonização dessas áreas pelos jesuítas teve como objetivo integrar as populações indígenas ao sistema colonial espanhol, ao mesmo tempo em que procurava proteger os indígenas contra os abusos cometidos por outros colonizadores. As missões foram estabelecidas com o propósito de converter os indígenas ao cristianismo, ensinando-lhes a religião, a língua espanhola e várias habilidades técnicas e agrícolas (Lema; Choque; Jiménez, 2006).

As mulheres nas missões de Chiquitos atuavam especialmente na produção de tecidos de algodão. Este processo combinava conhecimentos tradicionais indígenas com técnicas europeias, resultando em produtos que eram comercializados tanto localmente quanto em outras partes da colônia. Esta integração de técnicas ajudou a revitalizar e preservar os conhecimentos indígenas sobre o cultivo e o processamento do algodão, contribuindo significativamente para a sustentabilidade econômica das missões (Lema; Choque; Jiménez, 2006).

Por fim, foi observado pelos jesuítas que homens e mulheres em Chiquitos falavam de maneiras distintas o mesmo idioma. Inicialmente, os jesuítas consideraram a linguagem feminina uma distorção da masculina. No entanto, estudos linguísticos modernos desafiaram essa perspectiva, sugerindo que a linguagem feminina é uma variante igualmente válida e rica em termos culturais e linguísticos (Lema; Choque; Jiménez, 2006).

4.3 Mulheres nas guerras de independência

Na América Latina, as guerras de Independência associaram a virilidade à identidade dos Estados Nacionais. Os textos do século XIX e início do século XX que tratam da participação das mulheres na Independência da América Latina (Prado, 1999; González, 2010) representam a Nação e mostram mulheres que adotaram práticas consideradas viris. As biografias das poucas mulheres que participaram dessas guerras reforçam a ideia de que a virilidade é um atributo masculino, mas também indicam uma quebra desse domínio. A presença feminina, sendo uma exceção, legitima o espaço militar como masculino, mas ao mesmo tempo, desafia essa noção ao demonstrar que a virilidade pode ser também um atributo feminino.

O envolvimento das mulheres nas guerras de independência na Bolívia é um aspecto fascinante e muitas vezes subestimado da história boliviana. As mulheres não

apenas acompanharam, mas desempenharam papéis importantes na luta pela independência do domínio colonial espanhol. Ana Maria Lema e Maria Eugenia Choque (2006) fornecem uma análise detalhada deste envolvimento em seu trabalho, destacando várias mulheres cujas ações foram decisivas durante este período.

Segundo Wexler (2000, p.92), a concepção androcêntrica da historiografia construiu uma imagem (estereótipo) negativa dessas mulheres, mostrando-as como anti-modelos, anti-heroínas, perigosas e masculinizadas, ao entender que transgrediam a ordem social. Um aspecto que não esteve presente apenas durante a colônia, mas que transcendeu até o período republicano e que foi corrigido apenas a partir da década de 1960, sob a visão da 'heroína'. Infelizmente, muitos historiadores tentaram explicar os motivos da participação feminina apenas pela existência de um 'espírito masculino' nelas, descartando a existência de um verdadeiro 'espírito de luta como mulheres desejanter enquanto defensoras de utopias e ideais... [que] se sentiam parte do movimento, como seres humanos em luta' (Wexler, 2000, p.111). O resultado disso foi que grande parte das ações das mulheres foram excluídas e ignoradas pela história, além de serem feminizadas e maternalizadas, ficando oculta por trás disso a valiosa ação política e militar que desempenharam (Caballero, 2021 e Wexler, 2000).

4.3.1- Bartolina Sisa

Bartolina Sisa foi uma das figuras mais emblemáticas da resistência indígena. Como esposa de Tupac Katari, ela assumiu um papel de liderança entre os rebeldes, sendo nomeada vice-rainha. Bartolina comandou um importante setor do exército indígena, demonstrando habilidades estratégicas e coragem.

Bartolina era uma mulher inteligente e habilidosa que tomava decisões, às vezes sem a presença de seu esposo Tupac. Ela administrava e organizava as revoltas e os locais onde deveriam ocorrer.³⁰ (Valencia, 1978, p. 78-81, tradução nossa).

Sua captura pelos espanhóis, seguida de execução pública brutal em 5 de setembro de 1782, transformou-a em mártir e símbolo permanente da resistência indígena contra a opressão colonial (Albó 1990; Hurtado 1986). Bartolina Sisa tinha menos de 30 anos

³⁰ No original: “*Bartolina era una mujer inteligente y hábil que tomaba decisiones, a veces sin la presencia de su esposo Tupac. Ella administraba y organizaba las revueltas y los lugares donde debían ocurrir*”. (Valencia, 1978, p. 78-81).

quando decidiu formar sua organização política e, apesar de não conviver permanentemente com Tupac Katari, era uma mulher independente e respeitada por ele, que a trouxe para assumir o título de vice-rainha e conselheira principal do movimento katarista.

Naquele tempo, outras mulheres que a história oficial nunca levou em conta também desempenharam papéis importantes, enquanto as mulheres espanholas mantinham um papel passivo ou eram vistas como vítimas, mas não deixavam de torturar qualquer índio ou índia que capturassem.³¹ (Farge, 1993, p. 247, tradução nossa).

Fundada em 10 de janeiro de 1980, a Federação Nacional de Mulheres Camponesas da Bolívia “Bartolina Sisa” surgiu durante as ditaduras militares. Elas decidiram criar uma organização própria durante um congresso nacional de sindicatos de mulheres camponesas. No contexto da recuperação democrática na Bolívia, o movimento foi necessário, para garantir que as mulheres rurais participassem plenamente desse processo. As “Bartolinas” ganharam legitimidade por meio de bloqueios de estradas, greves de fome, marchas e outras ações coletivas.

O movimento das Bartolinas busca recuperar a soberania territorial e alimentar, além da dignidade das mulheres camponesas, indígenas e originárias. Por meio da Federação, elas promovem a participação equitativa das mulheres nos âmbitos político, social e econômico, conforme o conceito de “*chacha warmi*” (equidade de gênero). Elas também promovem a formação e capacitação contínua das mulheres para libertar suas mentes da opressão e ignorância. As “Bartolinas” lutam por melhorias sociais, econômicas, políticas e culturais para as mulheres camponesas, originárias, indígenas e afro-bolivianas.

A dupla discriminação que sofremos por ser mulheres e por ser camponesas e indígenas tanto em nossas famílias, comunidades, organizações e a sociedade em seu conjunto, nos impulsionou à luta contra a violação de nossos direitos fundamentais e à defesa de nossa participação plena e equitativa na tomada de decisões.³² (Las Bartolinas, 2022, p. 14, tradução nossa).

³¹ No original: “*En ese tiempo, otras mujeres que la historia oficial nunca tuvo en cuenta también desempeñaron papeles importantes, mientras que las mujeres españolas mantenían un papel pasivo o eran vistas como víctimas, pero no dejaban de torturar a cualquier indio o india que capturasen.* traducción nuestra”. (Farge, 1993, p. 247).

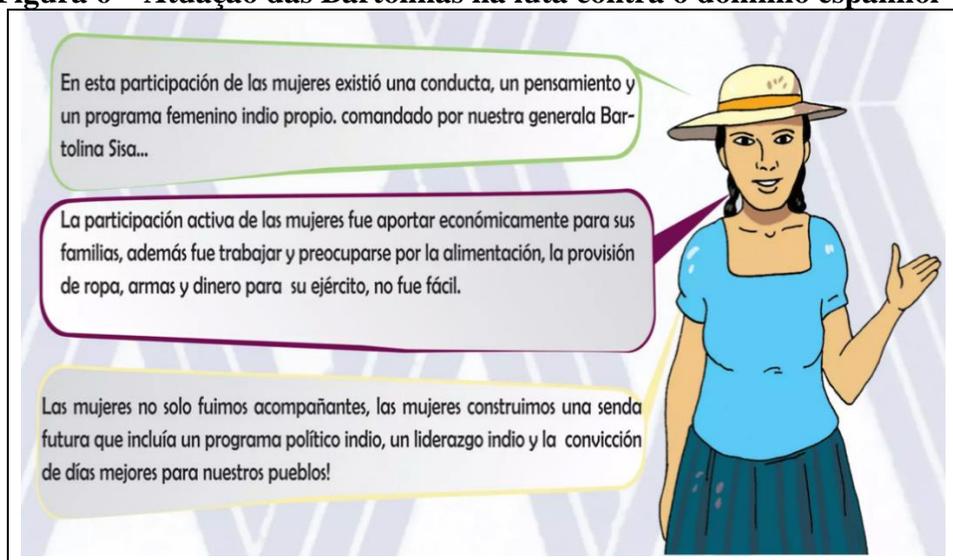
³² No original: “*La doble discriminación que sufrimos por ser mujeres y por ser campesinas e indígenas tanto en nuestras familias, comunidades, organizaciones y la sociedad en su conjunto, nos impulsó a la lucha contra la violación de nuestros derechos fundamentales y a la defensa de nuestra participación plena y equitativa en la toma de decisiones.* traducción nuestra”. (Las Bartolinas, 2022, p. 14).

Elas têm por missão construir um instrumento político-sindical baseado na unidade, reciprocidade e solidariedade com outras organizações operárias e populares do país. Participam na luta contra o analfabetismo rural, exigindo educação pública gratuita, e promovem vínculos de fraternidade e solidariedade entre as mulheres camponesas, indígenas e originárias da Bolívia. Defendem direitos fundamentais, educação e soberania alimentar, garantindo inclusão e equidade de gênero. Elas também lutam pelos direitos e propriedade da terra e do território, fundamentais para a soberania dos povos originários e camponeses. Visam difundir e reafirmar a identidade cultural e histórica dos povos indígenas bolivianos para construir um Estado Plurinacional Unitário.

Durante a resistência, as mulheres indígenas assumiram o papel de guerrilheiras, e os espanhóis as submeteram a torturas brutais, incluindo violações e humilhações, chamando-as de hereges, cruéis, concubinas e pecadoras.³³ (Ari, 2003, p. 33, tradução nossa).

A participação das mulheres na guerra contra o domínio espanhol foi além do apoio econômico para suas famílias e para o exército indígena. Elas contribuíram ativamente para a alimentação, a provisão de roupas, armas e dinheiro, além de construir um programa político próprio com liderança indígena e a convicção de dias melhores para seus povos.

Figura 6 – Atuação das Bartolinas na luta contra o domínio espanhol



Fonte: Confederación Nacional de Mujeres Bartolina Sisa (2024).
Disponível em: <http://www.bartolinasisa.org>.

³³ No original: “Durante la resistencia, las mujeres indígenas asumieron el papel de guerrilleras, y los españoles las sometieron a torturas brutales, incluidas violaciones y humillaciones, llamándolas herejes, crueles, concubinas y pecadoras. traducción nuestra”. (Ari, 2003, p. 33).

Esta participação das mulheres existiu uma conduta, um pensamento e um programa feminino indígena próprio, comandado pela Bartolina Sisa. A participação ativa das mulheres foi aportar economicamente para suas famílias, além de trabalhar e se preocupar com a alimentação, a provisão de roupa, armas e dinheiro para seu exército, não foi fácil. As mulheres não foram só as acompanhantes, as mulheres construíram uma liderança indígena. “Las Bartolinas” representam um avanço significativo na participação política das mulheres na Bolívia, sendo uma organização central entre os movimentos sociais bolivianos e influente nas políticas públicas. É interessante estender essa experiência de sucesso para garantir o pleno exercício dos direitos políticos das mulheres bolivianas e de todo o Sul global.

A memória de Bartolina Sisa é celebrada em muitos países andinos, e seu legado continua a inspirar movimentos indígenas e feministas. Ela é lembrada como uma líder corajosa que desafiou o poder colonial e lutou pela liberdade e justiça para seu povo. Em 1983, a data de sua morte foi estabelecida como o Dia Internacional da Mulher Indígena, reconhecendo sua contribuição e a de muitas outras mulheres indígenas na luta por direitos e dignidade (Rivera Cusicanqui 1984).

Figura 7 – Marcha das Mulheres da Confederação Nacional de Mulheres Camponesas Indígenas Originárias de Bolívia - Bartolina Sisa (CNMCIOB-BS)



Fonte: Confederación Nacional de Mujeres Bartolina Sisa (2024).

Disponível em: <http://www.bartolinasisa.org>

4.3.2- Juana Azurduy de Padilla

Juana Azurduy de Padilla é uma figura proeminente na história da luta pela independência sul-americana, cujas ações e legado têm sido amplamente reconhecidos tanto na Bolívia quanto na Argentina. Nascida em 1780, em Chuquisaca, no que é atualmente a Bolívia, Juana não apenas presenciou, mas também desempenhou um papel ativo nos conflitos em seu país. De origem mestiça, com ascendência tanto indígena quanto espanhola, Juana personifica a complexidade cultural da região andina durante o período colonial.

Casada com Manuel Ascencio Padilla, Juana tornou-se uma combatente incansável na guerra de independência contra a Espanha. Juntos, eles lideraram a guerrilha que lutou em várias batalhas cruciais. De acordo com historiadores como Trigo (2010), Juana foi instrumental na Batalha de Ayohuma em 1813, e sua bravura em combate foi tal que ela alcançou o posto de Tenente Coronel, uma raridade para mulheres naquela época. Sua capacidade de liderança não se restringiu apenas ao campo de batalha; ela também era uma estrategista habilidosa, o que fortaleceu a luta pela independência na região.

Após a guerra, apesar de seu papel significativo, Juana enfrentou um período de grande adversidade. Como relatado por Paz (2006), ela foi marginalizada pelo novo governo boliviano, uma realidade comum para muitos heróis da independência que não se alinharam com as novas elites políticas. Juana morreu em 1862, em obscuridade e pobreza. No entanto, sua importância como heroína nacional foi posteriormente reconhecida, culminando na concessão de uma pensão pelo governo boliviano, uma homenagem tardia, mas significativa à sua contribuição para a independência do país.

Atualmente, Juana Azurduy de Padilla é celebrada não apenas como uma líder militar, mas também como um símbolo da capacidade de resistência e da luta pelos direitos das mulheres. Monumentos em sua homenagem foram erguidos, e seu nome adorna ruas e instituições, refletindo sua estatura duradoura na memória nacional. Segundo Guzmán (2019), a figura de Juana é um lembrete poderoso do papel das mulheres na formação da América Latina moderna, e sua história continua a inspirar novas gerações na luta por justiça e igualdade. Seu legado ressalta a importância de reconhecer as contribuições muitas vezes esquecidas das mulheres na história, reafirmando seu lugar no panorama histórico da Bolívia e da América Latina.

4.3.3- Manuela Gandarillas

Manuela Gandarillas é uma figura menos conhecida, mas não menos significativa na história da Bolívia. Embora sua história muitas vezes seja eclipsada por outras figuras femininas como Juana Azurduy de Padilla, a contribuição de Manuela Gandarillas à luta pela independência da Bolívia é de grande importância. Nascida cega, Manuela Gandarillas desafiou as limitações impostas por sua deficiência e emergiu como um símbolo de resistência e coragem. De acordo com registros históricos, Manuela Gandarillas se destacou durante a defesa de Cochabamba contra as forças realistas em 1812. Apesar de sua cegueira, ela se recusou a permanecer à margem dos conflitos que moldavam seu país. Gandarillas, então com 58 anos, organizou um batalhão composto exclusivamente por mulheres, conhecido como “*Las Heroínas de la Coronilla*”³⁴. A determinação e coragem desse grupo de mulheres foram tão impactantes que se tornaram lendárias, simbolizando a resistência e o espírito inquebrantável do povo boliviano. (Gotkowitz, 1997).

Na atualidade, Manuela Gandarillas é reverenciada na Bolívia como um ícone de resistência feminina. A história de sua liderança e coragem é frequentemente invocada em discussões sobre o papel das mulheres na história boliviana e serve como uma fonte de inspiração para as novas gerações. A inclusão de Gandarillas em textos educativos e celebrações nacionais, como observado por Molina (2015), reafirma seu lugar no panteão dos heróis nacionais e destaca a contribuição das mulheres na formação da identidade nacional boliviana. As Heroínas de la Coronilla na luta pela independência da Bolívia, desafiaram as expectativas de gênero da época. No dia 4 de agosto de 1812, em Jujuy, foi registrado o relato de Francisco Turpin, que havia sido feito prisioneiro em Cochabamba, mas conseguiu escapar depois. Nesse mesmo dia, o general patriota Manuel Belgrano relatou aos seus superiores o relato de Turpin, assegurando o seguinte:

Glória às cochabambinas que se demonstraram com um entusiasmo tão digno de que passe à memória das gerações vindouras. Elas deram um exemplo que deve incitar, senhor excelentíssimo, os sentimentos mais apagados pela Pátria, e estou seguro de que não será o último com que confundam as de seu sexo que, iludidas, trabalham contra a causa sagrada, e até os homens que preferem a escravidão, por não exporem

³⁴ “*Las Heroínas de la Coronilla*” (“As Heroínas da Coroa”, tradução nossa) é um termo que se refere a um grupo de mulheres valentes da cidade de Cochabamba, na Bolívia, que desempenharam um papel significativo durante a guerra de independência contra o domínio colonial espanhol. Este grupo é especialmente famoso por sua coragem na batalha de 27 de maio de 1812.

suas vidas para assegurar nossos justos direitos³⁵ (Clavijo, 2017, p. 34, tradução nossa).

Apesar do importante papel que as mulheres desempenharam nas guerras de independência, na nascente república elas continuaram subordinadas. Embora o Estado tenha adotado os princípios liberais de liberdade e igualdade jurídica (todos são iguais perante a lei), em grande parte, devido à herança colonial espanhola, a sociedade boliviana continuou desigual e hierárquica. Uma sociedade onde a mulher, assim como os povos indígenas, era vista como menor de idade e sem discernimento.

Como resultado desse contexto, as constituições do século XIX e início do século XX continuaram a negar às mulheres a cidadania e o direito ao voto (direitos políticos), algo exclusivamente reservado aos homens que cumprissem certos requisitos. Por sua vez, os códigos civis mantiveram a figura da pátria potestade – uma herança colonial –, o que prolongou a sujeição das mulheres aos homens, das filhas aos pais, das esposas aos maridos e dos filhos e filhas ao pai. Assim, as mulheres continuaram “circunscritas exclusivamente às tarefas reprodutivas e decorativas, alienadas de sua vontade sobre si mesmas e desprovidas de voz pública própria” (Franco; Gottret, 2020, p. 56).

É importante notar, inclusive, que parte do discurso e do projeto de construção da nação, embora conferisse à mulher o papel de heroína, o fazia a partir de uma visão feminizada, maternizada, associada à imagem da Virgem Maria e da Pátria, o que significava cumprir com “diligência e abnegação os papéis 'sagrados' de mãe, esposa e filha, ao serviço da reprodução dos valores” da sociedade (Franco; Garret, 2020, p. 67). Além disso, entendia-se que a natureza feminina definia (limitava) a intervenção das mulheres ao “mundo sensorial”, o mundo onde se expressam os sentimentos e a paixão, enquanto a sociedade conferia aos homens “o domínio da razão, de onde se determina e hierarquiza os espaços da estrutura sociopolítica”. Em razão dessas concepções, “foi impensável que ela [as mulheres] pudesse atuar na esfera pública no mesmo nível que os homens, porque isso seria antinatural” (Franco e Garret, 2020, p. 68).

³⁵ No original: “*Gloria a las cochabambinas que se han demostrado con un entusiasmo tan digno de que pase a la memoria de las generaciones venideras. Ellas han dado un ejemplo que debe excitar, señor excelentísimo, los sentimientos más apagados por la Patria, y estoy seguro de que no será el último con que confundan a las de su sexo que alucinadas, trabajan en contra de causa sagrada, y aún a los hombres que prefieren la esclavitud, por no exponer sus vidas para asegurar nuestros justos derechos*” (Clavijo, 2017, p. 34).

4.4 Mulheres no período republicano

As mulheres bolivianas no período da República enfrentaram uma série de transformações histórico-sociais que concernem à sua posição na sociedade. Tendo isso em vista, a Bolívia sofreu inúmeras transformações políticas e sociais, decorrentes das guerras, revoluções e dos demais períodos de instabilidade no país, que afetou diretamente a organização das respectivas funções das mulheres e, sobretudo, a política. Nesse sentido, as mulheres bolivianas sempre desempenharam diversos papéis que eram, por sua vez, limitados pelas normas e valores culturais da época, que concebiam a hegemonia masculina.

Desse modo, a presente discussão se dá porque apenas a mulher por trás de suas ações, não era bem quisto pela sociedade, já que não respondia ao padrão ideal definido a seu respeito, para cumprir com suas funções relacionadas ao doméstico e à reprodução, sendo até mesmo considerada como uma ameaça às instituições sociais. Logo, a mulher por si só era considerada um indivíduo anônimo e, para tanto, emancipado, que não podia prezar pela própria liberdade, sem conceber a maternidade, o casamento e o desempenho de funções atreladas à casa. Assim, Cécile Dauphine (1993, p. 145) afirma:

A luta entre a lenda dourada do casamento e o grotesco espantoso da solteirona repetia-se... as palavras que designam a mulher sem marido dependem sempre de uma representação discriminatória da mulher. Tudo aconteceu como se nas mulheres solteiras cristalizasse todos os medos da autonomia feminina, sexual, social, econômica e intelectual, a solidão feminina pode ser considerada uma ameaça ao modelo familiar.

Para tal, as mulheres na república enfrentaram, em cada um dos períodos, uma série de questões sociais e políticas para reivindicar por seus direitos e por sua autonomia, conquistar um espaço na esfera pública e romper com os discursos relacionados ao modelo familiar patriarcal, que considera a figura masculina como fundamental para exercer suas ações, estabelecendo assim, uma relação de subordinação, na qual os homens exercem domínio sobre as mulheres.

No entanto, com o passar do tempo, houveram alguns avanços graduais em relação à igualdade de gênero, à luta contínua pela conquista de seus direitos, contra a pobreza e a violência doméstica, ao passo que reivindicam por mudanças nas leis a fim de assegurar direitos iguais em áreas como educação, trabalho e participação política.

Desse modo, o Estado assumiu os princípios relacionados à liberdade e igualdade jurídica, concebendo todas as pessoas iguais perante a lei, logo grande parte da herança cultural espanhola e, principalmente, a Bolívia, continuou apresentando grandes índices de desigualdade social e hierárquica, pois muitas mulheres eram concebidas, assim como as indígenas, como mais jovem e incapaz de compreender outras questões para além das atreladas ao lar.

Sob essa perspectiva, as constituições do século XIX e do início do século XX continuaram a negar os direitos da cidadania e do sufrágio às mulheres, considerados estes direitos políticos, sendo incubidos apenas aos homens que atendiam a determinados requisitos pré-estabelecidos. Por outro lado, os códigos civis mantiveram a presença da figura da autoridade parental, originada de uma herança colonial que prolongou a relação de submissão das mulheres aos homens, das filhas aos pais, das esposas aos maridos e dos filhos e filhas ao pai. Com isso, estas continuaram: “Limitadas exclusivamente a tarefas reprodutivas e decorativas, privadas da vontade sobre si mesmas e desprovidas de voz pública própria” (Franco; Gottret, 2020, p. 56).

Desse modo, a educação ministrada às mulheres durante o século XIX e início do século XX, de acordo com o decreto de 1845, era “baseada nos preceitos da religião católica” (Montaño, 2004, p. 71), portanto, visava sobretudo reforçar o seu papel de guardiã e reprodutora de valores e, portanto, de transmissora dos fundamentos morais em que se deve basear a nação boliviana, um processo em que as reformas liberais do final do século XIX apenas reforçam este imaginário patriarcal, atualizando-o com novas leis e códigos de comportamento. (Franco; Gottret, 2020).

Além disso, talvez um dos piores impasses da mulher acontecia no caso de divórcio. Quando se iniciava o julgamento do divórcio, por qualquer um dos cônjuges, a mulher era privada de liberdade e encaminhada para um beatério ou retiro indicado pelo juiz com o objetivo de zelar pela sua “honorabilidade”. Por outro lado, se a culpa fosse da esposa, “o Código Penal autorizava a violência contra ela para que o homem pudesse defender a sua ‘honra’” (Montaño, 2004, p. 51).

Além do impasse e do caso de divórcio mencionado, é importante ainda referir que parte do discurso e da construção da nação, embora tenha atribuído às mulheres o papel de heroína, vê-lo com base numa visão feminizada, materna, associada à imagem da Virgem Maria e da Pátria, o que significava cumprir com “diligência e abnegação os papéis ‘sagrados’ de mãe, esposa e filha, ao serviço da reprodução dos valores” da sociedade (Franco; Garret, 2020, p. 67).

Além disso, por sua vez, entendia-se que a natureza feminina definia a intervenção das mulheres ao “mundo sensorial”, o mundo onde se exprimem os sentimentos e a paixão, enquanto a sociedade conferia aos homens “o domínio da razão, a partir do qual se determinam e hierarquizam os espaços da estrutura sociopolítica”. Devido a estas concepções, “era impensável que ela, a mulher, enquanto indivíduo, pudesse atuar na esfera pública ao mesmo nível que o homem, porque isso não era considerado um processo natural” (Franco; Garret, 2020, p. 68).

Apesar da luta árdua enfrentada pelas mulheres, assim como as normas vigentes na sociedade boliviana, muitas delas encontraram brechas que lhes permitiram “romper ou contornar as normas e ganhar alguma independência” (Lema, 2006, p. 231). Por essa razão, começaram a aplicar estratégias para conquistarem a sua independência, sobretudo as concernentes do estatuto socioeconômico e étnico das mulheres na sociedade a fim de reivindicarem por seus direitos e pelo reconhecimento dos papéis que desempenham dentro ou fora de casa.

A virada do século foi marcada por grandes transformações na Bolívia, pois alguns vestígios do século XIX eram ainda evidentes, tendo em vista os acontecimentos que marcaram este período. Assim, considerando todo o contexto político e social do país, numa sociedade ainda predominantemente patriarcal, conservadora, religiosa e racista, atrelada às normas sociais, as mulheres continuavam a ser concebidas em função do seu sexo e da sua condição étnica.

Desse modo, em relação às mulheres de classe média e abastada, pelo menos durante as duas primeiras décadas do século XX, o estereótipo da mulher era o mesmo do século passado. “A mulher ideal da época era bela, moralmente irrepreensível, terna, afetuosa, sentimental, fértil, paciente, resignada, trabalhadora, etc. Podia até ser emocionalmente instável, já que a racionalidade era um atributo puramente masculino” (Sánchez, 2019, p. 35). Por esse motivo, o estereótipo atribuído às mulheres de ser delicada, sensível, repleta de afeto distanciava-se das características de um indivíduo racional, lógico, determinado, sendo este considerado um atributo masculino, pois os homens eram pessoas conhecidas por sua força e sua racionalidade, principalmente nas relações de trabalho.

A estereotipação é um processo que permeia as discursividades sociais, muitas vezes de maneira inconsciente. Grande parte do que se acredita ou se afirma está ligada a estereótipos, que podem ser entendidos como ideias padronizadas ou conceitos socialmente construídos que integram uma memória coletiva. (Possenti, 2022).

Esses estereótipos são representações imaginárias compartilhadas pela sociedade sobre determinados grupos, objetos ou fenômenos, frequentemente simplificando e reduzindo sua complexidade. Na literatura infantil, os estereótipos desempenham uma importante função ao reforçar ou desafiar narrativas culturais e identitárias, especialmente no que diz respeito à construção de feminilidades e papéis de gênero.

Assim, o papel da mulher na sociedade da época continuava a ser o de mãe, esposa e filha, que devia acompanhar e servir o homem e cujo modelo de pureza e virtude era a Virgem Maria. No caso particular das mulheres solteiras, filhas de famílias abastadas, elas eram instruídas apenas nos assuntos domésticos. Com isso, a literatura da época está repleta de escritos que procuram exaltar a mulher com estereótipos idealizados, como “rainha da criação”, “anjo do lar”, “deusa”. A sua “ciência” devia ser demonstrada ao tornarem-se esposas e mães exemplares, que tudo faziam e ensinavam aos que delas dependiam. Considerava-se que os estudos deviam ser limitados, pois era digno de censura sobrecarregar as mulheres com estudos “demasiado difíceis”, como geometria, ciências naturais e literatura” (Escobari, 2005).

Contudo, nas primeiras décadas do século XX, os governos liberais aumentaram o acesso das mulheres à educação primária e secundária, especialmente no que tange ao ensino, que se tornou a profissão mais acessível, bem como “a presença mínima, mas também progressiva, das mulheres na sala de aula da universidade, entre outros, gerou um certo interesse nelas voltado para o debate de problemas políticos e sociais anteriormente reservados apenas aos homens” (Durán; Seoane, 1997, p. 149).

Por esse motivo, o acesso ao ensino superior e à educação possibilitou a inserção das mulheres na esfera pública, permitindo que estas ocupem esses espaços, usufruindo de seus recursos e, por conseguinte, contribuindo para o alcance do reconhecimento no âmbito político e social, além de motivar reivindicações pela inclusão no sistema político. Segundo Ardaya (2001), esta se dá primeiro a partir das cartas e depois a partir dos movimentos sociais organizados no início do século XX, como o “Ateneo Femenino”, a Legião Feminina de Educação Popular América e a Federação Obreira Feminina (FOL), iniciando um longo de luta pela legalidade e legitimidade das reivindicações das mulheres bolivianas.

Portanto, ao longo do tempo, o papel da mulher foi sofrendo mudanças; no entanto, ao mesmo tempo que estas transformações ocorriam, alguns setores da sociedade boliviana - incluindo muitas mulheres -, especialmente em La Paz e Orureña, começaram a sentir-se receosos, porque iam contra o arquétipo de mulher prevalecente na época. Por

exemplo, “as mulheres da classe alta continuaram a manter a imagem de fracas, sensíveis e passíveis, influenciadas pela imagem da mulher católica” (Escobari, 2005, p. 09).

Apesar das restrições impostas às mulheres pelo meio social e, principalmente pelo Estado, assim como pela sociedade boliviana, tiveram muitas mulheres que lutaram por seus direitos a fim de adquirir sua independência, por meio de estratégias diversas como já mencionado, exercendo assim importantes papéis, desde atividades filantrópicas, englobando o âmbito militar e laboral, tais como: comércio, manufatura, administração de bens de fazendas, produção de arte, literatura, música, educação, além de ocupar os cargos de cacicas.

Dessa forma, o desenvolvimento dessas estratégias permitiu que as mulheres pudessem ir além do padrão que lhes era imposto, deslocando-se da esfera privada para a pública e possibilitando oportunidades de atuação nos setores de trabalho. É importante, contudo, considerar que o papel da mulher não foi questionado na sociedade patriarcal, republicana e liberal.

Apesar disso, sem essas incursões, sem essas experiências e lutas não seria possível compreender as conquistas que as mulheres alcançaram no século XX boliviano. Como mencionado, a caridade e a filantropia foram algumas das estratégias executadas pelas mulheres, através das quais fundaram abrigos para mulheres e órfãos e apoiaram a educação e a saúde.

Acrescentando-se a essa ideia, é importante considerar o contexto histórico, a partir das transformações decorridas nos períodos anteriores, que repercutiram diretamente na sociedade boliviana durante e após a Guerra do Chaco (1932-1935). Desse modo, estas contribuem para o surgimento de novas tendências político-partidárias juntamente às conquistas sociais alcançadas durante os governos militar-nacionalistas como importantes meios, favorecendo a crescente entrada das mulheres na esfera pública. Desse modo, é imprescindível notar que até a Revolução de 1952, as mulheres, relegadas aos afazeres domésticos, ao setor agrícola nas zonas rurais e a espaços específicos de trabalho nas cidades, sofreram com maior intensidade a exploração e a discriminação das mulheres, exercidas pela oligarquia (Puentes, 2022).

Ainda, segundo o mesmo autor, o seu trabalho não era reconhecido como uma parte importante da economia nacional, pois também não dispunham de muitos dos direitos que hoje são considerados necessários no domínio da saúde, dos sistemas de pensões e da participação política. Sendo assim, era muito difícil para as mulheres das zonas urbanas encontrar trabalho fora das áreas tradicionalmente femininas,

principalmente devido à situação precária de um setor fabril que não tinha capacidade para absorver a mão de obra disponível, então acabavam por ser obrigadas a permanecer no setor dos serviços e no trabalho doméstico.

Neste contexto, em janeiro de 1961, as mulheres dos trabalhadores das minas de Catavi (Potosí), Siglo XX (Potosí) e Huanuni (Oruro) entraram em greve, exigindo o pagamento de salários em atraso e a libertação dos mineiros presos. Esta situação desencadeou a formação do “*Comité de Amas de Casa de Siglo XX*”, uma das organizações de mulheres mais proeminentes do movimento mineiro. Este Comitê participou em greves de fome, manifestações e outras atividades com o objetivo de conseguir melhores condições de vida para os homens, mulheres e crianças na mina (Weizzer, 1977).

Por conseguinte, o movimento mineiro contou com a participação das mulheres nos respectivos sindicatos, através de seus companheiros. Assim, estas assistiam às reuniões no seu papel de esposas dos sindicalistas, pelo que a sua participação era enfraquecida, principalmente devido à estrutura fortemente patriarcal destas instituições (Puentes, 2022).

Portanto, as feministas da década de 1960 começaram a lutar por seus direitos e encontrar as histórias das mulheres com as quais se identificavam, a fim de construir seus próprios caminhos para atuar de maneira independente na política e na esfera pública da sociedade. Esta mudança foi significativa para romper com os padrões patriarcais vigentes até então, promover a emancipação independente do coletivo masculino, configurando a autonomia e a organização feminista. Sendo assim, as mulheres indígenas, camponesas e outras demais passaram a se organizar com o objetivo de reivindicar seus direitos e lutar por suas respectivas identidades, na busca pela igualdade de gênero.

Após sete longos anos de ditadura militar de Banzer (1971-1977), a exigência e a luta pelo restabelecimento da democracia e das liberdades sindicais, principalmente nos setores populares (operários, mineiros e camponeses), tornavam-se cada vez mais fortes. Neste contexto, a partir da condição desfavorável dos homens devido à prisão e ao exílio, as mulheres voltaram a assumir a liderança e ter participação ativa na esfera pública.

Dessa forma, a secretária executiva do Comitê das Donas de Casa, Domitila Barrios, relatou esta situação da seguinte forma, a propósito de uma greve geral decretada em 1976:

Como os homens não podiam fazer nada porque estavam presos e encarcerados, as mulheres e os seus filhos organizam-se

espontaneamente e tomaram posições nas frentes de trabalho. De manhã cedo, estavam na mina e aqueles que vinham trabalhar, as mulheres tratavam-os com muita dureza: 'covardes! Temos sete, oito filhos e estamos a manter a greve e como é possível que vocês se vendam e vão trabalhar? Apedrejaram-nos e expulsaram-nos. Perante isto, enviaram o exército para expulsar as mulheres, mas o exército não se atreveu a fazer nada contra elas quando começaram a cantar 'Viva minha Patria Bolivia' (Cajías; Jiménez, 1997, p. 148).

Além disso, houve um importante marco histórico, no qual a participação das mulheres se tornou evidente no final de 1977, perante a desconfiança da convocatória relacionada às eleições gerais por parte do regime, após a confirmação de um militar como candidato do partido no poder e na publicação da lista de anistiados. Por esse motivo, a Federação Sindical dos Mineiros da Bolívia (FSTMB) decretou uma greve de 24 horas, uma medida que ganhou notoriedade depois de quatro mineiras terem decidido ir à cidade de La Paz para iniciar uma greve de fome, acompanhadas pelos seus 14 filhos menores.

Todas essas ações marcaram o início de um processo condutivo à democracia, em que “emergiu um movimento de mulheres mais plural e amplamente politizado, que voltou a redesenhar uma agenda das mulheres incorporando as suas principais reivindicações centradas na igualdade de direitos e no direito à diferença” (Ardaya, 2001, p. 22). Dessa forma, a ampliação da democracia proporcionou um espaço de reivindicações das mulheres, ancorado nos seus interesses e necessidades, além de promover o acesso ao poder no âmbito nacional ou regional, aos direitos reprodutivos e à prevenção contra a violência doméstica a partir de uma legislação específica e acordos voltados para as demandas no geral, concernentes a este público.

Além das mulheres bolivianas, as indígenas também assumiram um papel significativo nesta luta, por meio de organizações como a Confederação dos Povos Indígenas da Bolívia (CPIB) em 1982 e a Assembleia do Povo Guarani (APG) em 1987, além da Federação Campesina de Mulheres do Trópico (FECAMTROP) em 1995. Já no âmbito urbano, havia sindicatos e organizações de trabalhadores urbanos, associações profissionais, organizações de mulheres autoridades, como a Associação de Concejales e Alcaldesas de Bolívia (ACOBOL) em 1999, coletivos feministas e organizações não governamentais que promovem a participação autônoma das mulheres nesses movimentos em prol da democracia.

Portanto, a representação política das mulheres englobando as mais diversas comunidades originou-se de um processo árduo de mobilização voltado para a conquista da participação feminina em diferentes esferas da sociedade boliviana. Ainda que tenha

sido um importante passo para os direitos políticos concernentes às mulheres, foi necessário transcorrer mais de uma década para haver o reconhecimento do Estado boliviano da alternância entre mulheres e homens neste aspecto e conceber a equidade de seus respectivos direitos.

4.5 Mulheres no Estado Plurinacional

Desde a aprovação da Constituição Política do Estado em 2009, a Bolívia tem se dedicado à construção e consolidação do Estado Plurinacional. Para alcançar esse objetivo, foi identificado que a única opção viável é dismantelar as estruturas do Estado colonial, patriarcal, republicano e neoliberal. O objetivo estratégico do Estado Plurinacional é a criação de uma sociedade justa e harmoniosa, fundamentada na descolonização e despatriarcalização, livre de discriminação e exploração, e que promova as identidades plurinacionais.

Dessa maneira, a Bolívia tem se dedicado à construção e, por conseguinte, à consolidação do Estado Plurinacional, que concebe as diferenças como fator integrante da sociedade boliviana. Entretanto, para alcançar este objetivo, a única alternativa viável é desestabilizar as estruturas do Estado colonial e republicano, sob o modelo do patriarcado vigente, além de neoliberal. Por esse motivo, ele pretende construir uma sociedade mais justa, igualitária, fundada nos preceitos da descolonização e despatriarcalização, das identidades plurinacionais, livre dos processos discriminatórios que visam a exploração das mulheres, acentuando ainda mais os níveis de desigualdade.

Santos (2010) afirma que o feminismo contribuiu de maneira decisiva para a crítica da epistemologia eurocêntrica dominante. As propostas dos feminismos pós-coloniais devem merecer a devida atenção, pois caracterizam-se por colocar a discriminação sexual em uma luta mais ampla de uma sociedade caracterizada pela desigualdade; pretendendo decolonizar o movimento feminista também do feminismo eurocêntrico; orientam sua crítica para a diversidade.

Assim, tendo em vista o horizonte plurinacional, um dos elementos mais marcantes desse texto constitucional diz respeito ao conjunto de dispositivos que visam superar a desigualdade, a exclusão e a discriminação a que as mulheres foram historicamente submetidas. Neste sentido, o Estado Plurinacional assume o desafio de resolver essa dívida histórica, construindo uma sociedade baseada em relações de

convivência, respeito, igualdade e equidade (política, econômica, social, cultural, institucional e jurídica) entre todos aqueles que fazem parte da nação boliviana.

Para efeito, um dos objetivos e funções do Estado é construir uma “sociedade justa e harmoniosa, baseada na descolonização, sem discriminação nem exploração, com plena justiça social, de modo a consolidar as identidades plurinacionais” (Art. 9º) da Constituição Política do Estado (CPE). Por sua vez, define como valores “a unidade, a igualdade, a inclusão, a dignidade, a liberdade, a solidariedade, a reciprocidade, o respeito, a complementaridade, a harmonia, a transparência, o equilíbrio, a igualdade de oportunidades, a equidade social e de gênero na participação, o bem-estar comum, a responsabilidade, a justiça social, a distribuição e a redistribuição dos produtos e bens sociais, para bem viver” (Art. 8º, CPE).

Nessa perspectiva, no domínio da participação política das mulheres nos órgãos governamentais, é reconhecida a “equivalência de condições entre homens e mulheres” (Art. 11º) e a “participação igual e equitativa de homens e mulheres” (Art. 26º, I), com base nos critérios (princípios) da paridade e da alternância, conforme estabelecido na Lei n.º 026 do Regime Eleitoral (Art. 2º, h).

Assim, no que se refere aos direitos, a Carta Magna contempla um amplo rol de direitos individuais e coletivos, sendo o Estado o garantidor do seu pleno exercício. Assim, temos a disposição que garante a todas as pessoas, e em especial, as mulheres, o direito de não sofrer violência física, sexual ou psicológica, tanto em família quanto na sociedade, contribuindo para o Estado adotar as medidas necessárias para prevenir, eliminar e punir a violência de gênero e geração, bem como toda a ação ou omissão que vise degradar a condição humana, causando morte, dor e sofrimento físico, sexual ou psicológico, tanto no âmbito público como no privado” (Art. 11. III).

Por outro lado, temos o amparo da lei a favor das mulheres, sobretudo aos direitos da maternidade conforme apresenta (Art. 45. V); assim como direito ao trabalho e a uma remuneração equivalente aos homens pela realização do mesmo trabalho, isto é, de igual valor (Art. 48. V) e o direito ao exercício dos direitos sexuais e reprodutivos (Art. 66). Todos eles visam proteger e garantir o direito das mulheres, buscando pela igualdade de gênero em diversas esferas da vida, seja ela privada ou pública.

Por esse motivo, com o objetivo de cumprir com as medidas e disposições constitucionais a favor das mulheres, foi aprovada uma série de leis e regulamentos, entre os quais destacam-se (i) a Lei n.º 026 do Regime Eleitoral (2010); (ii) a Lei n.º 045 contra o racismo e todas as formas de discriminação (2010); (iii) a Lei n.º 243 contra o assédio

e, por fim, a violência política contra as mulheres (2012); (iii) a Lei n.º 348 abrangente para garantir às mulheres uma vida livre de violência (2013); (iv) e a Lei n.º 1096 sobre as organizações políticas (2018), entre outras. (Bolívia, 2017).

Dessa forma, o Fórum Econômico Mundial concebeu o “Índice Global de disparidade de gênero” com o objetivo de comparar, entre 146 países, “o estado atual e a evolução da paridade de gênero em quatro dimensões-chave” (Women, 2022, p. 60), tais como: oportunidade e participação econômica, sucesso escolar, saúde e sobrevivência, e política. Segundo este índice, a Bolívia ocupava o 82.º lugar em 2009, tendo subido significativamente em 2012 e 2015 para o 30º e 22.º lugar, respectivamente. Em 2018, houve uma ligeira queda para o 25º lugar, com a Bolívia a ocupar o 42º e o 61º lugar em 2020 e 2021, respectivamente, e uma queda considerável em 2022 para o 51º lugar (Macro Data, 2022).

Com base nestes dados, um dos domínios em que se registram avanços mais notáveis é o da crescente participação política das mulheres nos diferentes níveis de governo (nacional e subnacional), como resultado da aplicação do princípio da alternância e da paridade, que permitiu passar das quotas à paridade. O ano de 2014 foi um ano marcante em que a paridade foi alcançada na Câmara dos Deputados com 65 mulheres (50,77%) e na Câmara dos Senadores com 16 (44,4%) conforme os dados do Serviço Estatal de Autonomias (SEA). Nas eleições de 2020, embora a tendência positiva seja clara, assistiu-se a um fenômeno inverso com 61 deputadas eleitas (46,92%), enquanto na câmara alta foram eleitas 20 mulheres como senadoras (55,5%) de acordo com o Órgão do Estado Plurinacional (OEP).

No entanto, apesar destes avanços e da entrada em vigor da Lei nº 243, as mulheres autoridades e funcionárias públicas continuaram a ser vítimas de Assédio e Violência Política (AVP), o que constitui um dos principais problemas a ser resolvidos, pois se constitui em feminicídio, uma prática violenta que atenta contra a vida da mulher.

Segundo os dados do Inquérito à Prevalência e Características da Violência Contra as Mulheres, elaborado pelo Instituto Nacional de Estatística (INE) em 2016, “A cada 100 mulheres casadas ou com união estável com 15 ou mais anos, 75 referiram ter sofrido algum tipo de violência por parte do companheiro no decurso da relação” (INE, 2017, p. 28). Por outro lado, dados da Força Especial de Combate à Violência (FELCV), foram registrados, a nível municipal, um total de 34.119 casos de diferentes tipos de violência, dentre elas está o feminicídio com base nestes dados, registrando num total de 107 casos.

Por esse motivo, as lutas feministas e as respectivas denúncias quanto aos processos de discriminação relacionados à categorização do gênero devem ser requisitos fundamentais para a instauração do Estado Plurinacional da Bolívia e, por consequência, para a consolidação da luta feminista. Dessa forma, estes movimentos também são considerados decoloniais, pois se propõem a ir contra a lógica do sistema colonial, patriarcal, caracterizado pelas desigualdades sociais, pela discriminação e violência contra as minorias, além da exploração das mulheres de diversas comunidades.

Por isso, as mulheres no Estado Plurinacional simbolizam a luta e a resistência diante do cenário atual, pois trazem importantes discussões sobre questões de gênero, a partir de uma perspectiva decolonizadora que tem por objetivo reconhecer suas múltiplas identidades e rompem com as barreiras que sempre lhes foram impostas.

4.6 Feminismo Comunitário de “Abya Yala”

O feminismo comunitário se inicia no século XXI a partir das lutas e da resistência contra o sistema opressor e capitalista das mulheres indígenas diante das práticas violadoras acerca de seus direitos, assim como os de sua comunidade e seus povos de origem. Portanto, trata-se, assim, de um movimento comunitário que apresenta forte cunho político, social, pois se propagou em diversos países do continente americano e reforça as características do próprio movimento, emergindo diferentes perspectivas e posicionamentos frente aos processos colonialistas, o modelo hegemônico do patriarcado e do capitalismo até os dias atuais.

Estes movimentos apresentam visões, construções e lutas próprias que enfocam na reivindicação dos direitos coletivos, concernente à comunidade como um lugar de encontro, de pertencimento a uma determinada cultura e, principalmente, de identidade de um povo. Traz também o espaço, o território, o corpo, a reciprocidade em uma relação que deriva da vida humana. Assim, o território das palavras, da luta e da disputa de sentidos, traz os diversos significados para nossas feministas comunitárias e anti patriarcais, compartilhando a memória da necessidade urgente sobre descolonizar o feminismo.

Por conseguinte, o feminismo é considerado a partir da luta contra o patriarcado, contra o sistema capitalista e o massacre do Gás em 1003, frente às bases militares, franco atiradores e marinheiros comandados pelo presidente Gonzalo Sánchez de Lozada, atentando contra as pessoas indígenas, pobres, porque tampouco considera a vida da

comunidade. Nisto, compreende-se a estrutura da violência que se dá a partir do feminismo eurocêntrico. Logo, o movimento não se estuda, mas se faz a partir das ações e da prática do dia a dia, das lutas nas ruas para enfrentar o sistema político, no qual as feministas assumem seu papel e a responsabilidade de cumpri-lo para defender o direito da população.

A luta se dá a partir do corpo. Não se trata assim dos livros, da teoria, mas daquilo que tem o poder de mobilizar e gerar repercussão, pois as opressões se dão a partir das práticas colonialistas que segregam a comunidade e, sobretudo, as índias, os índios e as mulheres latino-americanas. Assim, *Abya Yala*, constrói um feminismo útil para as lutas atuais, pois considera a comunidade como forma de vida, a humanidade como parte da natureza e como auto organização e autodeterminação para se posicionar e realizar as suas ações. Nesse sentido, o feminismo europeu é caracterizado pela perspectiva eurocêntrica, por reproduzir cumplicidades racistas e coloniais com o sistema.

As lutas feministas na Europa e nos Estados Unidos começaram a responder sobre os corpos e as opressões, levando em consideração o evento colonial de 1492, a invasão, o índice de violência, o genocídio e a consequente violação sistemática que passaram as nossas avós e as gerações que as antecedem, compreendendo o espectro patriarcal e as práticas dos corpos femininos. Por essa razão, descolonizar os feminismos é compreender, classificar e caracterizar o patriarcado que vivemos atualmente nos territórios das mulheres originárias, como negras, pobres, desobedientes com a norma heterossexual.

Dessa forma, as lutas não dizem respeito à propriedade, assim como tampouco às palavras, pois o feminismo nasceu em todo o território onde podemos enfrentar o sistema patriarcal que é grande responsável pela violência e, por conseguinte, pela morte das mulheres. O ato de descolonizar não se restringe aos sentidos, pois se constroem e se disputam a partir da autonomia, dos movimentos e da manifestação das ideias, dos pensamentos, transfigurando as palavras escritas por esta luta.

Segundo Paredes (2010), descolonizar a memória não se trata de falar como se descoloniza, senão fazê-lo, de descolonizar o feminismo, suas raízes, fundamentos teóricos e a legitimação de uma só parte para trazer a luta e suas lutadoras. Se constitui em uma necessidade inevitável do feminismo comunitário como exercício de sua autonomia epistemológica e histórica, recuperando a memória descolonizadora, trazendo uma nova perspectiva às leituras e as classificações arbitrárias que são originadas de um

feminismo de primeira e outro de segunda, relação em que há grande troca a partir do compartilhamento de ideias entre as feministas.

Nessa perspectiva, são apresentadas diversas histórias de feministas a partir da luta de mulheres e diversos tipos de feminismos para descolonizar a memória, sem intenção de colocá-la em uma dada cronologia, indo além das classificações existentes como as que giram em torno da modernidade eurocêntrica e egocêntrica, reafirmando que não há história universal para descolonizar a temporalidade, já que não são filhas de uma ilustração e então lutam por igualdade, respeito às diferenças e por resgatar os valores culturais e históricos da América Latina, do Caribe e, principalmente, a memória da comunidade de mulheres que são as próprias criadoras destas, permitindo o reconhecimento do feminismo comunitário e dos demais antisistêmicos, buscando um lugar que luta contra todo o sistema opressor.

O que seria afinal de contas considerado universal? Para os filósofos gregos, este conceito se opõe ao individual ou particular, como o anula e pretende, de certa forma, superá-lo, construindo um conhecimento, umas teorias universais que supostamente devem-se cumprir e estar de acordo com os valores e a ética universal, isto é, com as ideias absolutistas como um todo, que reflete também o triunfo da razão sobre a natureza.

Assim, o universal se propõe como uma estratégia de dominação e colonização dos corpos e das mentes, pois está feito a partir de que as pessoas detêm o poder, os valores universais como “liberdade, igualdade e fraternidade” da Revolução Francesa, a cidadania e os direitos como medidas tomadas pelo branco e pelo burguês e portanto, não se aplicam às mulheres, nem sequer as brancas ou burguesas como a maioria e nem as pessoas indígenas de *Abya Yala* que não eram consideradas humanas ou tinham seus direitos enquanto cidadãs.

Logo, o conceito universal é considerado uma estratégia de colonização em que as escolas reproduzem, na maioria das vezes, este padrão, pois traz a história universal concernente à Europa e aos Estados Unidos que nos faz refletir sobre um povo que não tem uma história tão simbólica com relação às perdas e dívidas históricas. Nesse sentido, a crença no desenvolvimento das ideias republicanas e a ideia da modernização até hoje persiste em alguns setores que querem ser a imagem dos países autodenominados desenvolvidos ou pertencerem à categoria de “primeiro mundo”, no qual grande parte dos acadêmicos, dão maior enfoque no Norte do que no Sul. Não há, pois, uma história universal, senão a imposição de dados e significados a partir de uma hegemonia do pensamento predominante. (Guzman, 2019).

As classificações oficiais do feminismo têm sido realizadas sobretudo por acadêmicas que precisam reconhecê-lo como tal e considerar o seu estudo. Entretanto, é importante saber que uma coisa é estudar o feminismo e outra é ser feminista, pois são atividades que se organizam de maneiras diferentes. Esta organização da informação que, aparentemente pode ter um fim pedagógico e didático, é um grande exercício de poder, pois não se trata de uma arbitrariedade colonial, nem se valer da perspectiva colonizadora que traz o euro ocidental como característica preconizado do movimento desde a época em que ocorreu a Revolução Francesa, na qual houve a luta de muitas mulheres por seus direitos e por sua pretensão universalista.

Tendo o feminismo, como filosofia política e como prática, temos algumas de suas classificações realizadas por Amelia Valcárcel (2004) em 3 etapas, abarcando desde suas origens na Revolução Francesa do século XVIII e parte do século XIX para a cronologia Europeia; a segunda denominada o feminismo liberal-sufragista que vai desde o manifesto de Seneca Falls (1848) até o fim da Segunda Guerra Mundial; e a terceira que começa com as manifestações de cunho estudantis na França (1968), vividas até os dias atuais. Logo, as temáticas estão relacionadas aos diferentes períodos que os caracterizam.

Dessa forma, o movimento sufragista na América Latina teve predominância branca e burguês, em oposição às feministas do movimento que se propunha a lutar contra as ditaduras militares, no qual as mulheres só eram vistas como dados ou números, muitas vezes não registrados, já que as lutas anticoloniais da época das pessoas indígenas originárias, ancestrais, não eram devidamente valorizadas. Este padrão se revigora graças ao capitalismo transnacional extrativista que concebe a Bolívia como um território sem mar, logo é preciso refletir sobre as estruturas sociais predominantes e as construções que se dão sobre o lugar que os mantém e os alimenta. (Valcárcel, 2004).

Ao trazer o conceito de feminismo comunitário, podemos relacioná-lo às práticas decoloniais e às mulheres bolivianas que estão diante de grupos racistas e fascistas envolvidos na guerra civil e na divisão da Bolívia, considerando o contexto sócio-histórico do país cujas bases políticas econômicas são impostas pelo imperialismo, com o objetivo de assegurar suas taxas de acumulação e apropriação usureira dos excedentes econômicos e os recursos naturais dos países do terceiro mundo. Por outro lado, temos as

mulheres que estão em busca de seus direitos e lutam por um país sem violência, com igualdade de oportunidades e com muito amor para as *wawas*³⁶

O colonialismo histórico e interno serve de base racial para as políticas de ajuste neoliberal. Assim, a nefasta herança da invasão colonial que compreende a exclusão, o desprezo, o machismo e o racismo à comunidade dos povos indígenas, têm gerado como resultado a criação de um modelo que se constrói a partir de privilégios e então, não necessita do branco invasor como Virrey³⁷ senão aquele que executa por meio de seus herdeiros igualmente brancos, os neo-colonizadores nascidos ou não nascidos, mas que foram amamentados e criados em terras bolivianas.

Por esse motivo, este modelo gerou um imaginário estético racista, preconceituoso e discriminador, dizimando cotidianamente os corpos de mulheres indígenas ou de origem indígena. Este é fruto da concepção estética relacionada aos critérios da beleza e de estar bem arrumada. Qualifica-as assim, as mulheres brancas com traços ocidentais, como bonitas, educadas, limpas e bem vestidas, enquanto as morenas com traços indígenas são concebidas como feitas, mal educadas, sujas, mal vestidas.

Com os corpos marcados pelo colonialismo, as mulheres têm recorrido à história para prestar seus relatos e continuar a lutar, umas com as outras para combater as práticas colonialistas que geram um comportamento colonial relacionado ao erotismo, ao desejo, a sexualidade, ao prazer, colocando-a na condição de objeto devido à sua aparência.

Contudo, o contraste influenciou neste movimento, favorecendo as mulheres de classes médias e altas na época neoliberal, explorando as mulheres jovens indígenas a partir do trabalho manual e doméstico. Assim, as Organizações Não Governamentais (ONGs) começaram a planejar Leis Especiais, leis de segunda para as irmãs, agora consideradas trabalhadas de casa, cujos níveis de exploração se mantiveram. Entretanto, as instituições se negaram a discutir sobre o trabalho doméstico, porque no total, não queriam trazer esta questão à tona.

O desenvolvimento das práticas neoliberalistas trouxe grandes impactos para a Bolívia, pois acometeu a sua dignidade e a soberania para se submeter às necessidades do mercado mundial, manejando o benefício das transnacionais desde centro de poder no Norte do Ocidente e em alguns países asiáticos com filiais sediadas no Sul. Com isso, este imaginário reflete nos movimentos feministas e na luta das mulheres, pois a grande

³⁶ Em *quechua*, "wawa" significa "criança" ou "bebê". É um termo amplamente utilizado nas culturas indígenas andinas para se referir aos filhos pequenos.

³⁷ Foi o responsável por governar em nome do rei da Espanha no período colonizador.

massa de teóricos e intelectuais da esquerda no país buscaram aproveitar-se da situação e das oportunidades do livre mercado, da globalização e da democracia transnacionalizada.

Por esse motivo, as mulheres foram parte do processo relacionado à reestruturação neoliberal e à obtenção de mão de obra barata para as reformas estruturais. Elas são incorporadas desde a colônia à matriz produtiva do país com base nas práticas neoliberais que favorecem a produção do capital, cumprindo o papel central em suas famílias. Naquele período, os seus maridos, provedores da casa, haviam sido despedidos, ficando desempregados e apenas no âmbito doméstico por não ter outras atividades para serem realizadas na rua. Então, as mulheres cobriram as necessidades da segurança social e foram convocadas para trabalhar com mão de obra barata, superando as 12 horas, sem ter o ressarcimento das horas extras trabalhadas.

Em razão deste contexto de exploração do trabalho e da mão de obra barata é que surgiu a necessidade das mulheres se posicionarem por meio da comunidade como princípio incluyente que cuida da vida e mostra outra maneira de entender e organizar a sociedade. Quando nos definimos por comunidade, estamos nos referindo a todas as demais de nossa esfera social, sejam urbanas, rurais, religiosas, esportivas, culturais, políticas entre outras. A comunidade está constituída por mulheres e homens como duas metades imprescindíveis, complementares, recíprocas e autônomas uma da outra. Isso não significa necessariamente uma heterossexualidade obrigatória, porque não estamos tratando aqui de casa.

A proposta do feminismo comunitário parte da ideia de comunidade como princípio incluyente que se propõe a cuidar da vida e das mulheres. Para construí-lo, é necessário desmistificar o *chacha-warmi*³⁸ (homem-mulher) que nos impede de analisar a realidade num âmbito mais geral, principalmente a que está relacionada às mulheres na Bolívia. No Ocidente, o feminismo apresenta as mulheres como indivíduos diante dos homens, por isso este movimento pretende pensar ambos a partir da relação na comunidade, sem considerá-la a representação simbólica das deturpações machistas e o padrão heterossexual predominante.

Assim, tratando-se de complemento a partir de um conceito relacionado à comunidade e não necessariamente a ideia de casal como no *warmi-kari*³⁹, *kuña-*

³⁸ Em aimará, "*chacha-warmi*" significa "homem-mulher" e representa a dualidade e complementaridade dos gêneros. Refere-se a uma visão andina de complementaridade entre homens e mulheres na sociedade.

³⁹ Estes termos são variações da mesma ideia de complementaridade entre gêneros nas línguas indígenas andinas. "*Warmi*" significa "mulher" e "*chacha*" ou "*kari*" significa "homem". Dependendo do contexto, pode-se referir a diferentes aspectos das relações entre homens e mulheres ou papéis de gênero.

*cuimbaé*⁴⁰, pois não é uma simples troca de palavras, mas sim a reconceptualização do par complemento desde as mulheres, porque estas são na maioria dos casos, subordinadas, subjugadas, sofrem com a violência e buscam encontrar um equilíbrio, uma harmonia na comunidade e nos meios sociais. Pretende-se assim, realizar a metade com uma complementaridade hierárquica entre as comunidades.

O termo comunidade está relacionado à compreensão de todas elas a partir de grupos que designam diversas funções, sejam rurais, urbanas, culturais, agrícolas, entre outras, consistindo na prática alternativa frente à sociedade individualista. Com isso, esta é constituída por mulheres e homens como duas metades imprescindíveis, complementares e autônomas uma da outra, sem ser necessariamente um casal, mas uma representação política. É preciso assumir as duas partes, pois negá-las é colocá-las na submissão e atentar contra a existência da outra, como comparar a mulher ao homem e sua respectiva identidade. Assim, a mulher se submete à comunidade porque é metade dela, enquanto os homens realizam a mesma função.

Isso dá um sentido igualitário de dignidade e horizontalidade a partir da construção de uma nova perspectiva sobre o feminismo comunitário. Temos as mulheres e os homens exercendo suas funções frente ao sistema patriarcal, caracterizado pela dominação dos corpos, pois os oprime sob diversas práticas conservadoras. Por outro lado, traz a alteridade como princípio que concebe a existência de outras pessoas, mostrando as diferenças e as diversidades culturais presentes na humanidade que abarca tanto homens, quanto mulheres numa relação harmônica de reciprocidade, complementaridade e autonomia dos corpos.

Dessa forma, para construir um feminismo comunitário, é necessário desmistificar o *chacha-warmi* (homem-mulher) que nos impede de analisar a realidade das mulheres no país e, principalmente, de poder ter uma visão crítica sobre as indígenas que sofrem com a discriminação e com a exploração da força do trabalho, a partir das relações de opressão e desigualdade social. Logo, os cinco conceitos considerados como categorias para articular a proposta do movimento são os seguintes: o corpo, o espaço, o movimento (movimentos e organizações políticas) e a memória. Assim, refletir sobre cada um deles é importante, pois mostra a importância que os conceitos exercem na comunidade em diferentes âmbitos das políticas, sejam nacionais ou internacionais.

⁴⁰ Em guarani, "*kuña*" significa "mulher" e "*cuimbaé*" significa "homem". Assim como em outras culturas indígenas, este termo reflete a complementaridade entre os gêneros e é utilizado para descrever a relação entre homens e mulheres na sociedade guarani.

O corpo é a forma de existir de cada ser humano/a, o corpo que cada uma e cada um tem nos situa no mundo e nas relações sociais que este tem constituído antes de que cada um/a chegue a ele. Como mulheres, o primeiro que se quer evidenciar é que nossos corpos são sexuados, isso está na base do conceito mesmo antes de nossos corpos, sobre essa base vem posteriormente as outras diferenças e diversidades, como as cores da pele, a estatura, consistência física (peso), etc. Entende-se aqui as características que fazem as distintas raças, etnias e povos da humanidade. Nossos corpos têm a pele como o limite individual e levantamos fronteiras quando assim o decidimos, por exemplo frente à violência do racismo, da discriminação, da colonialidade. Queremos colocar o corpo para fazer movimentos sociais e políticos que recolham nossas propostas e juntem nossos sonhos e esperanças. (Paredes, 2010).

O espaço é entendido como um campo vital para que o corpo possa se desenvolver. É onde a vida se move, se promove e se encadeia e pode ser compreendido e tangível, pois é o lugar em que se desenvolve e se constrói a vida da pessoa, a casa, a terra, a escola, a rua - se constituindo como espaços da vida pública, já outros da privada. Por outro lado, temos o espaço intangível, em que ocorrem as atividades políticas, sendo cultural, político, em que as decisões políticas se tecem, se criam e, por conseguinte, se desenvolvem.

O tempo é uma condição para a vida, porque a vida das pessoas se expressa dentro dele, nas diferentes formas que toma o corpo, no qual o envelhecer é visto como um processo natural, não sendo necessariamente algo ruim. Por outro lado, também é uma medida útil para a percepção da vida das mulheres e para o seu desenvolvimento em relação ao viver bem, à construção de sua vida, porque é preciso passar um tempo de qualidade e de bem estar, se sentindo feliz.

Assim, as culturas indígenas têm outras formas de medir o tempo, sendo regido pela agricultura e pela valorização de um tempo circular. Logo, em relação às concepções de tempo no patriarcado, este é valioso, pois dificilmente um homem aparece perdendo seu tempo. Enquanto as mulheres investem no cotidiano de suas casas, das atividades domésticas, os homens estão na rua, por isso as expressões “as mulheres só ficam em casa e não fazem nada” são recorrentes. Evidencia-se que, para o feminismo comunitário, o tempo cotidiano e histórico têm o mesmo valor e são considerados num *continuum*, ou seja, dentro de uma circularidade.

O movimento é uma das propriedades da vida que assegura a subsistência, a construção de uma organização e proposta social, pois permite refletir sobre o corpo

social das mulheres, o qual é considerado comum já que luta pela vida e pelo bem-estar. Nisto, esta categoria permite que as mulheres possam ser livres e lutarem pelos seus sonhos, além de serem responsáveis pelas suas ações e decisões. Além disso, o movimento garante que os direitos conquistados não acabem sendo instituições pesadas que afoguem as utopias pelas quais lutam, então situa a comunidade diante das relações de poder e das possibilidades de fazer realidade suas decisões, fios ou teias que, com táticas e estratégias, as mulheres da comunidade vão enlaçando. (Guzman, 2019).

E, existe ainda o conceito da memória. Nesta categoria a presença das raízes de onde se vêm são as únicas que dão força e energia para construir a identidade desde antes do nascimento:

Desde as mulheres se compreende como o passar dos tempos ancestrais estão detrás das utopias, tendo experienciado um caminho com diversas frustrações e sucessos que constituem a matéria, a seiva das raízes de onde se vem. Tem que se despatriarcalizar a memória e reconhecer que houve um patriarcado pré-colonial e que a situação de opressão e subalternidade das mulheres não foi só a partir da colônia e a chegada dos espanhóis. O conceito de memória longa, usado no indigenismo, remete acriticamente à época pré-colonial, como algo idílico, um mundo quase perfeito para as mulheres. Mas esta memória é interessada segundo Paredes, porque traz o orgulho e a dignidade de ser pessoas pertencentes a povos com culturas e conquistas como outros povos, mas por sua vez também é uma memória seletiva no momento que não reconhece a existência de patriarcalismos, opressões, autoritarismos e injustiças herdadas da conquista espanhola, mas que também já estavam presentes nas sociedades pré-coloniais. A memória permite recolher as lutas das tataravós, das mulheres rebeldes e das resistências contra o patriarcado e nos impulsiona para manter as lutas atuais do feminismo comunitário (Guzman, 2019, p. 17).

As cinco categorias mencionadas articulam com a base conceitual acerca do feminismo comunitário e do retrato acerca da luta das mulheres indígenas. Considera-se assim, uma construção epistemológica que se propõe a trazer uma perspectiva decolonial e “despatriarcal”, tendo em vista as características do movimento e as ideias precursoras que retratam a presença do homem e da mulher como seres únicos que devem ser concebidos em suas particularidades.

É preciso compreender as causas e ver que o *chacha-warmi* não representa o instrumento da denúncia de gênero, nem trata das mazelas sociais em que as mulheres bolivianas vivem no país, reiterando um conjunto de práticas machistas e conservadoras, ancorada nos privilégios que se destinam aos homens, além de naturalizar a subalternidade feminina frente à luta por igualdade:

A proposta do feminismo comunitário compreende campos de ação e lutas como categorias para a ação política de fortalecimento das organizações de mulheres. Estes campos de ação e luta política permitem transformar as condições materiais da subordinação e exploração das mulheres em suas comunidades e sociedades. O marco conceitual deste enfoque articula os conceitos e as categorias numa relação dinâmica que permite entender os processos de mudança como uma combinação imprescindível de cinco aspectos da vida, considerados como válidos para todas as mulheres que devem ser realizados conjuntamente. É um marco conceitual dinâmico e interativo, que está sendo permanentemente nutrido pelas próprias mulheres, porque abre a possibilidade de apropriação e construção por parte das mulheres de diferentes organizações sociais para alimentar as lutas de acordo com suas próprias realidades e contextos (Paredes, 2010, p. 11).

Nessa lógica, é preciso compreender os campos de ação como responsáveis pela consolidação da luta e das organizações femininas, pois permite que as mulheres transformem a realidade na qual vivem, buscando combater as condições de subordinação e exploração destas nas comunidades e na sociedade no geral. Por essa razão, o conceito básico traz a interação e a força entre as próprias mulheres que partilham dos mesmos anseios, objetivos e propostas a fim de construir novos movimentos sociais, alinhando os diversos contextos em que estão imersas.

Assim, considerar que a comunidade está composta por mulheres e homens, trazendo à luz as mulheres invisibilizadas pela hegemonia masculina, nos faz refletir sobre as relações humanas, temos o reconhecimento da alteridade, compreendida como a existência real do ato de se colocar no lugar do outro. Reconhece então, a redistribuição dos benefícios do trabalho e a produção em partes iguais, com o objetivo de viver bem, porque grande parte das mulheres indígenas têm seus corpos sexualizados, sendo frutos da discriminação e da violência, havendo a necessidade de investir em políticas públicas para atender a comunidade, proporcionando-lhes uma melhor condição de vida.

É importante destacar que o sistema patriarcal tem sido responsável por desenvolver muitas formas de acionar as organizações dos movimentos comunitários. Logo, o feminismo comunitário não tem sido a exceção, pois há encontrado companheiras que se fazem cúmplices do sistema, encobrendo ações violentas que acontecem no interior da Bolívia contra suas integrantes.

Assim, traz um longo caminho de busca e de reflexão sobre os ocorridos no território boliviano, que se propõe a encontrar respostas e posicionamentos internos, em responsabilidade, na comunidade e, por consequência, com as lutas das mulheres,

realizamos o comunicado público com a orgânica do feminismo comunitário, seguras de que o silêncio só alimenta a impunidade. Então, temos esperança que o feminismo seja um território onde seja possível construir a confiança, os laços, livres de violência, buscando trazer as reflexões para os outros movimentos feministas, como lesbofeminismos, organizações de mulheres e organizações sociais no geral.

Que possamos construir desde os nossos corpos de mulheres uma proposta de sociedade na qual recuperemos a comunidade, para superar o individualismo que nos tem imposto o patriarcado, cujo desenvolvimento tem sido neoliberal e que agora não pode ser reciclado. Que façamos essa transformação desde os nossos corpos de mulheres, onde as mulheres e os homens ou como cada quem queira se chamar, vivamos felizes em harmonia e já não tenhamos necessidade do feminismo. Porque o feminismo tem de ser algo histórico, algo que tem que terminar, já que é uma luta contra um sistema de opressão e, portanto, o fim do feminismo significaria que temos derrotado o patriarcado. Gostaria que tenhamos então a comunidade da heterogeneidade, a comunidade das mulheres, dos homens e da mãe natureza. (Paredes, 2010, p. 70).

É importante considerar a mulher mediante os seus corpos e o enfoque das propostas, das lutas de diversos movimentos feministas que existem e, em especial, o indígena. Afinal, todos estes têm contribuições desde as terras de *Abya Yala*, da região Sul a todo o território que se situa nas zonas decoloniais, pois transformam o lugar num espaço a partir do qual a ação que se realiza, da luta, da resistência, da construção de alianças e vínculos fortes, onde o outro se inventa, se desenvolve e se constrói. Por esse motivo, é preciso de alternativas que subsidiem as políticas públicas voltadas para as mulheres e priorizem as que estão em situação de vulnerabilidade econômica e social para reivindicar por seus direitos.

5. A LITERATURA PARA A INFÂNCIA COMO DISPOSITIVO DE FORMAÇÃO DAS IDENTIDADES DE GÊNERO

Esta seção tem por objetivo realizar o estudo da infância na América Latina e considerar o contexto de desigualdade social no qual ela está imersa, de maneira que a forma de se pensar sobre esta etapa da vida se dê a partir de sua pluralização, assim como novas experiências das crianças do sul global. Nesse sentido, apresenta a história social na Bolívia e na América Latina, trazendo as retóricas eurocêntricas para o centro do debate em comparação aos latino-americanos. Logo, esta seção busca explorar as nuances da representação da infância na Bolívia e na América Latina, apresentando um olhar atento em relação às dinâmicas de poder, resistência cultural e as implicações de uma perspectiva decolonial. Além disso, abordará como a literatura infantil, através de suas narrativas e ilustrações, servem como um poderoso veículo para a formação e a reconstrução de identidades de gênero, questionando e potencialmente subvertendo as normas de gênero tradicionais por meio da representação de personagens e histórias que desafiam as expectativas convencionais de feminilidades.

A relação entre educação, escola e literatura é intensa, produtora de sentidos e transformadora da sociedade em suas mais diversas facetas. Por isso, percebemos a importância da leitura e, sobretudo, da leitura literária nos mais diversos momentos de nossa vida, inclusive na formação básica, na infância, na escola.

Lajolo (1985) trata da construção discursiva da leitura literária reportando-a como instituição, lugar do imaginário, de valores simbólicos e de exercício da cidadania, daí sua importância no currículo escolar, seja na forma didática, quanto recreativa, seja nas publicações impressas, quanto na tradição oral, para todos os níveis de ensino, pois certamente corresponderá à subjetividade da criança, à nutrição psíquica de seus anseios.

Sabe-se que o conceito de dispositivo foi criado por Foucault, falando primeiramente sobre o dispositivo de sexualidade e depois foi ampliando e aplicando a outros campos. Nesta tese apropriou-se desse conceito para entender a literatura para crianças como um dispositivo por estar inscrita em um dado jogo de poder, que implica produções de saberes e desempenha um papel estratégico na formação das identidades de seu público leitor.

Para compreender a noção de dispositivo, vejamos uma citação apresentada pelo seu fundante Foucault:

O que eu tento descobrir sob esse nome é, primeiramente, um conjunto decididamente heterogêneo, que comporta discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas, em resumo: do dito, tanto quanto do não dito, eis os elementos do dispositivo. O dispositivo propriamente é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos. Em segundo lugar, o que gostaria de descobrir no dispositivo é exatamente a natureza do laço que pode existir entre esses elementos heterogêneos [-] Em terceiro lugar, por dispositivo entendo uma espécie - digamos - de formação, que, em um dado momento histórico, teve por função maior responder a uma urgência. O dispositivo tem, pois, uma função estratégica dominante. (Foucault, 2014, p. 45).

Tomando essa explicação de Foucault como base, o dispositivo literatura para a infância seria, pois aquilo que articula uma série de elementos heterogêneos, incluindo discursos, práticas pedagógicas, valores culturais e sociais, todos imbricados em um complexo jogo de poder que molda e influencia a formação das identidades de gênero na infância. A literatura infantil, assim, não é apenas um conjunto de textos destinados ao público infantil, mas sim um campo estratégico onde se travam batalhas simbólicas que refletem e reforçam certas concepções de gênero.

A partir dessa perspectiva foucaultiana, a literatura para a infância pode ser analisada como um espaço discursivo onde são produzidas e disseminadas normas e representações de gênero. Isso implica que os livros para a infância não apenas entretêm ou educam, mas também influenciam na construção das subjetividades das crianças, suas percepções sobre o que é ser menino ou menina, sobre os papéis e comportamentos esperados para cada gênero.

5.1 A evolução da representação da mulher na literatura para a infância ao longo do tempo

Esta subseção tem por objetivo destacar a importância da representação da mulher na literatura para a infância e analisar a sua evolução ao longo do tempo, trazendo um panorama sobre o percurso histórico e literário e uma visão geral de como esta tem também evoluído com o decorrer das décadas, a partir das mudanças nas representações de gênero que influenciam diretamente no movimento feminista e no olhar sobre as produções.

Os indícios históricos apontam que a trajetória da mulher no campo literário iniciou-se no final do século XVIII. Neste período, havia marcas dicotômicas entre os

papéis de gênero que só davam direito ao homem realizar o exercício da escrita e estar em evidência na literatura. Dessa forma, as mulheres começaram a produzir e a se inserirem neste contexto, a partir de obras que não eram valorizadas na época como romance ou drama, pois eram consideradas inferiores, sob a ótica patriarcal. Mesmo com a escrita feminina voltada para este público, era comum o uso de pseudônimos nas obras e produções escritas, pois assim permitia criar uma identidade por trás do autor da obra, por meio do qual expressava suas ideias. (Woolf, 1985).

Com isso, temos a presença do contexto histórico e social que perpassa os acontecimentos relacionados ao papel da mulher na literatura. Tendo isso em vista, esse processo traz consigo as marcas da desigualdade de gênero, o sistema patriarcal com a predominância da autoria masculina. Por esse motivo, as mulheres enfrentaram toda essa trajetória para desbravar o seu percurso histórico e literário e deixarem suas marcas.

Nesse sentido, a literatura infanto-juvenil, por volta do século XVII e XVIII, surge com a necessidade de transmitir ideias, por meio da contação de histórias, baseando-se nos contos populares e lendas da Idade Média, que tinham o propósito de construir um novo olhar sobre a infância e sobre os personagens que desempenham um determinado papel em cada uma delas, além de atender às necessidades das famílias e da burguesia, proporcionar um entretenimento à criança e ensinar-lhe as noções de moral. Entretanto, considerando o panorama da literatura brasileira, a partir dos séculos XIX e XX que a escrita feminina começa a ganhar mais força, ainda dentro do contexto e do paradigma de divisão dos gêneros, pois embora algumas já exercessem a escrita, muitas começaram a participar ativamente do processo educativo e pedagógico das crianças, interligando-se assim, a infância e ao feminino.

Sendo assim, na literatura voltada à criança, aponta para as adaptações dos clássicos, assim como da apropriação das histórias dos irmãos Grimm, dos contos de fadas que buscavam retratar as mulheres por meio de princesas, donzelas entre outras figuras representativas, enfrentando situações delicadas e o perigo para poder saírem salvas. Os contos clássicos refletem os papéis de gênero da época, pois muitas vezes a mulher é colocada numa condição repleta de estereótipo para cumprir objetivos relativamente ligados à moral, com um lugar para a família e para a mulher, apresentando sua bondade e suas virtudes.

E nessas representações, cabe ao gênero feminino as tarefas e qualidades menos valorizadas socialmente, já que lhe é imputado um status inferior, estabelecendo-se uma hierarquia entre um gênero e outro com base em tais imagens, tão fortemente enraizadas na cultura, fica

difícil perceber e aceitar alguém fora desse perfil, gerando permanentes situações conflituosas. E mais acirradas quando alguém de outra maneira. (Amaral, 2004, p. 17).

A literatura para a infância também contribui diretamente para a divisão dos gêneros no âmbito social, tendo em vista que a mulher desempenha um importante papel nas atividades domésticas, enquanto o homem, em sua condição, realiza tarefas direcionadas ao trabalho, à esfera pública. Sendo assim, temos personagens que são às características ao gênero feminino e masculino e, por conseguinte, reproduzidas pelas crianças e jovens de maneira a reforçar a desigualdade entre ambos.

Pelo fato de mulheres já estarem imersa no universo relacionado à infância, outras autoras começam a ganhar notoriedade, pois a literatura para a infância exerce uma função utilitária de educar as crianças, já que se tratava de produções destinada para o público infanto-juvenil, que ainda está em formação e construção de ideias sobre o mundo. Entretanto, apesar de reconhecer a importância da literatura infantil, é importante ter um olhar crítico sobre as obras e sobre a representação da mulher, na qual é pautada por construções e arquétipos presentes na sociedade e nos processos educativos, sob a perspectiva da desvalorização do trabalho feminino no âmbito da literatura.

Deste modo, percorre-se um longo processo de inserção das mulheres e de valorização da autoria feminina, fruto da dicotomização atribuída aos papéis de gênero e, por consequência, na medida em que preconiza a luta das mulheres na escrita e na literatura para a publicação de livros, considerando o percurso histórico e social para chegar até o cenário das autorias na contemporaneidade e lidar com a desvalorização no meio literário infantil.

A construção histórica da atuação feminina se insere em uma estrutura baseada no modelo patriarcal, que restringia a ocupação dos espaços públicos, o lugar de fala, na qual, muitas vezes, as mulheres eram colocadas numa condição de inferioridade como uma estratégia de controlar suas ações. Além disso, é importante destacar que elas também carregam marcas de uma trajetória caracterizada pela subjugação e dominação social, na qual eram manipuladas e então consideradas um objeto que estaria destinado à obedecer outrem. Ficavam, então, na condição de silenciamento e de invisibilidade social. George Duby e Michelle Perrot (1994, p. 7) afirmam: “Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história?”.

Diversas transformações decorreram ao longo do tempo e reconfiguraram as

estruturas sociais e, principalmente, a representação dos papéis do gênero que tiveram início a partir da Revolução Industrial que teve sua origem na Inglaterra. Por essa razão, este movimento contribuiu para o fortalecimento de diversas produções, para o mercado do livro e para o aumento do público leitor de romances da época, sobretudo os de autoria feminina. Tendo isso em vista, essas mudanças deram maior visibilidade às mulheres dentro do processo de criação e produção literária e de reafirmação da sua subjetividade fora dos ambientes domésticos e da vida privada. Os séculos XIX e XX também trouxeram grandes mudanças históricas no desenvolvimento do campo literário e, principalmente, na trajetória relacionada à literatura infanto-juvenil, pois esta surge, com o objetivo de valorizar a lição moral, a família e produzir obras fictícias do universo infantil para fins didáticos e lúdicos, despertando assim, a imaginação e o lado mágico das crianças.

Com isso, a trajetória feminina na escrita de livros para a infância, segundo Mendonça, considerou o peso do olhar crítico social, a partir de restrições impostas à liberdade de expressão, pois estaria limitada apenas à escrita de determinados temas, mais uma vez, delimitando os papéis de gênero. Apesar de todos os problemas enfrentados, as mulheres seguiram firmes na luta, com o objetivo de desbravar com veemência os percursos na escrita literária, buscando sempre se atualizar e estarem imersas neste universo letrado.

A inserção da mulher na produção de literatura infanto-juvenil foi um grande marco para a ampliação das obras literárias e valorização da escrita feminina, permitindo maior liberdade de expressão e de posicionamento social, tornando-se assim, um ambiente favorável para o desenvolvimento da mulher letrada e familiarizada com o universo das palavras para trabalhar com este gênero literário.

A literatura infantil foi uma das portas que se abriu para a autoria feminina, por ser destinada às crianças. Havia maior aceitação, por parte da sociedade patriarcal, dessa escrita por entenderem ser um campo educativo, ato que competia às mulheres o cuidado com as crianças (Queiroz; Buzan, 2019, p. 161).

Apesar das imposições e limitações impostas pela sociedade patriarcal, o panorama da autoria feminina começou a se expandir ainda mais, permitindo um olhar crítico para a forma com a qual se refletia sobre os papéis de gênero. Por esse motivo, a presença da dicotomização restringiu o espaço de produção e colocou a escrita feminina numa posição inferior, de desvalorização do trabalho e de hierarquização do gênero

masculino sobre o feminino. No que diz respeito às mulheres, é preciso refletir sobre o cânone e sobre a relação estabelecida entre as narrativas construídas e difundidas no meio social, que reproduzem a ideia de que as mulheres são frágeis e não podem ocupar seus espaços, inclusive ao desempenharem atividades no âmbito intelectual. Nessa perspectiva, Schmidt (2014) afirma:

Vivemos em uma sociedade cujo cânone é masculino, branco, ocidental, católico e heterossexual, no qual é importante marcar a voz feminina, a voz da criança, a voz negra, a voz africana e também a literatura infantil, suas múltiplas vozes e os seus universos e interesses. (Schmidt, 2014, p. 33).

Para tal, é necessário realizar uma análise da representação feminina na escrita de obras literárias infanto-juvenis com o objetivo de refletir sobre as narrativas construídas no âmbito histórico e os aspectos que estruturam o imaginário coletivo em determinados contextos históricos, pois as mulheres sempre foram vistas como seres destinados às tarefas domésticas, da procriação e do privado.

Nisto, percebe-se que elas estavam fadadas ao processo histórico de desvalorização, assim como de invisibilização e, ainda assim, continuaram a lutar por melhores condições de trabalho e pelo reconhecimento de seu papel como autoras. Segundo Zilberman (2003, p. 33): “A literatura infantil brasileira tem mostrado uma evolução significativa, com uma crescente diversidade de personagens e narrativas que refletem mudanças sociais e culturais”.

Por essa razão, as mudanças sociais exercem um importante papel na literatura e na maneira com a qual as mulheres são concebidas. Apesar disso, no cenário brasileiro, a escrita feminina emerge gradativamente a partir do século XIX, trazendo as características dos romances e dos dramas, apresentando os dilemas sociais enfrentados por elas. Além disso, a escrita literária feminina tem por objetivo também realizar a emancipação, trazendo outras questões sobre o feminismo.

Portanto, por meio da análise da representação das mulheres na Literatura Infantil, pôde-se perceber que ela está relacionada a contos e histórias clássicas do universo infantil, que são conhecidas pelas crianças, com a possibilidade de poder retratá-las em diversos lugares, a partir de suas funções, tais como profissões, modos de se comportar e de se vestir que fazem parte da nossa sociedade. É importante refletir sobre o papel desempenhado pelas mulheres diante da estrutura social, regida pelo patriarcado e pelas relações de dominação.

Assim, exploraremos como a literatura para a infância contribui para a construção e reforço da identidade nacional das mulheres bolivianas. Analisaremos as narrativas que destacam características, valores e papéis específicos atribuídos às mulheres dentro do contexto cultural e histórico da Bolívia.

A identidade feminina na Bolívia é uma construção complexa, profundamente enraizada nas interseções de classe, etnia e geografia. Este processo de formação identitária revela não apenas as peculiaridades do contexto boliviano, mas também os desafios e resiliências enfrentados pelas mulheres em diferentes esferas da vida social. Na Bolívia, a identidade da mulher é continuamente moldada na multiplicidade de papéis que as mulheres bolivianas assumem em diferentes contextos – desde o trabalho árduo no campo até a participação nas esferas de poder urbano.

A evolução do papel da menina e da mulher boliviana ao longo do tempo ilustra como a identidade feminina foi construída e reconstruída de acordo com as demandas econômicas, sociais e culturais de seus contextos. Essa identidade mutável revela a diversidade e a complexidade das experiências femininas na Bolívia, profundamente marcadas por diferenças de classe e etnia. No meio rural boliviano, por exemplo, a imagem predominante da menina e da mulher é frequentemente associada à resistência e resiliência. Desde muito jovens, as meninas são ensinadas a assumir responsabilidades que contribuem para o sustento familiar, uma carga que as introduz prematuramente no mundo adulto. Esse papel não apenas reflete a necessidade econômica, mas também valoriza a força e a capacidade de trabalho como componentes das feminilidades nesses contextos:

Por outro lado, nos grupos populares e indígenas, as meninas frequentemente enfrentavam condições ainda mais desafiadoras. Desde idades muito jovens, eram integradas nas tarefas agrícolas ou de pastoreio, trabalhos que exigiam resistência física e eram essenciais para a sobrevivência de suas comunidades. Além disso, assumiam papéis de cuidado dentro da família, o que limitava seu acesso à educação formal e perpetuava um ciclo de pobreza e limitação de oportunidades.⁴¹ (Soux, 1997, p. 276, tradução nossa).

Em contraste, nos estratos mais elevados da sociedade, as feminilidades são frequentemente moldada em termos de delicadeza, educação formal e decoro, preparando

⁴¹ No original: “*Por otro lado, en los grupos populares e indígenas, las niñas a menudo enfrentaban condiciones aún más desafiantes. Desde muy jóvenes, eran integradas en las tareas agrícolas o de pastoreo, trabajos que requerían resistencia física y eran esenciales para la supervivencia de sus comunidades. Además, asumían roles de cuidado dentro de la familia, lo que limitaba su acceso a la educación formal y perpetuaba un ciclo de pobreza y limitación de oportunidades*”. (Soux, 1997, p.276).

as meninas para papéis sociais que perpetuam sua posição dentro das estruturas de poder existentes. Aqui, a identidade feminina é mais influenciada pelas expectativas culturais de refinamento e passividade, atributos valorizados e recompensados nesses círculos:

As meninas da elite, frequentemente educadas em casa ou em escolas particulares, eram preparadas para ser esposas e mães, refletindo e perpetuando o ideal de feminilidade e delicadeza que era valorizado em sua classe social. Em contraste, as meninas de classe média e camponesa eram mais comumente envolvidas nas tarefas econômicas do lar desde uma idade precoce, o que incluía uma educação voltada para habilidades práticas e laborais. Essa preparação não apenas refletia a necessidade econômica de suas famílias, mas também uma expectativa social de que contribuíssem para o sustento familiar.⁴² (Soux, 1997, p. 275, tradução nossa).

Essa identidade mutável revela a diversidade e a complexidade das experiências femininas na Bolívia, profundamente marcadas por diferenças de classe e etnia. Dessa forma, avançamos para o próximo tópico no qual exploraremos como a infância, em um contexto boliviano e latino-americano, carrega em si não apenas as marcas da construção de identidades culturais e de gênero, mas também as dinâmicas de poder e resistência cultural que essas representações desencadeiam.

5.2 A representação da infância na Bolívia

A infância, enquanto categoria social e cultural, possui múltiplas representações que variam conforme o contexto histórico, social e cultural de cada sociedade. Na Bolívia e, de maneira mais ampla, na América Latina, essas representações são profundamente marcadas por processos históricos de colonização, resistência e construção de identidades nacionais. Esta seção busca explorar as nuances da representação da infância na Bolívia e na América Latina, com um olhar atento às dinâmicas de poder, resistência cultural e as implicações de uma perspectiva decolonial.

A compreensão da infância na América Latina deve ser situada em um contexto histórico marcado pela colonização europeia, que impôs novas estruturas sociais,

⁴² No original: “*Las niñas de la élite, a menudo educadas en casa o en escuelas privadas, eran preparadas para ser esposas y madres, reflejando y perpetuando el ideal de feminidad y delicadeza que era valorado en su clase social. En contraste, las niñas de clase media y campesina eran más comúnmente involucradas en las tareas económicas del hogar desde una edad temprana, lo que incluía una educación orientada hacia habilidades prácticas y laborales. Esta preparación no solo reflejaba la necesidad económica de sus familias, sino también una expectativa social de que contribuyeran al sustento familiar*”. (Soux, 1997, p. 275).

culturais e econômicas. Este processo não apenas alterou as dinâmicas de poder, mas também redefiniu as percepções sobre infância, muitas vezes subjugando as tradições e saberes locais às normas coloniais. A construção da infância, portanto, é vista através de uma lente que combina heranças indígenas, africanas e europeias, resultando em uma identidade multifacetada e dinâmica.

Pesquisadores da área de estudos pós-coloniais têm dedicado décadas ao mapeamento e desconstrução dos legados do colonialismo, desenvolvendo uma perspectiva crítica que identifica o colonialismo como um evento disruptivo com repercussões prolongadas. Autores como Bhabha (1998), Chatterjee (1993), Chakrabarti (2000) e Dirks (2001) contribuíram significativamente para essa análise. Edward Said, em 1978, caracterizou o colonialismo como um “legado com efeitos duradouros, embora profundamente injustos” (Said, 1990, p. 89). Por sua vez, Gayatri Spivak, em 1990, explorou a “normalidade modificada” instaurada pelo colonialismo, analisando seus impactos contínuos nas práticas e conhecimentos culturais, sociais e materiais, tanto nas colônias quanto nas metrópoles.

Spivak (2010) critica os esforços ocidentais para “representar” aos subalternos, argumentando que tais esforços muitas vezes falham em reconhecer as complexidades das posições dos subalternos e tendem a perpetuar as estruturas de poder existentes ao invés de desmantelá-las, e que ao enxergar as infâncias com o olhar do colonizador, a invisibilidade e a exclusão permanecem nas narrativas dominantes e estruturas de poder: “O subalterno não pode falar. Não existe virtude nessa incapacidade. Ela decorre de sua localização dentro das redes do poder imperialista.” (Spivak, 1990, p. 78).

Spivak (1990) usa o termo “subalterno” referindo-se principalmente às populações do Sul Global que são marginalizadas tanto dentro do discurso colonial quanto nas teorias críticas desenvolvidas no Ocidente. Para o referido autor, os subalternos estão situados em um espaço onde a linguagem e a cultura do colonizador dominam, dificultando que suas próprias palavras e significados emergem intactos. Ela explora a ideia de que quando os subalternos tentam falar ou resistir, suas palavras são frequentemente cooptadas ou reinterpretadas através de lentes ocidentais, o que pode distorcer ou apagar completamente seus verdadeiros significados e intenções.

Na Bolívia, a representação da infância é influenciada por uma tapeçaria de culturas indígenas, que coexistem com influências coloniais e modernas. As culturas *aimará* e *quéchua*, por exemplo, possuem concepções de infância que divergem significativamente das visões ocidentais tradicionais. Nessas culturas, as crianças são

frequentemente vistas como integrantes ativos da comunidade, com responsabilidades e papéis definidos desde a tenra idade. Este contraste com a visão ocidental da infância como uma fase de dependência e preparação para a vida adulta oferece uma perspectiva valiosa para o estudo da infância em contextos decoloniais.

Na Bolívia, as crianças desempenham papéis importantes em suas comunidades, desde a participação em atividades econômicas até a prática de rituais culturais. Esta participação ativa desafia a visão ocidental da infância como um período de passividade e dependência, destacando a agência e a capacidade das crianças de contribuir para a continuidade e a transformação de suas culturas. (Barrios; Rojas, 1995).

A infância é uma importante etapa na vida das crianças. Para tanto, esta é considerada a partir da perspectiva social e cultural, pois possui múltiplas representações que variam conforme o contexto histórico, social e cultural, bem como o funcionamento particular de cada sociedade. Na Bolívia e, de maneira mais ampla, na América Latina, elas são marcadas profundamente por processos históricos de colonização, resistência e construção de identidades nacionais. Assim, através de uma análise crítica, busca-se desconstruir as narrativas coloniais dominantes, valorizando assim as tradições culturais latino-americanas, evidenciando as implicações para a pesquisa e prática educacionais contemporâneas.

Por essa razão, o contexto histórico e cultural da infância na América Latina é marcado pela colonização européia, que impôs novas estruturas sociais, culturais e econômicas. Assim, este processo não apenas alterou as dinâmicas de poder, como também redefiniu as percepções sobre a infância, muitas vezes subjugando as tradições e saberes locais às normas coloniais. Então, a construção da infância, portanto, é considerada a partir de uma perspectiva que combina heranças indígenas, africanas e européias, resultando em uma identidade multifacetada e dinâmica.

Dessa forma, adotar uma perspectiva decolonial na análise da infância implica em questionar narrativas dominantes que são frequentemente marginalizadas pela sociedade e, até mesmo, grande parte das pessoas, simplificam as vozes e experiências indígenas e afrodescendentes. Por esse motivo, esta abordagem busca desvelar as camadas de opressão e resistência que moldam as representações da infância, reconhecendo a agência das crianças e suas comunidades na construção de suas identidades e, por conseguinte, seu futuro.

Na Bolívia, as políticas educacionais e culturais têm, nos anos recentes, buscado integrar mais plenamente as perspectivas indígenas, promovendo uma educação

intercultural e bilíngue que valoriza as tradições e conhecimentos locais. Assim, essa abordagem não apenas desafia as narrativas coloniais, mas também enriquece a compreensão da infância como uma experiência diversificada e com base nas raízes, frutos da pluralidade dos contextos dessas regiões.

Logo, as implicações para a pesquisa e para a prática educacional se dá a partir da análise das representações da infância na Bolívia e na América Latina revela a importância de uma abordagem sensível às especificidades culturais e históricas que ocorrem em diferentes contextos. Para isso, os pesquisadores e educadores, concebem a necessidade da valorização dos saberes locais, incorporar e valorizar os conhecimentos, assim como as práticas das culturas indígenas e afrodescendentes.

A globalização tem sido a grande responsável por tornar o mundo mais conectado e, tido como “uma vila global”, como Marshall McLuhan (1964). Entretanto, neste meio temos o fluxo das comunidades e das informações que estão presentes na vida das pessoas, atravessando fronteiras no âmbito nacional e internacional, trazendo a noção de lugar ao estar em evidência outros espaços simultâneos separados pela localidade e pelo tempo. Todavia, a presença de fatores econômicos, oriundos do capitalismo têm contribuído diretamente para a expansão das fronteiras e, ao mesmo tempo, impondo um padrão no aspecto global que diz respeito à produção e às trocas mercantilistas por meio da monetização de serviços, consumo, produtos e modos de vida.

Dessa maneira, os processos de globalização são considerados um fenômeno social e cultural e, então, possibilitam diversas pesquisas para os estudos direcionados à infância, cujos interesses científicos a partir da década de 90 até os dias atuais começaram a se voltar para o processo de criança global, tendo por base os modelos e as perspectivas eurocêntricas que exercem influência na cultura e no consumo, assim como na maneira de agir das crianças. Além desses estudos, têm-se a consideração das controvérsias existentes entre a área da Educação como um direito da criança e a realidade do trabalho infantil, conforme (Aitken *et al.*, 2006; Nieuwenhuys, 2007).

Nesse sentido, Escobar (2005) afirma que a globalização, principalmente originária do Sul, enxerga os processos globais como uma nova forma de dominação imperial, isto é, “colonialidade global”. Por essa razão, a marginalidade tem se intensificado cada vez mais em países do Sul, considerando a hegemonia da cultura global. Torna-se assim, evidente que os processos inerentes a este fenômeno se dão de diferentes maneiras de modo que também são tematizados sob novas perspectivas, sobre as quais essas temáticas se mostram imprescindíveis e necessárias na pesquisa e na

produção de conhecimento sobre a infância.

Com base na perspectiva colonial, traz os processos de globalização relacionados à noção de criança global nos parâmetros capitalistas. Por esse motivo, é preciso considerar as condições de produção acerca deste conceito, pois articulam-se com a localidade e concebem assim, as crianças como “infâncias locais”. Coloca assim, a principal questão em jogo sobre a divisão entre a região Norte e Sul e como a geopolítica impacta na produção desse conhecimento a respeito da infância.

Além disso, a noção de infância amparada pela pesquisa científica mostra o desequilíbrio cognitivo e intelectual na questão da estrutura e da posição subalterna do Sul. Isso mostra a desigualdade social, pois há determinados interesses que estão alinhados aos países hegemônicos; enquanto outros se direcionam aos países pequenos e periféricos.

Dessa forma, considera-se que a criança situada na região Sul coloca em evidência as diferenças e particularidades presentes nas relações universais das crianças. Por isso, a presença de uma pluralidade de infâncias, mostrando a diversidade social e cultural na qual estão inseridas, torna-se o principal foco, ainda que muitas delas sejam formas tidas como periféricas e estejam relacionadas à própria formação da identidade e da subjetividade das crianças, dada a presença de um ambiente de privilégios.

Nessa perspectiva, Imoh (2016, p. 25) considera que a marginalização da infância do Sul tem sido indevidamente exagerada, pois: “um desejo de demonstrar a dissonância entre o ideal hegemônico global, com suas raízes no Norte, e as realidades locais de um número significativo de crianças em muitos contextos no Sul”, traz a presença da criança global, cuja representação se origina no Norte e, assim, realiza um contraste com a que reside no Sul, evidenciando uma dicotomia entre ambas as regiões. Assim, a busca por diferenças e semelhanças entre as crianças dessas regiões podem contribuir para o processo de avaliação e nas infâncias globais do Norte e do Sul, concedendo possibilidades de corrigir os desvios que ocorrem no modelo global.

As Infâncias locais estão relacionadas às características e às origens das crianças em cada país e impactam nas ações da globalidade, mas também são consideradas aquelas nas quais onde eles não deveriam estar. Por essa razão, esta classifica as do Sul como diferentes, pois traz os aspectos descoloniais e do próprio processo de colonização e jogo de poder. Tendo em vista, as definições estabelecidas sobre o conceito global de todas as infâncias ao redor do mundo não funcionam da mesma maneira em todos os lugares, pois cada cultura possui características que lhe são particulares advindas de uma tradição

histórica, isto é, a partir do conjunto de valores que estão presentes neste contexto.

Temos, por outro lado, a própria noção do ideal de infância global no ocidente, sendo este considerado hegemônico e precisa ser problematizado, pois há a presença e a variabilidade cultural que admitem outras noções de infância, como por exemplo, as marginais e separadas, pois as crianças estão inseridas no contexto das relações estabelecidas a partir do poder, do dinheiro e são assim, um lugar de prática de produção e representação da diferença colonial, concebendo determinados padrões no presente e no passado.

Nessas circunstâncias, a busca pela integração e pela diversidade das infâncias é considerada uma importante contribuição no mundo globalizado. Qvortrup (2018) argumenta que ao concebermos as diferenças entre as infâncias do Norte e do Sul, a partir de uma abordagem global, pode trazer prejuízos, pois as semelhanças são negligenciadas. Nesse sentido, é preciso compreender a pluralidade e as diferenças e, posteriormente, procurar integrá-las como um processo único. Além deste conceito, o autor afirma “pobres ou ricas, são todas crianças” (Qvortrup, 2018, p. 17). Todavia, a diversidade e a variação cultural fazem refletir sobre esses conceitos e sobre a legitimidade de um modelo, assim como o ato de ser ou não ser criança, determinado pelos pilares definitivos sobre o que é infância e outras coisas relacionadas à ela.

Em relação aos principais pontos presentes neste modelo, se dão os direitos das crianças, há grande discordância no que diz respeito à sua adequação diante de outros contextos e culturas de outros países. Por esse motivo, a noção relacionada à globalização deveria abranger a história do capitalismo, colonialismo e racismo para que esta possa abordar as consideráveis diferenças para tornar o processo mais compreensível. Na medida em que se tem uma visão mais ampla a respeito de seus impactos, é notável que existem as partes do mundo, como por exemplo, os países que se beneficiam das riquezas e dos bens aquisitivos, produzidos pelo sistema capitalista, gerando assim, um legado de desigualdades sociais e dívidas históricas com um passado colonialista ao invés de analisar a presença das múltiplas culturas abarcadas no processo de integração cultural das populações.

Tendo esses aspectos em vista, pode-se considerar que as práticas sociais inerentes à vida cotidiana das crianças, no que diz respeito às localidades, determinadas pelas condições socioeconômicas das comunidades, em que permitem ter experiências boas ou não, considera os lugares ou ambientes do lar importantes referências que as impactam, no sentido de sua própria existência e de se reconhecer nas outras que residem na mesma

região.

Além disso, a lógica capitalista atrelada à produção da cultura sofre com as condições impostas pelas forças econômicas e estruturais oriundas do próprio sistema capitalista, a maneira como os conceitos estão relacionados, etc. Contudo, ainda assim, é importante estar atento aos processos de desterritorialização e deslocalização, determinados pela presença das subjetividades, pois traz o principal relacionado às crianças e, principalmente, ressalta suas origens.

Nesse sentido, Nandy (2011) afirma que a modernização das sociedades e a introdução da ciência moderna europeia foram parte integrante do discurso de legitimação dos estados colonizadores. A partir de então, a Europa e, mais tarde, a América do Norte mantiveram-se como centros de autoridade na produção e difusão do conhecimento científico na capacidade de assegurar o desenvolvimento e o progresso das sociedades. Atualmente, este processo tem acometido diversas organizações e corporações internacionais para colocar à venda livros, artigos, entre outros tipos de texto com o intuito de levar adiante o conhecimento sobre a economia política no âmbito decolonial.

Considerando esses aspectos, a invisibilidade do conhecimento produzido no Sul no âmbito da discussão sobre a infância e as crianças impacta na pesquisa e nos diversos trabalhos acadêmicos que trazem a relevância do debate sobre aquelas que residem nesta região, para que os estudantes e acadêmicos do Norte possam ver além do seu próprio umbigo e considerar as sociedades periféricas e marginalizadas, respeitando o seu conjunto de categorias. Na relação desigual, temos grande parte das pesquisas sobre as crianças do Sul que foram realizadas por acadêmicos da região Norte, tendo em vista que há ausência de estudos na área e, sobretudo, nas universidades ao redor do mundo.

Por essa razão, ficam as inquietações sobre o motivo da produção sobre a infância por parte de intelectuais colombianos, indianos e outros não é lida quanto à dos ingleses ou norte-americanos. Este fato evidencia as desigualdades presentes na globalização e nos meios de produção e circulação científica que se estruturam a partir de privilégios que não são equivalentes para ambas as partes. Todavia, há ainda muitos estudiosos e acadêmicos da região Norte que têm interesse nas infâncias e nos temas relacionados à periferia, às comunidades marginalizadas.

Uma importante questão relacionada a este debate se dá na ênfase teórica sobre a invisibilização do local. Escobar (2005) afirma que a criança global responde à suposta expansão dos efeitos das forças econômicas estruturais sobre os estilos de vida, as práticas e as subjetividades, posicionando o local como um conceito subordinado e determinado

ao global. Por essa razão, temos como consequência, a investigação dessas próprias subjetividades que estão desterritorializadas diante das condições impostas pela modernidade de deslocalização, como já apontado por Giddens (1990).

A ocorrência das mudanças é imprescindível no processo social das crianças e, principalmente, na realização das identificações subjetivas, criando um cenário imaginativo que desconsidera o valor da permanência e da tradição nas suas respectivas funções, pois não se trata de um fenômeno estável. Apesar disso, a busca no Sul traz uma evidência mais abrangente no que diz respeito a essas práticas relacionadas aos estudos das crianças e a realidade sociocultural na qual se inserem.

Por esse motivo, é interessante considerar que as denominações “Norte” e “Sul” são utilizadas para construções que descrevem o meio geográfico, sem considerar, muitas vezes, o contexto geopolítico. Essa divisão aborda as políticas internacionais no período pós-guerra, quando os países colonizados assumem determinadas posições em relação ao Primeiro e Segundo Mundos, respectivamente, e surge assim, uma relação política após a criação de um terceiro mundo. Segundo Dirlik (2012), a dicotomia Norte-Sul se dá não só pelos espaços ou locais geográficos, como também pelas referências no âmbito da comparação em que o Norte norteia os caminhos e dá indícios do capital considerado transnacional. Já o Sul, por sua vez, traz as populações marginalizadas do mundo.

Além dessas questões, o autor também afirma que o desenvolvimento dá origem aos processos de globalização e do capitalismo, a partir de uma moderna ideologia europeia que se insere nessa lógica e exerce um efeito hegemônico sobre todas as nações como o único modelo a ser seguido. Assim, as regiões Sul e Norte são meros reflexos geográficos um do outro, considerando o aspecto da divisão social, estrutural e o regime imperial que separa e conecta, ao mesmo tempo, ambas as partes.

Nesse sentido, também temos o lado da infância e das realidades que perpassam essas regiões, pois enquanto uma pode ter um padrão de vida considerado elevado, a outra, tem um inferior, não abordando as questões da infância em si, nem como tal se estrutura a partir de um determinado modelo de desenvolvimento social a partir da modernidade e da modernização no sistema capitalista, caracterizando assim, as sociedades na Europa. Além disso, todos esses fatores são compreendidos como índices de renda, de padrões de vida e de outros relacionados às forças econômicas, criando uma linha divisória sobre os países desenvolvidos e os em desenvolvimento.

Em relação ao cenário latino-americano, é importante discorrer sobre a participação social das crianças desta região, considerando as configurações sociais e

estruturais que são comuns em que países que fazem parte do continente e as características que são por meio do contexto de desigualdade social, além de outras diferentes formas de viver a infância, a partir das experiências no próprio lugar em que nasceram e, por consequência, estão inseridas. Com isso, compreender a região latino-americana, que se estende por diversos territórios, abrangendo muitos países com histórias e culturas diferentes. Nisto, considera-se que:

Embora estes países partilhem uma história colonial que os liga aos países ibéricos, e a presença de numerosos povos nativos, com características e trajetórias particulares, a diversidade das histórias nacionais torna cada país distinto. Portanto, é difícil falar da região como um todo. Além disso, os países variam significativamente em tamanho, população, economia e participação no mercado global. Cada país também é diversificado internamente, enquanto as desigualdades econômicas e sociais são galopantes na maioria dos países. A sua composição étnica difere, assim como o número de línguas faladas, os seus processos migratórios e as formas como a diversidade étnica tem sido reconhecida a nível local e nacional. Essas diferenças, sem dúvida, afetam a vida das crianças (Szulc; Cohn, p. 1, 2021).

Considera-se, portanto, a diversidade de experiências como fatores importantes para a vida e para o futuro das crianças, buscando trazer aspectos característicos da própria região e, para isso, é preciso ter conhecimento das conjunturas que dificultam o seu percurso, seja pelas condições socioeconômicas, pelos impactos de políticas econômicas e sociais que evidenciam as diferenças entre as classes sociais, etnias, gerações, gêneros, entre outros, não participando ativamente nas tomadas de decisões de problemas que as afetam diretamente.

Nesse sentido, as crianças enfrentam um cenário de discriminação e marginalização social, responsável por gerar a invisibilização infantil, assim como de suas ações voltadas para o âmbito da sociedade, principalmente quando há situações em que elas se distanciam do conceito universal relacionado à infância ideal, no qual são acolhidas nos seus espaços familiares e educacionais e então protegidas por seus responsáveis, sejam eles pais, avós, etc. Nisso, elas também têm um tempo destinado à recreação, à atividades lúdicas e brincadeiras, visando o seu desenvolvimento cognitivo em toda a integralidade.

Entretanto, este modelo globalizado padroniza a infância e, por vezes, limita a experiência no âmbito de interação social com outras pessoas, desconsiderando o contexto histórico e a diversidade de lugares em que vivem. Nesse processo, Szulc et al. (2021, p. 22) destaca a importância de valorizar as crescentes pesquisas a partir da

América Latina, pois elas contribuem na produção de conhecimentos sobre a infância. Assim, ela afirma o seguinte sobre o continente, que se anuncia na “contramão do modo de produção de conhecimento sobre a infância, em que o Sul permanece como o lugar para a realização de estudos empíricos, mas é no Norte onde se produzem as teorias sobre o desenvolvimento do campo dos estudos da infância na América do Sul”.

Por esse motivo, a pesquisa é ancorada no desenvolvimento deste campo de estudos e demonstra que os pesquisadores da área do continente estão atentos à vida das crianças, pois consideram a presença de diversas perspectivas a partir de determinadas situações que estão presentes no contexto do continente sul-americano que reforça o processo de expansão no que diz respeito aos estudos sobre a infância, consolidando a discussão acerca deste tema no campo científico. Além disso, também cabe destacar que os estudiosos buscam se dedicar para analisar os dados e também realizar uma investigação sobre as crianças da região Sul, mostrando que estão ali para cumprir o seu papel no aspecto da compreensão relacionada às inquietações e aos diversos contextos situacionais nessas localidades. Assim, Cosse *et al.* (2011) destacam que, na América Latina, a expansão de pesquisas, que tem por objeto central a infância, tem proporcionado uma diversidade de linhas e correntes investigativas com particularidades que são próprias dessa região, trazendo visibilidade para a produção do conhecimento no continente.

Nessa perspectiva, a criança traz a identidade de um determinado lugar e isso implica compreender as desigualdades sociais e econômicas presentes na América Latina, mantida pela obtenção de riquezas e pela exploração das crianças, e por conseguinte, pela pobreza infantil por meio de sistemas hegemônicos de dominação social e institucional que negam o subsídio relacionado às condições sociais adequadas da infância na região. Com isso, é importante mencionar que várias crianças, assim como boa parte da população, se concentram em cidades segregadas e populosas no aspecto econômico e social, dificultando a circulação destas, assim como a garantia e a propagação de seus direitos, necessitando da organização de uma agenda política voltada para os problemas apresentados.

A infância pode ser considerada uma forma de ver o mundo e de refletir, segundo a filósofa Hannah Arendt (2018, p. 47) “o modo da condição da existência humana”, tendo em vista que morar neste continente implica em lidar com a sua realidade socioeconômica e com os efeitos gerados na população adulta e, mais precisamente, nas crianças de forma a destacar a importância de tratar sobre o tema. Ainda, sobre os direitos

da infância na América Latina e Caribe, as teóricas Miranda e Cardozo (2020) apontam que a legislação, as políticas e os atendimentos institucionais destinados às crianças tiveram grandes avanços nos últimos tempos.

Entretanto, neste cenário, é notável que as crianças têm enfrentado alguns problemas relacionados ao cumprimento dos direitos estipulados pela Convenção sobre os Direitos da Criança, no que diz respeito às práticas sociais e culturais, pois ocasionado um retrocesso, levando à convivência com diferentes formas de violação contra os direitos humanos concernentes à área da educação, da participação infantil, garantindo proteção contra a violência e discriminação. Assim, para muitas crianças, o exercício se torna mais difícil, pois é preciso levar em consideração as possibilidades de escuta, da presença de múltiplas vozes que se manifestam nos cenários em que elas vêm.

Para Liebel e Saadi (2012), as crianças estão diante de um contexto diverso, no qual há diferentes campos de ação que exercem participação neste processo e também em vários âmbitos da vida social, que precisam estar alinhados diante dos acontecimentos e dos objetivos para que ela dê de maneira efetiva. Nesse sentido, os autores relatam situações reais, políticas, econômicas, familiares, entre outras, que se dão a partir das estratégias e das ações planejadas para cada geração e, nesse caso, elas são o principal foco.

Desse modo, é importante pensar o protagonismo infantil relacionado à participação e a condição humana é, sobretudo, compreender cada criança em sua essência, uma vez que ela só é exercida quando se dá o ato de participar, desenvolvendo o exercício e a plena função do fenômeno concernente aos diversos protagonistas que se inserem em diversas camadas sociais, caracterizadas pelas condições de pobreza e de exploração.

Além disso, este conceito é conhecido na América Latina a partir dos movimentos sociais de crianças, trabalhadoras, relacionado ao protagonismo popular que se dá pela manifestação dos movimentos de trabalhadores sem terra, mulheres, indígenas, etc, que lutam contra modelos excludentes (Cussianovich, 2006; Yarza, 2018), com o objetivo de desenvolver valores e princípios que apresentem ideias emancipatórias diante do eurocentrismo e outras formas de marginalização e invisibilização social.

Segundo Duarte (2019), o protagonismo enquanto “processo permanente e dialético”, se coloca como “eixo social, político e pedagogicamente válido nos processos de produção de sentido dos que vivem e dos que buscam esses movimentos” (Cussianovich; Figueroa, 2009, p. 190), trazendo possibilidades para discutir sobre o

presente trabalho na defesa pelos direitos de forma que as crianças possam ter um posicionamento crítico e se organizar para o desenvolvimento de atividades que exerçam um determinado propósito, alcançando outras mais.

Por conseguinte, o protagonismo se manifesta “por meio de ações como participação, representatividade, projeção, autonomia e continuidade” (Liebel, 2012, p. 139), pois tem grandes chances de alcançar diferentes esferas e poder desenvolver planos de ação que considerem as particularidades dos contextos sócio históricos dos grupos de crianças em condições de vulnerabilidade socioeconômica, situadas em uma determinada região do hemisfério. O Movimento de Crianças e Adolescentes Trabalhadoras (Movimientos de Niños y Adolescentes Trabajadores - NATs) busca trazer alternativas de desenvolvimento para as crianças e jovens adolescentes e considerar a posição social que elas ocupam, contribuindo para as relações interculturais entre diversos países. Este também é conhecido como o movimento infantil que engloba os países da América Latina, e mais precisamente, o Peru, Bolívia, Chile, Argentina, Colômbia, Venezuela, Nicarágua e Guatemala e, a partir dos anos 90 em outras regiões como África e Ásia (Schibotto, 2010; Liebel, 2012).

Entretanto, por outro lado, o paradigma do protagonismo (Cussianovich; Martinez, 2014) reforça a proposta destinada para a reelaboração e ajustes para outros contextos dos cenários, em que se possam abordar ações conceituais e práticas e, assim, ocorra a participação e a inserção de diversas crianças nos outros países, com o objetivo de favorecer o seu bem-estar social e fazê-las exercer o seu direito à cidadania.

Percebe-se que, apesar das diferentes realidades geográficas, temos iniciativas que se propõem a fortalecer o protagonismo infantil, ainda que sejam escassas, vindas das autoridades estatais, institucionais e familiares e, por esse motivo, não têm gerado ações participativas que possuam maior relevância e, principalmente, reconhecimento para a sociedade. Sendo assim, esses processos que apresentam: “caráter substantivo nem tampouco deliberativos, que permitam [...] que se organizem de acordo com seus interesses e contextos” (Ascorra *et al.*, 2016, p. 6). Então, nos territórios latino-americanos, a infância é concebida de forma distinta, pois a participação das crianças ainda precisa ser tratada com maior relevância social, a respeito de suas condições enquanto indivíduos que possuem e lutam por seus direitos.

Tendo isso em vista, apresenta-se as perspectivas do protagonismo infantil no continente latino-americano, a fim de trazer novas possibilidades e de identificar as formas de organização, assim como autoridades e instituições que concebem os direitos

das crianças, ancorado nos seus interesses e contextos. Para isso, foram adotados os conceitos centrais da participação e do protagonismo para trazer discussões sobre o tema e compreendê-los enquanto direitos das crianças sul-americanas que residem nos países hispano-falantes.

Sobre este aspecto, é importante considerar a noção do espaço social no qual as crianças estão inseridas que podem contribuir ou não para situações de vantagens ou desvantagens sobre as relações de dominação, exploração e forças econômicas. O estudo de Niño (2019) indica que as crianças em situações de vulnerabilidade econômica e social, estando nas ruas ou, até mesmo, em abrigos, implicam na maneira como são tratadas e, na maioria dos casos, têm suas vozes silenciadas, estando à margem da sociedade. Desse modo, é nestes espaços que elas encontram maior liberdade para se expressar e exercer a participação nos meios sociais, por meio de “microdomínios” (Niño, p. 80), que concebem uma reconfiguração diante do protagonismo individual a partir dos padrões na vida urbana e rural e da relação estabelecida entre as gerações que interagem entre si, compartilhando ideias sobre a infância.

Em termos de conceitos, as perspectivas de compreensão desse protagonismo diante do contexto da globalização e das relações desigualitárias, pois Lay-Lisboa e Serrano (2018) e Morales e Magistris (2019) destaca sobre a participação infantil, construída a partir dos modelos hegemônicos e normativos da vida adulta, nos seus aspectos formais, concebem assim, ações dirigidas em uma relação simétrica que se dá entre as diversas gerações.

Com isso, estes exemplos trazem indicativos a respeito do fenômeno e conceitos que reforçam a ideia de pertencimento das crianças nos lugares de origem e, sobretudo, na sociedade na qual estão inseridas diante dos papéis e das responsabilidades que precisam ser assumidas.

Ainda assim, temos na Argentina crianças em situação de rua e, muitas vezes, desprotegidas, enfrentando o frio e a fome para lutarem por sua sobrevivência, enquanto no Chile temos dados para a produção sobre a imigração infantil e os processos migratórios. Contudo, a análise a partir dos gêneros das crianças, as motivações que as levaram à determinadas situações, relações com suas famílias, perspectivas sobre o trabalho, são um dos principais fatores que contribuem para a ocorrência desses fenômenos.

Isso também se dá pela presença do contexto no qual se encontram, onde necessitam realizar tarefas domésticas, atividades laborais que realizam fora de casa, além

das escolares na própria instituição, configurando-se assim, em ações que se dão nas diversas regiões do continente. Então, os estudos buscam refletir sobre esses aspectos e romper com a concepção hegemônica de infância para melhor compreender este processo como fruto da política e da cidadania.

Deste modo, o protagonismo infantil é concebido pela organização social e política dos movimentos sociais há cerca de 40 anos, com a participação das crianças e dos adolescentes que reivindicam por seus direitos. Entretanto, ainda é notório a grande dificuldade em valorizar e reproduzir ações similares no contexto devido à presença do adultocentrismo que concebe os modelos de hegemonia social e de modelos de adultos para guiar as suas ações na condição de uma criança.

Logo, segundo Farias e Santiago (2015), este fenômeno pode ser definido como um processo que invisibiliza crianças e adolescentes enquanto sujeitos históricos de lutas e transformações sociais, que promove o apagamento da especificidade de suas vidas, na medida em que as concebe como “protótipos de adultos” numa perspectiva do vir a ser e não do já é. Nesse contexto, as crianças e adolescentes têm o seu presente negado em função de um futuro que elas não escolheram e do qual não desejam participar.

Portanto, dentro do universo cultural, marcado pela presença do adultocentrismo, são reproduzidos diversos padrões sociais, concebendo funções de adultos às crianças e, então, fazendo com que elas não vivam a infância como deveriam devido às condições em que estão inseridas. Por essa razão, a concepção de que as crianças eram consideradas “adultos em miniatura” (Áries, 1981), reforça o modelo hegemônico da Europa Medieval.

Nesse sentido, o historiador francês Philippe Áries (1981) traz a perspectiva de um trabalho inovador. No livro *História social da criança e da família*, o autor aborda as infâncias, por meio de apuração e consulta às fontes, como diários de família, cartas, registros de batismo, epitáfio e túmulos. Ele traz uma série de descobertas a respeito das discussões sobre a infância, utilizando uma abordagem baseada na psicologia e história para relatar a dimensão construtiva no processo das infâncias através do tempo, considerando as implicações sociais, econômicas e simbólicas presentes nesta fase.

Compreender a infância no sul global é importante para a análise das discursividades presentes nos artefatos culturais. A infância, vista não apenas como uma fase da vida, mas como uma construção social permeada por valores históricos, culturais e ideológicos, revela-se um campo fecundo para a investigação das representações de gênero, identidade e poder.

Ao explorar como essas narrativas se constituem, especialmente no contexto latino-

americano, é possível observar como as relações de poder e as normatividades são produzidas e reforçadas, ou mesmo subvertidas, em obras que dialogam com o imaginário infantil. Nesse sentido, a análise das feminilidades e dos discursos presentes em livros destinados à infância na Bolívia, por exemplo, torna-se um caminho para desvelar as formas pelas quais os sujeitos femininos são moldados e apresentados às novas gerações. Assim, conhecer a infância latina é importante para desvelar os mecanismos discursivos que atuam na formação identitária e nas relações sociais das crianças na América Latina.

5.3 Construção social da literatura para a infância boliviana

A história da literatura para a infância boliviana é um mosaico cultural que reflete as transformações sociais e políticas do país ao longo dos séculos. Desde suas raízes nas tradições orais indígenas até as influências contemporâneas, essa literatura tem sido um veículo para a educação e a preservação cultural. Nos tempos pré-coloniais, as comunidades indígenas como os *Aymara* e os *Quéchua* utilizavam contos e lendas para ensinar valores e tradições às crianças (Mamani, 2018).

Estas histórias, carregadas de simbolismos e lições morais, formavam a base da educação das crianças bolivianas, integrando às suas culturas e ao ambiente natural ao seu redor.

A literatura oral, nessas culturas indígenas, sustenta a coesão grupal, a permanência histórico-cultural ao longo do tempo, a defesa simbólica e velada de seus mitos e concepções do mundo. A criança indígena recebe, como algo unido à vida, um conjunto diverso e rico de relatos orais. Apesar de existirem alguns volumes publicados de lendas, narrativas indígenas traduzidas para o espanhol, o relato oral ainda é um território virgem para os compiladores. Além disso, até agora, a maioria dessas compilações tem como destinatário o leitor adulto. Poucos são os títulos trabalhados pensando nas crianças (Bolívar, 2019, p. 05).

Com a colonização espanhola, a literatura boliviana começou a ser influenciada por padrões europeus. Durante o período colonial e nos primeiros anos após a independência, a maioria dos livros para a infância disponíveis na Bolívia eram traduções ou adaptações de obras europeias, o que representava uma limitação significativa na expressão das realidades locais (Rodríguez, 2012). Este cenário começou a mudar apenas no século XX, especialmente após eventos sociais importantes como a Revolução Nacional de 1952.

De acordo com Gisbert (2019), a literatura infantil boliviana, assim como a de

outros países latino-americanos, nunca foi considerada literatura. Os escritos dedicados às crianças não são vistos como um tema literário sério, e, por isso, os estudos de literatura, as críticas literárias, as antologias, as biografias e os dicionários de autores bolivianos não incluem os criadores da literatura infantil. Se algum escritor de literatura infantil é incluído nessas obras, é exclusivamente devido à sua obra para adultos.

A Revolução de 1952 foi um catalisador para mudanças profundas em várias esferas da sociedade boliviana, incluindo a literatura. O período pós-revolucionário viu um aumento na produção de obras que refletiam temas de justiça social e direitos indígenas, que se dedicou a resgatar e valorizar as narrativas e culturas indígenas em suas histórias infantis.

Na segunda metade do século XX, a literatura para a infância boliviana começou a incorporar mais explicitamente as tradições orais e culturais locais, com autores como Isabel Gisbert liderando esse movimento. Seu trabalho não só serviu para entreter, mas também para educar as crianças sobre sua herança cultural (Gisbert, 1995). Este período também testemunhou o surgimento de editoras dedicadas exclusivamente à literatura infantojuvenil, que começaram a explorar novas formas de produção e distribuição, como o uso de materiais reciclados (Vallejo, 2006).

A literatura para a infância na Bolívia, apesar de sua rica tradição oral e crescente corpo de literatura escrita, enfrenta desafios significativos no que diz respeito ao acesso ao livro por parte das crianças. Diferente de países como o Brasil, onde programas governamentais como o Programa Nacional do Livro Didático garantem a distribuição de livros didáticos nas escolas, a Bolívia não conta com uma política pública abrangente que assegure o acesso equitativo ao livro infantil para todas as crianças.

Gisbert (2019) destaca que a literatura infantil na Bolívia tem mostrado avanços importantes, ainda que de forma gradual, desde que o escritor Hugo Molina Viaña, reconhecido como o pai desse gênero no país, impulsionou seu desenvolvimento. Desde então, novos autores infantojuvenis, atentos às mudanças globais na literatura infantil, têm aceitado o desafio de criar livros que capturem o interesse das crianças e incentivem a leitura, proporcionando prazer e encantamento. A ideia é preparar o terreno, plantar a semente e nutrir as mentes infantis para que os frutos sejam colhidos no futuro.

De acordo com Isabel Gisbert (2019), a chegada dos primeiros livros à América colonial foi impulsionada pelos religiosos e exploradores, com a intenção principal de catequizar os povos originários e impor a fé católica e os valores culturais europeus. Esse movimento tinha o objetivo de converter os indígenas e "civilizá-los" segundo os padrões

européus, mas trouxe consigo impactos profundos e muitas vezes negativos.

As ordens religiosas, especialmente os jesuítas, usavam catecismos, textos doutrinários e outros materiais escritos em espanhol ou traduzidos para as línguas locais como ferramentas de instrução e controle cultural. A imposição religiosa que esses livros promoviam frequentemente desvalorizava e reprimia as práticas culturais e espirituais indígenas, tratando-as como inferiores. As ricas tradições orais dos povos originários, compostas por mitos, lendas e ensinamentos passados de geração em geração, foram sendo deixadas de lado, substituídas por uma visão de mundo que não apenas era estranha às comunidades locais, mas muitas vezes hostil às suas crenças e modos de vida.

A catequese, em vez de promover um diálogo cultural, funcionava como uma imposição unilateral, desconsiderando a complexidade e o valor das tradições indígenas. Esse processo também consolidava uma hierarquia de poder, já que o acesso à educação formal e aos livros era limitado aos indígenas convertidos e, geralmente, apenas aos filhos de chefes ou líderes locais. A Coroa espanhola e a Igreja Católica usavam a alfabetização como uma ferramenta de controle social, não de emancipação, restringindo o acesso ao conhecimento e à literatura de uma forma que impedia um intercâmbio cultural mais equilibrado e enriquecedor.

Assim, esse capítulo da história literária da América revela uma utilização da leitura e da educação que tinha mais o intuito de submeter do que de enriquecer as comunidades indígenas. A catequese forçada, conforme apontado por Isabel Gisbert, não apenas freou o desenvolvimento das tradições literárias locais, mas também enfraqueceu a voz dos povos originários e sua conexão com sua própria identidade. (Gisbert, 2019).

A influência dos contos de fadas espanhóis na América Latina foi acompanhada de adaptações e de uma mistura com elementos latinos. Muitos contos conhecidos, como *'João e o Pé de Feijão'* ou *'Os Três Porquinhos'*, chegaram à América e foram reinterpretados, incorporando aspectos do contexto cultural latino-americano. Em algumas versões, como *'O Lavrador Honesto'*, o herói representa o camponês andino, e as histórias frequentemente trazem animais locais, como a lhama ou a vicunha.

No século XX, começaram a aparecer coleções de contos populares de diferentes regiões da Bolívia, com destaque para histórias que envolvem animais como o coelho e a raposa. Essas narrativas mostram o coelho como um personagem astuto, sempre perseguido por predadores como a raposa, o puma ou o jaguar. Gisbert (2019) acreditam que esses contos com o coelho, se adaptaram às histórias locais, sempre escapando de seus perseguidores e se tornando um símbolo da astúcia e resistência. Outro exemplo de

adaptação cultural é o conto de '*Juan el Oso*', que possui origens tanto na tradição espanhola quanto em mitos locais.

Figura 8 – Versão boliviana da história- "El oso y la mujer"



Fonte: Gisbert (2019, p. 75).

Na história, uma jovem é raptada por um urso e levada para sua caverna, onde eles têm um filho, Juan, que eventualmente cresce e utiliza sua força para escapar da caverna com sua mãe. Juan el Oso é um personagem de força sobre-humana, refletindo as narrativas de heróis míticos adaptados ao contexto latino-americano, mas mantendo as raízes das histórias europeias. A figura da chola em Potosí, torna-se uma metáfora para a fusão de culturas e para a resistência cultural, em que a mulher boliviana se posiciona com firmeza diante das mudanças, preservando a memória e as tradições ancestrais.

A literatura infantil na Bolívia passou por transformações significativas a partir das décadas de 80 e 90, com um movimento de revalorização das culturas indígenas e uma abertura para temas contemporâneos e sociais. O processo de democratização iniciado em 1982 trouxe a oportunidade de consolidar uma identidade cultural plural, onde as culturas e línguas originárias foram reconhecidas como parte da sociedade boliviana. Nesse contexto, a reforma educacional de 1994 foi um marco, declarando a Bolívia uma nação pluricultural e multilíngue e promovendo a educação bilíngue com materiais didáticos em espanhol, aimará, quíchua e guarani. Apesar das dificuldades em sua implementação, essa reforma estimulou uma produção literária voltada para crianças que começava a se distanciar da literatura moralista e a explorar temas mais variados e inclusivos. (Mesa, 2019). A partir dessa renovação cultural, os direitos das crianças e adolescentes também

ganharam espaço, com a Bolívia adotando a Convenção Internacional sobre os Direitos da Criança e criando o Código da Criança e Adolescente, que fortalecia a proteção e o reconhecimento da infância como um período importante.

Esse novo ambiente favoreceu uma literatura infantil que passou a abordar temas complexos e socialmente relevantes, como ecologia, política, sexualidade, identidade e diversidade familiar, assuntos antes evitados nas obras voltadas para o público infantojuvenil. Entre os autores que contribuíram para essa nova fase da literatura infantil latino-americana, destaca-se o argentino Gustavo Roldán, com suas obras que resgatam a tradição oral, como *El monte era una fiesta* (1984). Na Bolívia, figuras como Antônio Paredes Candía representaram um elo entre a literatura infantil tradicional e a moderna, ele dedicou sua vida à recuperação e disseminação da tradição oral boliviana, especialmente nas regiões ao redor de La Paz, onde seu trabalho como titereiro e contador de histórias contribuiu para manter vivas as lendas e fábulas bolivianas.

Seus contos, marcados por um realismo crítico, exploram temas como pobreza, violência e desigualdade, com personagens que refletem a dura realidade das classes menos favorecidas. Paredes Candía não suavizava os temas para o público infantil, mas sim apresentava uma visão genuína e empática das dificuldades enfrentadas pelos mais vulneráveis, mantendo um compromisso com a autenticidade e o impacto social.

Além disso, editoras como Ediciones Puente e Pasitos contribuíram para a difusão dessa literatura voltada para crianças e jovens, criando coleções dedicadas ao público infantil, como *Thuruchapitas*. A reforma educacional de 1994 impulsionou essa produção, incentivando a criação de bibliotecas escolares e promovendo concursos literários que atraíram diversos autores a publicar obras que celebravam as tradições culturais e a diversidade linguística boliviana.

Para Mesa (2019), a presença crescente de editoras internacionais e prêmios literários na América Latina também impactou a literatura infantil na Bolívia, aproximando o país das tendências literárias globais e criando novas oportunidades de reconhecimento. Publicações e revistas virtuais, como *El Mangrullo* e *Imaginaria*, difundiram as novas tendências e conectaram autores e leitores/as em um espaço de diálogo e intercâmbio cultural.

6. A CONSTRUÇÃO DAS FEMINILIDADES NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA BOLIVIANOS

Esta seção da tese se dedica a explorar a construção das feminilidades na literatura para a infância boliviana, investigando como as narrativas e ilustrações nesses livros refletem, reforçam e, por vezes, desafiam as concepções tradicionais de gênero e identidade feminina. A análise é conduzida por meio de uma perspectiva crítica que considera o papel dos livros para a infância como agentes culturais na formação das percepções de gênero desde a infância.

Nesta tese, as feminilidades são tratadas como uma construção cultural e social, ressaltando que não se trata de uma característica natural ou inerente ao sexo biológico, mas algo moldado por processos históricos e culturais. De acordo com autora Piscitelli, (2009), os traços tradicionalmente associados às mulheres, como a delicadeza e a submissão, são produtos de normas e estereótipos que variam conforme o contexto social. Segundo a autora, as feminilidades têm sido compreendidas de forma rígida, amparada em uma visão essencialista, que atribui essas diferenças a fatores biológicos imutáveis.

Novelino (1998) define a feminilidade como um conjunto de características identificadas pela cultura como apropriadas e indispensáveis às mulheres, que, ao longo da vida, se organizam sob a forma de uma “identidade de gênero”. Essa identidade, segundo Stoller (1968), é construída a partir do nascimento, com base nas expectativas e convicções transmitidas pela sociedade. Dessa forma, as feminilidades não são uma qualidade inerente ao sexo biológico, mas uma construção cultural vinculada às definições e atribuições sociais.

Assim, na perspectiva pós-estruturalista e feminista, as feminilidades não são entendidas como algo essencial ou inato às mulheres, mas como uma série de normas e performances que são reiteradas ao longo da vida. Judith Butler (2003) introduz a ideia de performatividade, argumentando que gênero não é algo que somos, mas algo que fazemos repetidamente, seguindo normas culturais que nos são impostas. Assim, as feminilidades são continuamente produzidas através de ações, comportamentos e discursos que reforçam um ideal específico de ser mulher.

Por exemplo, as feminilidades são comumente associadas a traços de suavidade, maternidade e beleza, que, conforme Guacira Lopes Louro (2000), são projetados como parte da identidade feminina a ser alcançada. Essa imposição pode ser vista tanto nos discursos cotidianos quanto nas representações midiáticas e literárias, que reforçam certos

comportamentos desejáveis para as mulheres, ao mesmo tempo que desvalorizam ou excluem outros modos de ser mulher.

No entanto, as feminilidades também podem ser entendidas como um campo de resistência. Mulheres e movimentos feministas têm desafiado essas concepções limitantes de feminilidades ao longo do tempo. O feminismo decolonial, por exemplo, liderado por teóricas como María Lugones (2008), questiona a imposição de um modelo de feminilidade colonial e eurocêntrico sobre mulheres de culturas indígenas, negras e não-ocidentais. Nesse sentido, as feminilidades são vistas como um território em disputa, onde normas de gênero são negociadas, contestadas e reinventadas.

Uma contribuição importante de Louro (2000) é a noção de que existem múltiplas feminilidades, ou seja, diferentes formas de ser e se identificar como mulher. As feminilidades não são universais, e as mulheres não vivenciam o gênero de maneira idêntica. A experiência de ser mulher é mediada por uma série de outros fatores, como raça, classe, orientação sexual e contexto cultural. Nesta tese a perspectiva interseccional é importante para compreender que as feminilidades não podem ser reduzidas a um modelo único, mas que existem muitas formas de ser mulher, cada uma com suas particularidades, que coloca a própria construção hegemônica de feminismo a necessidade de se discutir as opressões às mulheres a partir de outras categorias para realizar suas abordagens com uma potência abrangente. Na literatura infantil, essa multiplicidade de feminilidades pode ser explorada através da representação de personagens diversas que encarnam diferentes formas de ser e agir no mundo.

6.1 Análise das representações de gênero tradicionalmente presentes na literatura para crianças boliviana

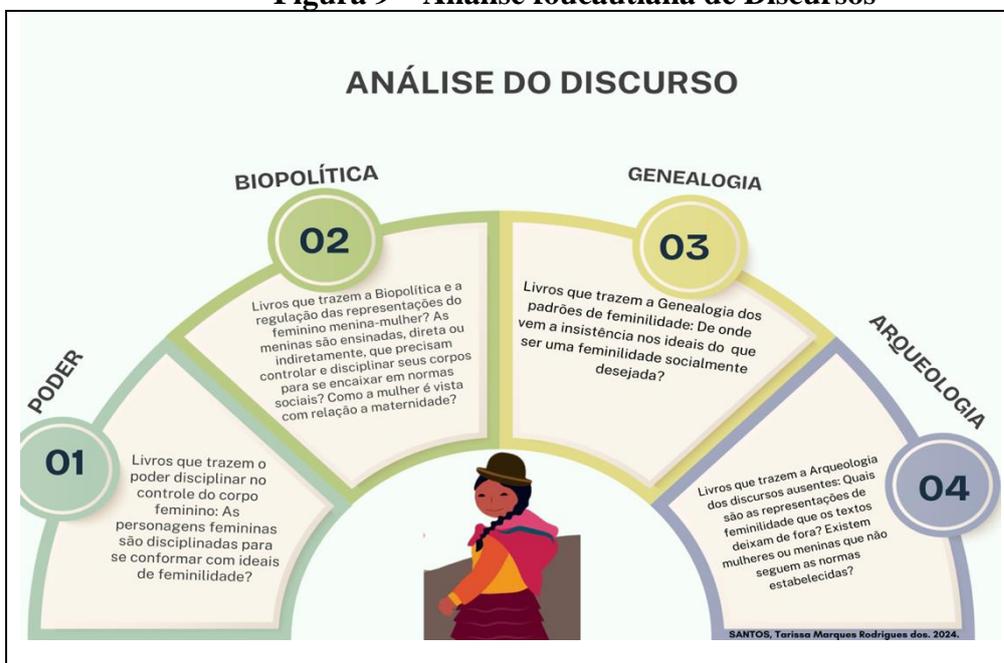
Partindo do princípio que temos por tese que a literatura para a infância boliviana, embora frequentemente percebida como entretenimento ou uma ferramenta educacional, emerge não somente como reflexo das normas sociais, mas também como um espaço potencial para o protagonismo feminino, desafiando as dinâmicas de poder e identidade de gênero de maneiras que ressoam com perspectivas decoloniais, nesta subseção analisaremos os discursos presentes nos artefatos culturais livros, dentro da perspectiva foucaultiana.

A análise das discursividades se concentrará nas representações de gênero tradicionalmente presentes na literatura para a infância boliviana, examinando como estas

narrativas refletem e perpetuam as concepções culturais sobre gênero e feminilidades. A investigação buscará identificar padrões discursivos que reforçam ou contestam estereótipos de gênero, considerando o papel dos livros para a infância como veículos culturais que influenciam a formação das identidades de gênero desde a infância. A abordagem com conceitos foucaultiana permitirá explorar como os discursos nos livros para a infância operam como mecanismos de poder que produzem e regulam as normas de gênero na sociedade boliviana.

Nessa perspectiva, o mapeamento discursivo dentro da sociedade boliviana poderá revelar como os discursos funcionam na imposição da verdade, conforme Michel Foucault teoriza. O discurso não apenas descreve a realidade, mas também a constrói e a legitima, funcionando como uma ferramenta dialética que estabelece e reforça as estruturas de poder dominantes. Nesse contexto, a análise foucaultiana permite desvendar as nuances e complexidades dessas construções discursivas, mostrando como são fruto de uma produção coletiva e histórica, neste sentido foram divididos a categorização das análises nos conceitos foucaultianos de Poder, Biopolítica, Genealogia e Arqueologia, para uma compreensão mais profunda das dinâmicas discursivas.

Figura 9 – Análise foucaultiana de Discursos



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Por meio dessa análise, alinha-se à perspectiva pós-estruturalista, que critica a visão universal do sujeito feminino e propõe um entendimento mais plural e diversificado

das experiências de ser mulher, considerando as influências culturais e históricas (Butler, 2005).

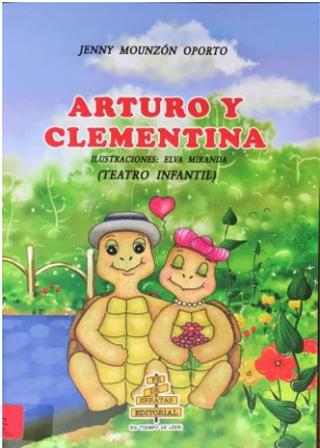
Para garantir a originalidade e a precisão da Análise de Discurso realizada nesta pesquisa, optamos por manter as frases originais em seu idioma de origem nos quadros apresentados ao longo desta análise. Essa decisão visa preservar o contexto e as nuances linguísticas que poderiam ser perdidas na tradução direta. As traduções das frases estão incluídas em notas de rodapé, proporcionando ao/a leitor/a uma compreensão acessível do conteúdo analisado sem comprometer a integridade das expressões originais.

6.2 Análise do Discurso dos dez livros selecionados para a pesquisa

Na sequência, apresentamos uma análise de cada um dos dez livros de literatura boliviana selecionados para esta tese, a qual é iniciada com um quadro baseado no “Roteiro para a realização da Análise do Discurso de Literatura para a infância” (Apêndice I), com as principais informações sobre a obra, seguida por uma análise mais detalhada com a inclusão de imagens dos livros selecionados.

6.2.1 Análise do livro Arturo y Clementina

Quadro 3 – Análise do Discurso no livro “Arturo y Clementina”.

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
 <p>Identificação Preliminar</p>	Referência Bibliográfica	MOUNZÓN OPORTO, Jenny. Arturo y Clementina. Ilustrações de Elva Miranda. 1ª ed., Editorial Fe de Erratas, 2017. ISBN 978-99974-927-1-5.
	Título	Arturo y Clementina
	Autor/a	Adela Turín (adaptação por Jenny Mounzón Oporto)
	Ilustrador/a	Elva Miranda
	Edição	Primeira
	Número de Páginas	24

	ISBN	978-99974-927-1-5
	Ano de Publicação	2017
	Local de Publicação	Cochabamba - Bolívia
Resumo da História		Arturo y Clementina conta a história de duas tartarugas, <i>Clementina</i> e Arturo, que vivem juntas em um ambiente natural e tranquilo. Arturo, com uma postura autoritária, busca controlar as ações e desejos de <i>Clementina</i> , limitando suas aspirações e impondo seus próprios interesses sobre ela. <i>Clementina</i> , inicialmente submissa, começa a expressar seu descontentamento com a vida controlada que leva e manifesta seus desejos de aprender novas habilidades e explorar o mundo. A narrativa acompanha a jornada de <i>Clementina</i> em busca de sua autonomia, enfrentando os desafios impostos por Arturo e gradualmente rompendo com a opressão para alcançar sua liberdade e felicidade. A história destaca a importância da autodescoberta, da busca pela realização pessoal e da resistência contra o controle opressor.
Personagem Principal	Gênero	(X) Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	<i>Clementina</i> : Tartaruga de cor amarela clara com um casco marrom, usa um chapéu rosa com um laço, um colar de pérolas, e frequentemente segura flores, destacando uma aparência amigável e feminina.
	Descrição de Conduta	<i>Clementina</i> busca liberdade, mostra insatisfação com controle de Arturo. Exemplo: “ <i>Me aborri de escuchar música, yo quería aprender a tocar una flauta</i> ”. ⁴³
	Personagens	Arturo: Controlador, autoritário. Exemplo: “ <i>Busca algo que hacer. El mundo está lleno de ocupaciones interesantes. Solo se</i>

⁴³ “Cansei de ouvir música, queria aprender a tocar flauta” (tradução nossa).

Análise do Discurso		<i>aburren los tontos</i> ⁴⁴ . <i>Clementina</i> : Busca liberdade, resiliente. Exemplo: “ <i>Siempre he querido visitar Venecia</i> ⁴⁵ ”.
	Representação de Gênero	<i>Clementina</i> busca emancipação, Arturo representa controle. Exemplo: “ <i>Tú dijiste que eres una tonta, no fui yo</i> ⁴⁶ ”.
	Interseccionalidade	Exploração de gênero e poder. Exemplo: A relação entre os personagens reflete o desequilíbrio de poder baseado em gênero.
	Narrativa	A história foca na evolução de <i>Clementina</i> , de uma posição de submissão e controle por parte de Arturo, até alcançar sua própria autonomia e felicidade. O enredo destaca a busca de <i>Clementina</i> por seus próprios interesses e desejos, contrastando com as tentativas de Arturo de controlá-la e minimizar suas ambições. Exemplo: “ <i>Qué hermosa está la primavera y yo aquí cargando tantos pisos de regalos que no me hacen feliz</i> ⁴⁷ ”.
	Perspectiva de Gênero	Foco na liberdade feminina e crítica ao controle masculino. Exemplo: “ <i>Soy tan feliz al disfrutar de mis paseos que me son indiferentes los insultos y riñas de Arturo</i> ⁴⁸ ”.
	Dinâmica de Poder	Arturo exerce controle sobre <i>Clementina</i> , que busca autonomia. Exemplo: “ <i>Qué harías tú sin mí?</i> ” - “ <i>Claro, ¿Qué haría yo sin ti?</i> ⁴⁹ ”
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	<i>Clementina</i> desafia a ideia de submissão e busca sua própria felicidade. Exemplo: “ <i>No puede continuar así mi vida, saldré a dar un paseo</i> ⁵⁰ ”

⁴⁴ Encontre algo para fazer. O mundo está cheio de ocupações interessantes. Só os tolos ficam entediados. (tradução nossa).

⁴⁵ “Sempre quis visitar Veneza” (tradução nossa).

⁴⁶ “Você disse que era estúpido, não fui eu” (tradução nossa).

⁴⁷ “Como é linda a primavera e aqui estou eu carregando tantos andares de presentes que não me fazem feliz” (tradução nossa).

⁴⁸ “Fico tão feliz em aproveitar minhas caminhadas que fico indiferente aos insultos e brigas de Arturo.” (tradução nossa).

⁴⁹ “O que você faria sem mim?” - “Claro, o que eu faria sem você?” (tradução nossa).

⁵⁰ “Minha vida não pode continuar assim, vou sair para passear” (tradução nossa).

	Linguagem	Simple e direta, adequada para crianças. Exemplo: Uso de frases curtas e expressivas.
	Descrições de Personagens	Descrições detalhadas de comportamentos e sentimentos. Exemplo: “ <i>Clementina suspirando mostrando los dos pisos de cosas amarradas a su espalda</i> ⁵¹ ”.
Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	A capa utiliza a cor rosa e flores para enfatizar as feminilidades de <i>Clementina</i> . Exemplo: <i>Clementina</i> está cercada de flores e usa um chapéu rosa com laço, reforçando sua representação feminina.
	Descrição da Capa do Livro	A capa mostra <i>Clementina</i> e Arturo juntos, com um fundo natural, transmitindo um ambiente sereno e alegre. <i>Clementina</i> está usando um chapéu rosa e segurando flores, reforçando suas feminilidades e gentileza.
Contexto e Recepção	Intenção do/a Autor/a	Criticar a opressão feminina e promover a liberdade pessoal. Exemplo: A narrativa foca na transformação de <i>Clementina</i> em busca de sua felicidade.
Conclusão e Reflexão	Impactos sobre os/as Leitores/as	Inspira reflexão sobre papéis de gênero e autonomia. Exemplo: A história incentiva as crianças a questionarem os papéis de gênero tradicionais.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	Promove a discussão sobre a liberdade e a igualdade de gênero. Exemplo: A obra serve como um artefato cultural para promover a igualdade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

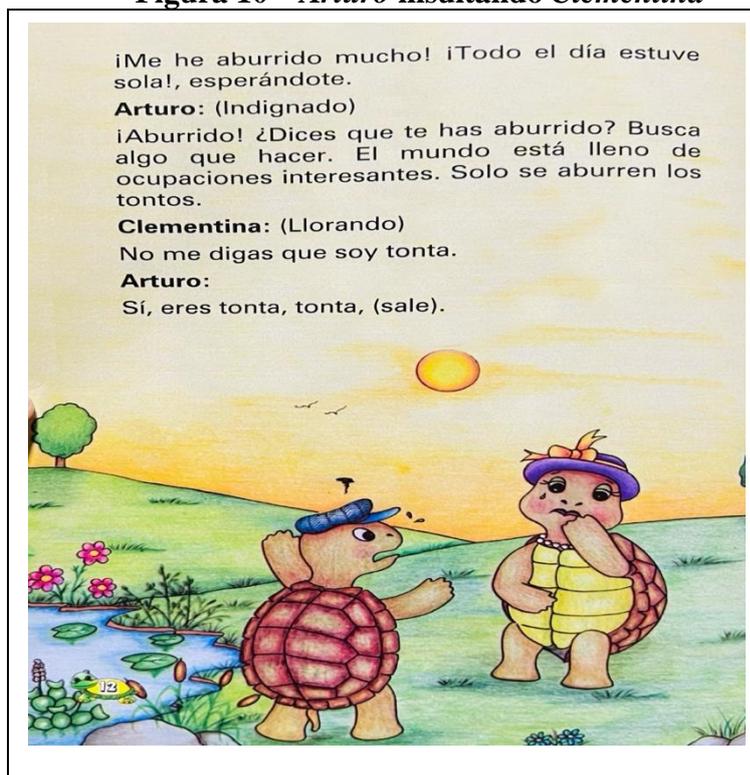
“*Arturo y Clementina*”, adaptado por Jenny Mounzón Oporto da obra original de Adela Turín e ilustrado por Elva Miranda, é uma narrativa que apresenta temática de poder e gênero. Publicado em 2017 pela Editorial Fe de Erratas, o livro se destaca ao explorar a dinâmica de controle entre os personagens principais, Arturo e Clementina, duas tartarugas vivendo em um ambiente natural e sereno. Arturo, com sua postura autoritária, constantemente busca controlar as ações e os desejos de *Clementina*.

Suas falas, como “*Busca algo que hacer. El mundo está lleno de ocupaciones*”

⁵¹ “Clementina suspirando, mostrando os dois andares de coisas amarradas nas costas” (tradução nossa).

*interesantes. Solo se aburren los tontos*⁵², são exemplos claros de um discurso que visa minimizar e ridicularizar os interesses de *Clementina*. Esta atitude reflete o que Michel Foucault descreve como uma manifestação do poder através do discurso, onde a linguagem é usada para regular e controlar comportamentos e pensamentos (Foucault, 2014).

Figura 10 – Arturo insultando Clementina



Fonte: Oporto (2017, p.10).

Foucault argumenta que o poder é onipresente e se manifesta através de uma rede de relações discursivas que disciplinam os indivíduos. Em “*Arturo y Clementina*”, Arturo utiliza seu discurso para manter Clementina em uma posição submissa, restringindo sua autonomia e liberdade. Esse controle é exemplificado quando Arturo desvaloriza os desejos de *Clementina*, dizendo: “*Tú dijiste que eres una tonta, no fui yo*”⁵³ uma tentativa de internalizar a inferioridade e a dependência em *Clementina* (Foucault, 1979).

Clementina, por sua vez, é inicialmente apresentada com características físicas que reforçam uma imagem tradicional de feminilidades: uma tartaruga de cor amarelo-clara, com um casco marrom, usando um chapéu rosa com um laço e um colar de pérolas,

⁵² "Procure algo para fazer. O mundo está cheio de ocupações interessantes. Só os tolos se aborrecem." (tradução nossa).

⁵³ "Você disse que é uma tola, não fui eu." (tradução nossa).

frequentemente segurando flores. Essa descrição não só sublinha sua feminilidade, mas também a coloca em um papel tradicionalmente passivo e decorativo. No entanto, ao longo da narrativa, *Clementina* começa a expressar seu descontentamento e suas aspirações, como exemplificado em sua fala: “*Siempre he querido visitar Venecia*”⁵⁴ demonstrando sua vontade de explorar o mundo além das limitações impostas por Arturo.

A evolução de *Clementina* reflete uma resistência aos mecanismos de poder impostos por Arturo. Foucault sugere que onde há poder, há resistência, e *Clementina* personifica essa resistência ao buscar sua própria autonomia e desafiar os estereótipos de gênero estabelecidos (Foucault, 2015). Ela questiona a estrutura opressiva em que vive, expressando desejos que vão além das expectativas de seu papel tradicional, como em “*Me aborri de escuchar música, yo quería aprender a tocar una flauta*”⁵⁵

Judith Butler (2003), em sua teoria da performatividade de gênero, argumenta que os gêneros são construções sociais que se manifestam através de atos repetitivos que consolidam uma identidade percebida (Butler, 2003). *Clementina*, ao desafiar essas normas através de suas ações e desejos, realiza um ato performativo que desconstrói a identidade submissa e dependente que lhe foi imposta, avançando em direção a uma identidade mais autônoma e empoderada.

A narrativa de “*Arturo y Clementina*” também se alinha com as discussões de Stuart Hall sobre a construção cultural das identidades. Hall (2006) destaca que as identidades são formadas no contexto de discursos culturais e sociais que moldam a percepção e o comportamento dos indivíduos. *Clementina*, ao desafiar o discurso controlador de Arturo, está renegociando sua identidade dentro da narrativa cultural da obra. A análise visual da capa do livro reforça esses temas. A escolha das cores, como o rosa no chapéu de *Clementina*, e a presença de flores, enfatizam suas feminilidades. No entanto, a narrativa visual também sugere uma jornada de autodescoberta e emancipação. As flores e o ambiente natural simbolizam não apenas a beleza, mas também o crescimento e a liberdade, contrastando com o controle opressor de Arturo.

Em termos de recepção crítica, “*Arturo y Clementina*” é valorizado por sua capacidade de incentivar reflexões sobre igualdade de gênero desde a infância. A história promove discussões sobre a importância da autonomia pessoal e a necessidade de desafiar estruturas opressivas, alinhando-se com os objetivos educacionais de promover a

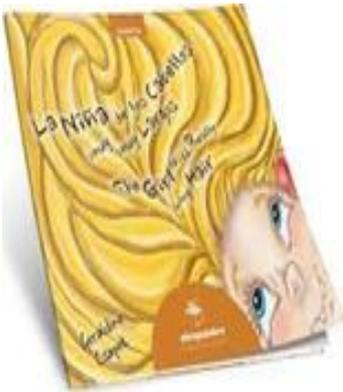
⁵⁴ "Sempre quis visitar Veneza." (tradução nossa).

⁵⁵ "Eu me cansei de ouvir música, queria aprender a tocar uma flauta." (tradução nossa).

igualdade de gênero e empoderar os /as leitores/as para questionarem os papéis tradicionais de gênero. Em conclusão, “*Arturo y Clementina*” é uma obra que, mediante sua narrativa e representação visual, oferece uma rica análise das dinâmicas de poder e dos papéis de gênero. Por meio da resistência de Clementina aos discursos opressivos de Arturo, a obra promove uma mensagem de liberdade pessoal. Esta narrativa não apenas desafia os estereótipos de gênero, mas também incentiva os/as leitores /as a refletirem sobre suas próprias experiências e a importância de resistir ao controle opressor para alcançar uma sociedade mais igualitária.

6.2.2 Análise do livro *La niña de los cabellos muy muy largos*

Quadro 4 – Análise do Discurso no livro “*La niña de los cabellos muy muy largos*”.

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
 <p data-bbox="264 1361 576 1395">Identificação Preliminar</p>	<p data-bbox="667 936 831 1003">Referência Bibliográfica</p>	<p data-bbox="903 880 1375 1055">Csapek, Geraldine. <i>La niña de los cabellos muy muy largos / The girl with really long hair</i>. La Paz: Grupo Editorial La Hoguera, 2016. ISBN 978-99974-818-1-7.</p>
	<p data-bbox="711 1077 786 1111">Título</p>	<p data-bbox="903 1077 1353 1111"><i>La niña de los cabellos muy muy largos</i></p>
	<p data-bbox="699 1133 794 1167">Autor/a</p>	<p data-bbox="903 1133 1102 1167">Geraldine Csapek</p>
	<p data-bbox="675 1189 818 1223">Ilustrador/a</p>	<p data-bbox="903 1189 1102 1223">Geraldine Csapek</p>
	<p data-bbox="703 1245 790 1279">Edição</p>	<p data-bbox="903 1245 1007 1279">Segunda</p>
	<p data-bbox="627 1301 869 1335">Número de Páginas</p>	<p data-bbox="903 1301 927 1335">32</p>
	<p data-bbox="711 1357 785 1391">ISBN</p>	<p data-bbox="903 1357 1118 1391">978-99974-818-1-7</p>
	<p data-bbox="632 1413 863 1447">Ano de Publicação</p>	<p data-bbox="903 1413 959 1447">2016</p>
	<p data-bbox="679 1469 815 1559">Local de Publicação</p>	<p data-bbox="903 1469 1086 1503">La Paz- Bolívia</p>
<p data-bbox="296 1693 544 1727">Resumo da História</p>		<p data-bbox="903 1579 1375 2020">A história segue uma menina com cabelos muito longos que desperta a curiosidade e a admiração de todos ao seu redor. Enquanto sua mãe sugere um corte de cabelo, a menina começa a imaginar várias transformações criativas para seu cabelo, incluindo cenários fantásticos como um carrossel, uma árvore cheia de insetos e até tentáculos de polvo. Cada fantasia reflete sua imaginação fértil e seu desejo de explorar diferentes possibilidades antes de finalmente aceitar a ideia do corte de cabelo. A narrativa</p>

		culmina com a menina aceitando a mudança com uma atitude positiva, celebrando sua criatividade e adaptabilidade.
Personagem Principal	Gênero	(X) Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	Menina loira com cabelos extremamente longos, que despertam curiosidade e inspiram criatividade em suas transformações possíveis.
	Descrição de Conduta	Imaginativa e criativa, refletindo sobre as possibilidades de transformação de seu cabelo longo e loiro antes de um corte.
Análise do Discurso	Personagens	A <i>menina</i> e sua mãe ambas loiras, explorando criativamente o potencial de seus cabelos longos e loiros.
	Representação de Gênero	A <i>menina</i> , por meio de seu cabelo longo e loiro, representa um ideal de beleza eurocêntrico que pode não refletir a diversidade cultural e étnica das crianças bolivianas.
	Interseccionalidade	Explora a interação entre gênero e estética física, destacando como o cabelo longo e loiro pode ser um símbolo de beleza e feminilidades que é socialmente valorizado e carregado de expectativas, e como isso pode impactar a autoimagem de crianças com fenótipos indígenas.
	Narrativa	Exemplos de falas: “¿Qué tal si mi <i>cabellera</i> fuera como la de un gran árbol alto y frondoso?” ⁵⁶ ; “Tal vez después de todo un corte de cabello no sea tan complicado.” ⁵⁷ ; “Y qué si tuviera un corte como el de una rueda que gira?” ⁵⁸ ; e “Su madre pensó que lo mejor sería llevarla pronto a la <i>peluquería</i> .” ⁵⁹ A narrativa usa a imaginação da <i>menina</i> para desafiar as noções convencionais de beleza e o

⁵⁶ “E se a minha cabeleira fosse como a de uma grande árvore alta e frondosa?” (tradução nossa).

⁵⁷ “Talvez, afinal de contas, um corte de cabelo não seja tão complicado.” (tradução nossa).

⁵⁸ “E se eu tivesse um corte de cabelo como o de uma roda que gira?” (tradução nossa).

⁵⁹ “Sua mãe achou que o melhor seria levá-la logo ao cabeleireiro.” (tradução nossa).

		papel social prescrito para as mulheres, especialmente as loiras, em relação à aparência e ao corpo.
	Perspectiva de Gênero	Examina como a <i>menina</i> lida com as expectativas sociais do cabelo feminino, reimaginando seu cabelo não apenas como um ornamento, mas como um espaço de expressão criativa e agência pessoal. No entanto, a insistência em um ideal eurocêntrico de beleza pode reforçar a marginalização de identidades indígenas.
	Dinâmica de Poder	Explora como os padrões de beleza influenciam e controlam as opções e percepções da menina sobre si mesma, refletindo uma luta contra normas sociais restritivas sobre a aparência feminina. A imposição de padrões eurocêntricos de beleza em um contexto boliviano pode reforçar dinâmicas coloniais de poder.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	Subverte os estereótipos de gênero ao mostrar a menina explorando possibilidades fantasiosas para seu cabelo, desafiando a passividade tradicionalmente associada às feminilidades, mas ao mesmo tempo perpetua um estereótipo de beleza eurocêntrico.
	Linguagem	Simple e direta, adequada para crianças. Exemplo: Uso de frases curtas e expressivas. O livro é bilingue (espanhol e inglês).
	Descrições de Personagens	As descrições dos personagens são detalhadas e vívidas, ajudando a construir uma imagem clara da protagonista. <i>A menina</i> é descrita com cabelos longos e loiros, olhos azuis, e uma expressão amigável e curiosa, características que reforçam um ideal de beleza eurocêntrico.
	Representações Visuais de Gênero	As ilustrações reforçam a narrativa imaginativa da menina, destacando as transformações criativas do cabelo longo e loiro como metáforas para a liberdade pessoal e resistência contra normas opressivas.

<p style="text-align: center;">Análise Visual Ilustrações</p>	<p style="text-align: center;">Descrição da Capa do Livro</p>	<p>A capa de “<i>La niña de los cabellos muy muy largos</i>” é vibrante e colorida, mostrando a protagonista com seus longos cabelos loiros que ocupam a maior parte da ilustração. A <i>menina</i>, de olhos azuis, tem uma expressão amigável e curiosa. A cor predominante é o amarelo dos cabelos, que simboliza tanto a luminosidade quanto a energia criativa da personagem. A capa é atrativa e convida os/as leitores/as a explorarem a imaginação da menina. A escolha de representar a <i>menina</i> como loira de olhos azuis pode levantar questões sobre representatividade e inclusão, especialmente em um contexto boliviano onde muitos leitores/as têm fenótipos indígenas.</p>
<p style="text-align: center;">Contexto e Recepção</p>	<p style="text-align: center;">Intenção do Autor/a</p>	<p>Geraldine Csapek busca inspirar a imaginação e uma atitude positiva em relação à mudança, usando o cabelo como uma metáfora para o crescimento pessoal e a emancipação das convenções sociais. No entanto, a escolha estética pode inadvertidamente perpetuar padrões de beleza eurocêntricos em uma audiência diversificada.</p>
<p style="text-align: center;">Conclusão e Reflexão</p>	<p style="text-align: center;">Impacto sobre os /as Leitores /as</p>	<p>Encoraja crianças a verem mudanças cotidianas, como um corte de cabelo, como oportunidades para criatividade e autoexpressão, mas pode também reforçar ideais de beleza que não refletem a diversidade cultural dos /as leitores/as bolivianos/as.</p>
	<p style="text-align: center;">Contribuições para a Igualdade de Gênero</p>	<p>A obra contribui para discussões sobre igualdade de gênero ao mostrar uma personagem feminina navegando por desafios e transformações significativas, mas precisa ser crítica em relação aos padrões de beleza eurocêntricos e sua influência em uma população com fenótipos indígenas.</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

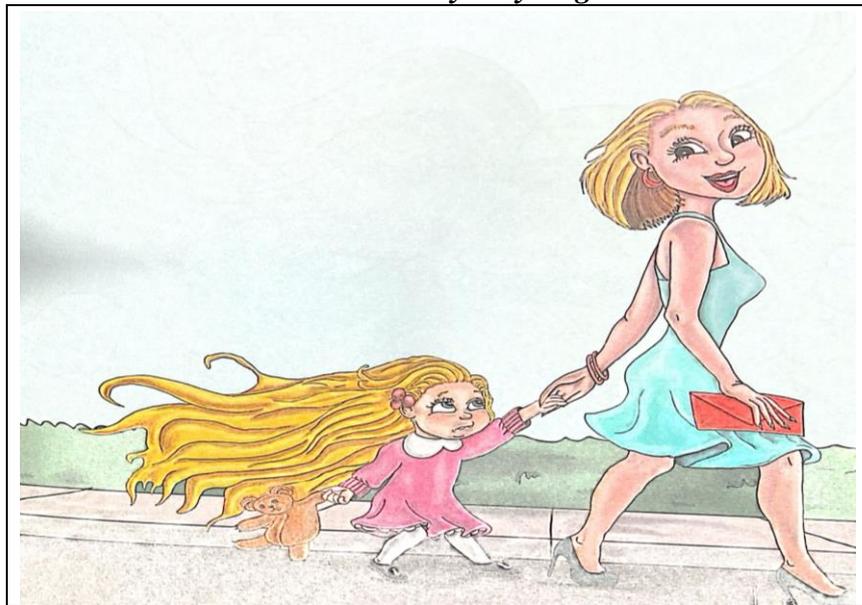
A obra “*La niña de los cabellos muy muy largos*”, escrita e ilustrada por Geraldine Csapek e publicada pela Grupo Editorial La Hoguera em La Paz no ano de 2016. É um exemplo revelador de como discursos de poder, normas sociais e representações de gênero se manifestam na literatura infantil. Csapek (2016), uma autora boliviana que é loira, branca e *camba*⁶⁰, parece ter suas características pessoais refletidas na protagonista da história. Esta análise explorará como essas escolhas estão impregnadas nos discursos do livro, utilizando uma perspectiva foucaultiana e dialogando com teóricos decoloniais e de gênero.

A narrativa apresenta uma menina com cabelos extremamente longos que desperta a curiosidade e a admiração de todos ao seu redor. Sua mãe, também loira, sugere um corte de cabelo, e a menina começa a imaginar várias transformações criativas para seu cabelo, incluindo cenários fantásticos como um carrossel, uma árvore cheia de insetos e até tentáculos de polvo. Cada fantasia reflete sua imaginação fértil e seu desejo de explorar diferentes possibilidades antes de finalmente aceitar a ideia do corte de cabelo. A narrativa culmina com a menina aceitando a mudança com uma atitude positiva, celebrando sua criatividade e adaptabilidade.

A personagem principal, uma *menina* loira de olhos azuis, representa um ideal de beleza eurocêntrico que pode não refletir a diversidade cultural e étnica das crianças bolivianas, muitas das quais possuem fenótipos indígenas. A escolha de uma protagonista com essas características reforça estereótipos de beleza eurocêntrica, frequentemente valorizados em detrimento da diversidade étnica e cultural. Essa representação pode ser influenciada pela própria identidade da autora, que, sendo *camba*, loira e branca, incorpora uma estética que ressoa com padrões de beleza ocidentais:

⁶⁰ Na Bolívia, o termo “*camba*” refere-se aos habitantes da região oriental do país, especialmente de Santa Cruz. Este termo é frequentemente usado para distinguir os habitantes dessa região dos “*collas*”, que são os habitantes do altiplano andino. A identidade “*camba*” está associada a características culturais, sociais e até físicas distintas dentro do contexto boliviano (Paz, 2006).

Figura 11 – Ilustração estereótipo de beleza eurocêntrica na obra “La niña de los cabellos muy muy largos”



Fonte: Csapek e Geraldine (2016, p. 13).

Michel Foucault (1972) argumenta que os corpos são moldados por discursos sociais que determinam o que é considerado normal ou desejável. No caso desta obra, o cabelo longo e loiro da protagonista se torna um símbolo de feminilidades idealizada. Essa estética eurocêntrica perpetua a marginalização das identidades não conformes e reforça dinâmicas coloniais de poder, uma crítica que encontra eco em autores decoloniais como Aníbal Quijano, que discute a colonialidade do poder e como os legados coloniais continuam a ter parte nas estruturas sociais e culturais contemporâneas (Quijano, 2005).

A narrativa utiliza a imaginação da menina para desafiar as noções convencionais de beleza e o papel social prescrito para as mulheres. Por exemplo, quando a menina imagina seu cabelo como um grande carrossel ou uma árvore cheia de insetos, ela subverte a passividade tradicionalmente associada às feminilidades. Contudo, ao mesmo tempo, perpetua um estereótipo de beleza eurocêntrico ao não apresentar uma diversidade de representações estéticas. Falas como “¿Qué tal si mi cabellera fuera como la de un gran árbol alto y frondoso?”⁶¹ e “Tal vez después de todo un corte de cabello no sea tan complicado”⁶² refletem o processo de imaginação e aceitação da protagonista, mostrando como ela lida com as expectativas sociais do cabelo feminino, reimaginando seu cabelo

⁶¹ "E se minha cabeleira fosse como a de uma grande árvore alta e frondosa?" (tradução nossa)

⁶² "Talvez, afinal, cortar o cabelo não seja tão complicado." (tradução nossa).

não apenas como um ornamento, mas como um espaço de expressão criativa e pessoal.

As ilustrações da obra reforçam a narrativa imaginativa da menina, destacando as transformações criativas do cabelo longo e loiro como metáforas para a liberdade pessoal e resistência contra normas opressivas. A capa do livro, que revela uma *menina loira* de olhos azuis, pode gerar reflexões sobre representação e diversidade em um contexto boliviano. A predominância de cores como rosa e amarelo pode reforçar estereótipos de feminilidades eurocêntrica, o que é problemático num país onde a maioria das crianças possui características físicas indígenas.

Figura 12 – Ilustração menina usa rosa e gosta de ursinhos na obra “*La niña de los cabellos muy muy largos*”



Fonte: Csapek e Geraldine (2016, p. 9).

A “Niña” é uma *menina* com cabelos loiros longos, olhos grandes e azuis, segurando um ursinho de pelúcia e vestindo um vestido rosa. Esta representação visual carrega diversos elementos associados às feminilidades tradicional e aos estereótipos de gênero presentes na cultura ocidental. De acordo com Louro (2011), o uso predominante da cor rosa é um exemplo claro de como certas cores são frequentemente vinculadas a um gênero específico, neste caso, o feminino. Essa associação reforça a ideia de que cores possuem “propriedades” de gênero, perpetuando estereótipos que podem inferir nas preferências e comportamentos das crianças desde cedo.

A escolha do ursinho de pelúcia como objeto que a menina segura também é significativa. Brinquedos como ursinhos são tradicionalmente vistos como símbolos de cuidado e afeto, sugerindo que as meninas são naturalmente predispostas a serem

cuidadoras e a valorizarem a sensibilidade e a ternura. Este tipo de representação pode limitar a percepção das meninas sobre suas capacidades e papéis na sociedade, ao sugerir que seu valor está intrinsecamente ligado à sua habilidade de cuidar dos outros. Além disso, a delicadeza e a aparência da menina são enfatizadas através de detalhes como seu rosto doce e sorriso gentil, assim como seus cabelos bem arrumados e volumosos. Soares (2001) argumenta que essas características reforçam a ideia de que meninas devem ser delicadas, bonitas e manter uma aparência cuidada, perpetuando padrões de beleza e comportamento que podem ser restritivos e excludentes.

O vestido rosa que a menina usa, com detalhes como gola e babados, é outro elemento que sublinha as feminilidades tradicionais. De acordo com Franco (2008), vestidos são frequentemente considerados roupas “adequadas” para meninas, o que reforça a divisão de gênero na moda e na expressão pessoal desde a infância. Este tipo de vestimenta não apenas simboliza as feminilidades, mas também pode configurar a maneira como as meninas se movimentam e interagem com o mundo ao seu redor, limitando suas atividades e comportamentos.

No contexto de uma análise pós-estruturalista e de estudos feministas, essa imagem pode ser criticada por perpetuar normas de gênero que definem e restringem o comportamento e as expectativas sociais das meninas. As representações visuais em livros para a infância, como esta, contribuem na formação das identidades de gênero das crianças. Portanto, questionar e desafiar essas representações para promover uma compreensão mais inclusiva e diversificada da identidade de gênero, pode permitir que as crianças explorem e expressem suas individualidades de maneira mais livre e autêntica (Louro, 2000; Meyer, 2003).

Quanto à linguagem da obra, esta é bilíngue, apresentada em espanhol e inglês. Enquanto essa escolha linguística pode ser vista como uma tentativa de tornar a obra acessível a um público mais amplo, ela também levanta questões críticas no contexto boliviano. A Bolívia é um país com uma rica diversidade linguística, onde uma parte significativa da população fala línguas originárias como o *Aimara* e o *Quéchuá*. A decisão da autora de incluir o inglês, uma língua que não é amplamente falada no país, em vez das línguas indígenas, pode ser vista como uma marginalização das culturas e identidades locais.

Ao optar por tornar a obra bilíngue em espanhol e inglês, Geraldine Csapek (2016) parece priorizar uma abordagem mais globalizada, alinhada com padrões eurocêntricos, em vez de valorizar e promover as línguas indígenas. Isso pode ser interpretado como um

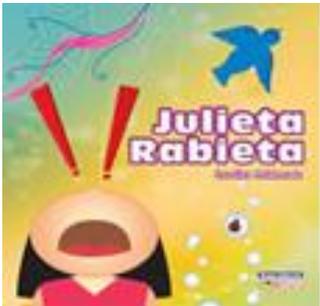
reflexo de uma hierarquia linguística onde o inglês é privilegiado sobre as línguas nativas. Essa escolha pode, inadvertidamente, perpetuar a invisibilização das culturas indígenas e a subvalorização das línguas originárias da Bolívia.

A análise foucaultiana revela como os discursos de poder e normas sociais estão embutidos na narrativa e nas ilustrações, influenciando a percepção das crianças sobre beleza e feminilidades. Csapek (2016), ao criar uma personagem que espelha suas próprias características físicas, pode estar, consciente ou inconscientemente, reforçando normas estéticas que privilegiam a branquitude e os traços eurocêntricos. Mignolo (2011, p. 78) argumenta que “a colonialidade é constitutiva da modernidade” e que os legados coloniais ainda influenciam profundamente as estruturas sociais e culturais atuais.

Em síntese, Geraldine Csapek (2016) encoraja crianças a verem mudanças cotidianas, como um corte de cabelo, como oportunidades para criatividade e autoexpressão. No entanto, também reforça ideais de beleza que não refletem a diversidade cultural dos/as leitores/as bolivianos/as. A obra contribui para discussões sobre igualdade de gênero ao mostrar uma personagem feminina navegando por desafios e transformações significativas, mas precisa ser crítica em relação aos padrões de beleza eurocêntricos e sua influência em uma população com fenótipos indígenas. É necessário promover uma maior representatividade e diversidade na literatura infantil, desafiando os padrões opressivos e celebrando a pluralidade das identidades culturais e étnicas.

6.2.3 Análise do livro *Julieta Rabieta*

Quadro 5 – Análise do Discurso no livro “*Julieta Rabieta*”

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
 <p>Identificação Preliminar</p>	Referência Bibliográfica	Maldonado, Carolina. <i>Julieta Rabieta</i> . Ilustrações de Juliea Pabis. Cochabamba: Grupo Editorial Kipus, 2015. ISBN 978-99974-42-78-9.
	Título	<i>Julieta Rabieta</i>
	Autor/a	Carolina Maldonado
	Ilustrador/a	Carolina Maldonado
	Edição	Primeira
	Número de Páginas	39
	ISBN	978-99974-42-78-9

	Ano de Publicação	2015
	Local de Publicação	Cochabamba
Resumo da História		A história apresenta <i>Julieta</i> , uma menina conhecida por suas terríveis <i>rabieta</i> s. Sempre que <i>Julieta</i> ficava com raiva, algo mudava de lugar, causando caos na cidade. Apenas quando <i>Julieta</i> dormia ou cuidava dos <i>tulipanes</i> de seu avô, as coisas ficavam calmas. Um dia, durante uma <i>rabieta</i> , <i>Julieta</i> acidentalmente danifica os <i>tulipanes</i> , causando grande tristeza em seu avô. Sentindo-se culpada, ela tenta encontrar uma maneira de se controlar. Ao longo da história, <i>Julieta</i> aprende a lidar com suas emoções, transformando a raiva em ações positivas e restaurando a ordem.
Personagem Principal	Gênero	(X) Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	<i>Julieta</i> é descrita como uma menina com traços comuns, mas com um temperamento explosivo.
	Descrição de Conduta	Imaginativa e temperamental, <i>Julieta</i> se envolve em diversas situações caóticas devido às suas <i>rabieta</i> s, mas mostra capacidade de mudança e crescimento pessoal.
Análise do Discurso	Personagens	A narrativa foca em <i>Julieta</i> e suas interações com os familiares e seu espaço. A personagem evolui ao longo da história, aprendendo a controlar suas emoções.
	Representação de Gênero	<i>Julieta</i> , sendo uma menina, é apresentada em um papel ativo e central na história, desafiando estereótipos de passividade frequentemente associados às personagens femininas em narrativas infantis.
	Interseccionalidade	A obra aborda a interseção entre gênero e comportamento, destacando como as expectativas sociais podem consituir a forma como as emoções das meninas são percebidas e tratadas.
	Narrativa	"Cada vez que <i>Julieta</i> se enojaba, algo en la ciudad cambiaba de lugar. Los

		<p><i>libros volaban de los estantes, los juguetes se movían solos y las puertas se cerraban de golpe.</i>"⁶³</p> <p>Este trecho mostra como as <i>rabietas</i> de <i>Julieta</i> causam desordem não apenas em sua casa, mas na cidade inteira. Isso simboliza o impacto das emoções descontroladas em um ambiente maior.</p>
	Perspectiva de Gênero	A história de <i>Julieta</i> aborda como as meninas podem ter comportamentos fortes e assertivos, e como esses comportamentos podem ser entendidos e trabalhados positivamente, ao invés de serem simplesmente reprimidos.
	Dinâmica de Poder	A dinâmica de poder é evidente na forma como as <i>rabietas</i> de <i>Julieta</i> afetam todos ao seu redor, mas também na maneira como ela aprende a controlar seu comportamento, recuperando a harmonia na comunidade.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	<i>Julieta</i> subverte os estereótipos de gênero ao mostrar uma personagem feminina que não é passiva ou submissa, mas sim ativa e assertiva. Ao longo da história, ela aprende a canalizar sua energia de maneira positiva.
	Linguagem	O livro utiliza uma linguagem simples e acessível, adequada para o público infantil. As descrições são vívidas e imaginativas, incentivando a criatividade das crianças. No entanto, a ausência de linguagem inclusiva representa uma oportunidade perdida para promover uma visão mais igualitária e diversa.
	Descrições de Personagens	As descrições dos personagens são detalhadas e vívidas, ajudando a construir uma imagem clara da protagonista. <i>Julieta</i> é descrita com um temperamento explosivo, mas também com capacidade de mudança e crescimento pessoal.
	Representações Visuais de Gênero	As ilustrações mostram <i>Julieta</i> em várias situações de raiva e calma,

⁶³ "Cada vez que Julieta ficava zangada, algo na cidade mudava de lugar. Os livros voavam das prateleiras, os brinquedos se moviam sozinhos e as portas se fechavam com força." (tradução nossa).

Análise Visual Ilustrações		destacando seu crescimento emocional. As imagens são dinâmicas e capturam bem as mudanças de humor da personagem.
	Descrição da Capa do Livro	A capa é vibrante e colorida, destacando <i>Julieta</i> no centro com uma expressão de raiva, cercada por elementos que ilustram o caos causado por suas <i>rabieta</i> s. As ilustrações são detalhadas e chamativas, atraindo a atenção das crianças.
Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	Carolina Maldonado (2015) busca mostrar, por meio da personagem <i>Julieta</i> , como lidar com emoções fortes e transformá-las em ações positivas. A obra pretende ser uma ferramenta para pais e educadores ajudarem as crianças a entender e controlar suas emoções.
Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os/as Leitores /as	Encoraja crianças a verem mudanças cotidianas, como controlar suas emoções, como oportunidades para crescimento pessoal e autoexpressão, mas pode também reforçar ideais de comportamento que não refletem a diversidade cultural dos/as leitores/as bolivianos.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	A obra contribui para discussões sobre igualdade de gênero ao mostrar uma personagem feminina navegando por desafios e transformações significativas, mas precisa ser crítica em relação aos padrões de comportamento que perpetuam certos estereótipos.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A obra “*Julieta Rabieta*”, escrita e ilustrada por Carolina Maldonado, publicada pela Grupo Editorial Kipus em Cochabamba no ano de 2015, é um exemplo revelador de como discursos de poder, normas sociais e representações de gênero se manifestam na literatura infantil. Esta análise explorou os discursos presentes nas narrativas, destacando a representação de gênero, as dinâmicas de poder e as implicações socioculturais, utilizando uma perspectiva foucaultiana e dialogando com teóricos de gênero.

A narrativa apresenta *Julieta*, uma menina conhecida por seus terríveis

“*rabieta*”⁶⁴. Sempre que *Julieta* fica com raiva, algo muda de lugar, causando caos na cidade. Apenas quando *Julieta* dorme ou cuida dos “tulipanes” de seu avô, as coisas ficam calmas. Tulipanes são tulipas, flores que na história simbolizam a conexão emocional de *Julieta* com seus avós e representam um ponto de calma em meio ao caos. As tulipas não são nativas da Bolívia e são geralmente associadas a regiões com climas temperados, como a Europa. No entanto, no contexto da história, as tulipas ganham um significado especial, simbolizando amor, cuidado e memórias familiares. A avó de *Julieta* havia plantado as tulipas antes de falecer, e o avô continuou a cuidar delas, trazendo-as consigo quando se mudou para a casa de *Julieta*. As tulipas, portanto, representam uma ligação emocional profunda e a continuidade das tradições familiares.

Um dia, durante uma *rabieta*, *Julieta* acidentalmente danifica os tulipanes, causando grande tristeza em seu avô. Sentindo-se culpada, ela tenta encontrar uma maneira de se controlar. Ao longo da história, *Julieta* aprende a lidar com suas emoções, transformando a raiva em ações positivas e restaurando a ordem. A personagem principal, *Julieta*, é descrita como uma menina com traços comuns, mas com um temperamento explosivo. Sua conduta é marcada por imaginação e temperamento, envolvida em diversas situações caóticas devido às suas *rabieta*s, mas mostrando capacidade de mudança e crescimento pessoal. A capa do livro é vibrante e colorida, destacando *Julieta* no centro com uma expressão de raiva, cercada por elementos que ilustram o caos causado por suas *rabieta*s. As ilustrações são detalhadas e chamativas, atraindo a atenção das crianças e refletindo bem o tema central da história, que reforçam a narrativa emocional de *Julieta*, destacando as transformações de seu comportamento como metáforas para a liberdade pessoal e resistência contra normas opressivas:

⁶⁴ “*Rabieta*” é uma crise de raiva, um acesso de fúria ou um “chilique”, geralmente associado a crianças pequenas que ainda estão aprendendo a lidar com suas emoções.

Figura 13 – Ilustração Julieta em suas subjetivas na obra “*Julieta Rabieta*”



Fonte: Maldonado (2015, p. 7).

A obra aborda a interseção entre gênero e comportamento, destacando como as expectativas sociais podem constituir a forma como as emoções das meninas são percebidas e tratadas. *Julieta*, sendo uma menina, é mostrada em um papel ativo e central na história, desafiando estereótipos de passividade frequentemente associados às personagens femininas em narrativas infantis. Michel Foucault argumenta que os corpos são moldados por discursos sociais que determinam o que é considerado normal ou desejável (Foucault, 1979). Neste contexto, o comportamento de *Julieta* e sua evolução ao longo da história refletem como as normas sociais sobre o temperamento feminino são internalizadas e, eventualmente, subvertidas.

A narrativa utiliza a imaginação de *Julieta* para desafiar as noções convencionais de comportamento e o papel social prescrito para as meninas. Por exemplo, quando Julieta se acalma ao cuidar dos *tulipanes*, a história sugere que o comportamento assertivo e as emoções fortes podem ser canalizados de maneira positiva. Como aponta Lígia Amâncio, “os estereótipos de gênero são estabelecidas e reforçadas, especialmente no que diz respeito ao comportamento emocional e à assertividade das mulheres” (Amâncio, 2005, p. 12).

Carolina Maldonado (2015) busca mostrar, mediante as atitudes de *Julieta*, como lidar com emoções fortes e transformá-las em ações positivas e, como as meninas podem ter comportamentos fortes e assertivos, e como esses comportamentos podem ser

entendidos e trabalhados positivamente, ao invés de serem simplesmente reprimidos. A análise foucaultiana revela como os discursos de poder e normas sociais estão embutidos na narrativa e nas ilustrações, influenciando a percepção das crianças sobre comportamento e feminilidades. Ao criar uma personagem que é ativa e assertiva, Maldonado desafia as normas tradicionais de passividade associadas às meninas, promovendo uma visão mais inclusiva e empoderadora da infância feminina. Este aspecto é importante para a construção de uma sociedade que valoriza e respeita a diversidade de expressões emocionais e comportamentais, contribuindo para uma educação mais igualitária e inclusiva. Como afirma Víctor Montoya:

Está comprovado que alguns personagens da literatura infantil, devido às características que representam e à verossimilhança de suas ações, têm a capacidade de penetrar no coração e na imaginação dos leitores, como se fossem verdadeiros interlocutores, com os quais as crianças podem se identificar, sobretudo se considerarmos que os leitores, como parte de suas relações afetivas, amam e odeiam os personagens criados e recriados em contos e romances, onde não é difícil distinguir, como na vida real, entre o que é 'bom' e o que é 'mau'⁶⁵ (Montoya, 2013, p. 7, tradução nossa).

Outra abordagem encontrada nas narrativas foi o relacionamento materno entre *Julieta* e sua mãe, e a ausência paterna e o impacto emocional das *rabietas* de *Julieta*. Observando a cena abaixo (p. 12), *Julieta* está de frente para sua mãe, ambas com expressões sérias. *Julieta* está com uma expressão triste e a mãe parece estar frustrada ou preocupada. Esta cena capta um momento de tensão, provavelmente logo após uma das explosões de raiva de *Julieta*. A postura da mãe e a expressão de *Julieta* indicam um conflito ou um momento de disciplina.

⁶⁵ No original: “Está comprobado que algunos personajes de la literatura infantil, debido a las características que representan y a la verosimilitud de sus acciones, tienen la capacidad de penetrar en el corazón y la imaginación de los lectores, como si fueran verdaderos interlocutores, con los que los niños pueden identificarse, sobre todo si consideramos que los lectores, como parte de sus relaciones afectivas, aman y odian a los personajes creados y recreados en cuentos y novelas, donde no es difícil distinguir, como en la vida real, entre lo que es 'bueno' y lo que es 'malo'” (Montoya, 2013, p. 7).

Figura 14 – Ilustração relação mãe e filha em uma crise de *rabieta* na obra “*Julieta Rabieta*”



Fonte: Maldonado (2015, p. 12).

Na segunda cena (p. 24), a mãe está segurando *Julieta* nos braços, ambas envoltas em um fundo vermelho, simbolizando amor e cuidado. *Julieta* parece estar chorando e a mãe está consolando-a. Esta cena sugere um momento de reconciliação e consolo. A mãe de *Julieta* está oferecendo conforto após uma crise emocional, mostrando carinho e apoio.

Figura 15 – Ilustração o suposto papel da figura mãe na obra “*Julieta Rabieta*”



Fonte: Maldonado (2015, p. 24).

A relação entre *Julieta* e sua mãe é central na narrativa. A mãe é mostrada em papéis de disciplinadora e cuidadora. As duas cenas destacam os extremos dessa dinâmica – desde momentos de frustração e conflito até momentos de ternura e consolo. Na primeira cena, a expressão preocupada da mãe e a postura de *Julieta* indicam um momento em que a mãe está tentando lidar com o comportamento desafiador de Julieta. A frustração da mãe pode ser vista como uma tentativa de impor limites e ensinar *Julieta* a controlar suas emoções. Na segunda cena, a imagem contrasta com a primeira ao mostrar a mãe em um papel mais consolador. Ao segurar *Julieta*, a mãe oferece um porto seguro emocional, mostrando que, apesar das dificuldades, há um profundo laço de amor e cuidado entre elas.

Os estudos de Butler (1993) sobre a maternidade vêm de encontro as narrativas da obra, pois a mãe de *Julieta* é apresentada em um papel disciplinador e ao mesmo tempo carinhoso. A expectativa de que a mãe seja sempre amável, mesmo em situações de grande estresse emocional, reflete as normas sociais. A mãe de *Julieta* enfrenta o desafio de lidar com as explosões de raiva da filha enquanto mantém uma postura de carinho e paciência, exemplificando como as normas sociais impõem um comportamento amável às mães:

Os corpos são moldados e limitados por normas discursivas que determinam o que pode e não pode ser dito, feito e vivido. Essas normas não apenas regulam a expressão de gênero, mas também as formas de cuidado e afeição que são consideradas aceitáveis e desejáveis na maternidade. (Butler, 1993, p. 235).

A partir da perspectiva de Butler, podemos entender que a amabilidade esperada das mães não é simplesmente uma expressão natural do amor materno, mas uma performance de gênero regulada por normas sociais. Essas normas determinam que as mães devam ser sempre carinhosas, pacientes e compreensivas, mesmo em situações que exigem uma resposta mais firme ou disciplinadora. No caso de “*Julieta Rabieta*”, a mãe da personagem principal desempenha este papel amável, tentando disciplinar *Julieta* de maneira calma e amorosa, mesmo quando está visivelmente frustrada. Esta representação reforça a ideia de que as mães devem suprimir suas próprias emoções e necessidades para cumprir as expectativas sociais de serem cuidadoras perfeitas e sempre amáveis.

A interação entre *Julieta* e sua mãe ilustra a dinâmica de poder e resistência. A mãe representa a figura de autoridade que tenta impor disciplina, refletindo a função das instituições sociais que produzem comportamentos. As explosões de raiva de *Julieta* são

formas de resistência ao controle e disciplina impostos, mostrando como os indivíduos podem resistir às normas sociais. Foucault (1987) explora como as sociedades modernas disciplinam e controlam os corpos através de instituições e práticas sociais. Esta perspectiva pode ser aplicada para entender as dinâmicas de poder e disciplina na relação entre *Julieta* e sua mãe. O autor argumenta que os corpos são disciplinados e moldados por normas sociais que ditam comportamentos aceitáveis.

A ausência de uma figura paterna no texto é notável. Esta ausência pode ser interpretada de várias maneiras. A narrativa pode estar destacando a força e a importância do relacionamento entre mãe e filha, sem a necessidade de uma figura paterna. Além disso, a ausência do pai pode refletir realidades sociais em que mães frequentemente têm que lidar sozinhas com a criação e disciplina dos filhos, a mãe de *Julieta* é retratada como a única responsável por lidar com as explosões de raiva de sua filha. Este retrato pode ser interpretado como uma representação dos desafios enfrentados por mães solas, que muitas vezes carregam o peso da educação e disciplina dos filhos sem o apoio de uma figura paterna.

As mulheres bolivianas, muitas das quais são de origem indígena, enfrentam desafios únicos na criação de seus filhos. A realidade da maternidade na Bolívia é marcada por uma combinação de tradições ancestrais e dificuldades contemporâneas, onde muitas vezes as mães têm que assumir sozinhas a responsabilidade pela criação dos filhos, em meio a limitações de recursos e apoio institucional.

A dinâmica de poder é visível na forma como as *rabietas* de Julieta afetam todos ao seu redor. No entanto, ao aprender a controlar suas emoções, Julieta recupera a harmonia na comunidade, demonstrando que o poder pessoal e o autocontrole são necessários para a convivência social. A história, portanto, oferece uma perspectiva de gênero que valoriza a assertividade e o controle emocional como aspectos positivos e necessários para o desenvolvimento pessoal e social de meninas e meninos.

6.2.4 Análise do livro *Adriana imprudente y las polleras doradas*

Quadro 6 – Análise do Discurso no livro “*Adriana imprudente y las polleras doradas*”

Categoria	Subcategoria	Ítems de Análise
	Referência Bibliográfica	FRÍAS GOYTIA, Cristhian Ezequiel. <i>Adriana Imprudente y las Polleras Doradas</i> . Ilustrações de Yessica Lesly Molina Cuno. 1ª ed.

 <p>Identificação Preliminar</p>		Bolívia: Artes Gráficas Sagitario S.R.L., 2023. ISBN 978-9917-0-2660-0.
	Título	Adriana Imprudente y las Polleras Doradas
	Autor/a	Cristhian E. Frías Goytia
	Ilustrador/a	Yessica Lesly Molina Cuno
	Edição	1ª Edição
	Número de Páginas	40
	ISBN	978-9917-0-2660-0
	Ano de Publicação	2023
	Local de Publicação	La Paz
Resumo da História		A história gira em torno de <i>Adriana</i> , uma menina que deseja ser lutadora de luta livre, enfrentando desafios com sua mãe e colegas de escola, e, eventualmente, conquistando seu sonho.
Personagem Principal	Gênero	(x) Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	Menina de cabelo longo, geralmente trançado, vestida com saias tradicionais bolivianas ("polleras").
	Descrição de Conduta	Determinada, resiliente, enfrenta zombarias e a desaprovação da mãe, mas se mantém firme no desejo de ser lutadora de luta livre.
	Personagens	Na história são apresentadas a figura da mãe, do pai, e de crianças próximas a <i>Adriana</i> .
	Representação de Gênero	A história desafia normas de gênero ao mostrar uma menina que deseja praticar um esporte tradicionalmente masculino.
	Interseccionalidade	A tradição boliviana e os papéis de gênero são elementos importantes. As "polleras" representam a conexão com a feminilidades tradicional boliviana, mas <i>Adriana</i> subverte essa norma.

Análise do Discurso	Narrativa	Focada na superação de barreiras de gênero e na luta por sonhos pessoais, independente das normas sociais estabelecidas. <i>"Adriana era una niña que siempre soñaba con cosas diferentes que la mayoría de las niñas, ella quería volar en el ring, como su padre."</i> ⁶⁶
	Perspectiva de Gênero	Apresenta uma perspectiva feminista ao retratar uma menina que rompe com os papéis de gênero tradicionais, lutando pela aceitação e pelo reconhecimento em um espaço masculino. <i>"El colegio solía ser difícil para Adriana. Sus compañeros se reían de ella porque quería ser luchadora, y no entendían por qué una niña desearía algo así."</i> ⁶⁷
	Dinâmica de Poder	A mãe de <i>Adriana</i> exerce poder disciplinar ao tentar limitar suas escolhas, enquanto <i>Adriana</i> resiste às pressões da sociedade e busca afirmar seu direito de escolher.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	A narrativa de <i>Adriana</i> desafia diretamente os estereótipos ao retratar uma menina praticando um esporte masculino, resistindo a normas sociais e familiares.
	Linguagem	A linguagem usada é simples, direta, e valoriza a persistência e coragem de <i>Adriana</i> . Ela é chamada de "imprudente", uma qualidade que se torna positiva ao longo da história.
	Descrições de Personagens	<i>Adriana</i> é descrita como uma menina de força e convicção, o que contrasta com os estereótipos de gênero tradicionais que esperam passividade ou conformidade das meninas.
Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	As ilustrações mostram <i>Adriana</i> em situações de ação, geralmente com roupas tradicionais bolivianas, desafiando os estereótipos visuais de gênero.

⁶⁶ "Adriana era uma menina que sempre sonhava com coisas diferentes da maioria das meninas; ela queria voar no ringue, como seu pai." (tradução nossa).

⁶⁷ "A escola costumava ser difícil para Adriana. Seus colegas riam dela porque queria ser lutadora, e não entendiam por que uma menina desejaria algo assim." (tradução nossa).

	Descrição da Capa do Livro	A capa retrata <i>Adriana</i> em um momento alegre, voando no ar, com um ursinho, simbolizando tanto sua infância quanto sua luta interna.
Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	O autor reflete sobre a rigidez dos papéis de gênero na Bolívia e como as meninas podem se libertar dessas expectativas sociais ao seguir seus sonhos.
Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os /as Leitores /as	O impacto sobre os/as leitores/as pode ser significativo ao encorajar meninas a romperem com as normas de gênero e a buscarem seus sonhos, independentemente das barreiras sociais.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	O livro contribui para a discussão da igualdade de gênero ao promover uma narrativa onde meninas são encorajadas a desafiar expectativas tradicionais e encontrar sua própria força.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A história de *Adriana Imprudente y las Polleras Doradas*, escrita por Cristhian Ezequiel Frías Goytia, com ilustrações de Yessica Lesly Molina Cuno, apresenta uma narrativa rica e significativa sobre uma menina chola boliviana, Adriana, que desafia as normas sociais e culturais ao sonhar em se tornar uma lutadora de luta livre. A história de *Adriana* reflete a tensão entre tradição e modernidade, especialmente no que se refere aos papéis de gênero atribuídos às meninas e mulheres na sociedade boliviana.

Adriana, que desde cedo sonha em ser uma “luchadora”, segue os passos de seu pai, que também é lutador, apesar da forte resistência que enfrenta, tanto na escola quanto dentro de sua própria casa.

A imagem de *Adriana* como uma chola, uma mulher indígena das terras altas da Bolívia que usa as tradicionais *polleras* (saias), é central na narrativa e representa não apenas sua identidade cultural, mas também os desafios que ela enfrenta para conciliar essa identidade com seus sonhos de independência e autodeterminação. *Adriana* é uma chola, e sua identidade está fortemente ligada a essa representação cultural.

Figura 16 –Ilustração da chola Adriana na obra “*Adriana imprudente y las polleras doradas*”



Fonte: Goytia (2023, p. 32).

As cholas são mulheres indígenas e mestiças que vestem suas *polleras* com orgulho, representando tanto resistência cultural quanto uma forma de subordinação histórica, especialmente em uma sociedade onde os padrões de gênero e classe moldaram suas identidades. Ao mesmo tempo, elas representam força e resiliência. Ser uma chola significa resistir a séculos de marginalização, mas também lidar com as expectativas de que elas devem desempenhar papéis femininos específicos, como o de mãe e cuidadora.

Para melhor compreensão das discursividades na história de *Adriana*, precisamos compreender o grupo que ainda hoje é representativo, o da “chola boliviana”. Outrora objeto de discriminação, ela se tornou então um símbolo de identidade e uma característica própria. Assim, o termo “chola boliviana” é atribuído a todas as mulheres que se vestiam de forma tradicional durante o processo inicial de mestiçagem na Bolívia.

Com isso, também engloba se refere tanto às mulheres indígenas como às mestiças, considerando as suas diferentes identidades e formas de expressão em meio a cultura da Bolívia, apresentando vestimentas como: saias coloridas, blusas ou jaquetas decoradas com bordados dos mais variados, mantas distintas e chapéus curtos ou médios. Demonstra-se, então, a presença de trajes tradicionais típicos, variando de acordo com a região, com a etnia e com o contexto no qual estão inseridas, sendo reconhecidos por sua

rica simbologia e por mostrar a conexão com as tradições ancestrais do país.

Dessa forma, o traje chola nasceu durante a época colonial, quando os espanhóis (pela razão ou pela força) obrigaram os índios do Altiplano a abandonar os seus trajes tradicionais para que começassem a usar as roupas então populares na Península Ibérica - a moda chula, mais tarde chola -, com saias até ao tornozelo, mantilhas sevilhanas e botas de salto alto (García, 2014).

Figura 17 – Chola boliviana na década de 1930



Fonte: livro: La chola Boliviana- Antoni Paredes Candia (1992, p. 62).

A chegada da vestimenta da chola à América do Sul ocorreu em trajes tradicionais: “Durante a época colonial, essa personagem passou para a América do Sul e é vista com todas essas roupas. Por decreto real, foi indicado que as mulheres de origem indígena deveriam vestir-se como as pessoas da classe popular espanhola” (Díaz, 2012, p. 3).

Sob essa ótica, conforme citado em Chávez e Irigoyen (2013), relativamente à presença da chola boliviana nos diferentes departamentos e à forma como a sua indumentária se foi adaptando aos diferentes contextos, menciona-se o seguinte: A presença da chola foi significativa na maioria dos departamentos do país, com características diferentes em cada região, principalmente porque a Bolívia tem na sua área geográfica climas variados, por isso a chola vai adaptando o seu vestuário ao seu ambiente climático.

Assim, uma das características que tem evoluído ao longo do tempo é o vestuário da chola boliviana, que consiste basicamente nos seguintes elementos: cobertor, chapéu, blusa, camisas, botas e outros, como joias, brincos, colares que reforçam ainda mais as características e a forma como as cholas bolivianas vestem-se, mostrando mais sua cultura e como sua forma de expressão simboliza a resistência em meio à luta coletiva das mulheres.

Um aspecto importante é a discriminação que estas mulheres sofreram. Existem várias posições, mas pode dizer-se que a chola boliviana continua a ser objeto de racismo, embora a sua posição se tenha tornado relevante, entrando nos campos político, social e cultural, entre outros, como refere Nicolás García Recoaro (2014, p. 183):

A discriminação e o racismo em relação à cultura chola não são um problema que a sociedade boliviana tenha conseguido superar (...). No entanto, a chola moderna tem vindo a ganhar o seu lugar nos diferentes espaços da realidade política, económica, social e cultural da Bolívia.

Dessa forma, a chola boliviana destaca-se tanto na política como na cultura. Na política, destaca-se a participação da chola nos diferentes níveis de governo. No âmbito cultural, destaca-se também a participação da chola boliviana em eventos populares, como as festas folclóricas, e no mundo da modelagem. Uma das questões mais marcantes é o fato de as mulheres de *pollera* se terem aventurado no mundo do turismo, onde são guias em viagens que envolvem escalada de montanhas ou também participando em lutas no ringue, na cidade de El Alto.

Logo, o que deve ser destacado na ampla participação da chola boliviana em seu meio é a construção de sua identidade. Apesar do elevado nível de discriminação devido ao seu vestuário ou à sua forma de falar, a mulher *pollera* lutou e ganhou reconhecimento e valor em áreas onde muitos pensavam que ela não se enquadrava.

Assim, a sua identidade não desapareceu e, além disso, continua a ser cimentada numa sociedade onde ainda sofrem discriminação, mas este preconceito não é um obstáculo para elas, pois estão sempre engajadas na luta coletiva pela igualdade de trabalho e de direitos das mulheres. Além disso, o turismo, a cultura, a arte, a moda, o desporto, a política, etc., são algumas das muitas áreas em que a chola boliviana ainda está presente.

Conforme Erbo Digital (2014), a *pollera* enfrentou discriminação devido à sua origem indígena e forma de vestir, mas hoje quebrou tabus e tornou-se o reconhecimento de pertença à cultura de diferentes regiões e um símbolo de representação da nação

indígena. Portanto, o movimento das cholas bolivianas é uma estratégia para atentar às questões do gênero e às pautas da luta das mulheres em meio à uma sociedade desigual, regida pelo modelo patriarcal no qual há a disparidade de direito para as mesmas. Por conseguinte, os trajes também transmitem aspectos de personagens representativos de sua comunidade, ancorados nos processos político-sociais e pelo enfrentamento da luta atravessada por muito tempo pela Bolívia.

Sabe-se que o traje mais comum das terras da Bolívia para as mulheres é a *pollera*, uma grande saia usada para ocasiões festivas que são tradicionais e de folclore em toda a parte da América Latina. Além disso, atrelado à ela, o chapéu que varia de uma região para a outra, isto é, o chapéu de coco da zona de La paz ao alto de Potosí, tendo chapéu de aba larga da zona do Cacho, podendo ser substituído por um gorro tricotado. Dessa forma, na maioria dos casos, a *pollera* é utilizada com uma blusa branca, mas tem suas exceções. Já as tranças são consideradas um penteado obrigatório para preservar a tradição e dar um toque especial ao vestuário.

Na história, a mãe de Adriana na tentativa de discipliná-la e moldar suas escolhas: “*Las chicas no deberían soñar con cosas tan peligrosas. Las polleras son para bailar, no para pelear.*”⁶⁸ Aqui, a *pollera*, uma peça de vestuário tradicionalmente associada às feminilidades e ao papel materno, é usada como símbolo das normas que Adriana deveria seguir, de acordo com sua mãe. As *polleras* representam as feminilidades boliviana, a docilidade e o dever de cuidar, aspectos que a biopolítica de gênero regula e reforça dentro da cultura indígena e mestiça boliviana.

⁶⁸ "As meninas não deveriam sonhar com coisas tão perigosas. As polleras são para dançar, não para lutar." (tradução nossa).

Figura 18 – Ilustração Mãe da Adriana disciplinando-a sobre suas escolhas na obra “Adriana imprudente y las polleras doradas“



Fonte: Goytia (2023, p. 12).

De acordo com o historiador, Erbo Digital (2014), o termo *pollera* tem origem nas saias das damas da elite criolla do século XIX, principalmente de origem espanhola. Assim, é uma saia que apresenta variações de comprimento, tecido, cores, etc., além de ser considerada traje típico de boa parte da América Latina. Além dessas questões, os chapéus utilizados pelas cholitas bolivianas, assim como suas saias, blusas e botas, também são de origem europeia, representando o símbolo de sua cultura e valores identitários.

No centro da história está o poder disciplinar que é exercido sobre o corpo e as escolhas de *Adriana*. A mãe de *Adriana*, assim como seus colegas de escola, representa o poder social que busca controlar e regular as aspirações e comportamentos das meninas. Desde o início, fica claro que o desejo de *Adriana* de ser uma "luchadora" é visto como uma transgressão às normas estabelecidas, e esse desejo é enfrentado com resistência. Os discursos na fala da mãe refletem o poder disciplinar que busca moldar o corpo feminino para se adequar às expectativas de delicadeza e segurança, reafirmando a ideia de que o corpo de uma menina deve ser protegido, controlado e restrito.

É importante destacar que nem todas as mulheres que vestem *pollera*, usam chapéu, pois há uma minoria da zona urbana com outra forma de se vestir, podendo considerá-la na perspectiva ocidental que não segue as regras propriamente da tradição afinco. Por outro lado, há a outra originária, pertencente à zona rural, que utiliza trajes

tradicionais, de tecidos e trabalhos feitos às mãos, assim os trajes são considerados indígenas.

Portanto, grande parte da população e das *cholitas* vestem-se com os trajes da própria cultura, porém é interessante observar que o uso da *pollera* é considerado traço necessário para definir uma *cholita*. Assim, não pode ser mais ou menos pertencente à comunidade por esse motivo, já que concerne muito mais à uma designação relacionada à etnia e à classe na qual estão inseridas.

A genealogia dos padrões de feminilidades na história de *Adriana* está profundamente enraizada na tradição boliviana, particularmente na cultura chola e na importância simbólica das *polleras*. As *polleras*, saias tradicionais bolivianas usadas por mulheres cholas, são um elemento central da história, representando as feminilidades tradicionais que valoriza a docilidade, o cuidado e o papel de cuidadora.

Na Bolívia, o termo chola é considerado uma denominação que se refere às mulheres mestiças. Assim, engloba as diversas comunidades de cholas bolivianas que utilizam vestimentas diversas a partir das características de cada uma para expressar-se com suas saias rodadas, xales coloridos e blusas estampadas e chapéus distintivos e mostrarem-se como símbolo de luta e de resistência da luta das mulheres.

A história de *Adriana* destaca a genealogia dos padrões de feminilidades, mostrando como a persistência de ideais coloniais molda o que é visto como aceitável para meninas e mulheres, especialmente para aquelas que vêm de comunidades indígenas e mestiças. A resistência de *Adriana* a essas normas é uma forma de romper com o passado colonial e patriarcal que define o corpo e o comportamento das cholas.

Dessa forma, a partir da caracterização das mulheres e, principalmente da conotação da palavra *cholo*, esta está relacionada às mulheres que se enquadram à classificação das mestiças e utilizam vestimentas tradicionais durante os conflitos sociais e étnicos na Bolívia, com base no sistema colonial de castas, concebendo às mulheres indígenas, em sua maioria aimará ou quéchua, que possui uma grande história de contato com a língua e cultura.

Logo, o vestuário da chola na Bolívia é marcado por vestimentas exóticas e acessórios singulares que dão vida ao visual e ao semblante das mulheres, distanciando-se do padrão de elementos impostos às ameríndias pelo sistema colonial, o qual limitava o uso de roupas identificadas que pertenciam às culturas dos Andes. Após as proibições de se vestir e de expressar no seu próprio estilo, fora imposto a categorização de roupas que foram atribuídas por região e casta. Por esse motivo, todas essas comunidades tiveram

que abrir mão de suas próprias roupas para estarem condicionadas ao sistema que lhes era imposto.

Adriana representa a nova geração de meninas que, embora respeitem e valorizem sua cultura, não estão dispostas a se limitar pelas expectativas tradicionais. "*Adriana sabía que las polleras siempre serían parte de ella, pero ahora las usaba con orgullo mientras volaba en el ring, libre de las reglas que querían detenerla.*"⁶⁹ Esta fala ilustra como *Adriana* usa as *polleras* como símbolo de sua identidade, mas sem se submeter aos limites impostos por essa tradição. Ela assume seu lugar no ringue e, ao fazer isso, se torna uma metáfora para todas as meninas que se veem divididas entre honrar suas tradições e seguir seus próprios caminhos.

Figura 19 – Ilustração de Adriana imprudente como lutadora na obra “Adriana imprudente y las polleras doradas”



Fonte: Goytia (2023, p. 30).

Adriana, ao desafiar essa normatividade ao querer lutar e "voar no ringue", subverte esse padrão, criando um novo significado para a *pollera*. A transformação final da *pollera*, de um símbolo de docilidade para um símbolo de força e vitória, indica uma reconfiguração dos papéis de gênero que é o resultado de uma genealogia em transformação.

⁶⁹ "Adriana sabia que as *polleras* sempre seriam parte dela, mas agora as usava com orgulho enquanto voava no ringue, livre das regras que queriam detê-la." (tradução nossa).

Ainda assim, não foram os incas que contribuíram para criar a tradição cultural da Bolívia. Segundo Eduardo Galeano (1977), no livro *As veias Abertas da América Latina* nos trazem uma perspectiva sobre a origem do peculiar vestuário das Cholas:

A atual vestimenta indígena foi imposta por Carlos III em fins do séc XVIII. Os trajes femininos que os espanhóis obrigaram as indígenas a usar eram cópias dos vestidos regionais das lavradoras estremenhas, andaluzas e bascas, e o mesmo ocorre com o penteado, repartido ao meio, imposto pelo vice-rei Toledo (Galeano, 1997, p. 13).

Na Bolívia ocorreu durante muitos anos, o processo de branqueamento da população a partir da abordagem colonizadora, fazendo que povos indígenas abandonem seus costumes, línguas, hábitos e negarem suas próprias identidades. No entanto, apesar de as cholitas terem um determinado viés, utilizando roupas e acessórios que lhes foram impostos, a cultura, a língua como registros de sua ancestralidade permanece viva nos atos, nos traços e nas diversas formas de expressão, sejam culturais, sociais ou identitárias. Afinal, elas buscam mostrar sua verdadeira essência pelo que, de fato, são. Conforme destaca Guzmán (2019):

A moda é um conjunto de peças de vestuário, ornamentos e acessórios baseados em gostos, usos e costumes que são utilizados por uma maioria durante um determinado período de tempo e que irão definir tendências de acordo com a duração do mesmo, se nos deixarmos guiar por este conceito e pelo que cada uma das danças representa, podemos dizer que foram desenvolvidas por esses gostos, preocupações e sensações quando foram concebidas, razão pela qual a moda naquela época conseguiu transcender e já faz parte da nossa cultura boliviana. (Guzmán, 2019, p. 17).

A análise arqueológica de Foucault nos leva a investigar não apenas o que é dito, mas o que está ausente no discurso. Na história de *Adriana*, o discurso predominante é aquele que privilegia a resistência da menina às normas sociais.

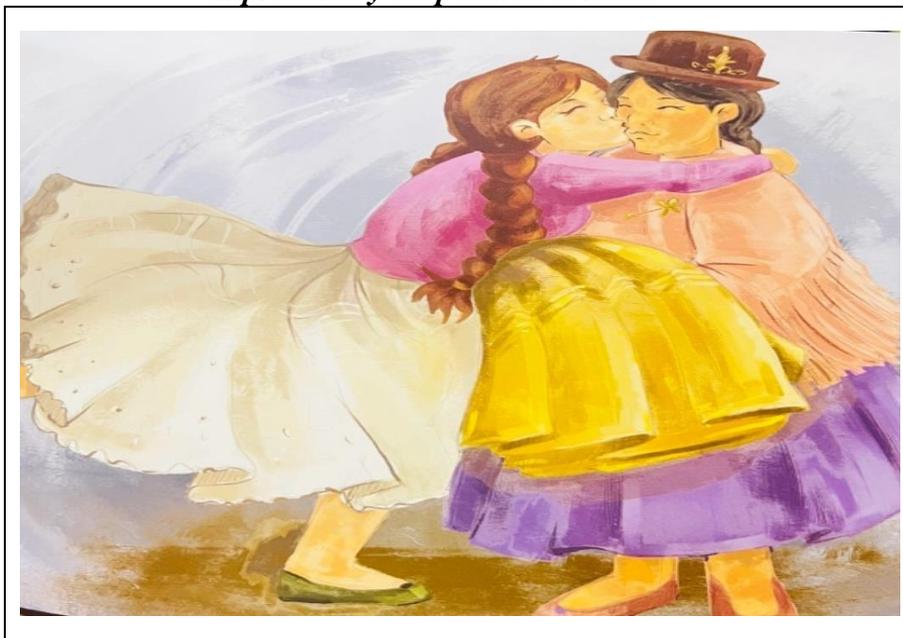
As cholitas bolivianas usam trajes compostos por chapéu, xale, blusa, manta saia grande ou *pollera* e outros acessórios com os seus *aguayos*, tecidos retangulares pertencentes das regiões andinas como Argentina, Chile, Bolívia, Equador e Peru com o objetivo de trazer um novo significado ao visual e, sobretudo, de se aproximar de sua cultura original, buscando valorizar a identidade indígena a partir dos traços identitários de sua vestimenta, assim como de sua forma de ressignificar as diversas formas de expressão das comunidades de mulheres indígenas e outras que existem na Bolívia.

A narrativa de *Adriana Imprudente y las Polleras Doradas* é mais do que uma

simples história de superação individual. É uma reflexão profunda sobre o que significa ser uma menina chola na Bolívia contemporânea. *Adriana*, com sua determinação e coragem, rompe com as barreiras de gênero, enquanto usa sua identidade chola para redefinir o que significa ser feminina, forte e independente. Ela nos mostra que as *polleras*, embora tradicionalmente vistas como símbolo de delicadeza, também podem ser usadas como símbolo de força e vitória, adaptando as feminilidades boliviana às realidades do mundo moderno.

A aceitação de sua mãe ao final simboliza uma mudança cultural, onde ser uma chola não precisa mais significar submissão às normas tradicionais, mas pode significar força, luta e autodeterminação.

Figura 20 – Ilustração de Adriana com sua mãe na obra “*Adriana imprudente y las polleras doradas*”



Fonte: Goytia (2023, p. 3)

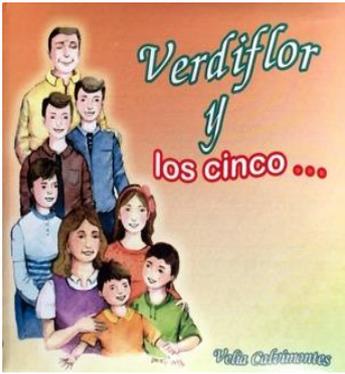
Na história de *Adriana*, o discurso predominante é aquele que privilegia a resistência da menina às normas sociais. No entanto, o que está ausente é uma análise mais profunda das experiências de outras meninas que talvez sigam os papéis tradicionais de gênero ou que não questionem os padrões impostos.

O foco na luta de *Adriana* deixa de fora outras formas de feminilidades que não se enquadram nem na conformidade, nem na resistência. Essas outras possibilidades de ser menina na sociedade boliviana, como aquelas que talvez aceitem os papéis de cuidado e maternidade, não são exploradas. Além disso, há uma ausência de discursos sobre outras

experiências femininas além daquelas moldadas pela luta contra as expectativas tradicionais.

6.2.5 Análise do livro Verdiflor y los cinco...

Quadro 7 – Análise do Discurso no livro “Verdiflor y los cinco...”

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
 <p>Identificação Preliminar</p>	Referência Bibliográfica	CALVIMONTES, Velia. Verdiflor y los cinco... Ilustrações de Antonieta Loayza. 1. ed. Cochabamba: Ediciones AILEV, 2016. ISBN 978-99974-54-82-9.
	Título	Verdiflor y los Cinco
	Autor/a	Velia Calvimontes
	Ilustrador/a	Antonieta Loayza
	Edição	1ª Edição
	Número de Páginas	24
	ISBN	978-99974-54-82-9
	Ano de Publicação	2016
	Local de Publicação	Cochabamba, Bolívia
Resumo da História		<i>Verdiflor</i> , uma menina com olhos verdes e uma família numerosa de irmãos meninos, enfrenta desafios ao assumir o papel de cuidadora de sua casa quando sua mãe adoece e falece. A narrativa retrata as dinâmicas familiares e como ela, ainda jovem, tenta administrar suas responsabilidades, crescendo emocionalmente e fisicamente.
Personagem Principal	Gênero	(x) Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	<i>Verdiflor</i> , uma menina com olhos verdes, está inserida em uma narrativa que utiliza o próprio corpo e características físicas como ponto de construção de identidade. Seus olhos verdes destacam a diferença, uma

		característica que a distingue dos demais.
Análise do Discurso	Descrição de Conduta	<i>Verdiflor</i> assume, muito cedo, o papel de cuidadora na família após a morte de sua mãe, uma transição que coloca em evidência os mecanismos de poder e controle que operam na infância e nas feminilidades. A narrativa sugere que, ao tomar as rédeas das responsabilidades domésticas, <i>Verdiflor</i> se conforma a um papel historicamente construído para as mulheres – o de cuidadora.
	Personagens	Os personagens da narrativa são, em sua maioria, masculinos, com <i>Verdiflor</i> sendo a única menina no centro da dinâmica familiar. Isso já coloca em evidência uma estrutura de poder discursiva em que as feminilidades são colocadas em oposição à masculinidade, especialmente dentro de uma unidade familiar.
	Representação de Gênero	Está centrada na atribuição de responsabilidades de cuidado à personagem feminina. A história reflete como as feminilidades são, historicamente, associadas ao trabalho doméstico e ao cuidado, conforme os discursos que regulam o comportamento das mulheres em sociedades patriarcais.
	Interseccionalidade	A interseccionalidade é visível na narrativa quando analisamos as sobreposições de gênero e classe social. <i>Verdiflor</i> pertence a uma família boliviana de classe média, e o contexto em que ela é posicionada destaca como essas duas dimensões – gênero e classe – se cruzam para moldar suas responsabilidades e limitações.
	Narrativa	Se estrutura em torno da transição de <i>Verdiflor</i> da infância para uma posição de autoridade e responsabilidade dentro da casa. Ela começa como uma criança entre irmãos, mas, à medida que sua mãe adoece e falece, <i>Verdiflor</i> é obrigada a ocupar um espaço

		tradicionalmente reservado às mulheres adultas na sociedade: o de cuidadora.
	Perspectiva de Gênero	A narrativa se alinha às normas tradicionais de feminilidades, onde <i>Verdiflor</i> , mesmo sendo jovem, é forçada a desempenhar o papel de cuidadora por ser a única menina da família. Esse retrato de gênero reflete os discursos normativos que associam o trabalho doméstico e o cuidado com o feminino.
	Dinâmica de Poder	As dinâmicas de poder na narrativa operam tanto no nível familiar quanto no nível social. <i>Verdiflor</i> , ao assumir a responsabilidade de cuidar da casa e de seus irmãos, passa a exercer um tipo de poder simbólico dentro da unidade familiar. Esse poder, no entanto, é limitado, já que a narrativa ainda mantém o pai como figura de autoridade econômica e patriarcal.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	Embora a narrativa inicialmente reforce papéis tradicionais de gênero ao colocar <i>Verdiflor</i> como cuidadora, há também uma subversão desses papéis à medida que a história avança. <i>Verdiflor</i> demonstra força, liderança e resiliência, características que muitas vezes são atribuídas a figuras masculinas em narrativas tradicionais.
	Linguagem	A narrativa utiliza uma linguagem que, embora adequada para crianças, carrega em si as marcas das construções discursivas que moldam as feminilidades e a infância dentro de contextos patriarcais.
	Descrições de Personagens	A ausência de outras figuras femininas adultas após a morte da mãe sublinha o peso que recai sobre <i>Verdiflor</i> para ocupar esse espaço vazio. A história, assim, articula o feminino como algo que precisa “compensar” ou preencher lacunas, enquanto os irmãos mantêm sua infância sem o mesmo nível de responsabilidade, revelando uma construção de papéis de gênero arraigada.

Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	As ilustrações em <i>Verdiflor y los Cinco</i> reforçam e, em alguns casos, contestam as construções tradicionais de gênero. Nas imagens, <i>Verdiflor</i> aparece frequentemente em atividades domésticas, o que alinha sua representação ao papel tradicionalmente atribuído às mulheres no espaço doméstico.
	Descrição da Capa do Livro	A capa de <i>Verdiflor y los Cinco</i> destaca a personagem principal no centro, cercada por seus irmãos e seu pai. Essa escolha visual reflete a centralidade de <i>Verdiflor</i> na narrativa e sua posição como o “pilar” da família após a morte de sua mãe. A escolha de colocá-la no centro da capa, em uma posição de destaque, é significativa do ponto de vista discursivo, pois reforça sua importância na estrutura familiar.
Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	A intenção da autora, Velia Calvimontes, parece ser retratar o processo de amadurecimento precoce de uma menina que, devido a circunstâncias trágicas, assume a responsabilidade de cuidar de sua família.
Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os /as Leitores /as	A história pode oferecer uma representação forte de uma personagem feminina que não se conforma passivamente com as circunstâncias, mas que age ativamente para garantir o bem-estar de seus irmãos e de sua casa.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	Oferece uma contribuição ambígua para a igualdade de gênero. Por um lado, <i>Verdiflor</i> é retratada como uma personagem forte, responsável e resiliente, rompendo com os estereótipos que frequentemente associam as meninas à passividade ou fragilidade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A obra *Verdiflor y los cinco*, escrita por Velia Calvimontes, apresenta uma narrativa profundamente rica em suas explorações das dinâmicas familiares e dos papéis de gênero dentro de um contexto boliviano. A história segue a jornada de *Verdiflor*, uma

menina que, após a doença e morte de sua mãe, se vê forçada a assumir responsabilidades adultas e a cuidar de seus irmãos. Ao longo da narrativa, *Verdiflor* emerge como uma personagem resiliente e determinada, enfrentando as adversidades com coragem.

No entanto, quando olhada de forma crítica, especialmente através da lente pós-estruturalista, a história apresenta discursos de gênero que moldam os comportamentos e as expectativas sociais que recaem sobre as meninas, questionando, ao mesmo tempo, o impacto dessas normas na construção da subjetividade.

Verdiflor, uma menina com olhos verdes, está inserida em uma narrativa que utiliza o próprio corpo e características físicas como ponto de construção de identidade. Seus olhos verdes destacam a diferença, uma característica que a distingue dos demais e que, marca como o corpo feminino é lido e interpretado dentro de estruturas discursivas que o colocam em uma posição de atenção e diferenciação. O próprio nome "*Verdiflor*" relaciona a menina a conceitos de crescimento e transformação, mas essa conexão não é meramente natural; é culturalmente construída. Sua aparência é construída como uma forma de ancorar as expectativas culturais e de gênero que serão impostas ao longo da história.

Nas discursividades do texto, percebe-se que a maioria dos personagens são masculinos, com *Verdiflor* sendo a única menina no centro da dinâmica familiar. Isso destaca uma divisão tradicional dos papéis de gênero, onde as mulheres, mesmo as jovens, são frequentemente associadas ao cuidado e à responsabilidade doméstica, enquanto os meninos, seus irmãos, são inicialmente retratados de maneira mais despreocupada. "*Verdiflor era la única que asumía las tareas del hogar, mientras sus hermanos jugaban en el patio sin preocupaciones.*"⁷⁰

Esse trecho ilustra como, no início, os irmãos de *Verdiflor* estão distantes das responsabilidades, reforçando a ideia de que o trabalho de cuidado é atribuído de forma quase automática à personagem feminina. *Verdiflor*, em sua posição como a única menina, é vista como a cuidadora, um papel tradicionalmente atribuído às mulheres. "*Con solo 15 años, Verdiflor se convirtió en la madre de sus hermanos, encargándose de cada detalle del hogar.*"⁷¹ Nesse momento, vemos como a narrativa a coloca no centro da dinâmica familiar, com a responsabilidade de substituir a figura materna após a perda da

⁷⁰ "*Verdiflor era a única que assumia as tarefas de casa, enquanto seus irmãos brincavam no pátio sem preocupações.*" (tradução nossa).

⁷¹ "*Com apenas 15 anos, Verdiflor se tornou a mãe de seus irmãos, encarregando-se de cada detalhe do lar.*" (tradução nossa).

mãe. A história, ao fazer isso, reflete um discurso cultural que associa o cuidado ao feminino, colocando *Verdiflor* em uma posição de responsabilidade desde jovem.

Essa organização familiar dialoga diretamente com as noções de gênero como construção social, conforme postulado por Judith Butler. Para Butler (2003), "o gênero é performativo", ou seja, ele não é natural, mas algo que se manifesta por meio de atos repetidos que reproduzem normas sociais de *Verdiflor*, a narrativa reforça essa performatividade ao colocar a personagem em um papel feminino tradicional, onde o cuidado é visto como algo natural. No entanto, essa posição é resultado de normas sociais repetidas, e não de uma essência feminina inata.

No entanto, ao longo da narrativa, ela também demonstra força, liderança e uma capacidade de equilibrar o peso das responsabilidades domésticas com seu próprio processo de amadurecimento emocional. "*Aunque a veces se sentía abrumada por la responsabilidad, Verdiflor siempre encontraba la fuerza para seguir adelante, guiando a sus hermanos y manteniendo la casa en orden.*"⁷² Esse trecho justifica como *Verdiflor* vai além da simples conformidade com seu papel, exercendo uma liderança ativa e mostrando resiliência emocional ao lidar com os desafios diários. Louro (2000) argumenta que as meninas e mulheres, ao assumirem papéis esperados pela sociedade, podem também transformar esses papéis ao desempenhá-los de maneiras que subvertem ou questionam as normas vigentes. *Verdiflor* não em sua posição de cuidadora, mas usa essa posição para demonstrar sua força e autonomia, desafiando as noções de fragilidade feminina associadas ao cuidado

Além disso, a narrativa oferece momentos de subversão desses papéis, quando os irmãos de *Verdiflor* começam a ajudar nas tarefas domésticas. "*Poco a poco, sus hermanos empezaron a comprender la carga que Verdiflor llevaba, y comenzaron a ayudarla en la casa.*"⁷³ Isso sugere que, embora o cuidado tenha sido inicialmente imposto a *Verdiflor*, os papéis de gênero podem ser negociados e compartilhados. A mudança na atitude dos irmãos desafia, de forma sutil, a ideia de que as tarefas domésticas são exclusivamente femininas.

Outro aspecto no contexto da narrativa, é como a reprodução social está intimamente ligada ao papel feminino. Foucault (1979) argumenta que a biopolítica está

⁷² "Embora às vezes se sentisse sobrecarregada pela responsabilidade, Verdiflor sempre encontrava forças para seguir em frente, guiando seus irmãos e mantendo a casa em ordem." (tradução nossa).

⁷³ "Aos poucos, seus irmãos começaram a entender a carga que Verdiflor carregava e passaram a ajudá-la em casa." (tradução nossa).

profundamente preocupada com o controle e a gestão da vida, incluindo a reprodução. "*Verdiflor cuidaba de sus hermanos, como si desde siempre hubiera estado destinada a este rol.*"⁷⁴ Esse trecho demonstra como as meninas, especialmente em contextos tradicionais, são reguladas desde cedo para assumir papéis ligados à reprodução social — isto é, garantir que a estrutura familiar e os valores sejam perpetuados através do cuidado e da manutenção do lar.

As narrativas de "*Verdiflor y los cinco*", traz a família como eixo central, podemos observar como a estrutura familiar tradicional representada visualmente reflete e reforça a narrativa da obra, onde *Verdiflor*, a única menina da família, assume um papel central na dinâmica doméstica. Observe essa relação de forma detalhada:

Figura 21 – Ilustração da posição hierárquica da família de *Verdiflor* na obra "*Verdiflor y los cinco*"



Fonte: Calvimontes (2016, p. 6).

A imagem, que retrata uma família com o pai, mãe, e os filhos, reforça a ideia de uma família nuclear convencional. No entanto, na história, percebemos que essa estrutura é desafiada pela doença e morte da mãe, que altera profundamente a dinâmica familiar. *Verdiflor*, sendo a única filha menina, é sobrecarregada com as responsabilidades adultas, o que a afasta da infância e das possibilidades típicas de sua idade. Na imagem, a mãe está visivelmente próxima dos filhos, especialmente dos mais novos, o que ecoa o seu papel de cuidadora antes de sua morte.

⁷⁴ "*Verdiflor cuidava de seus irmãos, como se desde sempre estivesse destinada a esse papel.*"(tradução nossa).

Esse papel é rapidamente transferido para *Verdiflor* quando a mãe falece, e a narrativa revela como ela, com apenas 15 anos, assume as tarefas domésticas e o cuidado de seus irmãos, enquanto o pai permanece distante emocionalmente, focado no sustento financeiro da família. A imagem, portanto, já sugere uma expectativa sobre os papéis que cada membro da família deve cumprir, algo que a história confirma e desenvolve.

A ausência materna e o reforço do patriarcado pode ser percebido na imagem, pois o pai está em pé e distante, o que simboliza sua autoridade e o papel de provedor tradicional. Após a morte da mãe, sua figura continua a ser passiva em relação às responsabilidades do cuidado com os filhos, deixando essas tarefas para *Verdiflor*. No texto, o pai é descrito como alguém que "*se desentendía del resto*" ⁷⁵ e que só ajudava economicamente, o que reforça os estereótipos patriarcais de que o homem é o provedor financeiro, enquanto o cuidado emocional e doméstico recai sobre as mulheres.

Ao assumir as responsabilidades da casa e do cuidado com os irmãos, *Verdiflor* passa a ocupar um papel de grande centralidade na dinâmica familiar: "*La responsabilidad mayor del cuidado recayó en... ya sabemos en Verdiflor; ella con sus quince primaveras...*" ⁷⁶ Essa fala evidencia como *Verdiflor* é encarregada das tarefas que tradicionalmente seriam associadas ao cuidado materno. No entanto, as suas feminilidades não são apresentadas de forma frágil ou submissa, mas sim como uma força que equilibra cuidado e liderança. Ela lida com os desafios domésticos e familiares de maneira prática, sugerindo um afastamento do modelo romântico e idealizado de feminilidade passiva.

6.2.6 Análise do livro *La alegría de Gracia*

Quadro 8 – Análise do Discurso no livro “La alegría de Gracia”

Categoria	Subcategoria	Ítems de Análise
	Referência Bibliográfica	Novillo Torrico, Oscar Andrés. <i>La Alegría de Gracia</i> . Ilustrações de Ramiro Ortega. Cochabamba: Grupo Editorial Kipus, 2016. 37 páginas. ISBN 978-99974-49-95-5.
	Título	La Alegría de Gracia

⁷⁵ "despreocupava-se do resto." (tradução nossa).

⁷⁶ "A maior responsabilidade do cuidado recaiu em... já sabemos, em Verdiflor; ela, com suas quinze primaveras..."(tradução nossa).

 <p>Identificação Preliminar</p>	Autor/a	Oscar Andrés Novillo Torrico
	Ilustrador/a	Ramiro Ortega
	Edição	Primeira Edição
	Número de Páginas	37
	ISBN	978-99974-49-95-5
	Ano de Publicação	2016
	Local de Publicação	Cochabamba
	Resumo da História	<p><i>Gracia</i>, uma menina de dois anos, descobre o mundo à sua volta com seus pais. Durante uma visita a uma kermés, Gracia se encanta pelas flores. Ao longo da história, ela interage com as plantas, aprendendo sobre cuidado e delicadeza. Sob o olhar atento de seus pais, ela explora sua curiosidade e desenvolve um amor pelas flores, incorporando a felicidade que elas trazem ao seu coração infantil.</p>
Personagem Principal	Gênero	(X) Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	<p><i>Gracia</i> é uma menina de dois anos, com cabelos pretos e penteados em maria-chiquinha, sempre representada com roupas coloridas, tipicamente um macacão vermelho, que simboliza sua energia e curiosidade. Seu rosto exhibe sempre um ar de inocência e alegria. Ela também carrega características que a fazem parecer uma criança <i>camba</i>, tanto pelo seu estilo de vestir quanto pelo ambiente cultural em que está inserida, reforçando sua identidade regional.</p>
	Descrição de Conduta	<p><i>Gracia</i> é curiosa e aventureira. Apesar de sua idade, já apresenta um forte vínculo com a natureza. Ela explora, toca e cheira as flores, aprendendo a cuidar e a respeitar as plantas ao longo da história. Sua interação com os pais, que constantemente a guiam, reforça sua conduta de obediência e aprendizado. Ela aprende a ser cuidadosa, mostrando que suas</p>

		feminilidades são moldadas para se encaixar nas expectativas sociais de docilidade e obediência.
Análise do Discurso	Personagens	A história é centrada na figura de <i>Gracia</i> e seus pais. A presença dos pais, especialmente do pai, é forte, conduzindo a filha no processo de aprendizagem. <i>Gracia</i> é a única criança e o núcleo familiar desempenha um papel protetor e orientador. O pai, em várias cenas, é visto como guia emocional e físico para <i>Gracia</i> , reforçando os papéis tradicionais de gênero.
	Representação de Gênero	A representação de gênero segue um modelo tradicional de uma família com papéis de cuidado atribuídos tanto ao pai quanto à mãe, mas com uma leve ênfase no pai como o responsável por ensinar a filha sobre o mundo. <i>Gracia</i> é moldada para feminilidades desejadas: delicada, obediente e cuidadosa. A relação dela com as flores simboliza o que se espera das meninas — que sejam suaves e cuidadosas, e que aprendam a exercer essas qualidades sob orientação de figuras masculinas.
	Interseccionalidade	A história não explora explicitamente outras interseccionalidades, como raça ou classe, mas a dinâmica familiar tradicional reflete um contexto social em que os papéis de gênero são fortemente reforçados.
	Narrativa	A narrativa segue um caminho linear, no qual <i>Gracia</i> é guiada por seu pai em seu aprendizado. Seu desenvolvimento está subordinado às normas culturais que disciplinam seu comportamento para se adequar às expectativas sociais de gênero.
	Perspectiva de Gênero	A perspectiva de gênero é tradicional, com o pai ocupando o papel de disciplinador e orientador, e <i>Gracia</i> como uma figura que aprende a se conformar a uma feminilidade idealizada e desejada. Suas feminilidades não são algo inato, mas algo que ela aprende e performa sob a supervisão de seus pais.

	Dinâmica de Poder	O poder está explicitamente centralizado no pai, que atua como a autoridade na vida de <i>Gracia</i> . Ele molda e disciplina sua experiência, ensinando-a a ser cuidadosa e a desempenhar o papel que lhe é socialmente atribuído. <i>Gracia</i> é uma figura passiva nesse processo, seguindo as orientações do pai e ajustando seu comportamento.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	A obra não desafia diretamente os estereótipos de gênero, mas os reforça. <i>Gracia</i> é moldada para feminilidades convencionais, associadas à delicadeza, cuidado e obediência, especialmente sob a orientação masculina.
	Linguagem	A linguagem é suave e poética, focada na relação de <i>Gracia</i> com a natureza e os ensinamentos dos pais. O tom reflete a delicadeza e a suavidade esperadas da personagem feminina.
	Descrições de Personagens	A posição visual e narrativa da mãe reforça um papel tradicionalmente feminino de suporte emocional, mas sem exercer diretamente a autoridade ou o controle sobre a educação da filha. Nas ilustrações, a mãe é retratada como uma figura calma, que não intervém diretamente nas lições que o pai oferece a <i>Gracia</i> . Sua postura física é suave e quase sempre estática, o que sugere que sua presença é mais simbólica do que ativa
Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	As ilustrações reforçam a divisão tradicional de gênero. <i>Gracia</i> é frequentemente desenhada de forma suave e graciosa, associada a flores e elementos da natureza que representam sua delicadeza. Seu pai é retratado como a figura de autoridade, enquanto a mãe permanece em segundo plano. Essas representações visuais reforçam os papéis de gênero normativos.
	Descrição da Capa do Livro	A capa, com <i>Gracia</i> cercada por flores e sorrindo, sugere uma conexão com a natureza e um ideal de feminilidades suave e harmoniosa. A imagem enfatiza sua alegria e inocência, mantendo o foco em feminilidades idealizadas.

Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	O autor parece buscar transmitir uma mensagem de descoberta infantil, com um foco na importância da orientação dos pais. No entanto, essa orientação é fortemente moldada pelas normas de gênero, com o pai como a principal figura de autoridade, e <i>Gracia</i> representando feminilidades ideais e submissas.
Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os /as Leitores /as	Para leitores/as infantis, a história pode reforçar as expectativas sociais sobre como as meninas devem se comportar – delicadas, obedientes e atentas ao cuidado. Ela perpetua a ideia de que o aprendizado das feminilidades estão centrados em agradar e seguir as normas sociais.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	A obra não contribui diretamente para a igualdade de gênero, pois reforça os papéis tradicionais atribuídos a meninos e meninas. As feminilidades são representadas de maneira idealizada e conformista, sem questionamentos ou subversões às normas estabelecidas.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A obra *La Alegría de Gracia*, escrita por Oscar Andrés Novillo Torrico, oferece uma narrativa encantadora e simples sobre a descoberta do mundo por uma menina chamada *Gracia*. No entanto, quando analisada por uma perspectiva pós-estruturalista, essa história revela muito mais do que uma jornada infantil. *Gracia*, desde o próprio nome, é moldada para cumprir expectativas sociais que recaem sobre o feminino. A história explora a curiosidade e a delicadeza da menina ao interagir com flores sob o olhar cuidadoso de seus pais, especialmente do pai, que desempenha um papel central na orientação de sua conduta. Por meio da perspectiva pós-estruturalista, podemos compreender que a narrativa funciona como um veículo para a reprodução de normas de gênero, que disciplinam o comportamento de *Gracia*, conformando-a feminilidades desejadas e socialmente aceitável.

Desde o início da narrativa, o nome *Gracia* posiciona a personagem dentro de um conjunto de expectativas culturais. "Graça" evoca suavidade, leveza e delicadeza, qualidades frequentemente associadas às feminilidades ideais. A própria escolha do nome antecipa a forma como a personagem será moldada ao longo da narrativa para desempenhar feminilidades específicas. De acordo com Butler (1990), o gênero é uma

construção performativa, ou seja, o comportamento de gênero não é algo inerente, mas algo que é repetido e reproduzido ao longo do tempo com base nas expectativas sociais. Nesse sentido, *Gracia* não é apenas uma criança, mas uma menina que, desde o início, é esperada ser graciosa, cuidadosa e obediente.

Já nas primeiras páginas, podemos observar uma representação visual que remete fortemente à construção de feminilidades tradicionais. *Gracia*, embora tenha apenas dois anos, é retratada em trajes que evocam a imagem de uma mulher adulta: ela está vestida com roupas coloridas, utilizando joias e acessórios, como um colar de pérolas, brincos e um chapéu grande, sugerindo uma idealização do papel feminino. Ela também segura um espelho, um símbolo recorrente de vaidade e auto-observação, tradicionalmente associado às feminilidades.

Figura 22 – Ilustração da *Gracia* em frente ao espelho na obra “*La alegría de Gracia*”



Fonte: Novillo Torrico (2016, p. 4-5).

O ato de *Gracia* se observar no espelho e a escolha de acessórios femininos refletem a maneira como a sociedade molda desde cedo as noções de feminilidades idealizadas, com ênfase em aparência, delicadeza e obediência a normas culturais específicas. Já o fato de *Gracia* estar usando sapatos de salto altos (que são muito grandes para ela) pode simbolizar como as meninas são incentivadas a se conformar aos papéis femininos adultos antes do tempo, o que perpetua a ideia de que essas normas de gênero são naturais e inevitáveis. Isso reforça a expectativa de que, para ser mulher, ela deve se

preocupar com a sua aparência e com os comportamentos delicados e graciosos. Assim, a imagem de *Gracia*, mesmo em tenra idade, já coloca a personagem dentro de um discurso normativo de gênero, onde ela é moldada para corresponder a uma feminilidade desejada pela sociedade.

As interações de *Gracia* com as flores reforçam essas expectativas de feminilidades. As flores simbolizam a delicadeza e o cuidado que são esperados de *Gracia* enquanto menina. Sob a orientação de seu pai, *Gracia* aprende a tratar as flores com suavidade e atenção, internalizando as normas de gênero que ditam como uma menina deve se comportar. Através de uma série de interações repetitivas, ela é ensinada a performar suas feminilidades de maneira adequada, em conformidade com as normas sociais.

Figura 23 – Ilustração da *Gracia* com o seu pai no jardim na obra “*La alegría de Gracia*”



Fonte: Novillo Torrico (2016, p. 18).

Foucault. (1979) argumenta que o poder se manifesta de maneira sutil nas interações cotidianas, moldando os comportamentos e as subjetividades. Em *La Alegría de Gracia*, o poder é exercido principalmente pelo pai, que assume o papel de autoridade sobre Gracia, orientando e corrigindo suas ações. Ele a ensina como interagir corretamente com as flores, mas implicitamente está moldando sua conduta feminina. Esse poder disciplinar, descrito por Foucault, se expressa através do controle sobre o corpo e as ações de Gracia, que é guiada para se conformar às expectativas sociais de

gênero. A genealogia das feminilidades em *La Alegría de Gracia* está profundamente enraizada nas expectativas culturais que associam as mulheres a qualidades como a delicadeza e o cuidado. Um exemplo disso está na fala: "*Aunque ella es todavía muy pequeña para saberlo, puede intuir como mujer que a un corazón triste es muy difícil alegrarlo,*"⁷⁷ que reforça a ideia de que desde cedo *Gracia* já está destinada a ser uma cuidadora emocional, alguém que, como mulher, teria a sensibilidade necessária para lidar com os sentimentos dos outros.

Gracia é parte de uma longa tradição de meninas ensinadas a serem suaves, gentis e obedientes, características que remetem a uma história de controle social sobre o corpo e o comportamento das mulheres. Ao longo da narrativa, *Gracia* aprende a se conformar a essas normas culturais sob a tutela de seus pais, especialmente do pai, que age como o transmissor desses valores. Essa genealogia de gênero está presente ao longo da narrativa, mostrando como as normas de feminilidades são transmitidas de geração em geração, reforçando um modelo de comportamento que limita as possibilidades de ação de *Gracia*, e ao mesmo tempo, perpetua um ciclo onde o papel da mulher é ser cuidadosa, emotiva e obediente.

Por fim, a biopolítica, conceito de Foucault que se refere ao controle das populações e dos corpos pelos poderes modernos, está presente na forma como o comportamento de *Gracia* é regulado. Desde cedo, seu corpo é disciplinado para que ela se ajuste às normas de feminilidades. A interação de *Gracia* com as flores, sob a supervisão constante de seu pai, é uma metáfora para o controle biopolítico que regula as ações das meninas, garantindo que elas se conformem às expectativas sociais de gênero.

⁷⁷ "Embora ela ainda seja muito jovem para saber disso, pode entender, como mulher, que é muito difícil alegrar um coração triste." (tradução nossa).

Figura 24 – Ilustração da *Gracia* com as flores na obra “*La alegría de Gracia*”



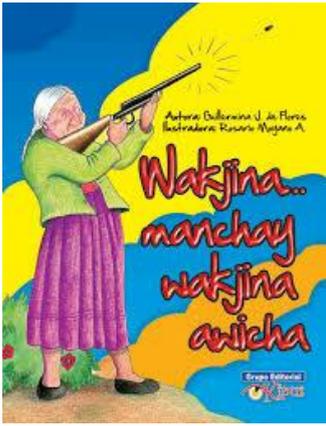
Fonte: Novillo Torrico (2016, p. 31).

As lições que *Gracia* aprende sobre como tratar as flores refletem o controle sobre seu corpo e comportamento. Ela aprende a ser cuidadosa e a agir dentro dos limites impostos pelas normas sociais. A biopolítica, nesse caso, se manifesta através da educação e da disciplina, moldando *Gracia* para que ela se ajuste ao papel social esperado de uma menina graciosa e obediente.

Assim, esse artefato cultural torna um reflexo de como as normas sociais moldam a identidade feminina desde a infância. Desde seu nome até suas interações com as flores, *Gracia* é disciplinada para se ajustar a modelos de feminilidades desejadas, em conformidade com as expectativas culturais. O poder, a genealogia, a arqueologia dos discursos ausentes e a biopolítica operam juntos para moldar sua subjetividade, revelando como as narrativas infantis desempenham um papel importante na reprodução das normas de gênero.

6.2.7 Análise do livro Una abuela muy pero muy especial- Wakjina manchay wakijina awicha

Quadro 9 – Análise do Discurso no livro “Una abuela muy pero muy especial- Wakjina manchay wakijina awicha”.

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
 <p data-bbox="261 1061 576 1093">Identificação Preliminar</p>	<p data-bbox="667 591 831 658">Referência Bibliográfica</p>	<p data-bbox="900 533 1374 712">JOFRÉ DE FLORES, Guillermina. <i>Una abuela muy pero muy especial- manchay wakjina awicha</i>. Ilustrações de Rosario Moyano A. Cochabamba: Grupo Editorial KIPUS, 1996.</p>
	<p data-bbox="708 741 790 772">Título</p>	<p data-bbox="900 741 1362 808">Una abuela muy pero muy especial- Wakjina manchay wakijina awicha”.</p>
	<p data-bbox="699 831 799 862">Autor/a</p>	<p data-bbox="900 831 1225 862">Guillermina Jofré de Flores</p>
	<p data-bbox="671 887 826 918">Ilustrador/a</p>	<p data-bbox="900 887 1098 918">Rosario Moyano</p>
	<p data-bbox="703 954 794 985">Edição</p>	<p data-bbox="900 954 1007 985">Segunda</p>
	<p data-bbox="624 1010 874 1041">Número de Páginas</p>	<p data-bbox="900 1010 938 1041">20</p>
	<p data-bbox="715 1066 783 1097">ISBN</p>	<p data-bbox="900 1066 1139 1097">978-99954-59-40-6.</p>
	<p data-bbox="632 1122 863 1153">Ano de Publicação</p>	<p data-bbox="900 1122 963 1153">1996</p>
<p data-bbox="293 1397 544 1429">Resumo da História</p>		<p data-bbox="900 1283 1374 1749">A história gira em torno de uma avó muito especial chamada <i>Patrocinia</i>, uma mulher forte e resiliente, que vive em <i>Quillacollo</i>. A narrativa explora sua vida, as histórias que ela conta aos seus netos/as, e sua capacidade de cuidar da família. <i>Patrocinia</i> é representada como uma mulher corajosa e protetora, utilizando até uma espingarda para proteger sua casa. A história se desenrola entre as lembranças dos netos/as, celebrando a força e sabedoria dessa avó.</p>
<p data-bbox="277 1944 560 1975">Personagem Principal</p>	<p data-bbox="703 1771 799 1803">Gênero</p>	<p data-bbox="900 1771 1369 1803">(X) Feminina () Masculina () Ambos</p>
	<p data-bbox="644 1906 858 1937">Descrição Física</p>	<p data-bbox="900 1850 1374 2024">Avó <i>Patrocinia</i> é uma mulher idosa com cabelos grisalhos trançados, vestindo sempre saias compridas e um xale típico da região. A avó <i>Patrocinia</i> reflete visualmente o arquétipo de uma</p>

		mulher indígena andina, que preserva sua identidade cultural.
	Descrição de Conduta	A figura de <i>Patrocínia</i> é representada sem recorrer ao romantismo que normalmente cerca a figura da avó cuidadora. Embora ela conte histórias para os netos/as, sua caracterização vai além do carinho tradicionalmente associado ao papel de avó.
Análise do Discurso	Personagens	Na história <i>Wakjina...manchay wakjina awicha</i> , a neta de <i>Patrocínia</i> é quem narra os acontecimentos, trazendo uma perspectiva íntima e pessoal sobre a figura da avó. Através de suas lembranças, ela reconstrói a imagem de <i>Patrocínia</i> .
	Representação de Gênero	A avó é uma personagem feminina forte, o que subverte o estereótipo de fragilidade associado a mulheres idosas. Ela protege sua casa, utilizando tanto sabedoria quanto força física, quebrando o padrão de gênero que muitas vezes limita o papel das mulheres na sociedade.
	Interseccionalidade	A avó é retratada em um contexto de classe trabalhadora rural boliviana, lidando com desafios típicos desse cenário, mas também demonstra a força e a resiliência que vêm de suas raízes culturais.
	Narrativa	O foco está nas histórias e vivências de <i>Patrocínia</i> , que, através de seu vasto conhecimento cultural e familiar, compartilha ensinamentos valiosos com as gerações mais jovens. Essas histórias representam não apenas um legado pessoal, mas também um reflexo das tradições ancestrais bolivianas, onde as mulheres têm um papel central na preservação e transmissão dos valores comunitários e familiares.
	Perspectiva de Gênero	Em vez de limitar as mulheres à passividade ou ao cuidado doméstico, a história mostra que, nas famílias bolivianas, elas são figuras centrais que não apenas transmitem valores e

		tradições, mas também assumem o controle e a proteção de suas famílias.
	Dinâmica de Poder	A avó detém uma posição de autoridade na família. Ela é respeitada pelos netos/as e vista como protetora.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	A avó, sendo uma mulher indígena, ocupa uma posição de autoridade inquestionável dentro da família. Sua herança cultural reforça o respeito que os netos/as e outros membros da família têm por ela, não apenas como figura materna, mas como guardiã de tradições ancestrais.
	Linguagem	A história é de fácil leitura, o que a torna acessível a leitores/as de diferentes faixas etárias. Além disso, a narrativa utiliza expressões na língua originária quéchua, enriquecendo o texto e conectando-o às tradições culturais da Bolívia. A combinação do espanhol com o Quéchua reflete a dualidade linguística e cultural do país, dando à história um toque autêntico e respeitando as raízes indígenas da protagonista. A inclusão de expressões em Quéchua, como " <i>Waquichicuy, waquichicuy, wasiyoj</i> " ⁷⁸ e "Visita purisgan," reforça a importância da ancestralidade e das tradições indígenas na narrativa
	Descrições de Personagens	As ilustrações mostram crianças de idades variadas, vestidas de maneira simples, com olhares curiosos e expressões que demonstram fascínio e respeito. A neta que conta a história é retratada como uma cholita, evidenciando sua conexão com as tradições e culturas indígenas bolivianas.
Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	As imagens subvertem os estereótipos típicos ao mostrar uma mulher idosa usando uma espingarda para defender sua família, algo tipicamente associado a personagens masculinos.

⁷⁸ "Lamenta, lamenta, dono da casa." (tradução nossa).

	Descrição da Capa do Livro	A capa mostra <i>Patrocinia</i> com uma espingarda nas mãos, em uma posição de ação, o que reforça a ideia de uma personagem feminina forte e protetora.
Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	A história traz à tona o cotidiano das mulheres idosas no povoado de Quillacollo, A avó Patrocinia, com sua força física e sabedoria ancestral, exemplifica o papel das mulheres indígenas que, além de manterem vivas as tradições, são as guardiãs da memória coletiva e da coesão familiar.
Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os /as Leitores /as	A história pode ter um impacto positivo, ao retratar a força e a importância das mulheres bolivianas idosas dentro de suas comunidades.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	A representação de <i>Patrocinia</i> ajuda a quebrar os estereótipos de gênero ao mostrar uma mulher que combina carinho e força, sendo um exemplo de como as mulheres podem desempenhar papéis multifacetados na sociedade.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A obra “*Wakjina...manchay wakjina awicha - Una abuela muy pero muy especial*” traz uma narrativa rica que não apenas destaca as tradições familiares, mas também insere elementos decoloniais que proporcionam uma visão crítica sobre as relações de poder e identidade na sociedade boliviana. Escrito por Guillermina Jofré de Flores e ilustrado por Rosario Moyano, o livro apresenta a figura central da avó *Patrocinia*, uma idosa indígena que, através de suas histórias e sabedoria, conduz o/a leitor/a por uma jornada de ancestralidade e preservação cultural. O texto mistura expressões na língua *Quéchua*, um dos idiomas originários da Bolívia, com o espanhol, destacando a convivência e resistência linguística dentro de uma nação plurinacional.

A narrativa se passa no contexto de *Quillacollo*, uma cidade da região de Cochabamba, na Bolívia, onde a presença indígena é marcante e as tradições são mantidas com força. *Quillacollo* é conhecida por suas celebrações e pelo sincretismo cultural que une elementos indígenas e católicos, algo refletido de maneira simbólica na obra. A narrativa da avó *Patrocinia*, uma mulher indígena, oferece uma conexão com as tradições de seu povo e os conhecimentos passados de geração em geração, enquanto ela assume o papel de contadora de histórias e protetora de sua família.

A presença de uma das netas, que narra a história, caracterizada como uma "cholita." A *cholita*, figura tradicional das culturas andinas, representa mulheres indígenas que, ao longo da história, enfrentaram marginalização, mas mantiveram suas raízes culturais. A identidade de uma *cholita* é frequentemente associada à sua vestimenta — saias largas e coloridas, xales e chapéus tradicionais — e à sua resistência cultural frente à dominação colonial. A neta que narra a história não apenas conta as aventuras da avó, mas também reforça a continuidade dessa ancestralidade.

Figura 25 – Ilustração da neta *cholita* de Patrocínia na obra “*Wakjina manchay wakjina awicha*”



Fonte: Flores (1996, p. 3)

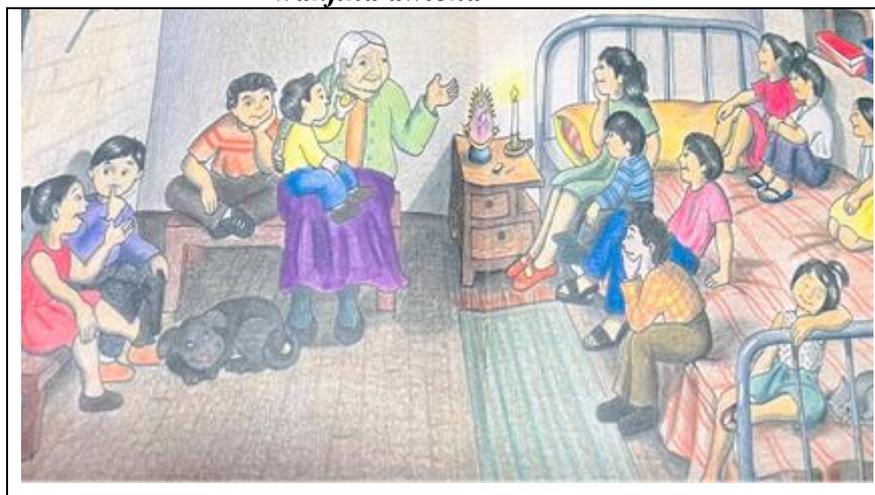
A escolha de Guillermina Jofré de Flores em fazer com que uma *cholita* seja a narradora da história carrega um simbolismo decolonial. A narrativa não apenas oferece uma visão sobre a vida familiar indígena, mas desafia as estruturas de poder que historicamente marginalizaram as populações indígenas na Bolívia. Como pontua Quijano (2000), “o colonialismo não é apenas uma forma de dominação econômica, mas uma dominação cultural e epistêmica que busca apagar e subalternizar as formas de saber dos povos colonizados.” Ao colocar a *cholita* como protagonista e transmissora de conhecimento, a obra subverte as representações coloniais que diminuía a importância dessas mulheres e de suas culturas, resistindo à lógica colonial que insiste na desvalorização das identidades indígenas.

Outro aspecto decolonial significativo é o uso da língua Quéchuá no texto,

exemplificado pelas palavras ditas pela avó, como "*Waquichicuy, waquichicuy, wasiyoj,*" que remetem à sabedoria indígena sobre os sinais da natureza e sobre os costumes locais. O uso do *Quéchuá* não é apenas um adorno cultural, mas uma resistência que valoriza as línguas originárias, que foram historicamente reprimidas durante o período colonial e continuam a ser desvalorizadas na contemporaneidade. A inclusão dessas expressões revela o multilinguismo da Bolívia, onde o *Quéchuá*, o *Aymara* e outras línguas indígenas coexistem com o espanhol. Essa mistura linguística reflete a realidade das comunidades indígenas que preservam suas línguas como forma de manter viva sua identidade cultural, resistindo às forças de assimilação cultural que o colonialismo impôs.

A ancestralidade é um tema central na narrativa, visto na relação entre a avó *Patrocínia* e seus netos/as. Ela é a guardiã das tradições e das memórias, não apenas contando histórias, mas mantendo vivo o conhecimento dos antepassados. Foucault (1979), em suas análises sobre genealogia, nos ajuda a entender como essa transmissão de conhecimento não é meramente um ato de repetição, mas um processo de resistência às forças que buscam apagar as histórias e identidades indígenas. A neta, que assume a narração da história, reforça o papel de *Patrocínia* como uma figura central da memória e ancestralidade indígena. Em um dos momentos, a neta comenta: "*A mí me gustaba que en las noches empezara con sus cuentos, recordando su juventud, sus aventuras*"⁷⁹ – um relato que mostra como as histórias contadas pela avó não são apenas entretenimento, mas uma forma de manter viva a conexão com o passado.

Figura 26 – Ilustração da neta *cholita* de *Patrocínia* na obra "*Wakjina manchay wakjina awicha*"



Fonte: Flores (1996, p. 10-11).

⁷⁹ "Eu gostava quando, à noite, ela começava com seus contos, lembrando de sua juventude, de suas aventuras." (tradução nossa).

Por meio desses contos, a avó compartilha suas experiências e sabedorias, passando adiante uma parte importante da história de sua comunidade e sua própria resistência às imposições coloniais.

Outro elemento que é importante mencionar foi a presença do pássaro, mencionado na história, também reforça essa conexão com a natureza e o conhecimento ancestral. Quando o pássaro canta, é um presságio de visitas e mudanças, algo que a avó entende e interpreta para os netos/as. Esse elemento simboliza o conhecimento indígena sobre a terra e os sinais da natureza, uma sabedoria que foi passada de geração em geração e que é fundamental para a sobrevivência e a coesão das comunidades indígenas.

Figura 27 – Ilustração da neta *cholita* de Patrocínia na obra “*Wakjina manchay wakjina awicha*”



Fonte: Flores (1996, p. 15).

As mulheres bolivianas, especialmente as indígenas, têm historicamente preservado suas culturas e na resistência às forças coloniais e patriarcais. As narrativas refletem essa realidade, mostrando como *Patrocínia* lidera a família e é respeitada como uma figura de autoridade. Em contraste com as narrativas ocidentais que muitas vezes retratam a velhice como um período de declínio, aqui a avó é uma figura de vitalidade e influência.

6.2.8 Análise do livro *El color de la saya*Quadro 10 – Análise do Discurso no livro “*El color de la saya*”

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
 <p data-bbox="308 667 531 701">El color de la Saya</p> <p data-bbox="459 712 579 741"><small>Liliana De la Quintana Ilustraciones de Romanet Zarate</small></p> <p data-bbox="268 819 579 853">Identificação Preliminar</p>	Referência Bibliográfica	QUINTANA, Liliana. <i>El color de la saya</i> . 1. ed. La Paz: Producciones Nicobis, 2018. 36 p.
	Título	<i>El color de la saya</i>
	Autor/a	Liliana de la Quintana
	Ilustrador/a	Romanet Zarate
	Edição	Primeira
	Número de Páginas	36
	ISBN	978-99905-57-36-7
	Ano de Publicação	2018
Local de Publicação	La Paz	
Resumo da História		O livro apresenta a história de <i>Rita</i> e sua avó, que contam a trajetória da população afrodescendente na Bolívia. <i>Rita</i> aprende a história de seus antepassados e a importância da <i>saya</i> , uma dança tradicional, como uma forma de celebrar a união e a liberdade. O futebol e a dança são usados como elementos de resistência das meninas em uma comunidade <i>afroboliviana</i> , mostrando o desafio às normas de gênero e a superação de estereótipos.
Personagem Principal	Gênero	(X) Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	<i>Rita</i> é descrita como uma menina afrodescendente, com pele preta e cabelos enrolados. Sua avó também é central na narrativa, sendo retratada com trajes tradicionais <i>afrobolivianos</i> .
	Descrição de Conduta	<i>Rita</i> é uma menina curiosa, determinada e apaixonada por futebol. Ela desafia os estereótipos de gênero que a excluem de atividades consideradas "para meninos". Sua avó desempenha um

		papel de sabedoria, ensinando a importância da resistência cultural e da liberdade.
Análise do Discurso	Personagens	Os personagens principais são <i>Rita</i> e sua avó, representando duas gerações de mulheres <i>afrobolivianas</i> que enfrentam desafios relacionados à exclusão social e de gênero.
	Representação de Gênero	A história subverte os papéis tradicionais de gênero, com <i>Rita</i> desafiando a exclusão no futebol, uma atividade geralmente associada a meninos. As mulheres também são retratadas como líderes na preservação da cultura e resistência.
	Interseccionalidade	A narrativa aborda a intersecção entre gênero e raça, com foco na comunidade <i>afroboliviana</i> , destacando a luta das mulheres negras por espaço e reconhecimento.
	Narrativa	A narrativa é construída em torno da tradição oral, com a avó contando a história da comunidade <i>afroboliviana</i> . O texto explora temas de resistência cultural, liberdade e igualdade.
	Perspectiva de Gênero	A história é claramente contada a partir de uma perspectiva de gênero feminista, sublinhando o poder das mulheres na comunidade e a importância da autoexpressão através da dança e do esporte.
	Dinâmica de Poder	A dinâmica de poder entre homens e mulheres é explorada, especialmente nas cenas de exclusão de <i>Rita</i> no futebol. A avó representa uma figura de poder que guia as meninas em direção à superação dessas desigualdades.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	A história desafia os estereótipos de gênero, com <i>Rita</i> e suas amigas assumindo papéis tradicionalmente masculinos, como jogar futebol, e sendo aceitas como líderes em suas atividades.
	Linguagem	A linguagem é poética, usando muitas canções e referências à cultura

		<i>afroboliviana</i> . Ela promove uma visão positiva da identidade feminina.
	Descrições de Personagens	As descrições destacam a força e a resistência das personagens femininas, tanto física quanto emocional.
Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	As ilustrações destacam como as mulheres <i>afrobolivianas</i> , representadas por <i>Rita</i> e sua avó, ocupam espaços importantes na cidade de La Paz, conectando a resistência cultural e a identidade racial às paisagens urbanas modernas. A cidade não é apenas um local de desafios, mas também de celebração e continuidade da herança afrodescendente.
	Descrição da Capa do Livro	É uma representação visual poderosa da cultura <i>afroboliviana</i> , destacando dois elementos principais: a dança da saya e as tradições afrodescendentes. As duas figuras femininas <i>afrobolivianas</i> , com pele preta, estão vestidas com trajes tradicionais que misturam cores vibrantes, como o branco, o vermelho e o verde, típicas da vestimenta da saya.
Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	A autora, Lilibiana de la Quintana, dedica a história à sua avó, que foi <i>afroboliviana</i> , reforçando o tema do resgate cultural e da preservação das tradições ancestrais. A autora pretende resgatar e promover a cultura <i>afroboliviana</i> , particularmente a história e as lutas das mulheres, usando elementos como a saya e o futebol para mostrar a resistência cultural.
Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os/as Leitores/as	O livro impacta ao promover a reflexão sobre questões de raça e gênero.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	A história contribui significativamente para a igualdade de gênero ao representar meninas e mulheres em papéis de liderança e resistência, desafiando estereótipos de gênero e incentivando a autoexpressão cultural.

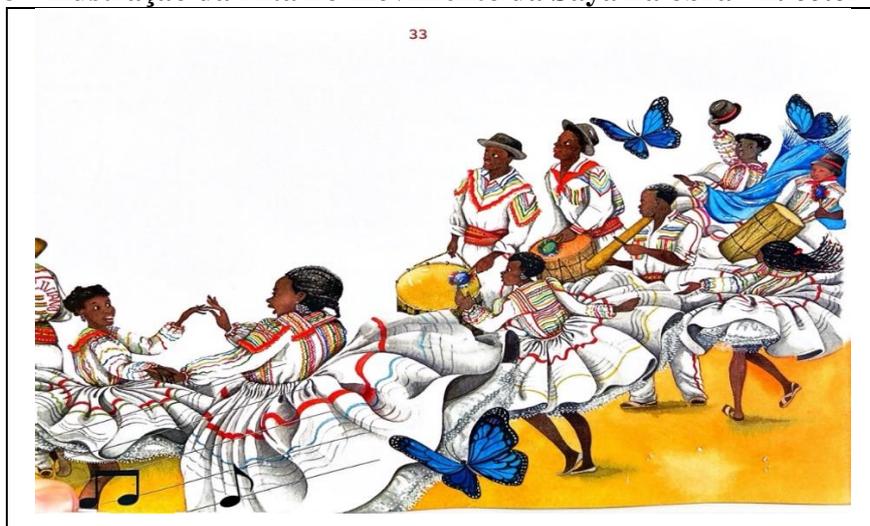
Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A obra *El Color de la Saya*, escrita por Liliana de la Quintana, é uma narrativa que em suas discursividades oferece uma rica exploração das questões étnico-raciais e de gênero no contexto da Bolívia. O artefato apresenta a história de *Rita*, uma menina afroboliviana, e sua avó, que, através da dança da saya e do futebol, destacam a importância da resistência cultural e do feminino dentro da comunidade afroboliviana. Ambientada na cidade de La Paz, a história revela o cotidiano e os desafios enfrentados pelos afrobolivianos, especialmente as mulheres, em sua luta por reconhecimento e preservação de sua identidade cultural.

Os afrobolivianos são descendentes de escravizados africanos trazidos para a Bolívia durante o período colonial para trabalhar nas minas de Potosí. No entanto, muitos não resistiram às condições extremas de trabalho nas minas e, mais tarde, foram deslocados para a região dos Yungas, onde passaram a trabalhar em fazendas, principalmente no cultivo de coca e café. Atualmente, a maioria dos afrobolivianos vive nessa região e em áreas urbanas, como La Paz. Com uma população estimada em cerca de 20.000 pessoas, eles têm lutado historicamente por reconhecimento e visibilidade, enfrentando racismo e exclusão. (Orías, 2014).

Na história, a saya, mencionada no título do livro, é um ritmo, música e dança tradicional da comunidade afroboliviana, com fortes raízes na herança africana. Ela representa não apenas uma forma de expressão cultural, mas também um símbolo de resistência, usado pela comunidade para manter vivas suas tradições e histórias. A saya é central na obra como um ponto de conexão entre Rita e sua avó, representando o elo entre gerações e a preservação da identidade afroboliviana.

Figura 28 – Ilustração da Rita no movimento da Saya na obra “*El color de la saya*”



Fonte: Quintana (2018, p. 33).

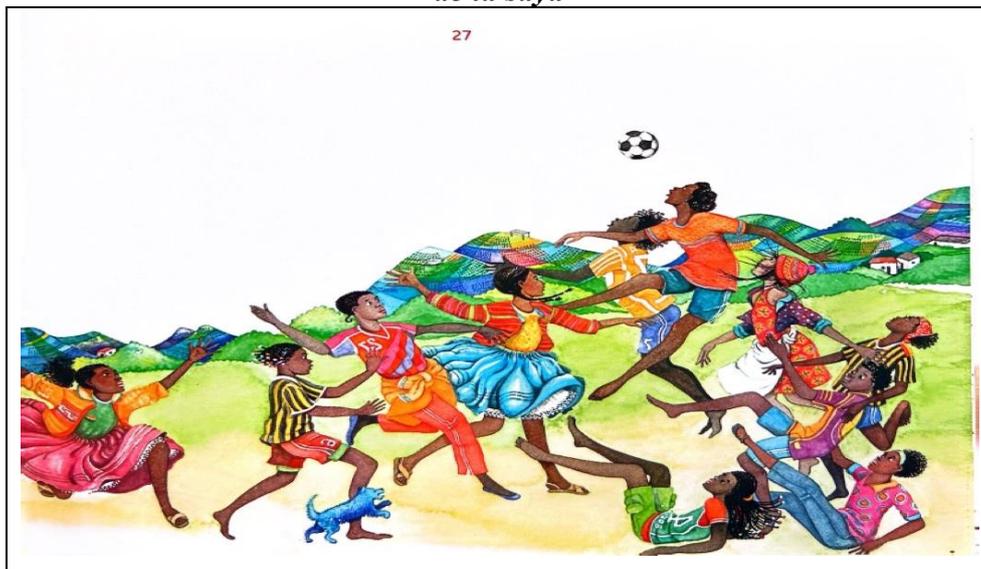
A relação entre *Rita* e sua avó é importante para compreender o papel das mulheres afrobolivianas na sociedade boliviana. Elas não apenas desempenham funções de cuidado e proteção familiar, mas também são figuras de resistência e liderança em suas comunidades. Essa representação reflete a ideia de Ribeiro (2017) "Feminismo negro é um olhar que integra gênero, raça e classe, entendendo que opressões são múltiplas e que lutas precisam ser interseccionais", que discute o papel das mulheres negras na preservação cultural e na luta contra as opressões múltiplas de raça e gênero.

Na Bolívia, os afrodescendentes têm sido historicamente marginalizados e invisibilizados, tanto política quanto culturalmente. Mesmo com o reconhecimento formal na Constituição Plurinacional de 2009, a população afroboliviana continua a enfrentar desafios para garantir seus direitos e preservar sua identidade em uma sociedade que ainda privilegia as tradições andinas e europeias e a obra de Liliana de la Quintana, ao colocar uma menina afroboliviana como protagonista, subverte a narrativa colonial que historicamente invisibilizou as populações afrodescendentes na América Latina.

As narrativas de *El Color de la Saya* exploram profundamente questões de gênero e feminilidades, destacando a força feminina e os desafios enfrentados pelas mulheres afrobolivianas. A protagonista, *Rita*, é uma figura que rompe com essas normas sociais e culturais ao participar de atividades como o futebol, um esporte historicamente dominado por homens. Em várias passagens, ela expressa seu desejo de jogar futebol, mesmo sendo uma atividade tradicionalmente associada aos meninos. Um trecho que exemplifica isso é quando Rita reflete sobre sua paixão pelo esporte, afirmando que, apesar das dificuldades, ela quer jogar como os meninos, desafiando a expectativa de que meninas devem se limitar a atividades mais "femininas": "*A Rita le encantaba el fútbol, aunque en su barrio pocos creían que una niña pudiera jugar como los varones. Pero ella no se dejaba intimidar.*"⁸⁰

⁸⁰ "Rita adorava futebol, embora em seu bairro poucos acreditassem que uma menina pudesse jogar como os meninos. Mas ela não se deixava intimidar."(tradução nossa).

Figura 29 – Ilustração da Rita jogando futebol com trajes típicos na obra “*El color de la saya*”



Fonte: Quintana (2018, p. 27).

Ao se envolver em um espaço considerado masculino, *Rita* desafia os estereótipos de gênero que limitam as meninas a papéis passivos ou domésticos, mostrando sua determinação e autonomia. As feminilidades em *Rita* incorporam uma nova versão da feminilidades, uma que é capaz de negociar com as tradições ao mesmo tempo em que se abre para novos espaços de poder e visibilidade. Ao participar do futebol, ela não rejeita suas raízes culturais, mas sim fortalece sua identidade. *Rita* jogando futebol enquanto veste trajes típicos afrobolivianos é uma representação da interseção entre questões de gênero, raça e cultura. O fato de ela estar vestida com uma *saya*, uma saia tradicional associada à cultura afroboliviana, enquanto joga futebol, um esporte tipicamente dominado por homens, subverte expectativas em vários níveis.

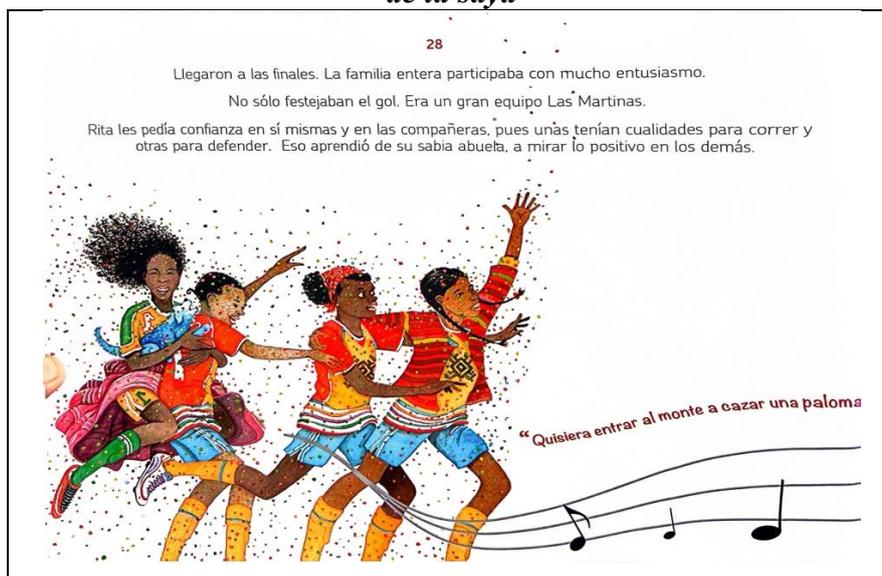
Além disso, a posição de *Rita*, bem como as outras meninas no jogo, é ativa e dominante, o que transmite a mensagem de resistência e quebra de estereótipos. As ilustrações vibrantes e coloridas enfatizam a alegria e a liberdade que essas meninas experimentam ao ocuparem espaços que historicamente não foram construídos para elas. A população afroboliviana, ao longo de sua história, desenvolveu uma vestimenta característica que reflete seu contato e intercâmbio cultural com as populações indígenas, especialmente as *cholitas*, incorporando e adaptaram algumas dessas características em sua própria vestimenta.

Isso resultou em uma combinação única que não apenas preserva traços africanos, mas também reflete o país andino. A *pollera* afroboliviana, por exemplo, carrega

similaridades com a das cholas, porém com uma identidade própria, com cores, padrões e acessórios que fazem referência às suas tradições e à resistência afroboliviana.

Rita como uma líder que, além de desafiar estereótipos de gênero ao jogar futebol, também incentiva a confiança e o apoio mútuo entre as meninas "*Rita les pedía confianza en sí mismas y en las compañeras, pues unas tenían cualidades para correr y otras para defender.*"⁸¹

Figura 30 – Ilustração da Rita comemorando a vitória no futebol na obra “*El color de la saya*”

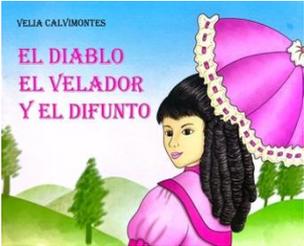


Fonte: Quintana (2018, p. 27).

As discursividades entre o texto e as ilustrações trazem uma reflexão significativa sobre as interseções entre raça, gênero e identidade no contexto boliviano. Ao colocar uma menina preta como protagonista, *El Color de la Saya* reforça a necessidade de valorizar as raízes afrobolivianas e o legado cultural, evidenciando que o futuro das novas gerações é construído sobre a força e a resiliência de suas ancestrais, que continuam a influenciar suas lutas por reconhecimento e igualdade.

⁸¹ "Rita lhes pedia confiança em si mesmas e nas companheiras, pois algumas tinham qualidades para correr e outras para defender." (tradução nossa).

6.2.9 Análise do livro *El diablo El velador Y El difunto*Quadro 11 – Análise do Discurso no livro “*El diablo El velador Y El difunto*”

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
 <p data-bbox="264 864 568 898">Identificação Preliminar</p>	Referência Bibliográfica	Calvimontes, V. <i>El diablo, el velador y el difunto</i> . Cochabamba: Ediciones AILEV, 2017. 3ª ed.
	Título	<i>El diablo, El velador y El difunto</i>
	Autor/a	Velia Calvimontes
	Ilustrador/a	Rosario Moyano
	Edição	terceira
	Número de Páginas	14
	ISBN	978-99974-68-25-3
	Ano de Publicação	2017 (1ª edição: 1988)
Resumo da História		A história se passa na era colonial, em Cochabamba, conhecida então como “Villa de Oropeza.” A protagonista, <i>Maria de la Paloma</i> , é uma jovem bonita e extremamente rica, herdeira de uma grande fortuna após a morte de seu pai. Além de sua beleza, <i>Maria</i> é educada e gosta de ler, o que a torna distinta em uma época em que poucas mulheres sabiam ler e escrever. Pretendentes de várias famílias tentam conquistá-la, mas ela os despreza por serem inadequados ou medíocres. Para afastá-los, <i>Maria</i> os desafia com testes estranhos e perigosos que envolvem velar um defunto e enfrentar o “diabo”, tudo parte de seu plano para se livrar dos insistentes pretendentes.
	Personagem Principal	Gênero
Descrição Física		<i>Maria de la Paloma</i> é descrita como uma jovem muito bonita, com traços típicos de uma herdeira rica da época colonial.

	Descrição de Conduta	<i>Maria</i> é astuta, independente e usa sua inteligência para desafiar as expectativas da sociedade sobre o casamento. Ao invés de sucumbir às pressões, ela cria situações para ridicularizar seus pretendentes.
Análise do Discurso	Personagens	Figuras masculinas e <i>Maria de la Paloma</i> .
	Representação de Gênero	A obra inverte os papéis tradicionais de gênero, com <i>Maria de la Paloma</i> assumindo uma posição de poder, enquanto os homens são manipulados por suas armadilhas.
	Interseccionalidade	A história foca mais nas dinâmicas de gênero e poder do que em questões interseccionais.
	Narrativa	A narrativa apresenta <i>Maria</i> como uma mulher que controla seu próprio destino, recusando-se a ser forçada a um casamento indesejado. A inversão dos papéis de poder é uma crítica à sociedade patriarcal.
	Perspectiva de Gênero	A história oferece uma perspectiva feminista ao destacar a inteligência e a autonomia de <i>Maria</i> , que desafia os padrões convencionais de feminilidades.
	Dinâmica de Poder	<i>Maria</i> exerce controle total sobre seus pretendentes, revertendo a dinâmica de poder esperada da época.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	<i>Maria</i> desafia o estereótipo de mulher passiva e submissa, assumindo uma postura de comando e zombando dos homens.
	Linguagem	A linguagem utilizada é acessível, com humor, e retrata <i>Maria</i> como astuta, desafiando os homens com provas que subvertem as expectativas da época.
	Descrições de Personagens	Os personagens secundários são apresentados de maneira superficial, com o principal objetivo de reforçar a astúcia e o controle de <i>Maria de la Paloma</i> sobre a narrativa e sobre os homens que tentam conquistá-la.

Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	As ilustrações de Rosario Moyano são coloridas, com um estilo cartunesco que reforça o humor da narrativa. A figura de <i>Maria</i> é sempre representada de maneira imponente e segura de si. <i>Maria</i> é retratada de forma elegante, enquanto os pretendentes aparecem em situações cômicas ou ridículas, destacando a inversão dos papéis de poder.
	Descrição da Capa do Livro	A capa apresenta <i>Maria de la Paloma</i> com um vestido rosa e um grande chapéu, com uma expressão segura e confiante, refletindo sua personalidade independente.
Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	Velia Calvimontes usa a história para criticar as pressões sociais do casamento e os papéis tradicionais de gênero, promovendo uma visão de empoderamento feminino.
Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os /as Leitores /as	A obra oferece uma reflexão crítica sobre os papéis de gênero, ao mesmo tempo que entretém com sua narrativa humorística. Os/as leitores/as são convidados a repensar as expectativas sociais para homens e mulheres.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	A história promove a igualdade de gênero ao mostrar uma protagonista que usa sua inteligência e humor para desafiar o patriarcado, demonstrando que as mulheres podem exercer poder e autonomia.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

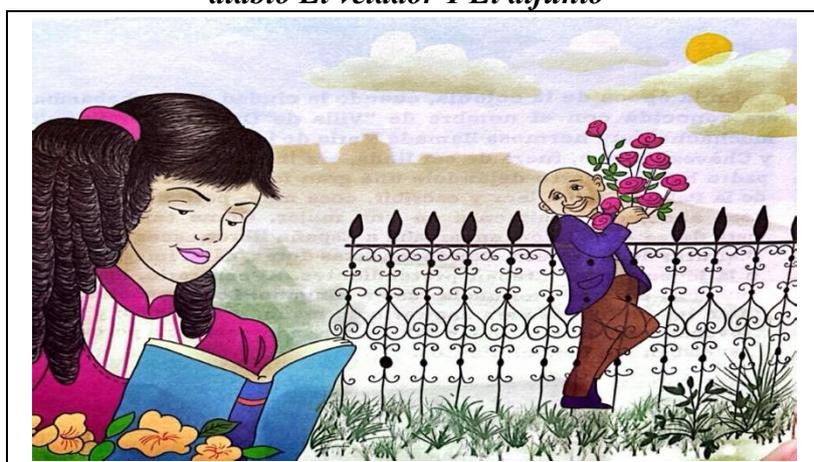
A obra “*El diablo, El velador y El difunto*”, escrita por Velia Calvimontes, é uma narrativa que em suas discursividades se passa durante a época colonial boliviana, um período marcado pela forte presença de estruturas hierárquicas e patriarcais importadas pela colonização espanhola. Nesse contexto, a sociedade colonial era estratificada com base em raça, gênero e classe social. As mulheres, em especial, ocupavam uma posição subordinada, sendo esperadas de cumprir papéis tradicionais ligados à família, ao casamento e à domesticidade. Casamentos arranjados eram comuns, especialmente entre as elites, como um meio de garantir a manutenção e aumento de patrimônio e poder entre famílias. (Bridikhina, 2000).

Na narrativa, *Maria de la Paloma* é uma jovem herdeira rica e educada, o que a coloca no centro das atenções da elite masculina da época. Embora a sociedade colonial esperasse que ela aceitasse um casamento arranjado para consolidar seu status, *Maria* subverte essas expectativas ao usar sua inteligência e astúcia para afastar pretendentes indesejados, recusando-se a aceitar o destino que lhe foi imposto.

Os casamentos arranjados na época colonial eram mais do que uniões afetivas; eram, antes de tudo, alianças econômicas e políticas. As mulheres eram frequentemente usadas como instrumentos para fortalecer laços entre famílias ricas e poderosas. Nessa perspectiva, as jovens, como *Maria*, não tinham muita autonomia para escolher seus parceiros. No entanto, na história, *Maria* desafia essa norma, mostrando uma postura de independência e rejeição a esses acordos matrimoniais. Ela faz isso ao propor desafios impossíveis aos seus pretendentes, expondo sua fraqueza e ridicularizando-os.

Na análise foucaultiana, o poder não se manifesta apenas de forma repressiva, mas também produtiva – moldando comportamentos, normas e identidades (Foucault, 1979). No caso de *Maria*, vemos como ela manipula as estruturas de poder ao seu favor. Em uma sociedade onde o casamento e o controle sobre o corpo feminino são formas de poder patriarcal, *Maria* utiliza o humor, a inteligência e o engano para desestabilizar essas relações. Ela transforma os pretendentes em joguetes, fazendo com que eles participem de provas absurdas, subvertendo assim o poder que a sociedade masculina exerce sobre o destino das mulheres.

Figura 31 – Ilustração de *Maria de la Paloma* ignorando seus pretendentes na obra “*El diablo El velador Y El difunto*”



Fonte: Calvimontes (1988, p. 4).

No contexto das narrativas, a biopolítica colonial se manifesta através dos

casamentos arranjados, que funcionam como mecanismos de controle social e biológico sobre as mulheres, garantindo a reprodução da elite e a continuidade do poder colonial. *Maria*, no entanto, desafia essa regulação ao se recusar a participar desse sistema de controle, utilizando sua própria corporeidade e inteligência para escapar do destino que lhe é imposto. A figura de *Maria* representa a genealogia das normas de feminilidades que, na época colonial, estavam profundamente enraizadas em uma concepção patriarcal de submissão e passividade feminina. Ao resistir a essas normas, *Maria* expõe as raízes coloniais e patriarcais que sustentam as expectativas de gênero. Sua recusa em se casar e a maneira como manipula os homens revelam as transformações históricas pelas quais a noção de feminilidades passou, desde sua origem até sua contestação, “*Maria no se dejaba impresionar por los pretendientes que llegaban a su puerta. Los miraba con desdén y, con una sonrisa astuta, les decía: 'Si realmente me desean, deberán pasar una prueba. Y les advierto, no será fácil.'*”,⁸² *Maria* manipulava as expectativas e desafiava os homens que tentavam conquistá-la, expondo as fragilidades da masculinidade e o controle que ela exercia sobre seu próprio destino.

Figura 32 – Ilustração de *Maria de la Paloma* fazendo os pedidos na obra “*El diablo El velador Y El difunto*”



Fonte: Calvimontes (1988, p. 9).

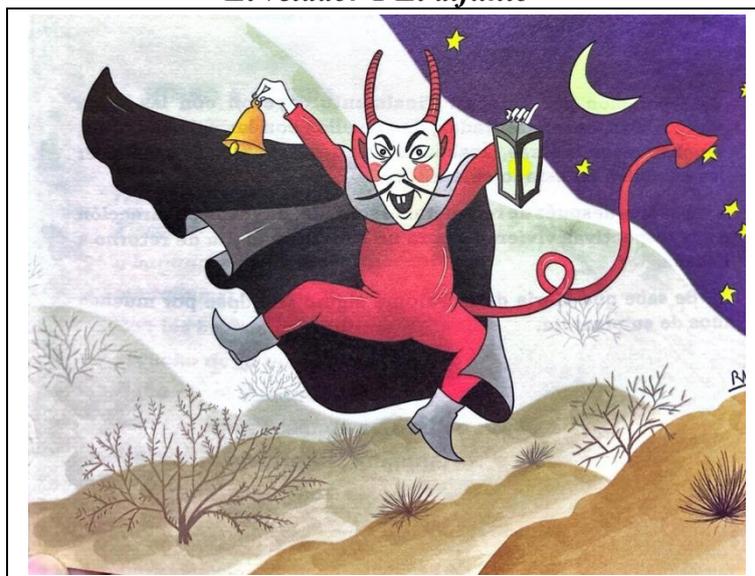
Nas discursividades das ilustrações, podemos observar *Maria de la Paloma*

⁸² “*Maria* não se deixava impressionar pelos pretendentes que chegavam à sua porta. Ela os olhava com desdém e, com um sorriso astuto, dizia: ‘Se realmente me desejam, terão que passar por uma prova. E aviso, não será fácil.’” (tradução nossa).

sentada, trajando um vestido longo e elegante em tons de rosa, que remete ao estilo da época colonial boliviana. O uso desse tipo de vestimenta reforça os padrões de feminilidades esperados das mulheres de elite durante aquele período. O vestido simboliza a delicadeza e o comportamento refinado que eram esperados das mulheres, além de ressaltar a estética das feminilidades passiva e ornamental. No entanto, ao analisar o comportamento de *Maria* em relação aos seus pretendentes, percebemos que ela subverte essas expectativas. Mesmo vestida de acordo com os padrões de feminilidades da época, *Maria* não se submete às regras sociais que esperavam dela passividade e obediência. Pelo contrário, ela utiliza sua posição para manipular os homens que desejam se casar com ela.

O fato de *Maria* exigir que seus pretendentes realizem pedidos absurdos, como se vestir de diabo ou carregar um caixão, revela sua resistência aos papéis tradicionais de gênero e expõe a fragilidade do poder masculino, que se vê ridicularizado diante dos caprichos de uma mulher. Dessa forma, a imagem de *Maria de la Paloma* sentada em sua postura elegante contrasta com suas ações, que desafiam diretamente as normas de submissão feminina. Sob uma perspectiva de gênero e poder, a personagem utiliza as feminilidades como ferramenta para expor e desafiar as expectativas patriarcais, sendo ela quem dita as regras no jogo amoroso, invertendo os papéis tradicionais.

Figura 33 – Ilustração dos pretendentes de *Maria de la Paloma* na obra “*El diablo El velador Y El difunto*”



Fonte: Calvimontes (1988, p. 13).

Outra questão interessante para análise refere-se ao fato de a obra ter sido

publicada a sua primeira edição na década de 1980 em um contexto bastante particular na sociedade boliviana. Esta década foi marcada por importantes transformações políticas, econômicas e sociais na Bolívia. De acordo com a socióloga boliviana Bridikhina (2000), o país passava por transições democráticas, depois de períodos prolongados de regimes militares, e por crises econômicas que afetavam profundamente a vida das famílias e a estrutura social. Nesse cenário, o papel das mulheres na sociedade, ainda profundamente marcado por tradições patriarcais, começava a ser questionado, sobretudo em áreas urbanas e de maior acesso à educação.

Publicar uma obra destinada ao público infantil que trata de temas como o casamento, especialmente dentro de uma estrutura de casamento arranjado, revela uma tentativa de dialogar com essas tradições que, embora desafiadas, continuavam fortemente presentes na sociedade boliviana. O casamento arranjado, como prática comum nas elites durante o período colonial e também perpetuado em áreas rurais e entre famílias tradicionais, é apresentado de maneira crítica e satírica na obra de Calvimontes. Ao abordar essas questões em um livro para a infância, Calvimontes(1988) realiza um movimento audacioso para a época, integrando elementos de crítica social em uma narrativa acessível às crianças.

Este livro está indicado pela Academia Boliviana de Literatura Infantil e Juvenil para crianças de 8 a 10 anos. Essa recomendação reflete a capacidade do livro de abordar temas como casamento e autonomia feminina de forma lúdica, mas crítica, adequada para o desenvolvimento intelectual e moral dessa faixa etária.

6.2.10 Análise do livro Claudina

Quadro 12 – Análise do Discurso no livro “Claudina”

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
	Referência Bibliográfica	LINARES, Verónica. <i>Claudina</i> . Ilustrações de Roswitha Grisi-Huber. 1. ed. Santa Cruz de La Sierra: Loqueleo, 2024. 26 p. ISBN 978-99974-21-69-2.
	Título	Claudina
	Autor/a	Verónica Linares
	Ilustrador/a	Roswitha Grisi-Huber
	Edição	primeira

Identificação Preliminar	Número de Páginas	26
	ISBN	978-99974-21-69-2
	Ano de Publicação	2024
	Local de Publicação	Santa Cruz de La Sierra
Resumo da História		<i>Claudina</i> conta a história de uma jovem menina indígena aymara dos Andes bolivianos, que cuida de suas lhamas ao lado de sua avó (<i>awicha</i>). A narrativa segue o cotidiano de Claudina, que vive em harmonia com seus animais e a natureza, até o momento em que precisa encarar a realidade de deixar sua vida rural para buscar trabalho na cidade. A conexão profunda com sua avó e a sabedoria ancestral transmitida nas tarefas diárias são centrais na história. A obra reflete temas de migração, herança cultural e a relação entre gerações.
Personagem Principal	Gênero	(X) Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	<i>Claudina</i> é retratada com cabelo longo e preto, geralmente trançado, e usa vestimentas tradicionais de <i>cholitas</i> andinas com cores vibrantes.
	Descrição de Conduta	<i>Claudina</i> é uma menina responsável e carinhosa, profundamente conectada a suas lhamas e à sua <i>awicha</i> . Ela aprende com a avó, mostrando amor e respeito por sua cultura, mas também é atraída pelas mudanças da vida moderna na cidade.
Análise do Discurso	Personagens	<i>Claudina</i> , sua <i>awicha</i> (avó) e as lhamas.
	Representação de Gênero	Na história de <i>Claudina</i> , a protagonista reflete feminilidades tradicionais profundamente enraizadas no contexto rural andino, onde o cuidado com os animais e com os idosos são tarefas centrais que demarcam sua identidade e papel social. A figura de <i>Claudina</i> representa o conceito de "cuidadora",
	Interseccionalidade	A história destaca a identidade indígena.
	Narrativa	A história se concentra na vida cotidiana, cheia de ternura e respeito pela natureza e tradição. O ritmo lento

		da vida é espelhado na percepção gradual de Claudina sobre sua responsabilidade com suas raízes e seu futuro.
	Perspectiva de Gênero	Embora <i>Claudina</i> seja colocada em papéis tradicionalmente femininos (cuidar e nutrir), a narrativa não a confina a esses papéis, pois sua ida à cidade pode simbolizar novas oportunidades.
	Dinâmica de Poder	A dinâmica entre <i>Claudina</i> e sua <i>awicha</i> reflete respeito intergeracional e transmissão de conhecimento. A cidade representa uma força que atrai <i>Claudina</i> , introduzindo novas dinâmicas de poder sociais.
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	O papel de <i>Claudina</i> é tanto tradicional quanto moderno. Enquanto ela abraça sua herança, sua migração para a cidade pode representar uma ruptura de liberdade.
	Linguagem	A linguagem é poética, utilizando detalhes sensoriais (o cheiro de folhas de coca, o frio das estrelas) para enraizar a história na paisagem andina.
	Descrições de Personagens	A força de <i>Claudina</i> é enfatizada por sua resiliência, enquanto a avó é retratada como sábia e conectada a natureza.
Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	O estilo visual é vibrante e utiliza motivos tradicionais andinos. As lhamas, o <i>aguayo</i> (pano tradicional) da avó e as cores vivas da natureza dominam a narrativa visual, representando o gênero por meio das vestimentas e tarefas.
	Descrição da Capa do Livro	A capa mostra <i>Claudina</i> com suas lhamas em um cenário vibrante, enfatizando sua conexão com os andes.
Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	A autora pretende refletir sobre a transição cultural entre a vida rural e urbana na Bolívia, algo que acontece muito, focando na importância de manter a identidade cultural e os laços familiares, especialmente através dos olhos de uma menina indígena.

Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os /as Leitores /as	A história pode suscitar aos /as leitores/as uma visão íntima da vida de uma menina indígena rural, ensinando sobre o valor da herança cultural.
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	A obra contribui para a igualdade de gênero ao retratar uma protagonista feminina forte, que aprende tanto papéis tradicionais quanto novos, conectando identidades rurais e urbanas, ao mesmo tempo em que mantém o respeito por sua herança cultural.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A obra *Claudina* de Verónica Linares, com ilustrações de Roswitha Grisi-Huber, é uma janela sensível para a vida nas montanhas andinas, onde a protagonista, uma menina cholita, cresce imersa nas tradições indígenas. Desde as guardas iniciais, o/a leitor /a é transportado/a para o Altiplano boliviano com elementos como lhamas, pedaços de aguayo, folhas de coca e nuvens, apresentados sobre um fundo verde claro, anunciando um cenário cheio de vida e luz. Em contraste, as guardas finais mostram um fundo azul escuro com estrelas e alguns elementos urbanos, como casas e um bebê de pele clara, marcando a transição de *Claudina* do campo para a cidade e sugerindo um final nostálgico.

A história começa ao amanhecer, com *Claudina* cuidando de uma recua de lhamas, incluindo Totorá, a mais velha, que leva o mesmo nome dos juncos do lago Titicaca. Claudina ama sua avó e o Altiplano, seu único lar conhecido. No entanto, como tantas meninas de seu entorno, *Claudina* é requisitada por um patrão para trabalhar na cidade como babá. Assim, ela precisa deixar sua terra, sua avó e seu rebanho, um sacrifício doloroso refletido na cumplicidade do narrador, que se dirige a *Claudina* em segunda pessoa, tornando-a parte de uma história vivida por muitas meninas como ela.

Ao longo da narrativa, emergem questões profundas sobre gênero, identidade, e a tensão entre a vida rural e as pressões do mundo urbano. As feminilidades de *Claudina* são moldada no contexto dos Andes bolivianos, especialmente através de sua relação com a avó, a língua *aymara* e os desafios que ela enfrenta ao ser pressionada a migrar para a cidade em busca de trabalho.

Desde o início da história, *Claudina* é apresentada como uma cuidadora, responsável por ajudar sua avó (awicha) nas tarefas diárias e por cuidar das *lhamas*. As feminilidades de Claudina são construídas dentro de uma estrutura que valoriza a mulher

não apenas como uma figura doméstica, mas como uma mantenedora do conhecimento ancestral e uma guardiã da conexão com a terra, chamada de *pachamama*.

A avó de Claudina transmite saberes ancestrais. O cuidado com as lhamas vai além de uma tarefa rotineira: "*Sales Claudina, con tus llamas erguidas y orgullosas, las de ojos dulces y almendrados*".⁸³ A relação entre *Claudina* e os animais é quase uma extensão de sua própria identidade, uma conexão com a natureza.

Figura 34 – Ilustração de *Claudina* com sua llama na obra “*Claudina*”



Fonte: Linares (2024, p. 12).

A relação entre Claudina e sua awicha é um dos pilares centrais da narrativa. A avó, uma mulher *cholita* idosa, mas sábia, é retratada como um elo entre o passado e o futuro, transmitindo a *Claudina* os valores culturais e os conhecimentos necessários para a sobrevivência no altiplano. Ela murmura em *aymara* enquanto mastiga coca, uma prática ancestral que conecta o corpo à espiritualidade da terra: "*Tu awicha ya está sentada en un aguayo multicolor... murmura palabras en aymara y acullica la hoja verde*".⁸⁴ A língua *aymara* está presente na construção da identidade indígena de *Claudina*. Através da língua, a avó ensina não apenas palavras, mas modos de ver o mundo que resistem às influências da urbanização e da modernidade. A avó, como muitas mulheres andinas, carrega consigo o peso de ser a mantenedora da cultura, e Claudina,

⁸³ "Foi, Claudina, com suas llamas erguidas e orgulhosas, de olhos doces e amendoados."(tradução nossa).

⁸⁴ "Tua avó já está sentada em um tecido multicolorido... murmura palavras em aymara e mastiga a folha verde."(tradução nossa).

como aprendiz, é a guardiã dessa herança.

Figura 35 – Ilustração de *Claudina* nas cordilheiras dos andes na obra “*Claudina*”



Fonte: Linares (2024, p. 16).

No entanto, há uma tensão crescente na narrativa quando a avó expressa sua preocupação sobre o futuro de *Claudina*. Ela entende que, para sobreviver, a neta provavelmente terá que deixar a terra e migrar para a cidade em busca de trabalho. A preocupação da avó não é apenas com a sobrevivência financeira de *Claudina*, mas também com o impacto que essa mudança pode ter na identidade e nos valores da menina: "*Allá tienes trabajo Claudina. Allá en la ciudad te esperan*⁸⁵". A avó teme que a vida na cidade afaste *Claudina* das tradições e da cultura que ela tão cuidadosamente preservou. Um dos temas recorrentes em *Claudina* é a tensão entre a vida rural, com suas tradições e sabedorias ancestrais, e as pressões do mundo urbano, onde *Claudina* deve buscar emprego. Esta dinâmica reflete uma questão vivida por muitas mulheres indígenas na Bolívia, que, ao migrarem para as cidades, enfrentam um choque cultural que coloca em risco suas raízes identitárias.

A narrativa sugere que, ao se mudar para a cidade, *Claudina* enfrentará um mundo diferente, onde sua identidade como *cholita* e falante de *aymara* pode não ser valorizada. O uso da língua *aymara* pela avó e a preocupação com a não fluência de *Claudina* em outras línguas metropolitanas enfatizam essa desconexão cultural.

⁸⁵ "Lá você tem trabalho, Claudina. Lá na cidade, estão te esperando."(tradução nossa).

Figura 36 – Ilustração de *Claudina* arrumando seu cabelo na obra “*Claudina*”



Fonte: Linares (2024, p. 9).

Claudina nos convida a refletir sobre as diferentes camadas da construção das feminilidades em um contexto indígena. Enquanto nas áreas urbanas da Bolívia as mulheres estão lutando por espaços no mercado de trabalho e em posições de poder, as mulheres andinas como Claudina ainda são vistas principalmente como guardiãs do lar e de pastoreio. O discurso de gênero na obra é complexo. Por um lado, Claudina parece aceitar as expectativas que lhe são impostas – ela cuida das lhamas, de sua avó e, eventualmente, de uma criança na cidade. No entanto, há uma resistência implícita em sua conexão com sua herança e com o mundo natural, uma resistência que se expressa em sua recusa de abandonar completamente suas raízes: "*Después vas a volver imilla*".⁸⁶

A identidade de *Claudina* como "imilla" (menina indígena) é central, e mesmo quando ela parte, a narrativa deixa em aberto a possibilidade de retorno, de reconexão com sua cultura. Esse retorno reflete uma luta por afirmação de identidade em um mundo onde as mulheres indígenas frequentemente são forçadas a escolher entre preservar suas tradições ou se adaptar às demandas da vida urbana e globalizada.

A avó, embora ciente da necessidade de Claudina buscar trabalho na cidade, sente o peso dessa separação, na discursividade presente na ilustração abaixo, o homem pode ser uma representação do “homem da cidade” que oferece trabalho ou simbolizar a inevitabilidade de *Claudina* deixar o campo. O homem, vestido de preto, pode representar

⁸⁶ "Depois você vai voltar, menina." (tradução nossa).

um emissário da cidade ou uma figura que simboliza a partida de *Claudina* para um mundo desconhecido. A avó, sentada e de cabeça baixa, transmite uma sensação de tristeza ou resignação. Ela parece estar em um momento de despedida.

Figura 37 – Ilustração da awicha na obra “*Claudina*”



Fonte: Linares (2024, p. 18).

Na cidade, *Claudina* aprende a realizar tarefas sob as ordens da patroa e se apega ao bebê que cuida, tornando-se uma segunda mãe. Embora sinta saudades de sua terra, seu destino é marcado pela realidade que empurra tantas meninas do campo para a cidade, em um ciclo de migração forçada.

Assim, analisando as feminilidades de *Claudina* não é apenas a de uma menina dócil e responsável; ela também carrega a capacidade de adaptação e resiliência que caracteriza muitas mulheres bolivianas, que preservam suas raízes enquanto são obrigadas a se adequar às mudanças sociais. As feminilidades, aqui, são tanto um ato de resistência quanto de continuidade, marcando a trajetória de *Claudina* entre dois mundos que, embora pareçam opostos, coexistem em sua identidade e em sua jornada.

As narrativas bolivianas exploradas trazem protagonistas femininas que desafiam, questionam ou reproduzem papéis tradicionais, configurando um campo de análise sobre gênero e poder. Em *Arturo y Clementina*, Clementina, uma tartaruga que busca autonomia, enfrenta o autoritário Arturo, que tenta controlar suas aspirações. Em *La niña de los cabellos muy muy largos*, a protagonista usa sua criatividade para reimaginar seu cabelo, questionando as normas sociais de beleza que associam feminilidades a padrões

estéticos específicos. Ambas as histórias apresentam personagens que resistem à conformidade, explorando a liberdade feminina em contextos opressivos.

Em *Julieta Rabieta*, a protagonista expressa emoções intensas que causam desordem ao seu redor até aprender a canalizá-las positivamente, enquanto em *Verdiflor y los Cinco*, Verdiflor assume responsabilidades adultas após a perda da mãe, representando as feminilidades como cuidado e resiliência.

Em *El color de la saya*, Rita, uma menina afroboliviana, redescobre suas raízes através da saya e da influência de sua avó, valorizando sua herança cultural e fortalecendo sua autoestima. *Adriana Imprudente y las Polleras Doradas* apresenta Adriana, que sonha em ser lutadora, subvertendo o simbolismo das polleras ao transformá-las em ícones de força e desafio às normas de gênero. Ambas as histórias enfatizam o empoderamento feminino por meio da conexão com a cultura e da autodeterminação.

A diversidade de personagens continua em *Wakjina...manchay wakjina awicha*, uma neta narradora se conecta com as memórias da avó Patrocinia, explorando temas de ancestralidade e preservação cultural. A narrativa de Gracia explora a construção das feminilidades através do vínculo com a natureza e da orientação dos pais, que a ensinam a obediência e o cuidado com as plantas, reforçando feminilidades alinhada à docilidade. Maria de la Paloma, de *El diablo, el velador y el difunto*, é uma jovem astuta que desafia os pretendentes ao recusar-se a casar-se segundo as normas patriarcais da época colonial, invertendo as dinâmicas de poder e afirmando sua autonomia e inteligência.

Essas personagens, cada uma com sua trajetória única, ilustram a complexidade e diversidade de feminilidades nas narrativas bolivianas. Elas alternam entre a conformidade e a resistência, oferecendo às crianças leitoras modelos de empoderamento e de reflexão crítica sobre os papéis de gênero, contribuindo para uma visão mais inclusiva e reflexiva da identidade feminina.

As línguas originárias e os elementos culturais indígenas permeiam várias dessas obras, proporcionando um cenário rico e diverso para a formação da identidade das personagens. Em histórias como *Wakjina...manchay wakjina awicha*, *El color de la saya*, e *Claudina* o uso do aymara como símbolos de resistência cultural e orgulho identitário exemplifica a valorização das raízes indígenas e afroboliviana. Esses elementos linguísticos e culturais desafiam a hegemonia da cultura colonial, fortalecendo as personagens femininas ao conectá-las a suas comunidades e ancestrais.

A importância da tradição oral *aymara* e a necessidade de valorizar o conhecimento transmitido pelos ancestrais, é uma forma de sistematizar a oralidade e

transformá-la em um documento escrito. A recuperação da identidade exige retomar a dimensão da socialização desde a infância. Esse processo cíclico e desafiador incorpora a espontaneidade interpretativa, facilitada pela experiência de crescer em uma comunidade com forte tradição oral.

Com esse conhecimento espontâneo e poético da narrativa *aymara*, surge como descreve Luis Soria Lens, “as literaturas aborígenes da América começam com uma série de cantos religiosos que ritualizam seu contato com o meio, especialmente nas atividades agrícolas. Seu panteísmo exige uma linguagem especial, mais criativa que a cotidiana” (Soria Lens, 1994). Na cultura *aymara*, a poesia é transmitida de geração em geração, sem distinção de idade ou gênero, reforçando o respeito e a reciprocidade comunitária.

6.3 Contribuição dos artefatos culturais para a Construção de Gênero e Sexualidade no contexto escolar boliviano

A educação na Bolívia é estruturada por meio de políticas que visam garantir o acesso igualitário e gratuito a todos os níveis educacionais. A Lei 070 "Avelino Siñani-Elizardo Pérez" de 2010, estabelece a educação como um direito universal e integral, promovendo a formação crítica e intercultural, que respeita e integra a diversidade cultural e linguística do país. Essa legislação reflete a importância da educação como pilar para o desenvolvimento social e humano, enfatizando a formação em valores, o respeito às culturas indígenas e a promoção de uma cidadania ativa.

O sistema educacional boliviano é estruturado em três subsistemas principais: Educação Regular, Educação Alternativa e Especial, e Educação Superior de Formação Profissional. A Educação Regular abrange a Educação Inicial em Família Comunitária (com fases escolarizada e não escolarizada), a Educação Primária Comunitária Vocacional e a Educação Secundária Comunitária Produtiva, integrando aspectos humanísticos e técnicos para preparar os estudantes para o trabalho ou estudos superiores. A Educação Alternativa e Especial inclui programas para jovens e adultos, educação permanente e especial, com foco em pessoas com deficiência, dificuldades de aprendizagens e altas habilidades.

A realidade da leitura nas escolas bolivianas enfrenta desafios significativos, apesar das diretrizes do Ministério da Educação para que a leitura compreensiva seja uma atividade obrigatória. Muitas escolas, especialmente as públicas, carecem de bibliotecas adequadas, o que dificulta o cumprimento dessa exigência. Em um levantamento

realizado pelo pesquisador Montoya (2013), observou-se que as instituições frequentemente recorrem a livros muito antigos, provenientes de reformas anteriores, como as de 1995 e até 1955. A ausência de bibliotecas completas ou com livros atualizados limita o acesso dos estudantes a materiais diversos e contemporâneos, o que prejudica o desenvolvimento de um hábito de leitura eficaz e prazeroso.

Para suprir essa carência, professores/as adotam práticas alternativas, como o uso de fotocópias de capítulos ou trechos de livros, para que os/a alunos/as realizem as leituras.

A exigência de leitura diária – estabelecida por uma resolução ministerial que instrui 10 minutos diários de leitura no início da jornada escolar – tem sido implementada de maneiras criativas, mas sem uma estrutura uniforme ou regulamentação específica para apoiar os docentes.

Embora a exigência de 10 minutos diários de leitura seja um passo importante para fomentar o hábito da leitura nas escolas, esse tempo é insuficiente para promover mudanças significativas na formação de leitores/as críticos/as e no desenvolvimento pleno das habilidades de leitura. Como destaca Montoya (2013), a falta de bibliotecas bem estruturadas e de suporte adequado para os docentes agrava esse cenário, limitando o impacto da iniciativa. A leitura, para ser efetiva, exige mais que um período reduzido; requer planejamento, recursos diversificados e um espaço que favoreça a interação profunda com os textos. Assim, é essencial ampliar o tempo dedicado à leitura e oferecer condições estruturais e pedagógicas que possibilitem práticas mais significativas e consistentes.

Essa desigualdade no acesso a materiais de leitura reflete uma lacuna nas políticas de apoio ao sistema educacional público, onde a falta de recursos compromete o cumprimento de leis e resoluções educacionais, como a Lei 070. Em algumas escolas, os estudantes levam seus próprios livros, muitas vezes escolhendo materiais acessíveis financeiramente, como as *Fábulas de Esopo*. A leitura, nesses casos, se torna um esforço conjunto entre alunos/as e professores/as, que buscam promover a compreensão de textos com poucos recursos disponíveis.

Montoya (2013), apresenta esse panorama crítico da situação da Literatura Infantil na Bolívia, destacando a falta de apoio institucional e a necessidade urgente de valorização desse gênero como um pilar fundamental para a formação da personalidade das crianças e a preservação da identidade cultural do país. O autor enfatiza que a Literatura Infantil não deve ser relegada a um papel secundário, mas reconhecida na educação e no desenvolvimento dos valores morais e éticos das novas gerações.

Ele menciona que o Ministério da Educação e Cultura deveria ser o principal promotor dessa literatura, integrando-a como parte obrigatória dos programas de ensino, de modo que ela possa contribuir para o desenvolvimento linguístico, emocional e intelectual dos jovens leitores/as. No entanto, a realidade mostra que, nas escolas, a leitura obrigatória ainda se concentra em clássicos da literatura ocidental, enquanto autores bolivianos que resgatam a história e as tradições do país permanecem marginalizados.

A produção de literatura que explora mitos e lendas da tradição oral boliviana – rica em valores culturais e normas de conduta – é relegada a um papel secundário. A crítica recai também sobre a ausência de políticas públicas e incentivo do governo para promover e expandir essa literatura, deixando a produção literária infantil boliviana em desvantagem frente a outras culturas.

Apesar da falta de apoio consistente do governo, a literatura permanece viva nas salas de aula bolivianas, na formação das crianças. Contudo, é fundamental questionar como essa literatura é introduzida e se contempla aspectos como gênero e identidade. A seleção e a abordagem dos textos podem, por vezes, reforçar estereótipos ou, alternativamente, abrir caminhos para reflexões sobre diversidade e equidade, promovendo uma formação que permita aos estudantes construir uma compreensão crítica dos papéis sociais e de suas próprias identidades.

Assim, essas discussões latino-americanas, acompanhada de um olhar crítico em relação aos modos como as concepções sociais ocupam espaços em instituições educativas, relacionando a noção de gênero, sexualidade e a literatura. Nessa perspectiva, o discurso latino é de que a escola é um espaço que precisa ser mais inclusivo, pois temos um padrão considerado heteronormalizador que impede a presença de outras múltiplas identidades dentro dos ambientes escolares.

Dessa maneira, a presença das diversas identidades, por parte das crianças que estão em desenvolvimento e não conhecem ainda muito bem a sua sexualidade, são consideradas, na maioria dos casos, um grande desafio para o ambiente escolar e para as medidas cabíveis que são necessárias para a realização do acolhimento e das discussões sobre gênero e sexualidade.

Este discurso reforça a visão de que essas concepções que predominam a respeito do tema de pesquisa são, muitas vezes, ancoradas num padrão heteronormativo, isto é normalizador que naturaliza esse modo de pensar e agir na sociedade. Com isso, pensar fora da caixa e desses discursos, se torna imprescindível, pois as crianças que estão neste

processo de descoberta, também fazem parte dos meios educativos e das discussões acerca do conteúdo discursivo.

Ao se pensar além da fronteira e das barreiras que nos cercam é necessário, já que os discursos não são estruturas enclausuradas em si mesmas ou um conjunto de ideias acabadas, isto é, inacessíveis às demais discussões. Por esse motivo, ao tentar ver o outro lado, o qual é considerado fora do padrão, terá maiores chances de ressignificar as múltiplas identidades, assim como todo o percurso que já foi construído até aqui, por meio de palavras, discursos, olhares, comportamentos, ações, experiências, regras e normatizações.

É importante salientar que a escola possui grande interesse por esses sujeitos, por investigá-los e trazer à luz as discussões sobre as concepções sociais sobre gênero e sexualidade, onde o preconceito se tornando o grande responsável por tensionar muitas práticas que poderiam contribuir com o avanço das pesquisas e com a dinamicidade do processo.

O ato de estar na escola e dirigir-se à sala de aula é tão comum que os/as alunos/as já o fazem no automático, antes mesmo do sinal tocar. Sempre estão acompanhados/as por um/a professor/a e outros/as funcionários/as que trabalham na escola, imersos em diversos assuntos pelos corredores e por outros setores da instituição. Logo, nesse ínterim, vemos muitas coisas acontecerem ao mesmo tempo, crianças que correm energéticas, brincam, conversam num tom mais alto, usam os celulares, os bebedouros. Nisso, se faz presente diversos grupos e, por vezes, fora do comum, ao que tudo aparenta, porém não dá para ter total certeza sobre esse aspecto.

A presença constante de longos corredores, que podem ser vigiados em qualquer uma de suas extremidades; o uso de sinais sonoros que indicam os momentos em que os corpos se veem “livres” para desfrutar de outros espaços (que não o da sala de aula); o modo como as mesas e cadeiras estão dispostas, deflagrando e ensinando a cada um de nós como devemos nos portar para sermos bons/as alunos/as, são alguns dos exemplos que podemos brevemente explicitar para retomar as maneiras que o ambiente escolar usa para docilizar os corpos.

Assim, a escola traz em si a lógica da disciplina, que consiste em manter o controle dos corpos, atingindo-os um a um, trazendo-os para dentro de uma única forma de se viver, que tende a manter um funcionamento social.

As disciplinas, organizando as “celas”, os lugares e as “fileiras”, criam espaços complexos: ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos. São espaços que realizam a fixação e permitem a circulação; recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos, mas também uma melhor economia do tempo e dos gestos. São espaços mistos: reais pois que regem a disposição de edifícios, de salas, de móveis, mas ideais, pois projetam-se sobre essa organização caracterizações, estimativas, hierarquias. A primeira das grandes operações da disciplina é então a constituição de “quadros vivos” que transformam as multidões confusas inúteis ou perigosas em multiplicidades organizadas (Foucault, 1987, p 126-127).

Por essa razão, a escola tende a ensinar os corpos, desde pequenos, a saber qual é o seu lugar e como devem se portar socialmente, para que, quando chegar o tempo de não frequentar mais, cada corpo possa reproduzir socialmente as ações disciplinares que ali aprendeu. As relações entre saber e poder estão explicitamente postas no ambiente escolar.

Depois de olhar com maior proximidade sobre essas reflexões e o ambiente educativo, observamos que os preconceitos existem a todo o instante e, por vezes, até esperar uma reação contrária voltada às pessoas que estão presente nas escolas. Nesse sentido, as crianças precisam passar por esse processo, seguindo cada etapa, para que possam se conhecer e saber mais sobre a sua sexualidade, tendo em vista que:

As posturas que os sujeitos assumem no espaço escolar são fruto dos discursos que os atravessam constantemente nas relações e tramas humanas. O menino, segundo a lógica da heteronormatividade, deve ter uma postura mais dura, rude, grotesca e a menina deve ser meiga, frágil, dócil. Se um aluno ou aluna reproduzir um discurso e comportamento diferente do convencional, provavelmente será reprimido não somente pelos professores, mas também pelos seus próprios colegas de sala. (Louro, 2000, p. 96).

Entre os pares masculino x feminino, temos a manifestação de discursos que se desenvolvem pelas construções e pelos saberes sociais em que oportunizam o contato entre os sujeitos, e por conseguinte, aproxima-os para terem relações um com o outro. Nisso, é muito provável que a presença desse estranhamento seja natural, pois a relação que o “eu” interfere diretamente em como o outro concebe-o na aceção física, pois evidencia a desigualdade de gênero, a rejeição ou aversão e, por fim, a resistência ao que têm como significado e representa o gênero como um todo.

Por essa razão, a categoria gênero é definida a partir de um conjunto de ideias que são produzidas na própria cultura, reproduzindo os valores e os princípios do discurso

normalizador. Nem por isso é determinada pelos aspectos fisiológicos, que dizem respeito à biologia reduzindo-a ao binarismo homem x mulher. Essa dimensão é considerada a partir de sujeitos que se diferem e não se identificam com tais funções e modos de conceber essas categorias dentro de um padrão pré-estabelecido.

Com isso, ser considerado mulher ou homem não é suficiente para desconsiderar as possibilidades de se pensar sobre o gênero e seu sentido. “Essas diferentes categorias de pessoas aparecem como ‘dissonantes’ em termos de gênero, porque embaralham as distinções entre masculino e feminino e confundem as normas da heterossexualidade, que requerem essas distinções (Piscitelli, 2009, p. 143-144).

Ao longo da história, os sujeitos foram feitos para se identificarem com o seu corpo e seus órgãos genitais e, então, se comportar de acordo com a sua categoria. Por isso, é natural que existam alunos e alunas que se posicionem de outras formas, distanciando assim dessa lógica. Nessa perspectiva, segundo a autora:

As pessoas que não mostram essa coerência - uma mulher masculina, um homem feminino, os intersexos, os homossexuais, etc. - parecem desordenar o pensamento hegemônico sobre o gênero. Ao mesmo tempo, a existência dessas pessoas sugere que ao pensar em gênero não podemos restringir-nos a homens e mulheres, a masculino e feminino (Piscitelli, 2009, p. 145).

Evidencia-se que o espaço escolar não se propõe a reconhecer determinados sujeitos sem pensar nos interesses postos da própria instituição. Nesse aspecto, ela não consegue romper com as barreiras e ir além do discurso normalizador, concebendo todos os indivíduos como iguais. Sendo assim, há uma padronização histórica e cultural das sexualidades que desviam do que é considerado “normal” e são impelidas a lidar com todas as diversas identidades. Então, se há interesse da escola colocá-los em evidência é porque estes ocupam um espaço de relevância e são, de certa forma, interessantes para favorecê-la em alguns aspectos sociais ou políticos.

Ao falar de gênero, entende-se como um produto histórico e cultural em que o homem deve seguir o estereótipo do que simbolizou e convencionou como pertencente a este grupo. O homem que almeja fazer se representar no modelo precisa corresponder a tudo que foi configurado para ele, voz grossa, gestos e posturas mais rudes e grosseiras, fazer usos de palavrões, sempre que oportuno, negar tudo o que foi produzido para o ser mulher. Quando se vê um homem omitindo tudo isso e uma mulher negando suas supostas funções, como da maternidade e do cumprimento de um figurino que é ser esposa e feminina, todo o sistema parece ruir (Piscitelli, 2009, p. 56).

Temos, por outro lado, segundo o autor, a definição de um produto histórico e cultural que está inserido em nossa sociedade, onde o sujeito deve seguir as normas à risca como um padrão. Com base nos gestos, nos comportamentos e nas posturas, manifestam-se as palavras e os discursos por trás de toda a expressão corporal. Dessa forma, as pessoas seguem a lógica hegemônica relacionada às funções da mulher e do homem, respectivamente, uma vez que são considerados a partir de seus papéis sociais, seja o de cumprir a maternidade, enquanto o homem é o provedor da casa, a partir de seu trabalho na esfera pública.

Além dessa categoria, o discurso sobre a sexualidade está presente nas grandes discussões atuais. Por esse motivo, diversos grupos debatem sobre o que deve ser ou pertencer a uma determinada sexualidade ou não, da mesma forma como a um gênero. Nesse sentido, as instituições estabelecem modos de agir, a partir do que é ser homossexual (lésbica e gay), bissexual, transexual, transgênero entre outros.

Nessa lógica em que a escola se encontra engendrada, é nítido percebermos que aqueles que não conseguem se enquadrar e reproduzir tais modos de ser passam a ser vistos pela sociedade como sujeitos “anormais”, diferentes dos demais.

Assim, o que é importante entender é que os anormais não são em si ontologicamente, isso ou aquilo; nem mesmo eles se instituem em função do que se poderia chamar de desvio natural em relação a alguma suposta essência normal. [...] o que interessa é examinar os significados de anormal a partir dos usos que se faz dessa expressão (Veiga-Neto, 2001, p. 106).

A diferença entendida como anormalidade, passa a ser compreendida socialmente como o fato de uma pessoa não ser como a maioria é. Alguns desdobramentos dessa premissa são percebidos na escola, quando se faz presente o discurso do respeito, no sentido da tolerância, pois “a tolerância também é naturalização, indiferença frente ao estranho e excessiva comodidade frente ao familiar” (Duschatzky; Skliar, 2001, p. 137); bem como o da inclusão na tentativa de se converter o “anormal” às normas impostas pela maioria. Esse modo de lidar com a diferença se encontra como uma constante, atualmente, dentro do ambiente escolar.

Além disso, são gerados conflitos neste embate, pois há a intensa necessidade de definir o que é normal e o que se destoa da normalidade. O mesmo ocorre com o gênero e a sexualidade, que são categorias enquadradas em uma norma considerada padrão, pelo

motivo de haver um grande anseio social e cultural de que é preciso sempre as produzir para que as funções sociais, atribuídas à mulher e ao homem, sejam desempenhadas.

É nessa lógica que as crianças entram como sujeitos que estão em conflito a todo o momento, pois tensionam as práticas e as classificações pré-estabelecidas que lhes gera um sentimento de angústia, frustração e afetam, em muitos casos, a aceitação desses próprios indivíduos, de um autocuidado maior a partir do acesso a conhecimentos mais amplos sobre o tema que não se limite na categorização acerca de sua sexualidade. Esta é a experiência do ser consigo mesmo, concebida como um processo contínuo e inacabado, pois tem a capacidade de se transformar e se adequar a diversos contextos, considerando os fatores históricos e as necessidades do meio social no qual estão inseridos.

É possível perceber que uma lógica de controle também se faz presente. Ela continua tendo como meta a docilização dos corpos, mas isso passa a acontecer na tentativa de controlar o que se encontra nas mentes dos sujeitos, já que tal lógica é da ordem do conhecimento. O controle do currículo, como aquilo que deve ser ensinado, bem como a disciplinarização dos conhecimentos, desempenham um papel fundamental nessa lógica de controle.

No currículo disciplinar, tudo pode ser controlado, o que o aluno aprende, como aprende, com que velocidade o processo acontece e assim por diante. Tudo pode ser avaliado: o desempenho do aluno, a “produtividade” do professor, a eficácia dos materiais didáticos etc., da mesma forma, todo o processo pode ser metrificado e o desempenho do aluno traduzido numa nota, às vezes com requintes de fragmentação, incorporados no número de casas decimais. (Gallo, 2004, p. 108).

A escola também é o lugar em que aquilo que deve ser ensinado passa por um crivo institucional. Atualmente, as Secretarias de Educação, enquanto Estado, vêm desenvolvendo esse papel: o de controlar o currículo que se encontra presente nas escolas. Poderíamos dizer que até mesmo o controle daquilo que se pensa é previsto para que essa sociedade se mantenha do modo como está.

É importante destacar que a escola ensina diversas coisas para os/as alunos/as, mas o conhecimento não é a única delas que se faz presente no ambiente escolar, pois a formação dos/as professores/as é a grande responsável por fazer com que os possibilite novos saberes e auxilie-os no processo de construção de sua própria identidade. Ainda assim, constata-se que:

[...] conjunto de pessoas resistem a classificações lineares como ‘homens’ ou como ‘mulheres’. Os intersexos, pela ambiguidade de seus genitais. As travestis porque, com genitais masculinos, mas com corpos feminilizados mediante o uso de hormônios, silicones, roupas e perucas femininas, transitam entre lugares femininos e masculinos. E os transexuais porque incorporam um gênero diferente ao que corresponderia seus genitais, buscando uma mudança de sexo que envolve, às vezes, cirurgias de transgenitalização, procedimento no qual os genitais são alterados (Piscitelli, 2009, p. 143).

Nessas condições, a transexualidade é considerada a partir deste conceito, isto é, com um indivíduo que não se identifica com o seu corpo, com o objetivo de incorporar um gênero diferente daquele correspondente aos seus genitais, nem mesmo com o gênero que lhe foi atribuído no seu nascimento, pautado nos valores hegemônicos da sexualidade. Entretanto, ela nem sempre precisa de cirurgias, por meio das quais os transexuais recorrem para a realização da mudança do sexo e a tomarem hormônios para se adequarem ao sexo pretendido.

Por esse motivo, ao abordar a heterossexualidade, permite-se entender essas convenções como um manual de comportamentos, falas, discursos e gestos que são produzidos no dia a dia e reiteram a prática dessa concepção. Dessa forma, obedecem a um padrão considerado ideal, para o qual todos os olhares se convergem sem questioná-lo:

[...] merecerem suas identidades masculinas e heterossexuais, deverão dar mostras contínuas de terem exorcizado de si mesmos a feminilidade e a homossexualidade [...] E eles deverão, entre outras coisas, ser cautelosos na expressão de intimidade com outros homens, conter a camaradagem e as manifestações de apreço ou afeto, e somente se valer de gestos, comportamentos e ideias autorizados para o “macho” (Junqueira, 2009, p. 19-20).

As meninas também enfrentam este processo, pois na maioria dos casos, precisam assumir o papel da maternidade enquanto condição feminina, que muito já foi discutido nos séculos anteriores, de modo que o homem heterossexual passa a se sustentar deste próprio estereótipo.

Assim, os gêneros e as sexualidades são categorias produzidas nos sujeitos, constituindo-se como uma percepção de um outro “eu” que faz parte de seus valores e suas crenças. As implicações se dão pelos discursos dessas práticas e, principalmente, regido pelas convenções da sociedade. Logo o ser ou fazer-se homem ou mulher neste padrão sofre influências dos processos das transformações históricas:

As muitas formas de fazer-se mulher ou homem, as várias possibilidades de viver prazeres e desejos corporais são sempre sugeridas, anunciadas, promovidas socialmente (e hoje possivelmente de formas mais explícitas do que antes.) Elas também são, renovadamente, reguladas, condenadas ou negadas. (Louro, 2000, p. 67).

Dessa forma, as transexualidades podem ser compreendidas para além de uma mera categorização, por meio da definição binária de ser mulher ou não. Por isso, muitas transexuais são as que assumem uma identidade em busca de se reencontrar consigo mesmas. Nisto, é preciso ampliar o olhar sobre o tema e ver que é preciso ter empatia e não se reduzir ao conceito identitário que liga os indivíduos às funções de gênero. Sendo assim:

Portanto, a humanidade vivida na e pela fronteira transgênero que extrapola o binarismo redutível ao ser mulher ou ao ser homem, há que ser conhecida [...] em síntese, por mais vivas que sejam em termos biológicos as vidas transgêneros, essas carecem e muito de se tornarem possíveis e viáveis perante o Estado. (Colling; Tedeschi, 2019, p. 714).

Sendo assim, pode-se concluir que nesta discussão, é preciso ver que a escola é uma instituição que age de acordo com os seus interesses e pouco permite grupos diversos que não estejam relacionados à heteronormatividade. Ou seja, se há discursos normatizadores que reforcem as práticas heteronormativas, e por isso tão presente no âmbito acadêmico, social, histórico e culturalmente definidos, esse padrão é rompido por outras estratégias que cumprem seu papel e operam a favor da categorização desses conceitos e, sobretudo, das diversas identidades que existem ao nosso redor.

Além disso, a ideia é a de que a escola, para se manter como tal, use a média de todo esse coletivo de pessoas como uma estratégia de poder. É o agrado à maioria que a mantém organizada da maneira como ela está. Exclui-se, daí, qualquer tentativa de aparecimento de alguma diferença, para que essa estrutura não deixe de existir de modo como se apresenta. Assim, e ainda buscando conceituar a noção de biopolítica, podemos dizer que:

A biopolítica vai se dirigir, em suma, aos acontecimentos aleatórios que ocorrem numa população considerada em duração [...] essa tecnologia de poder, essa biopolítica, vai implementar mecanismos que têm um certo número de funções muito diferentes das funções que eram as dos mecanismos disciplinares. Nos mecanismos implantados pela biopolítica, vai se tratar, sobretudo, é claro, de previsões, de estimativas, de estatísticas, de medições globais; vai se tratar, igualmente, não de modificar tal fenômeno em especial, não tanto tal indivíduo, na medida em que é indivíduo, de intervir no nível daquilo

que são determinações desses fenômenos gerais, desses fenômenos no que eles têm de global. Vai ser preciso modificar, baixar a morbidade, vai ser preciso encompridar a vida; vai ser preciso estimular a natalidade. E trata-se sobretudo de estabelecer mecanismos reguladores que, nessa população global com seu campo aleatório, vão poder fixar um equilíbrio, manter uma média, estabelecer uma espécie de homeostase, assegurar compensações. (Foucault, 1979, p. 293).

E é em nosso momento atual que “está numa transformação das tecnologias de poder” (Foucault, 1979, p. 295) que podemos afirmar que esse biopoder visa controlar um outro corpo, um que vive em uma população. Ações que passam a ser dirigidas não apenas a um sujeito, mas a esse sujeito que se torna vários. Portanto, para o autor estamos tratando de um:

[...] corpo múltiplo, corpo com inúmeras cabeças, se não infinito pelo menos necessariamente numerável. É a noção de “população”. A biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um só tempo científico e político, como problema biológico e como problema de poder (Foucault, 1979, p. 292-293).

A escola não foi pensada para o corpo múltiplo e, com isso, não direciona o seu olhar para as particularidades dos indivíduos que estão presentes ali e se constituem, por meio da instituição, ao longo dos anos. Entretanto, muitas vezes fazia com o que indivíduo perdesse sua própria individualidade, como se cada parte sua morresse a cada dia que passava. Temos, por outro lado, outras escolas que trazem essa relação de poder, transmitindo a ideia de sempre estar disponível para todos a qualquer momento, mas nem sempre era assim que os acontecimentos ocorriam. Dessa forma: “a soberania fazia morrer e deixava viver [...] eis que agora aparece um poder que eu chamaria de regulamentação e que consiste, ao contrário, em fazer viver e deixar morrer” (1979, p. 294).

A escola, como espaço de socialização, é apontada como um agente importante na transmissão ou desconstrução desses estereótipos, ao influenciar a forma como as crianças compreendem as identidades de gênero. A autora argumenta que o debate sobre gênero na educação precisa desconstruir os estereótipos tradicionais e abrir espaço para novas concepções sobre o que significa ser mulher (Piscitelli, 2009).

Ademais, a escola apresenta um discurso eliminador que prevê o silenciamento daqueles que não se enquadram num padrão considerado “normal”, o que nos leva a refletir sobre o modo como uma organização social se constitui e cumpre seu papel. O ambiente escolar é o lugar onde as crianças permitem-se descobrir, assim como aprender,

compartilhar seus saberes, mas também de reforçar os modos curriculares que agem de acordo com o padrão dominante.

Por esse motivo, se constitui num espaço em que conflitos e práticas se tensionam pelo motivo de serem múltiplas identidades, pois muitos se opõem ao que é desejado. É necessário, portanto, refletir sobre o preconceito e os processos que são imprescindíveis para a compreensão e aplicabilidade dessas concepções com o objetivo de incluir as crianças que estão neste processo de autoconhecimento, de maneira harmônica, nos espaços educativos.

O livro para a infância, quando introduzido nas escolas, nas salas de aula, possui um papel significativo na construção das percepções de gênero entre as crianças. Dependendo das escolhas literárias e da abordagem pedagógica, ele pode tanto reforçar estereótipos tradicionais quanto promover uma compreensão mais inclusiva e igualitária dos papéis de gênero. Livros que trazem personagens diversos e desafiam os modelos convencionais de masculinidade e feminilidades que incentivam os estudantes a enxergarem possibilidades além dos papéis sociais rígidos.

Por outro lado, a ausência de diversidade nas histórias ou o uso repetitivo de estereótipos pode limitar a visão das crianças, perpetuando uma divisão de papéis e características com base no gênero. É, portanto, interessante que educadores selecionem livros que apresentem representações variadas e complexas, promovendo uma educação que respeite e valorize as diferenças e que permita às crianças explorar suas identidades de maneira livre e saudável.

Com a análise dos livros selecionados para a pesquisa podemos refletir que essas narrativas podem ser utilizadas para promover uma compreensão mais ampla de gênero nas salas de aula bolivianas. Cada um desses livros apresenta personagens e situações que desafiam ou, em alguns casos, reforçam normas tradicionais de gênero, e quando incorporados à prática pedagógica, eles possibilitam discussões importantes sobre os papéis sociais e a identidade.

Por exemplo, em *Arturo y Clementina*, a protagonista Clementina desafia o controle que Arturo exerce sobre ela, em uma representação clara das questões de poder e autonomia feminina. Esta história não só oferece uma reflexão sobre o direito à liberdade, mas também encoraja as crianças a questionarem relações baseadas no controle e na submissão, promovendo uma compreensão de gênero que valoriza a independência e o respeito mútuo.

De forma semelhante, *Verdiflor y los cinco* explora o papel da protagonista Verdiflor como cuidadora, um papel muitas vezes associado ao feminino. No entanto, ao apresentar esse tema, o livro pode ser usado como ponto de partida para debater como essas responsabilidades são distribuídas e se são escolhas ou imposições culturais.

Em *El color de la saya*, a experiência de Rita como uma menina afrodescendente que desafia normas de gênero ao jogar futebol ao lado de meninos oferece uma visão enriquecedora sobre diversidade e inclusão. A história explora a resiliência das mulheres afrobolivianas e a importância da ancestralidade, tornando-se uma excelente oportunidade para discussões sobre empoderamento, herança cultural e quebra de estereótipos de gênero. Esta abordagem permite que as crianças bolivianas compreendam e valorizem as diferentes identidades culturais e étnicas presentes na sociedade, e também percebam o papel das mulheres negras como modelos de resistência e força.

Outro exemplo marcante é *Adriana imprudente y las polleras doradas*, em que a protagonista, ao aspirar ser uma lutadora de luta livre, rompe com as expectativas tradicionais de gênero e desafia o imaginário social sobre o que é apropriado para meninas. Esse tipo de narrativa pode inspirar discussões sobre a liberdade de escolha e o poder das mulheres em se posicionarem em papéis tradicionalmente masculinos.

A literatura, seja infantil, juvenil ou para adultos, não pode ter uma intencionalidade. Assim como pareceria falso e até ridículo escrever um romance "para mulheres" ou um conto "para homens", resulta falso escrever "para" as crianças. O ideal é escrever "a partir" da infância, se ela nos inspira e se desejamos alcançar esse público. Restabelecer o fio perdido, aquele fio que nos unia às coisas puras, belas e mágicas da infância. Se nos ativermos, teremos que resgatar os sabores perdidos, redescobrir a intensidade da doçura.

Dessa forma, esses livros, quando utilizados nas salas de aula, contribuem para uma abordagem pedagógica que não apenas trata de questões de gênero, mas também da interseccionalidade com raça, cultura e classe. Eles criam um espaço para que as crianças bolivianas reflitam sobre as múltiplas identidades que coexistem na sociedade, promovendo uma educação mais inclusiva e crítica. Em vez de reproduzir estereótipos, esses livros incentivam a desenvolverem empatia e pensamento crítico, elementos importantes para a formação de uma sociedade que valoriza a diversidade e busca a equidade de gênero desde cedo.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas palavras da pesquisadora e escritora latina, a Andruetto (2009, p. 47) “*A literatura não é, necessariamente, um lugar onde encontrar o igual, às vezes, é a única janela para somar-se ao diferente*”, finalizo essa tese com a sensação de plenitude pelo caminho percorrido. Cada discurso analisado, cada narrativa explorada, representou um mergulho nas complexas e vibrantes identidades femininas que, habitam a literatura para a infância boliviana. Sinto-me realizada ao olhar para trás e ver os passos dados, os desafios enfrentados e as descobertas que surgiram no encontro com essas vozes que, de algum modo, contam também a minha história e a de tantas outras mulheres.

A presente pesquisa foi orientada pela pergunta: “Como as feminilidades são construídas e representadas nos livros para a infância boliviana?” Ao longo da análise, buscou-se compreender como as narrativas retratam personagens femininas e como essas representações influenciam as concepções de gênero na infância, especialmente em um contexto culturalmente rico e plural como o da Bolívia. A abordagem foucaultiana de análise de discurso, aliada à perspectiva decolonial, foi necessária para compreender a literatura para a infância boliviana em seu contexto específico: o de um Estado Plurinacional. A realidade boliviana, marcada por uma pluralidade de identidades étnicas e culturais, exigiu uma perspectiva decolonial que considerasse as múltiplas camadas de significado que permeiam as representações culturais e de gênero.

Essa abordagem permitiu investigar as formas como as personagens femininas *afrobolivianas*, *cholas*, *aymaras* e *campesinas* são construídas nas narrativas, revelando uma dinâmica de resistência e valorização cultural que desafia as normas coloniais e patriarcais ainda presentes. As *afrobolivianas*, por exemplo, destacam-se pela preservação de suas tradições ancestrais, como a *saya*, que representa a luta e a história de um povo que resiste à invisibilização cultural e social. As *cholas*, com seus trajes característicos e presença forte em áreas urbanas, reivindicam sua identidade e autenticidade em espaços historicamente elitizados e urbanos, simbolizando um ato de resistência contra a marginalização. Já as *aymaras* e *campesinas*, frequentemente ligadas ao trabalho rural e à terra, representam o elo entre a cultura indígena e a preservação das práticas comunitárias e espirituais.

Em comum, todas essas personagens carregam as marcas de um protagonismo que desafia as estruturas de dominação, atuando como agentes de transformação social e cultural, ao mesmo tempo que reafirmam suas identidades em narrativas que as celebram

e fortalecem. Ao transitar entre papéis de resistência e a valorização de suas origens, essas personagens femininas evidenciam a riqueza da diversidade boliviana e o poder das mulheres na luta por espaços de reconhecimento e pela afirmação de seus direitos e tradições.

Ainda apropriando dos pensamentos da Andruetto (2009), que tece as palavras e fios próprios para implantar um enredo de marcas genuínas em que a história surge entre o dito e o sugerido, entre o que a palavra diz e oculta, como ela mesma ressalta:

[...] escreve-se contra a língua, contra o linguisticamente correto, contra o politicamente correto, se escreve contra tudo e, sobretudo, contra nós mesmos, violentando a linguagem e nos violentando, procurando a saída do que somos nas fendas que se produzem entre uma palavra e outra, buscando aquilo entre uma frase e outra nessa ruptura que não é silêncio nem voz, aparece (Andruetto, 2009, p. 20).

Assim que essa tese foi se constituindo, e, tornou-se um espaço para explorar as fissuras nas construções de gênero e identidade presentes na literatura para a infância boliviana, buscando o que emerge nas entrelinhas dos discursos. Esta pesquisa se permitiu avançar para além das convenções linguísticas e discursivas, procurando entender como os significados de feminilidades e resistência se insinuam nas lacunas deixadas pelo texto, nos silêncios que dizem tanto quanto as palavras.

Ao investigar as personagens femininas – *afrobolivianas, cholos, aymaras e campesinas* –, a tese se debruça sobre essas fendas linguísticas para desvelar as tensões e os conflitos identitários que desafiam o colonialismo e o patriarcado. Nesse processo, o texto se torna um campo de resistência onde o não-dito, o sugerido e o oculto constroem um diálogo entre o imaginário cultural e as complexas identidades dessas mulheres, revelando camadas de sentidos que ampliam a compreensão sobre o protagonismo feminino e suas multifacetadas formas de existir e resistir.

No que se refere aos objetivos iniciais, constatou-se que a investigação alcançou de forma satisfatória sua intenção de identificar e analisar as representações de feminilidades nas obras para a infância bolivianas. Os objetivos específicos, tais como a análise da constituição das identidades femininas e a categorização das obras com base nas concepções de gênero, foram realizados com êxito. A partir das obras selecionadas do acervo da Academia Boliviana de Literatura Infantil y juvenil, foi possível realizar uma investigação profunda de como as narrativas infantis participam na formação das concepções de gênero desde a infância, funcionando como dispositivos culturais que tanto

refletem como desafiam as normas vigentes.

Embora a pesquisa tenha atingido seus objetivos, algumas limitações foram encontradas, como, por exemplo, a dificuldade de acesso ao acervo literário localizado em Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia, apresentou um desafio logístico significativo. Além disso, a escassez de estudos específicos sobre literatura infantil boliviana sob uma perspectiva de gênero e decolonial exigiu uma ampliação dos referenciais teóricos, estabelecendo um diálogo com estudos latino-americanos e feministas mais abrangentes. Essas dificuldades destacam a importância de novas investigações que possam aprofundar e diversificar a análise das intersecções entre gênero, etnicidade e classe na literatura infantil boliviana, contribuindo para um campo ainda em desenvolvimento.

Levando-se em conta todas as protagonistas analisadas nesta tese, o qual revelam as feminilidades em toda sua força e diversidade. *Clementina*, em sua busca por liberdade, encarna a coragem de romper com o esperado; a *Niña* de los cabellos muito longos nos ensina a beleza de ser única; e *Julieta*, com sua fúria doce, traz à tona a força das emoções femininas. *Adriana* transforma sua *pollera* em símbolo de resistência, enquanto *Gracia* e *Verdiflor* manifestam as feminilidades pelo cuidado e pela resiliência. *Rita* dança sua identidade afroboliviana e *Maria de la Paloma* e *Patrocínia* preservam as raízes culturais com firmeza. *Claudina*, entre mundos, segue fiel a si mesma. Em cada uma, as feminilidades são um ato de resistência e poesia, múltipla e indomável.

Para finalizar, e com base na pesquisa realizada, ratifico a tese de que a literatura para a infância boliviana, embora frequentemente percebida como entretenimento ou uma ferramenta educacional, emerge não somente como reflexo das normas sociais, mas também como um espaço potencial para o protagonismo feminino, desafiando as dinâmicas de poder e identidade de gênero de maneiras que ressoam com perspectivas decoloniais.

REFERÊNCIAS

AITKEN, Stuart.; LÓPEZ-ESTRADA, Sandra.; JENNINGS, J. **Reproducing life and labor: Global processes and working children in Tijuana, Mexico.** "Childhood, Trondheim, v. 13, n. 3, p. 365-387, 2006.

ALBÓ, Xavier. **Los guaraní-chiriguano.** v. 3, La comunidad hoy. *La Paz: CIPCA, 1990.*

AMARAL, Celena Izabel do. **Representações do feminino e do masculino nas estórias infantis.** 2004. 197f. Dissertação (Mestrado em Sociologia), Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

AMÂNCIO, Lígia. "**Gênero e Representações Sociais.**" In Estudos de Psicologia e Gênero, edited by Maria da Conceição Nogueira and Ana Teresa Silva, 39-54. Porto: Edições Afrontamento, 2005.

ANDRUETTO, Maria Tereza. **Hacia una literatura sin adjetivos.** Córdoba: Comunicarte, 2009.

ANDRUETTO, María Teresa. **A leitura, outra revolução.** Tradução de [tradutor]. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2017.

ARDAYA, Gloria. **Participación política y liderazgos de mujeres en Bolivia.** Bolivia: CIDEM, 2021.

ARENDT, Hannah. **A condição humana.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.

ARF, Lucilene Machado Garcia. **Considerações sobre a fronteira Brasil/Bolívia em Mato Grosso do Sul.** Revista GeoPantanal. UFMS/AGB, Corumbá/MS, N. 21, p. 171-180, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revgeo/article/view/2521>. Acesso em: 05 jan. 2023.

ARGÜELLO, Zandra Elisa A. **Dialogando com crianças sobre gênero através da literatura infantil.** Porto Alegre/RS: Moderna, 2005.

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família.** 2ª ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASCORRA, Paula López; URBINA, Verónica; CAROLINA. **Participación estudiantil en escuelas chilenas con buena y mala convivencia escolar.** Revista de psicología, v. 25, n° 2. Pontificia Universidad Católica de Valparaíso, Valparaíso, Chile, 2016.

BARBOSA, Ângela Márcia Damasceno T. **A literatura infantil e a construção da identidade feminina e masculina.** In: V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 2009. Anais eletrônicos. Salvador: Faculdade de Comunicação, UFBA. 2009.

BHABHA, Homi. **O local da cultura.** tradução de Myriam Avila, Eliane Livia reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: fatos e mitos**. Vol. 1. 3ª ed. Tradução de Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRIDIKHINA, Eugenia. **La mujer en la historia de Bolivia: imágenes y realidades de la Colonia (Antología)**. La Paz: Grupo Editorial Anthropos, 2000.

BOLÍVIA. Datos Macro - **Índice Global de la Brecha de Género**. 2022.

BOLÍVIA. Defensoría Del Pueblo. **“Sin nosotras no hay democracia”**. Cumplimiento de la Ley N° 243 contra el acoso y la violencia política hacia las mujeres. 2021.

BOLÍVIA. **Encuesta de Prevalencia y Características de la Violencia Contra las Mujeres**. La Paz: Instituto Nacional de Estadística, 2017.

BOTTON, Andressa; STREY, Marlene Neves. **A literatura infantil além da inocência: discursos que formatam e reproduzem as diferenças de gênero**. In: V Mostra de Pesquisa da Pós-Graduação PUCRS, 2010. Anais eletrônicos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010. p. 1204-1206. Acesso em 15 jan. 2022.

BUTLER, Judith. **Problemas de Género: Feminismo e Subversão da Identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAJÍAS, Melisa. (Coord.). **Bolivia, su historia. Constitución, desarrollo y crisis del estado de 1952**. Tomo VI. Bolivia: Coordinadora de Historia y La Razón. Coordinadora de la Mujer. Participación política de las mujeres en el Estado, 2015.

CAJÍAS, Melisa. y JIMÉNEZ, Ivan. **Mujeres en las minas de Bolivia**. La Paz: Ministerio de Desarrollo Humano, 1997.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos**. 3ª ed. Revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa desconhecida**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

COLL, Agustí Nicolau. **Proposta para uma diversidade cultural intercultural na era da globalização**. São Paulo: Instituto Pólis, 2002.

COSSE, Isabella; LLOBET, Valeria; VILLALTA, Carla; ZAPIOLA, María Carolina (Orgs.). **Infancias: políticas y saberes en Argentina y Brasil, siglos XIX y XX**. Buenos Aires: Teseo, 2011.

CUSSIANOVICH, Alejandro. **Ensayos sobre infancia. Sujetos de Derechos y Protagonistas**. Tomo I. Lima, Peru: IFEJANTS, 2006.

CUSSIANOVICH, Alejandro; MARTÍNEZ, Marta. **Child participation Child participation, constituent of Community Well-Being**. In: Handbook of Child Well-Being. Ed. Asher Ben-Arieh et al. London: Springer, vol. 4, p. 2503-2536, 2014.

DAUPHIN, Cécile: "**Mujeres Solas**" en **Historia de las Mujeres**, bajo la dirección de Georges Duby y Michelle Perrot. Torno 8. El siglo XIX. Santillana. Madrid, 1993.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux: Capitalisme et Schizophrénie* 2. Paris: Éditions de Minuit, 1980.

DIRLIK, Arif. **Developmentalism: A critique. Interventions: International Journal of Postcolonial Studies**, [London], v. 16, n. 1, p. 30-48, 2012.

DURÁN, Florencio. y SEOANE, Ana Maria. **El complejo mundo de la mujer durante la Guerra del Chaco.** La Paz: Ministerio de Desarrollo Humano, 1997

ESCOBARI de QUEREJAZU, Laura. **Mentalidad social y niñez abandonada.** La Paz (1900- 1948). Plural Editores. La Paz, 2009.

ESCOBAR, A. **Más allá del Tercer Mundo.** Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología, 2005.

FLAX, Jane. **Pensando o Fragmento: Psicanálise, Feminismo e Pós-Modernismo na Cultura Contemporânea.** Rio de Janeiro: Revan, 1991.

FRANCO, Maria Pía. y GOTTRET, Ana María. **La búsqueda de la identidad y el desarrollo: El papel de la mujer en la sociedad criceña según El Cosmopolita Ilustrado.** Encrucijada Americana. Vol. 12. N° 1, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber.** 5a ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France,** pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **O Sujeito e o Poder.** In: DREYFUS, Hubert; RABINOW, Paul (Org.). Michel Foucault: Uma Trajetória Filosófica: Para além do Estruturalismo e da Hermenêutica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão.** Petrópolis: Vozes, 1987.

GIDDENS, Anthony. **The Consequences of Modernity.** Cambridge: Polity Press, 1990.

GISBERT, Isabel Mesa. **Historia de la literatura infantil y juvenil de Bolivia.** La Paz: Plural, 2019.

GISBERT, Isabel Mesa. **Pioneiros da literatura infantil boliviana.** Santa Cruz de La Sierra: La Hoguera, 2013.

- GRIMM, Irmãos. **Contos de Fadas**. 4ª ed. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- GUZMÁN, Adriana. **Descolonizar La Memoria, Descolonizar Los Feminismos**. Redición Llojeta, La Paz, 2019.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HARTMANN, Betsy. **Direitos Reprodutivos e Equívocos: A Política Global de Controle Populacional**. São Paulo: Editora Mulheres, 1996.
- IMOH, Afua Twum-Danso. **From the singular to the plural: Exploring diversities in contemporary childhoods in sub-Saharan Africa**. *Childhood*, Trondheim, v. 23, n. 3, p. 455-468, 2016.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Introdução - Homofobia nas escolas: um problema de todos**. In: Rogério Diniz Junqueira (Org). *Diversidade sexual e educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas*. Brasília: Ministério da Educação; Unesco, 2009, v. 32, p. 13-51.
- LAJOLO, Marisa. & ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil Brasileira: história e histórias**. (2ed) São Paulo: Ed. Ática, 1985.
- LEMA, Ana Maria; CHOQUE, Maria Eugenia; JIMÉNEZ, Maritza. **La participación de las mujeres en la historia de Bolivia**. La Paz: Coordinadora de la Mujer, 2006.
- LIEBEL, Manfred; Saadi, Iven. **La participación infantil ante el desafío de la diversidad cultural**. *Desacatos*, vol. 1, n. 39, mayo-agosto, pp. 123-140, 2012.
- LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 2. ed. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2000.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- MAINGUENEAU, Dominique; COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do discurso: princípios & procedimentos**. Campinas: Pontes Editores, 2013.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos da metodologia científica**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MARTINS, José de Souza. **Fronteira: a degradação do Outro nos confins do humano**. São Paulo: Contexto, 2009.
- MCLUHAN, Marshall. **Understanding Media**. Berkeley, CA: Gingko Press, 1964.
- MENDONÇA, Simone Cristina. *Literatura infantojuvenil, mulheres e educação no Brasil do século XIX*. *Polifonia*, Cuiabá, MT, v. 21, n. 30, p. 228-244, jul-dz., 1985.
- MOROSINI, Marília; KOHLS-SANTOS, Pricila; BITTENCOURT, Zoraia. **Estado do Conhecimento: teoria e prática**. Curitiba: CRV, 2021. 174 p.

MIGNOLO, Walter. **O Lado Obscuro da Modernidade Ocidental: Futuros Globais, Opções Decoloniais.** *Durham: Duke University Press, 2011.*

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do conhecimento, pesquisa qualitativa em saúde.** São Paulo-Rio de Janeiro, Hucitec-ABRASCO, 1992.

MONTAÑO, P. Modesta Sanginés. **Precursora del feminismo en Bolivia. Estudio biográfico.** Tesis de Licenciatura, 2004.

MONTOYA, Víctor. "**Literatura infantil y juvenil en Bolivia.**" In *La pluma mágica: Ensayos sobre literatura infantil y juvenil.* La Paz: Plural Editores, 2013.

NANDY, A. **Culture, voice and development: A primer for the unsuspecting.** In: *Bonfire of Creeds: The Essential Ashis Nandy.* Delhi: Oxford University Press, 2011. p. 304-323.

NOVELINO, Aida. **Feminilidade: Um Perfil Cultural.** *Tópicos Educacionais*, v.16, n.1-3, p.19-31, 1998.

PAREDES, Julieta. Hilando Fino. **Desde el Feminismo Comunitario.** La Paz: Comunidad. Mujeres Creando Comunidad, 2010.

PAZ, Gustavo. **Identidades Regionais na Bolívia Contemporânea: Cambas e Collas em Perspectiva.** La Paz: Editorial Plural, 2006.

PERROT, Michelle. **Mulheres públicas.** Tradução de Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PERROT, Michelle. **A Mulher Trabalhadora.** In: **História das Mulheres no Ocidente.** DUBY, Georges & Perrot, Michelle. São Paulo: Edições Afrontamento, 1994.

PISCITELLI, Adriana. E. **Gênero: a história de um conceito.** In: Heloísa Buarque de Almeida; José Szwako. (Org.) *Diferenças, igualdade.* 1 ed. São Paulo: Berlendis e Vertecchia Editores, 2009, v.1 p. 116-150.

POSSENTI, Sírio. **Os limites do discurso.** Criar Edições LTDA: Curitiba-PR, 2002.

PUENTE, Estelí. **Revolución Nacional boliviana: Mujeres bolivianas sin revolución.** *Bolivian Studies Journal.* Vol. 28, 2022.

QUIJANO, Aníbal. "**Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.**" In *A colonialidade do saber: Eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas,* edited by Edgardo Lander, 117-142. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

QUEIROZ, Fernanda Roberta Rodrigues; BUZAN, Thales Nascimento. **Caminhos da literatura infantil escrita por mulheres.** *Ipotesi, Juiz de Fora*, v. 23, n. 2, p. 159-169, jul/dez. 2019.

QVORTRUP, Jens. **Past, present and futures of childhood studies: A conversation with former editors of Childhood.** *Childhood, Trondheim*, v. 25, n. 1, p. 6-18, 2018.

- REVILLA ORÍAS, Paola. **De coronaciones y otras memorias: Afrobolivianos y Estado Plurinacional.** *T'inkazos*, v. 17, n. 36, p. 121-131, 2014. Disponível em: <https://www.revistatinkazos.org>. Acesso em: 24 set. 2024.
- REYES, Yolanda. **Ler e brincar, tercer e cantar.** São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** São Paulo: Letramento, 2017.
- RIVERA CUSICANQUI, Silvia. **Ch'ixinakax utxiwa: Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores.** Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Refundación del Estado en América Latina: perspectivas desde una epistemología del Sur.** Lima: Instituto Internacional de Derecho y Sociedad, 2010.
- SÁNCHEZ, Mireya. **El Ateneo Femenino 1920-1930 perspectivas filosóficas y epistémicas.** Cochabamba – Bolívia: Editorial Humanidades, 2019.
- SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente.** Tradução de Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- SAWICKI, Jana. **Disciplinando Foucault: Feminismo, Poder e o Corpo.** São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- SCHMIDT, Aline Van Der. **Entre coelhos, tranças e guerras: dilemas contemporâneos na literatura infantil de Angola de Ondjaki.** Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal da Bahia, 2014.
- SILVA, Jacilene Maria. **Feminismo na atualidade: a formação da quarta onda.** Recife, 2019.
- SMART, Carol. **Feminismo e o Poder do Direito.** Bauru: Edusc, 2000.
- STEFANELLI, Francisca Alves da Silva. **As feminilidades nos livros para a infância do acervo das obras complementares do programa Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.** 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Corumbá, 2015.
- SZULC, Andrea; Seixas Silva, Conceição; Rausky, Eugenia; Pires, Flávia Ferreira; Paz Landeira, Florencia; De Lara; Juliana Siqueira; Castro, Lucia Rabello de; LLOBET, Valéria. Apresentação. In: Castro, Lucia Rabello de (Org.). **Infâncias do sul global: experiências, pesquisa e teoria desde a Argentina e o Brasil.** Salvador: EDUFBA, 2021.
- SOARES, Magda. **Metamemória-memórias: travessia de uma educadora.** São Paulo: Cortez, 2001.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, M. D (Org) **História das mulheres no Brasil**. (9 ed.) São Paulo: Contexto, 2008. p. 401- 442.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

XAVIER FILHA, Constantina (Org.). **Educação para a sexualidade, para a equidade de gênero e para a diversidade sexual**. Campo Grande: Editora UFMS, 2009.

XAVIER FILHA, Constantina. Pesquisas sobre gêneros e sexualidades na educação: tentativas de ver, rever e ‘transver’ o mundo. **Margens: Revista Interdisciplinar**, v. 16, n. 26, p. 95-114, jun. 2022. Disponível em: <https://revistamargens.com>. Acesso em: 15 ago. 2024.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Ligia Cademartori. **Literatura infantil: Autoritarismo e emancipação**. São Paulo: Ed. Ática, 1987.

ZILBERMAN, Regina. **A literatura infantil na Escola**. São Paulo: Global, 2003.

WALSH, Catherine. (ed.). **Entretejiendo caminos**. In: WALSH, Catherine. (ed.) **Pedagogías Decoloniales: Prácticas insurgentes de resistir, (re) existir y (re)vivir**. Tomo I, Quito: Ediciones Abya-Yala, 2013.

WIEZZER, Moema. **El "Comité de Amas de Casa del Siglo XX", una experiencia política boliviana**. Nueva Antropología, vol. II, n° 8, abril de 1977, p. 29-46.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Tradução de Lya Luft. São Paulo: Cultrix, 1985.

APÊNDICE I - Instrumento de Análise do Discurso de Literatura para a infância

Quadro 13 - Roteiro para a realização da Análise do Discurso de Literatura para a infância.

Categoria	Subcategoria	Itens de Análise
Identificação Preliminar	Referência Bibliográfica	
	Título	
	Autor/a	
	Ilustrador/a	
	Edição	
	Número de Páginas	
	ISBN	
	Ano de Publicação	
	Local de Publicação	
Resumo da História		
Personagem Principal	Gênero	() Feminina () Masculina () Ambos
	Descrição Física	
	Descrição de Conduta	
Análise do Discurso	Personagens	
	Representação de Gênero	
	Interseccionalidade	
	Narrativa	
	Perspectiva de Gênero	
	Dinâmica de Poder	
	Desafio aos Estereótipos de Gênero	
	Linguagem	

	Descrições de Personagens	
Análise Visual Ilustrações	Representações Visuais de Gênero	
	Descrição da Capa do Livro	
Contexto e Recepção	Intenção do Autor/a	
Conclusão e Reflexão	Impacto sobre os /as Leitores /as	
	Contribuições para a Igualdade de Gênero	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

APÊNDICE II - Acervo de Obras Infantis Bolivianas Identificadas na Academia Boliviana de Literatura Infantil y juvenil

Quadro 14 – Acervo de obras de literatura para a infância boliviana e autores/as.

Obras Literárias Infantis Bolivianas	Autor/a
Santusa, la muñeca de trapo y el mundo de los muñecos	Norma Mayorga
Las pícaras lombrices	Jenny Mounzón Oporto
Aventuras de un escarabajo en Japón	Mariana Ruiz Romero
La ventana de los sueños	Rosario Quiroga de Urquieta
Amaru Mara	Rosario Quiroga de Urquieta
Estás em mí te tengo te hablo	Velia Calvimontes
Desde la selva babirusa com l fan tita	Velia Calvimontes
Babirusa y sus cuentos del Tawantinsuyu	Velia Calvimontes
Entre Sirenas y Dioses	Velia Calvimontes
Imágenes de mi edad de oro	Velia Calvimontes
El diablo, el velador y el difunto	Velia Calvimontes
La ronda de los niños	Velia Calvimontes
Gotas de rocío	Velia Calvimontes
Juancho	Jenny Mounzón Oporto
Arturo y Clementina	Jenny Mounzón Oporto
La brujita cambia formas	Sisinia Anze Terán
Una niña mariposa	Eliseo Bilbao Ayaviri
La rana Raquel y el Duende	Eliseo Bilbao Ayaviri
Julieta rabieta	Carolina Maldonado
Las señoritas de al mandolina	Guillermina Jofré Ayala
La alegría de Gracia	Oscar Andrés Novillo Torrico
Miranda la llama	Juan Carlos Quiroga y Christian Squier
Abuela grillo y la defensa del agua	Denis Chapón y Claudia Michel
Cuentos del jardín	Alfredo Rodriguez Peña
Cuentos felinos	Alfredo Rodriguez Peña
Cuentos para caer en cuenta	Alfredo Rodriguez Peña
Tomás no mentirás más	Mauricio Pacheco y Norma Precio
Jichi el guardián de las aguas	Ana Ichaso
La guerra de Fabián	Paula Benedict de Bellot
El misterio de las ranitas	Verónica Linares
Claudina	Veronica Linares
Janecherú, el fuego que nunca se apaga	Ana Ichaso
El castigo del sapo	Paulo Roberto Pachella
El hombre tigre	Billy Castillo
EL carretón de la outra vida	Billy Castillo
El jichi	Billy Castillo
La viudita	Billy Castillo
Biru biru la leyenda del viento	Carlos Saavedra Weise
El corazón mas bello del mundo	Ana Carola Artigas Justiniano
La canción del cuerpo	Norma Mayorga
La marca de los reyes	Verónica Linares

El pato y la pata	Aida Soria Galvarro
Uma y el tren a las estrellas	Mariana Ruiz Romero
Las aventuras del zorro Aguaratumpa	Guillermo Blanco Sequeiros
Dicen que en mi país...	Luisa (Gigia) Talarico
Las aventuras de llama llama	Mateo Ghoshal Vargas
Un juguete abandonado	Angélica Guzmán Reque
El elefante de jardín	Paula Benedict de Bellot
Cuentos de la señorita Malusa	Biyú Suárez Céspedes
Miguelito y las aventuras con el Unicornio	Milena Montaña
Canto para ti	Isabel Caero Moreno
Mamá puso un huevo! O como se hacen los niños y las niñas	Babette Cole
Celebrando al jichi	Zaskia E. A. Antelo Mercado
!Miedo! ?Que haces aqui?	Laura E. Amador Ledezma
Cuentos para endulzar la noche	Bárbara Antelo
Juvenal niña	Gaby Vallejo Canedo
Los paces de Babirusa	Velia Calvimontes
Babirusa en busca de suas raices	Velia Calvimontes
Tejiendo las estrellas	Camila Rocha
El poncho de colores	Soleil Perales
Verdiflor y los cinco	Velia Calvimontes
Babirusa montada en la escoba de una brujita	Velia Calvimontes
Mi primo es mi papá	Gaby Vallejo Canedo
Buenos días, Isabel	Velia Calvimontes
La niña de los cabellos muy muy largos	Geraldine Csapek
Adriana imprudente y las polleras doradas	Christian E. Frias Goytia
Paisaje con llamas tiernas	Óscar Alfaro
Wakjina manchay, wakjina awicha	Guillermina Jofré de Flores
!Que bendita suerte!	Sandrine Beau
El color de la Saya	Viviana De la Quintana
El amor de los dioses	María José Parejas y Ana Ichaso

Fonte: Elaborado pela autora (2024).